U.PORTO

CICLO DE ESTUDOS ÁREA
DE ESPECIALIZAÇÃO

A BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO: DAS ORIGENS À CONTEMPORANEIDADE. COMPREENSÃO DO SENTIDO E PROCESSOS DE SUCESSIVA ADAPTAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO

Ana Maria Maia

M
2020

U.PORTO

A BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO: DAS ORIGENS À CONTEMPORANEIDADE. COMPREENSÃO DO SENTIDO E PROCESSOS DE SUCESSIVA ADAPTAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO
Ana Maria Maia.

A BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO: DAS ORIGENS À CONTEMPORANEIDADE.
COMPREENSÃO DO SENTIDO E PROCESSOS DE SUCESSIVA
ADAPTAÇÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO
Ana Maria Maia

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP 2020

Autor: Ana Maria Maia

Natureza do Trabalho: Trabalho teórico-prático

Orientação: Professora Doutora Raquel Alexandra Geada e Paulino

Edição/Instituição: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Ano: 2020

Índice

1. Agradecimentos 3

2. Resumo 5

3. Abstract 7

4. Nota Introdutória 8

5. O Património Edificado: as Bibliotecas das Origens à Contemporaneidade 11

5.1. O Património edificado 12

5.2. Monumento e Monumento Histórico 13

5.3. Conservar, restaurar e reabilitar para preservar 15

5.4. Alguns exemplos de requalificação do edificado existente 18

5.5. Da Grécia a Roma 26

5.6. Da Idade Média ao Renascimento 46

5.7. Do Barroco, ao Rococó e ao Neoclássico 66

5.8. Do Neoclássico à Contemporaneidade 86

5.9. Do Colégio à Universidade 108

5.10. Em Portugal 128

6. A Biblioteca Pública Municipal do Porto – da sua fundação à sua instalação no Convento de Santo António 148

7. A Biblioteca Pública Municipal do Porto nos dias de hoje 162

7.1. Programa atual 170

7.2. Áreas de acesso público e áreas de acesso privado 183

7.3. Administração e serviços de apoio ao público 187

7.4. Áreas de acesso público 191

7.5. Circulações 195

8. Uma ideia de projeto 198

9. Considerações Finais 207

10. Bibliografia de leitura 209

11. Índice de imagens 212

12. Anexos 217

1. Agradecimentos

Começo por agradecer à professora doutora e arquiteta Raquel Paulino que foi minha professora no meu 4º ano de Projeto e que, prontamente, aceitou ser minha orientadora, me acompanhou e ajudou ao longo deste meu trabalho, com a sua dedicação e sabedoria.

Agradeço, também, à Arq. Ana Neiva pela ajuda no esclarecimento de algumas informações pontuais, importantes para o meu trabalho.

À Dra. Paula Bonifácio, pela atenção e delicadeza em dispensar alguns minutos do seu tempo, respondendo a algumas questões que me auxiliaram a complementar este meu trabalho.

Um especial obrigado à Maria Burcã e ao Luís Santos, meus parceiros de danças e amigos, que sempre me apoiaram e contribuíram, com a sua ajuda, no trabalho que apresento.

Outro grande agradecimento a todos os meus colegas e amigos, do curso de arquitetura, do ATL e dos diferentes grupos a que fui integrando, especialmente do grupo e escola de dança, Grupo de Jovens, assim como aqueles que tenho mais próximos, entre outras pessoas que fazem parte da minha vida e que nunca deixaram de me incentivar à concretização da minha tese.

Como não podia deixar de ser, um enorme e muito especial obrigado aos meus pais, meus cúmplices de vida e que sempre me acompanharam e acreditaram no meu trabalho e nas minhas competências, com o seu incentivo incondicional, assim como à restante família, especialmente a que tenho mais próxima.

Finalmente, quero dedicar este trabalho aos meus avós, cujo incentivo a seguir em frente e a ser sempre melhor como pessoa esteve sempre presente. Apesar de já não estarem presentes fisicamente, os guardo no meu coração e espero que se orgulhem desta vossa neta que completa mais uma fase importantíssima da sua vida.

Estejam onde estiverem, sei que me acompanham sempre!

2. Resumo

A presente Dissertação de Mestrado Integrado tem como objetivo desenvolver o tema de intervenção no património arquitetónico, tomando como objeto de estudo a Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Tendo em conta o exposto, num primeiro capítulo, desenvolvemos uma análise e reflexão sobre diferentes perspetivas acerca do modo de intervir no existente, tomando como ponto de partida o estudo das diferentes Cartas e pontos de vista de diversos autores que abordam modos distintos de entender a intervenção no património arquitetónico, perspetivando variadas hipóteses de intervenção para a conservação, restauro e renovação, as quais se associam às ações de conservação, melhoramento e recuperação de edifícios. Para complementar esta análise, e associando ao caso de estudo definido, realizou-se uma análise sobre a evolução do programa específico para uma biblioteca, desde a antiguidade até à contemporaneidade, colocando em evidência um conjunto de referências que nos permitiram cruzar diferentes épocas e identificar formas de pensar, no âmbito do programa para uma biblioteca. Pretende-se, assim, identificar princípios e propor hipóteses de projeto que permitam a adequação e atualização destes equipamentos às novas exigências e condições de utilização que hoje se colocam a um edifício.

No segundo capítulo, centramo-nos no nosso objeto de estudo, a Biblioteca Pública Municipal do Porto, contextualizando-o no tempo, desde a sua origem, à qual estava associada uma função religiosa enquanto Convento de Santo António, até ser nele instalada, definitivamente, a Biblioteca Pública Municipal do Porto. Para complementar esta contextualização, apresentaram-se duas cronologias com o objetivo de ilustrar e compreender a sequência evolutiva das diversas alterações realizadas no edifício: primeiramente, a nível estrutural e, posteriormente, a nível interior, mencionando as diversas alterações a nível do seu programa, com a finalidade de o tornar mais acolhedor, promovendo obras de restauro e conservação em locais com degradação e desgaste visíveis.

No capítulo terceiro, analisamos o edifício e o seu programa no contexto atual, fazendo o reconhecimento dos diferentes espaços que compõem a Biblioteca, tanto de acesso público, como de serviço reservado à gestão e administração deste edifício, bem como das diferentes circulações, tendo por base desenhos de planta, cortes e alçados.

Por fim, no capítulo quarto, apresenta-se uma proposta de intervenção no edificado e na área vazia do lote, criando soluções que permitam complementar e atualizar o programa existente, assim como dar resposta às limitações que decorreram da carência de espaço para albergar o vasto espólio existente.

Palavras-chave: Biblioteca Pública Municipal do Porto; bibliotecas; programa; património arquitetónico; intervenção; conservar; preservar, reabilitar; restaurar.

3. Abstract

This Master´s Dissertation is aimed at developing the intervention in the architectural heritage. The research subject of this work is the Municipal Library of Porto.

Taking into account the subject matter, in the first chapter it is developed an analysis of different views regarding on how to intervene in this field. For this matter, the starting point was examining various Charters and points of view of different authors that approach distinguished ways of understanding the interference in architectural heritage, so it can reveal different hypothesis of intervening to the preservation, restoration and renovation associated to the building's preservation, improvement and renovation. To complete this reflection related to the established case study, it has been realised an analysis on the evolution of the particular program for a library, since the antiquity till contemporaneity. It emphasizes a set of references that allowed mixing different periods of time and identifying ways of thinking for this specific plan. The idea of that is to determine principles and to suggest program hypotheses that allow the adjustment and update of the equipment to the nowadays requirements and conditions of use in construction.

Chapter two highlights the subject of study, the Municipal Library of Porto, contextualizing it in time from its origin to what was associated to a religious activity while Convento de Santo António until it was decisively located there the Municipal Library of Porto. In order to complete this review, there are provided two chronologies, so the evolving sequence of different modifications of the building can be cleared and comprehensive: initially – at structural level and later – at inner level. This sequence introduces the different changes for the program, having the purpose to make it welcoming and it develops restoration and preservation works in places with visible damages.

The third chapter includes the analysis of the construction and its program in the current context, recognising the various rooms that form the Library. It represents both, the open access and the place for the management of this building. It is also a place of different ways of circulation based on plants, cuttings and elevations design.

In the end, it is presented a proposal of intervention in the building and in the empty area of the location. It is aimed to create solutions in order to add and improve the existing program, as well as giving a feedback to the restrictions due to lack of space, so this existent heritage can be hosted.

Keywords: Municipal Library of Porto; libraries; program, architectural heritage; intervention; preserve; renovate; restore

4. Nota introdutória

A Biblioteca Pública Municipal do Porto é considerada um dos edifícios mais emblemáticos da cidade do Porto. Inserida no antigo Convento de Santo António, foi alvo de inúmeras intervenções de adaptação, transformação, reparação e melhoramento, contando com a participação de várias entidades, nomeadamente do Arq.º Alexandre Herculano, e com o apoio financeiro da Câmara Municipal do Porto que foi permitindo a realização das várias transformações, alterações e restauros propostos pelo Arq.º Alexandre Herculano.

Tendo por objeto de estudo a referida Biblioteca, pretende-se, com o presente trabalho, desenvolver uma análise em torno do tema da intervenção no património arquitetónico, associado ao programa para uma biblioteca.

Apoiando esta análise, relaciona-se o estudo das várias Cartas redigidas sobre o conceito de 'património arquitetónico', expondo os artigos que mais se associam às atitudes de conservar, restaurar e preservar o edificado existente, nomeadamente a Carta de Atenas, Carta de Veneza, Carta de Lisboa e a Carta Europeia do Património Arquitetónico. Paralelamente, apresentam-se alguns exemplos, realizados por alguns arquitetos conceituados, que melhor ilustram estas ações e que espelham diferentes reflexões na requalificação de edifícios, sendo-lhes dada uma vida nova. Para complementar esta análise, realiza-se um estudo em torno do programa Biblioteca, selecionando os exemplos que melhor caraterizam as diferentes épocas, como modelos de biblioteca, desde a antiguidade até à contemporaneidade.

Seguidamente, debruçamo-nos sobre o objeto de estudo proposto, o edifício da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Tendo por base um trabalho de investigação em arquivo, em volta de fontes primárias, faremos uma 'viagem' pela história da Biblioteca, procurando identificar os diferentes espaços onde esteve instalada, até à sua instalação definitiva, no Convento de Santo António.

Para complementar este estudo, realizaremos um levantamento e análise cronológicos, com a recolha de dados, imagens e de elementos gráficos – plantas, cortes e alçados –, das várias transformações e obras de adaptação e melhoramento, que o edifício da Biblioteca foi sofrendo, ao longo dos anos, desde a época em que desempenhava uma função distinta da atual, quando, ainda, era o Convento de Santo António, até se instalar, definitivamente, a Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Estes dados, nomeadamente os desenhos do projeto da Biblioteca, permitirão o estudo e compreensão do programa total, identificando as diferentes áreas de gestão e funcionamento de um programa vasto e diversificado, elaborando grelhas de cor que permitam distinguir os espaços destinados ao usufruto por parte do público e os espaços destinados à administração, gestão e serviços de apoio às várias funções exercidas que incorporam o programa da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Associando ao objeto de estudo do presente trabalho, esta análise tem por objetivo reconhecer e ponderar sobre uma proposta de intervenção num edifício concebido numa época passada e que constitui uma das principais obras que define a cidade na qual se insere, de modo a possibilitar que o mesmo consiga responder a um conjunto de novas necessidades e desafios que vão surgindo ao longo do tempo.

Assim, numa fase final da presente tese, apresenta-se uma proposta de intervenção no lote urbano e no conjunto edificado onde se encontra inserida a Biblioteca. O objetivo é propor uma hipótese de projeto que consiga dar resposta às limitações e carência de espaço que, segundo o estudo realizado, sempre foram uma constante. Deste modo, o objetivo centra-se em propor um novo volume que sirva de apoio ao edifício existente no que concerne ao problema da falta de espaço, assim como promover novos espaços que se relacionem com o edificado, promovendo novas valências e modernizando um edifício com um programa em constante adaptação.

5. O Património Edificado: as Bibliotecas das Origens à Contemporaneidade

No primeiro capítulo expõe-se o modo como surgiu o conceito de património e o que ele designa, na sociedade, articulado a outros conceitos que remetem a diversas atitudes e reflexões que levam a redefini-lo na atualidade. Assim, pretende-se relacionar os conceitos de 'monumento' e 'monumento histórico', ligados ao conceito particular de 'património edificado', identificando quais as vertentes que englobam, essencialmente, no ramo da arquitetura. Além disso, será feita uma análise das várias ações e reflexões exercidas com o objetivo de preservar o património edificado e da sua identidade na caraterização de uma determinada sociedade.

5.1. O Património edificado

Património. Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico…), que fizeram dela um conceito 'nómada', prossegue, hoje em dia, um percurso diferente e notório.[1]

O conceito de 'património' remete para os anos 1960. Contudo, foi ao longo de vários séculos de análise e discussão que vários autores se debruçaram sobre o termo 'património', o qual tem vindo a sofrer alterações. Segundo F. Choay, a palavra património designa, em simultâneo, todas as obras culturais, materiais e imateriais, todas as tradições, atividades e crenças que pertencem a um passado distante, mas que, na atualidade, se torna presente, pela valorização do seu interesse histórico, científico, artístico, afetivo e, até, mesmo, identitário.[2]

Deste modo, determinou-se que o termo 'património' estaria ligado à história da cultura de cada sociedade, representando, assim, "um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos."[3]

O conceito de 'património' associa-se, ainda, a um conjunto de outros conceitos que remetem para a necessidade de novas reflexões sobre a sua redefinição: monumento, autenticidade, identidade, conservação, restauro, reabilitação, preservação, salvaguarda, bem patrimonial e, até mesmo, transformação e demolição são alguns dos principais temas que dirigem os vários estudos realizados, com vista a avaliar e distinguir inúmeras obras e bens de interesse histórico e público.

Já a expressão de 'património histórico', remete-nos, ainda, para uma instituição e para uma mentalidade, reunindo em si, não só, obras edificadas e manuseadas, mas também, todas as atividades e bens com valor histórico e caraterizador de uma cultura e de uma sociedade, podendo estes serem, também, de raiz jurídica ou de caris familiar.

[1] CHOAY, Françoise; "A Alegoria do Património"; 2010; p. 11 (Prólogo)
[2] CHOAY, Françoise; "Património e Mundialização"; 2005; p. 17
[3] CHOAY, Françoise; "A Alegoria do Património"; 2010; p. 11 (Prólogo)

5.2. Monumento e Monumento Histórico

Segundo um estudo[4] realizado pela UNESCO, o domínio patrimonial de uma sociedade não se limita aos edifícios individuais. Compreende, de igual modo, os conjuntos edificados e tecidos urbanos: quarteirões, bairros urbanos, aldeias, cidades inteiras e conjuntos de cidades.[5]

Por entre o fundo imenso e heterogéneo do património histórico, escolhi como categoria exemplar aquela que diz respeito mais diretamente ao quadro de vida de todos e de cada um, o património edificado.[6]

A palavra 'monumento' deriva do latim *monumentum* ou *monere,* isto é, advertir, recordar, interpela à memória e denomina qualquer artefacto edificado por uma comunidade de indivíduos, com o objetivo de fazer recordar, às gerações seguintes, às pessoas, sendo ilustres ou pertencentes a uma respetiva comunidade histórica, os acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. Como corrobora F. Choay:

A especificidade do monumento prende-se, então, precisamente, com o seu modo de ação sobre a memória. Não só ele a trabalha, como também a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente.[7]

Esta é a principal finalidade do monumento, a de identificar, ancorando sociedades humanas num espaço natural e cultural, como que uma 'linguagem material', fazendo reviver no presente um passado engolido pelo tempo. Os monumentos constituem um meio de narrar os grandes acontecimentos da nossa história.

As causas desta função prendem-se, segundo F. Choay, com o desenvolvimento do conceito de arte nas sociedades ocidentais, a partir da época do Renascimento, bem como com a exigência de um trabalho baseado na perfeição, através da profusão da luz e de uma rica ornamentação criadas em espaços que lembram a presença de Deus. Por outro lado, através do desenvolvimento, aperfeiçoamento e da difusão de memórias artificiais.[8] Esta causa vem promover a edificação como meio de materializar a memória de culturas passadas.

Em suma, o papel do monumento é dar testemunho do que resta de uma grande potência ou grandeza dos séculos passados. Contudo, a sua função de memória no presente poderá tender exemplos que remetem para valores, apenas, de estética e de prestígio.

[4] Este estudo insere-se numa 'lista' criada pela UNESCO, sobre o Património Mundial.
[5] CHOAY, Françoise; "A Alegoria do Património"; 2010; p. 12 (Prólogo)
[6] *Ibid*; p. 11 (Prólogo)
[7] *Idem*; p. 16 (Prólogo)
[8] *Idem*; p. 18 (Prólogo)

Até à estabilização da designação de 'património histórico' na década de 60, a expressão 'monumento histórico', que terá nascido por volta do ano 1420, possuía o mesmo significado.

Enquanto que o conceito de 'monumento' representa uma criação cujo resultado final é o desejado, a origem do conceito de 'monumento histórico' remete para o reconhecimento do projeto, desde a sua origem até à contemporaneidade, por meio de um estudo e reflexão sobre as alterações/transformações que possa ter sofrido ao longo do tempo. Deste modo, é considerado 'monumento histórico' as obras que persistiram, ao longo de vários anos, tendo sido testemunhas de várias épocas e consideradas obras de artes que caraterizam, pelo seu estilo, cada uma dessas épocas.

Assim, o monumento histórico exige uma conservação incondicional que passa por evitar que caia no esquecimento e em desuso, levando, mesmo à sua total destruição. Esta destruição pode vir a ter uma conotação negativa, quando os monumentos são destruídos por razões políticas, religiosas e até ideológicas, numa atitude de anular qualquer vestígio da identidade dos povos e de grupos sociais. Por outro lado, existe outro de tipo de destruição, sendo esta positiva, e que F. Choay apresenta subdivida em duas vertentes. Para tal, convoca o exemplo do Japão, onde as réplicas dos templos originais são destruídas para darem lugar a novas cópias das anteriores, e de S. Pedro de Roma, cuja basílica carolíngia foi totalmente destruída, para dar lugar a uma nova construção, "um edifício grandioso, cuja magnificência e cenografia pudesse recordar o poder conquistado pela Igreja desde a época de Constantino e as novas inflexões da sua doutrina."[9]

Neste segundo caso, em particular, a atitude de demolir justificou-se dada a perda parcial ou completa do valor histórico e memorial do próprio edificado.

Em suma, e como corrobora A. Riegl:

… o monumento é uma criação deliberada, cujo destino foi assumido a priori e à primeira tentativa, ao passo que o monumento histórico não é desejado inicialmente e criado enquanto tal. Este último é constituído a posteriori pelos olhares convergentes do historiador e do amador, que o selecionam de entre a massa dos edifícios existentes e de que os monumentos representam apenas uma pequena parte. Todo o objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido por isso na sua origem um destino memorial.[10]

[9] CHOAY, Françoise; "A Alegoria do Património"; 2010; p. 23 (Prólogo)

[10] *Ibid*; p. 22 (Prólogo)

5.3. Conservar, restaurar e reabilitar para preservar

Após uma análise sobre como definir património e património histórico e, ainda, como distinguir monumento de monumento histórico, apresentamos uma breve reflexão em torno das principais ações que garantem a manutenção e a preservação de muitos edifícios, de modo a prolongar o seu tempo de vida ou a conferir-lhes uma nova vida. Referimo-nos às ações de restauro, reabilitação e conservação.

O restauro trata-se de uma intervenção de caráter excecional, baseada num estudo muito rigoroso das técnicas e sistemas construtivos preexistentes, reproduzindo-os, na medida do possível. O objetivo principal é o de preservar os valores estéticos e históricos dos edifícios, defendendo a sua autenticidade. Neste contexto, pretende-se melhorar as condições espaciais e construtivas do edificado, realçando as caraterísticas dos materiais em uso e sustendo qualquer tipo de degradação.

Por outro lado, a ação de reabilitar baseia-se numa intervenção que se desenvolve com a intenção de preservar a história dos edifícios e prolongar-lhes a vida, tornando-os úteis no presente.

É na procura de uma identidade na obra anónima (em relação ao autor), que Fernando Távora se propõe prolongar a vida dos edifícios, preservando a identidade e caráter das obras. Reabilitando o existente com a mesma responsabilidade com que encara a obra de raiz, com uma visão mais ampla, não de restaurador, mas de arquiteto.[11]

O restauro, assim como a reabilitação de um edifício visa a conservação do mesmo, reforçando o seu valor histórico e contributivo face à cultura de uma sociedade.

A finalidade de conservar uma obra considerada emblemática, segundo consta na Carta de Veneza de 1964, deve englobar todas as ciências e técnicas, tradicionais e contemporâneas, tendo por base a manutenção dessa mesma obra.[12]

Já na Carta de Atenas, concretizada no ano de 1933, é mencionado, numas das suas alíneas, a importância da criação e manutenção de espaços verdes, porquanto constituem uma questão de saúde pública.[13] Para além do exposto, considerava-se que a existência de áreas naturais, contribuía, também, para a valorização do espaço público, sobretudo em zonas densamente edificadas.

[11] É esta atitude que marca alguns projetos, para obras de reabilitação, realizados pelo arquiteto Fernando Távora. MOURÃO, Ângela Costa; "A reabilitação como procura de uma identidade: através de duas obras do Arquiteto Fernando Távora. A Casa da Quinta da Cavada e a Casa de Pardelhas"; 2013; p. 15

[12] Carta de Veneza: Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios; 1964

[13] Carta de Atenas; 1933

No contexto da salvaguarda dos edifícios, fazendo eles parte integrante do património de uma cidade, importa convocar o conceito de 'património arquitetónico' como expressão insubstituível de riqueza e diversidade da cultura em geral. Segundo consta na Carta Europeia do Património Arquitetónico, consolidada em 1995, o futuro deste depende da sua integração no conceito da vida dos povos.[14]

São vários os artigos fixados, já desde a Carta de Veneza, de 1964, que demonstram os pontos essenciais que direcionam os artistas na elaboração de bons projetos de restauro e reabilitação, visando as melhores soluções para a conservação e preservação dos edifícios, sendo eles:

Artigo 2º - A conservação e a restauração dos monumentos visam a salvaguardar, tanto a obra de arte, quanto o testemunho histórico;

Artigo 4º - A conservação dos monumentos exige, antes de tudo, manutenção permanente;

Artigo 5º - A conservação dos monumentos é sempre favorecida, por sua destinação, a uma função útil à sociedade; tal destinação é, portanto, desejável, mas não pode nem deve alterar à disposição ou a decoração dos edifícios. É, somente, dentro destes limites que se deve conceber e se pode autorizar as modificações exigidas pela evolução dos usos e costumes;

Artigo 6º - A conservação de um monumento implica a preservação de um esquema em sua escala. Enquanto subsistir, o esquema tradicional será conservado, e toda a construção nova, toda a destruição e toda a modificação que poderiam alterar as relações de volumes e de cores serão proibidas;

Artigo 9º - A restauração é uma operação que deve ter caráter excecional. Tem por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta--se no respeito ao material original e aos documentos autênticos. Termina onde começa a hipótese; no plano das reconstituições conjeturais, todo o trabalho complementar reconhecido como indispensável por razões estéticas ou técnicas destacar-se-á da composição arquitetónica e deverá ostentar a marca do nosso tempo. A restauração será, sempre, precedida e acompanhada de um estudo arqueológico e histórico do monumento;[15]

[14] Carta de Europeia do Património Arquitetónico; 1933

[15] Carta de Veneza: Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios; 1964

Artigo 11º - As contribuições válidas de todas as épocas para a edificação do monumento devem ser respeitadas, visto que a unidade de estilo não é a finalidade a alcançar no curso de uma restauração e a exibição de uma etapa subjacente só se justifica em circunstâncias excecionais e quando o que se elimina é de pouco interesse e o material que é revelado é de grande valor histórico, arqueológico ou estético, e o seu estado de conservação seja considerado satisfatório. O julgamento do valor dos elementos em causa e a decisão quanto ao que pode ser eliminado não podem depender somente do autor do projeto;

Artigo 12º - Os elementos destinados a substituir as partes que possam faltar devem integrar-se, harmoniosamente, ao conjunto, distinguindo-se, todavia, das partes originais, a fim de que a restauração não falsifique o documento de arte e de história;

Artigo 13º - Os acréscimos só poderão ser tolerados na medida em que respeitem todas as partes interessantes do edifício, o seu esquema tradicional, o equilíbrio da sua composição e as suas relações com o meio ambiente.

Artigo 16º - Os trabalhos de conservação, de restauração e de escavação serão, sempre, acompanhados pela elaboração da documentação precisa, sob a forma de relatórios analíticos e críticos, ilustrados com desenhos e fotografias. Todas as fases dos trabalhos de desobstrução, consolidação, recomposição e integração, bem como os elementos técnicos e formais identificados ao longo dos trabalhos, serão consignados.[16]

Intervir no património arquitetónico existente trata-se de recuperar e beneficiar uma construção, de modo a resolver as anomalias construtivas, funcionais, regulamentares que se foram acumulando ao longo do tempo, possibilitando uma atualização do edifício e uma melhoria do seu desempenho, de modo a responder às exigências atuais. Restaurar denomina um conjunto de obras especializadas, com o objetivo de conservar e consolidar uma construção, preservar ou repor na totalidade ou apenas partes da mesma, que correspondam aos momentos mais significativos da sua história. Reconstruir e renovar é realizar de novo, total ou parcialmente, uma obra existente, no local onde se insere, mantendo os seus traços originais. Conservar trata-se de salvaguardar e prevenir a degradação da construção, realizando as obras necessárias que visem o correto funcionamento de todas as partes e elementos do edifício. Por fim, manter e preservar é toda uma série de operações, que minimizem e previnam a deterioração da construção, desenvolvidas nas instalações e elementos do edifício, como sendo obras programadas e efetuadas em ciclos regulares.[17]

[16] Carta de Veneza: Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios; 1964

[17] Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada; 1995

5.4. Alguns exemplos de requalificação do edificado existente

Desde cedo que a valorização de muitos monumentos passa pela preservação da sua beleza caraterística, da cultura e sociedade na qual foi concebida:

É verdade que uma nova experiência da beleza, mediada pela consciência, se desenvolve desde o século III a.C.[18]

Este ideal de beleza é reforçado nas teorias de Alberti[19], nas quais reforça a importância do edificado para o reconhecimento do seu autor, assim como, para a caraterização de uma época, chamando a atenção das gerações futuras para a descoberta das memórias que estão associadas.

De um lado, uma bela construção traz glória a seu autor, não só permitindo fixar a memória das gerações futuras, mas também porque atrai o comentário, esse louvor cuja necessidade está tão profundamente ancorada na alma do espetador quanto a paixão de construir na do construtor. De outro lado, maior será o louvor, quanto mais rigorosa for a conformidade da obra ao que podemos chamar, de antemão, o 'princípio de economia', segundo o qual nada pode ser-lhe acrescentado ou retirado impunemente.[20]

Contudo, estudos sobre a preservação de obras edificadas mostraram que existem exemplos que provam como o tempo, o clima, as guerras e, mesmo, uma certa negligência na conservação material levaram a uma certa deterioração dos materiais, obrigando a realizar obras de restauro. Outra razão importante que leva mesmo à alteração das dimensões espaciais é o objetivo de atrair público.

É o que sucede no exemplo da Abadia de Saint-Denis, obra destinada ao culto da religião já durante a Idade Média, e na qual se procedeu a várias reparações nas paredes e à ampliação do espaço, exuberantemente decorado, de modo que este pudesse abrigar um maior número de visitantes. Esta reconstrução teve como autor o Abbot Suger, em estilo gótico.[21] Outro aspeto interessante é o uso da cal na renovação de alguns edifícios destruídos, ação reprovada por Pio II Piccolomini que defendia a proibição do ato de demolir, destruir, mutilar, esventrar e, até, mesmo, a substituição de materiais como a cal.[22] A pedra mármore foi outro tipo de material usado descoberto através da análise de edificações medievais.

[18] CHOAY, Françoise; "A Alegoria do Património"; 2010; p. 31

[19] Leon Batista Alberti foi um arquiteto e escultor italiano, nascido no ano de 1404 e falecido em 1472 e que se tornou num importante teorizador estético do Renascimento e humanista, defensor da ideia de que "a beleza residia no acordo lógico das partes com o todo."
https://www.infopedia.pt/$leon-battista-alberti

[20] CHOAY, Françoise; "Regra e Modelo: sobre a teoria e arquitetura e do urbanismo"; 2007; p. 78 e 79

[21] CHOAY, Françoise; "As questões do Património: antologia para um combate"; 2011; p. 62

[22] *Ibid*; p. 82



Abadia de Saint-Denis; França.
https://parissempreparis.com/a-fantastica-basilica-de-saint-denis/



Abadia de Saint-Denis: nave principal.
http://galaaz.blogspot.com/2005/10/6-saint-denis-o-abade-suger-e-as.html

Na época medieval, os elementos arquitetónicos[23] eram imprescindíveis para o desenho e organização dos espaços. Deles, destaca-se o claustro dos mosteiros, considerado, na época, o centro da vida quotidiana, que, segundo C. Martí-Arís, ligava cada espaço adjacente num todo unitário.[24] Neste sentido, evoca-se a importância da requalificação dos espaços para a sua manutenção e possibilitando o usufruto dos mesmos, conferindo-lhes uma utilidade que justifica a sua manutenção, quando necessária, como afirma Victor Hugo:

O melhor meio de conservar um edifício é o de lhe encontrar um emprego.[25]

Isto acontece com alguns exemplos, em Portugal, dos quais se destaca a intervenção do arquiteto Carrilho da Graça, cujo projeto se centrou na reabilitação do edifício da Pousada da Flor da Rosa, na região do Crato. "A intervenção baseia-se numa atitude de grande respeito pelo antigo mosteiro de raiz medieval que é alvo de um trabalho cuidado de restauro, convertendo-se em monumento."[26] Neste exemplo, por um lado, a obra antiga assume funções públicas e de contemplação e torna-se pretexto e cenário para a nova intervenção, por outro lado, a obra nova distingue-se e afasta-se do mosteiro, com um novo projeto inserido, tendo interação com o existente, apenas, através do interior, respeitando a sua escala, na procura de uma valorização mútua entre o edificado das duas épocas.

Outro exemplo a destacar é o projeto de intervenção, do arquiteto Eduardo Souto de Moura, para requalificação do Convento de Santa Maria do Bouro, em Amares. O projeto para nova construção apresenta uma obra consolidada, cujos vestígios, que pudessem alterar a leitura de ruína, são eliminados e, na qual, a cobertura tradicional dá lugar a uma nova cobertura plana ajardinada. "Os elementos existentes são trabalhados em prol do novo conjunto"[27], com o claustro parcialmente construído, arcos e portas deslocados, aberturas, cuidadosamente redesenhadas, aproximando-se das originais, num grande respeito pelo existente. O que era apenas ruína, é, agora, "habitada, numa interpretação romântica da história que anula a obra do autor e encerra a vida do edifício."[28]

[23] Elementos como o muro, a coluna, janela, cornija, vestíbulo, escada e cobertura constituíam partes do edifício; as relações formais entre esses elementos, segundo os conceitos de justaposição, a sucessão, separação, fechamento, penetração e axialidade faziam parte da morfologia do edificado; por fim, os tipos arquitetónicos, nomeadamente, a planta central, a estrutura linear, sala de aula, periferia, basílica, hipostilo, claustro, cruz, retículo e torre compunham a ideia de organização das formas arquitetónicas.

[24] MARTÍ-ARÍS, Carlos; "Las variaciones de la identidad: ensayo sobre el tipo en arquitectura"; 1993; p. 32

[25] *Ibid*; p. 16

[26] CHOAY, Françoise; "As questões do Património: antologia para um combate"; 2011; p. 31

[27] MOURÃO, Ângela Costa; "A reabilitação como procura de uma identidade: através de duas obras do Arquiteto Fernando Távora. A Casa da Quinta da Cavada e a Casa de Pardelhas"; 2013; p. 57

[28] *Ibid*; p. 59



Pousada da Flor da Rosa, do Arq. Carrilho da Graça; região do Crato.
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69839





Convento de Santa Maria do Bouro, do Arq. Eduardo Souto de Moura; Amares.
https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira

Por fim, referimos os projetos do Convento de Santa Marinha da Costa e do Palácio do Freixo, da autoria do arquiteto Fernando Távora. Ambas as situações tratam-se de projetos de reconversão dos edifícios em pousadas. Nestes exemplos, "… a preexistência é fonte de conhecimento e história" e dá resposta para o futuro dos edifícios, procurando a continuidade da sua vida, evitando a sua musealização ou, até mesmo, a reconversão em ruína habitada. Procura-se a regra a partir do existente, analisando obra a obra.[29]

A qualidade do projeto, neste tipo de intervenção, depende da qualidade do estudo e da capacidade crítica e projetual do arquiteto. A atitude necessária é a de uma intervenção projetual apoiada num conhecimento histórico e científico preciso e rigoroso sobre a pré-existência.

A analogia com a história fornece o material formal, com o qual a reformulação do projeto se integra: a analogia com a natureza vincula a arquitetura ao mundo material e impede que suas formas se transformem em meras convenções, evitando repetições desnecessárias, em relação às formas históricas. Cada uma delas é identificada, respetivamente, com as formas históricas.[30]

Perante a dupla função do edificado como "elemento definidor da forma urbana" e "organismo possuidor de uma espacialidade interna", definida por soluções espaciais, de uso e organização, assim como pela especificidade dos seus materiais e técnicas de construção, enquanto valores essenciais que identificam e caraterizam os edifícios[31], a intervenção entendeu-se dever ser mínima, promovendo a máxima reutilização dos elementos do edificado existente, antes de se prever a substituição de diversos componentes, com materiais tradicionais, por materiais e soluções técnicas contemporâneos.

Todavia, o arquiteto não se contenta em idealizar ou normalizar os monumentos antigos que representa: ele inventa deliberadamente. Ou reconstitui, sem outro apoio que não o da sua imaginação (e a isto se chama então restaurar), as partes ausentes dos edifícios arruinados – tal como Serlio em Roma ou, mais curiosamente, como Inigo Jones quando «restaura» os famosos megalitos de Stonehenge, tornados colunas de um vasto templo a céu aberto de ordem meio grega, meio toscana –, ou então o arquiteto imagina edifícios que nunca viu pessoalmente.[32]

[29] MOURÃO, Ângela Costa; "A reabilitação como procura de uma identidade: através de duas obras do Arquiteto Fernando Távora. A Casa da Quinta da Cavada e a Casa de Pardelhas"; 2013; p. 61

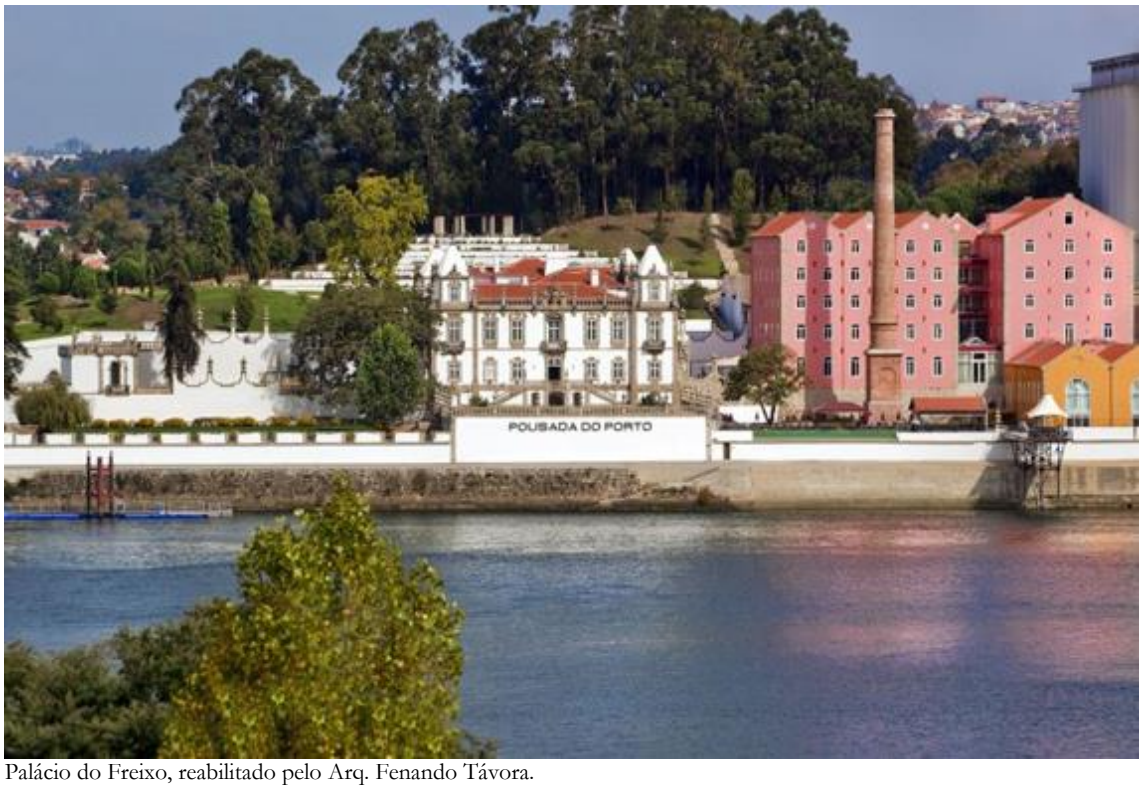
[30] MONESTIROLI, António; "La arquitetura de la realidad"; 1993; p. 9 (prefácio de Carlos Martí-Arís)

[31] RIBEIRO, Andreia Sofia Garcês; "(Re)Interpretar uma Identidade"; 2013; p. 47

[32] CHOAY, Françoise; "A Alegoria do Património"; 2010; p. 68



Convento de Santa Marinha da Costa, Pousada, do Arq. Fenando Távora; Guimarães.
https://www.guimaraesturismo.com/pages/154?geo_article_id=120



Palácio do Freixo, reabilitado pelo Arq. Fenando Távora.
http://br.visitportoandnorth.travel/ATP/Associados/Pestana-Pousada-do-Freixo

Em suma, verificamos que o termo 'património' designa todos os bens, quer materiais ou imateriais, caraterísticos de uma determinada época e sociedade. No presente trabalho, centramo-nos no conceito de 'património arquitetónico' associado a outros que remetem para várias reflexões, levando à sua redefinição ao longo do tempo.

Palavras como 'monumento' e 'monumento histórico' ajudam a definir parte deste património que faz parte da história de cada população. A sua construção num determinado local, associada ao desenvolvimento do conceito de arte, teve, e tem, por objetivo identificar e caraterizar o meio e a sociedade nos quais se insere, bem como dar testemunho do surgimento de grandes potências e acontecimentos que sucederam no passado.

Mais ainda, realça-se a importância da conservação dos monumentos, para a continuação dos seus usos e evitando o desaparecimento de uma estrutura que indicia a identidade de uma nação que outrora subsistiu a factos de elevada relevância, muitos dos quais, na atualidade, servem-nos como referências históricas da raça humana. Deste modo, torna-se necessário, pela erosão que o tempo exerce sobre as construções, uma atitude de restauro e reabilitação ponderadas sob o reconhecimento da história do sítio, da obra e da sua materialidade. Os exemplos apresentados demonstram atitudes diversas por parte de arquitetos com diferentes visões do que é intervir no construído. No entanto, cada um deles denota o respeito pelo edificado existente, conseguindo que este mantenha a sua identidade inicial, assim como a sua materialidade, e conferindo qualidade aos seus interiores. Paralelamente, criam uma relação harmoniosa, nomeadamente a nível dos interiores, com novas construções, propostas no sentido de apoiarem e promoverem as obras antigas, conseguindo uma justa distinção entre o moderno e o antigo, fazendo com que a obra antiga se torne "pretexto e cenário da nova intervenção, (…), respeitando a sua escala e procurando uma valorização mútua."[33]

Uma vez sendo o objeto de estudo presente trabalho, a Biblioteca Pública Municipal do Porto do, a análise realizada será apoiada, seguidamente, por um subcapítulo, no qual se apresentam diversos exemplos de bibliotecas, desde a sua origem até à contemporaneidade. Deste modo, far-se-á uma seleção cronológica de exemplos de bibliotecas que melhor representam e caraterizam cada uma das épocas em que se inserem. O objetivo é realizar um estudo da evolução do programa desta tipologia, fazendo o reconhecimento dos diferentes modos de organização de cada programa face ao interior e à época da qual fazem parte.

[33] MOURÃO, Ângela Costa; "A reabilitação como procura de uma identidade: Através de duas obras do Arquiteto Fernando Távora. A Casa da Quinta da Cavada e a Casa de Pardelhas"; 2013; p. 57

5.5. Da Grécia a Roma

Diversos autores, designadamente Lionel Casson, e João J. B. Ventura, convergem na afirmação de que existiam edifícios dedicados ao depósito e armazenamento de vários tipos de documentos, tais como, tabelas de argila, rolos de papiro, pergaminhos, escritos de intelectuais egípcios, gregos e romanos e enormes códices que eram enclausurados nos mosteiros medievais.[34]

Além de arquivo, segundo a autora Susanne Bieri, a biblioteca aparecia, assim, como um "repositório" e "representação" permitindo o fornecimento e exposição dos documentos para consulta e realização de atividades, funcionando como espaços polivalentes, apresentando uma identidade particular de caris cultural.[35]

Michael H. Harris corrobora o exposto afirmando que:

Do ponto de vista da história das bibliotecas, o importante é uma boa organização e uso dos milhares de tabletes de argila, por parte dos escribas, de modo a compilar tais histórias e códigos de leis. (…) Da época do povo Assírio (…) reconhece-se vestígios de verdadeiras bibliotecas, organizadas por temas e disponíveis através de uma forma primitiva de catálogo.[36]

Durante o terceiro milénio a. C., assiste-se, na Mesopotâmia, a uma evolução deste programa, ao qual se associa uma determinada conceção espacial. Assim, surgem as primeiras bibliotecas inseridas em salas regulares nas quais se depositavam os manuscritos, com o objetivo de contribuir para a continuidade do conhecimento e, consequentemente, das cidades e das civilizações, apesar de se restringir, quase completamente, o seu acesso, já que se tratava de um tempo em que apenas o rei, dono do palácio, tinha acesso aos documentos depositados.

Com o decorrer do tempo, as bibliotecas inseridas em palácios reais adquirem um caráter mais público, estabelecendo uma relação com as escolas, por via da encomenda de manuscritos. É neste período que se desenvolve a escrita em tabletes de argila, que se encontravam organizadas por níveis, em nichos existentes nas paredes das bibliotecas.

[34] MORIGI, Valdir José; " ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: AS VISÕES DE BIBLIOTECA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO", Revista ACB, 2005, in http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551

[35] BIERI, Susanne; "Biliotheken bauen: tradition und vision = Building for Books: traditions and visions", 2001; p. 50

[36] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 19



O mundo greco-romano: Oriente – CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 14



Planta na qual o *Tabularium* fechava o trânsito entre o Foro e e o Capitólio – MONTOYA, Joaquín Ibáñez; "Los archivos : cómo construirlos"; 2008; p. 14

No antigo Egito, as bibliotecas funcionavam com base em repositórios de papiros e desempenhavam um papel central na produção, preservação e continuidade da cultura chamada "O berço da civilização ocidental", assente numa estratégia de expansão e de afirmação de poder, não apenas centrado nesta região, mas ampliada a toda a civilização. À semelhança das primeiras bibliotecas babilónicas e assírias, as bibliotecas egípcias inseriam-se e/ou estavam ligadas a palácios e templos.

Como refere M. H. Harris, "(…) por volta de 705 A. C., os Assírios construíram uma biblioteca palacial, em Khorsabad, a qual espelha o início desta tipologia arquitetónica ."[37]

Estes templos eram espaços polivalentes, nos quais se realizavam eventos, permitindo, simultaneamente, a consulta e depósito de papiros. Possuíam, também, corredores e alguns espaços que eram completamente fechados. De acordo com o estudo de S. Bieri, os espaços bibliotecários egípcios eram, geralmente, integrados em câmaras funerárias sob a estrutura das pirâmides, facto confirmado em investigações realizadas, nas quais foram descobertos textos, estimando-se que "esses textos preencham oito ou até dez rolos, constituindo o que se poderia justificadamente denominar uma referência ou biblioteca de trabalho".[38]

Muitas bibliotecas de pequenas dimensões eram instaladas em escolas, palácios ou em templos. M. H. Harris refere que, em alguns casos, a biblioteca dividia-se em duas partes: uma geral, destinada ao público, outra apenas para uso exclusivo dos sacerdotes da época. Algumas eram possuidoras de salas especiais dedicadas à escrita, como é mencionado por Ezra, no livro de Harris, que "fala de rolos mantidos numa 'câmara de escribas' ".[39]

Os livros eram armazenados em nichos inseridos nas paredes das salas, como indica D. Pallier no seu livro, no qual se refere à biblioteca de Edfou como sendo a "melhor preservada, sendo que numa das suas paredes se encontra um catálogo de livros sagrados."[40]

A existência de esculturas de personalidades era uma constante nos espaços das bibliotecas, como mostra A. Masson que refere, ainda, a existência de uma combinação entre o saber e o divino e, por isso, "o templo do conhecimento era, ao mesmo tempo, o palácio das musas."[41] Este tipo de decoração prevalecerá nas bibliotecas de tempos posteriores, como se abordará mais adiante neste trabalho.

[37] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 19

[38] BIERI, Susanne; "Biliotheken bauen: tradition und vision = Building for Books: traditions and visions", 2001; p. 51

[39] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 32

[40] PALLIER, Daniel; "Les Bibliothéques"; 2000; p. 6

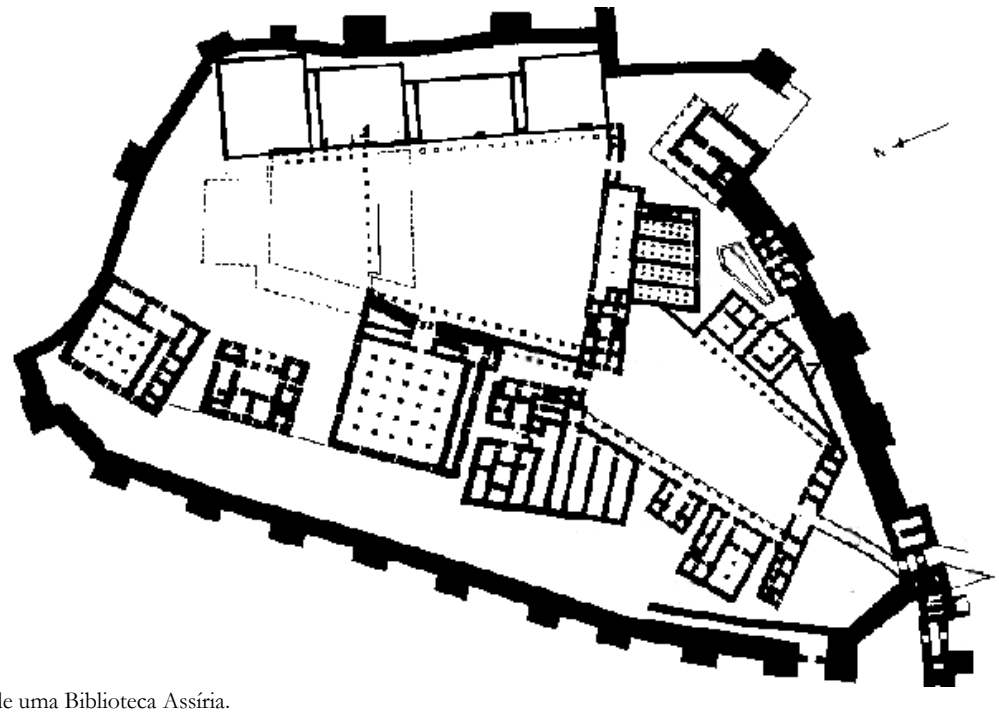
[41] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 1



Tablets de argila pertencentes à antiga biblioteca de Assurbanipal, com escritura cuneiforme sobre a segunda ilustrando a Epopeia de Gilgamesh, na qual descreve o dilúvio em acádio.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Epopeia_de_Gilgamesh



Desenho de um relevo da época romana que mostra uma estante com três níveis de rolos manuscritos, a maioria com etiquetas de identificação.
Representação moderna do interior da antiga Biblioteca de Alexandria.
CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 47
https://apaixonadosporhistoria.com.br/artigo/251/bibliotecas-no-mundo-antigo



Planta de uma Biblioteca Assíria.
https://www.eduscapes.com/history/beginnings/1400bce.htm

A biblioteca de Assurbanipal, inserida no palácio de Nínive, do século VII a.C., bem como a biblioteca de Hattusa, na Turquia, são dois dos exemplos mais importantes e representativos do início a existência desta tipologia, bem como uma biblioteca do templo Neobabilónico, completa, com as suas tabletes nas devidas estantes, localizada em Sippar, local central no Iraque, com a seguinte descrição espacial apresentada no livro de R. Macleod:

A biblioteca inicia-se numa pequena sala que se prolonga ao longo de um espaço comprido, no extremo sudoeste do edifício (…) Ao entrar na biblioteca, cujas paredes se encontram preservadas até 1,5 metros de altura, em alguns pontos mais do que isso (…) encontra-se uma pequena sala (…) . Nas duas paredes à esquerda, assim como à direta (da porta) e na parede traseira (…) surgem séries de nichos que se destacam das paredes de tijolo feito de barro. Cada nicho compunha-se de fileiras com 17 centímetros de altura por 30 centímetros de larguras, alinhados uns acima dos outros. Em cada uma das paredes laterais encontram-se 4 fileiras de nichos e 6 fileiras na parede traseira. Existem 3 níveis de nichos completamente preservados; um quarto nível acima destes, provavelmente o último, danificado do lado esquerdo, mas preservado do lado direito e por detrás(…).[42]

Segundo um estudo da UNESCO sobre bibliotecas em Alexandria, surge uma outra grande biblioteca, de caris pessoal, com salas de leitura, quartos para professores e uma colunata para leitura andante, criada por Aristóteles que serviu de referência e inspiração para o surgimento da Biblioteca Alexandrina.

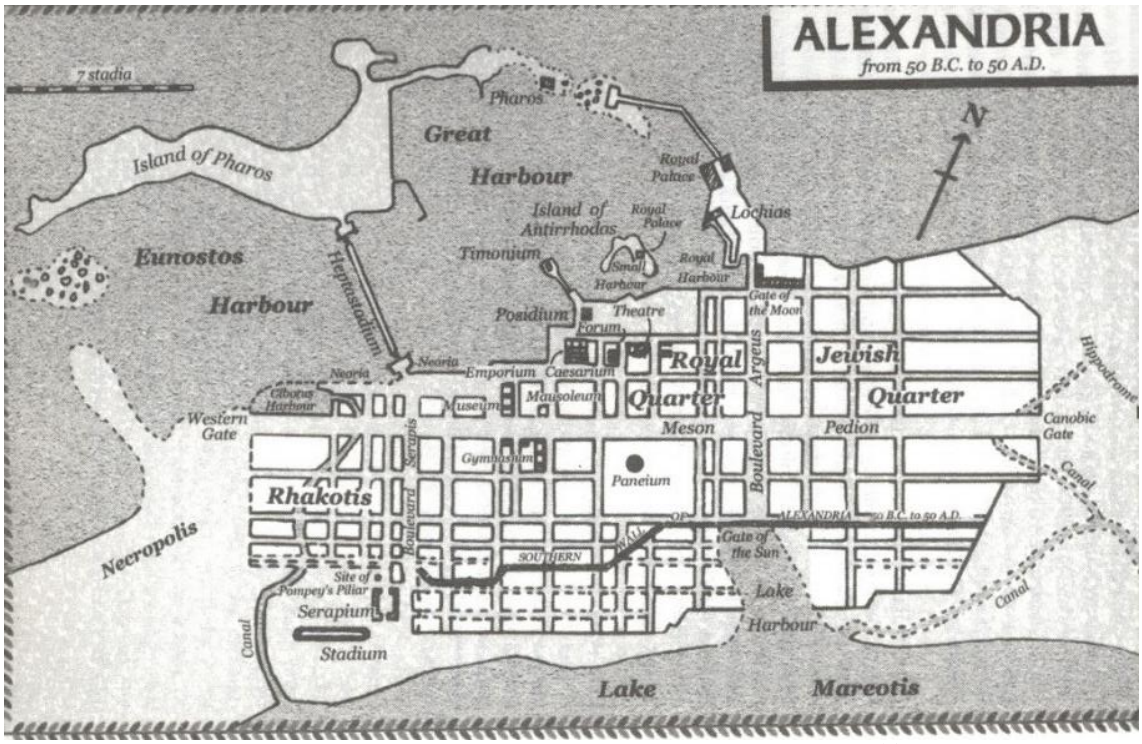
A Biblioteca de Alexandria foi a maior biblioteca pública daquele tempo, inserida num templo dedicado a deusas gregas, fundada por Alexandre O Grande, no ano de 332, terceiro século a.C e próxima do porto mais importante da cidade, no qual desembarcavam mercadorias de manuscritos.[43] Esta biblioteca era constituída por uma colunata e um pórtico e, atrás deste, uma série de salas, nas quais se arquivavam e guardavam livros e documentos, assim como por um colégio para os homens das letras que ali trabalhavam.

Segundo S. Bieri, o santuário foi modelado e organizado de modo a funcionar como espaço expositivo e como centro de pesquisa científica, tendo sido concebido, desde o início, com o objetivo de possibilitar a coleção, codificação, classificação e canonização da cultura do próprio país, assim como com o objetivo de permitir que fosse compilado e registado o maior conhecimento possível de outras culturas.[44] Deste modo, a biblioteca Alexandrina integra-se num espaço de museu.

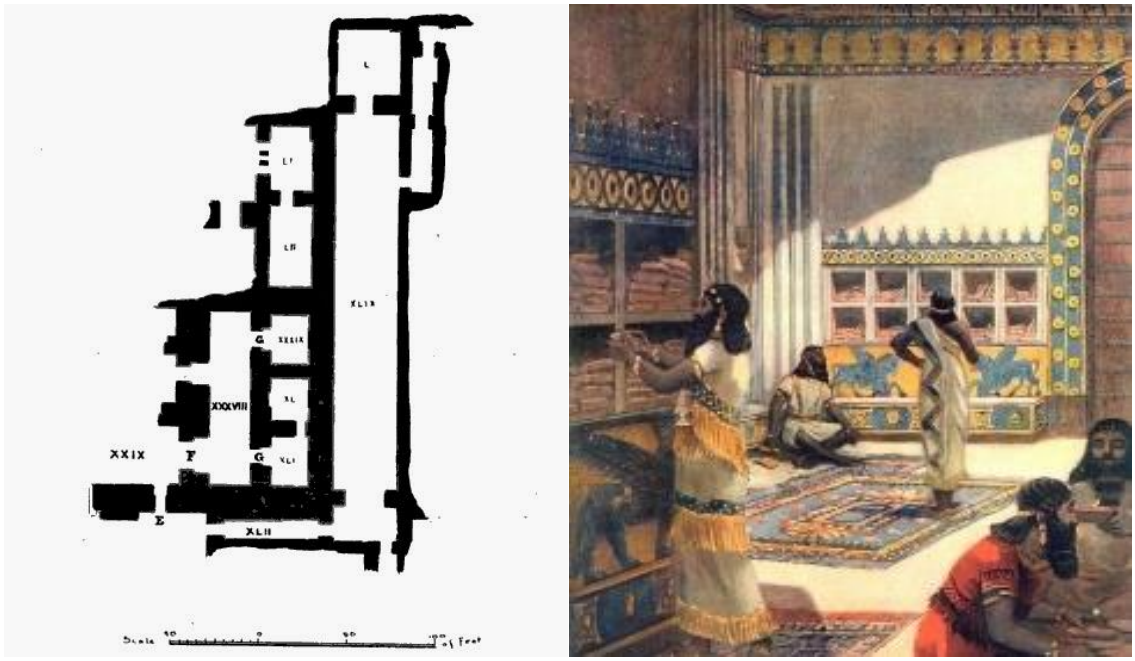
[42] ROY MACLEOD; "The library of Alexandria: centre of learning in the ancient world"; 2010; p. 29

[43] UNESCO; "Biblioteca Alexandrina"; 1988; p. 55

[44] BIERI, Susanne; "Biliotheken bauen: tradition und vision = Building for Books: traditions and visions", 2001; p. 56 e 57



Mapa da cidade de Alexandria, desde o ano 50 a.C. até ao ano 50 d.C. – MACLEOD, Roy M.; "The Library of Alexandria"; 2010; p. 10



Biblioteca de Assurbanipal, Ninive: planta.
Representação moderna da Biblioteca de Assubarnipal. Autor desconhecido
http://leiovejoopino.blogspot.com/2013/10/assurbanipal-e-sua-biblioteca.htmlhttps://apaixonadosporhistoria.com.br/artigo/251/bibliotecas-no-mundo-antigo

A Biblioteca de Alexandria tratou-se de um complexo particularmente relevante na cultura do mundo helenístico, dando continuidade às antigas bibliotecas dos templos do antigo Egito, como lugar de arquivo da memória e do saber. Segundo L. Casson, a conceção deste projeto centralizava em si e promovia o trabalho bibliotecário, bem como a literatura, a aquisição de conhecimento e a valorização da cultura da cidade, numa época em que o mundo se fragmentava à raiz das guerras.[45]

Por volta do ano 48 a.C., no tempo de César e Cleópatra, acabaria por vir a ser destruída, quase totalmente, por um enorme incêndio, no contexto da Guerra Civil contra Pompeia.[46]

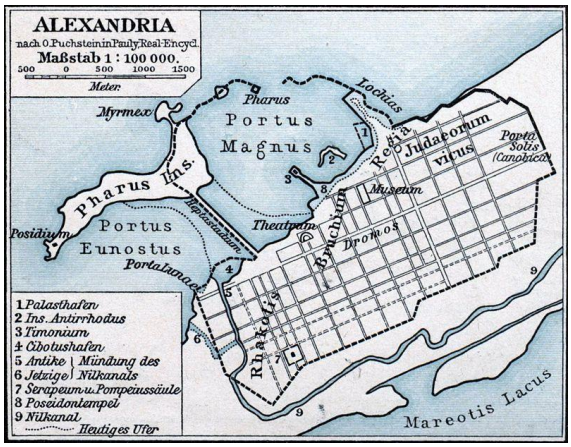
Construída entre os séculos V e VI a.C., próxima do local onde, supostamente, esteve edificada a antiga Biblioteca Alexandrina, surge uma nova biblioteca que toma como seus os objetivos da primeira Biblioteca Real. Esta segunda biblioteca de Alexandria, situada em Serapeum, no templo de Serapis, denominada, também, por "Filha da Primeira Biblioteca", é reedificada, explorando uma nova forma material e arquitetónica. Tratou-se de uma obra excecional, confirmada pela grandiosidade e nobreza de uma galeria de mármore e das suas colunatas. No lado interior de cada colunata, foram construídas câmaras, algumas servindo de 'lojas' para livros, destinadas especialmente a quem dedicava a sua vida ao estudo e conhecimento. Complementarmente, foram criadas salas para adoração aos deuses.

Tipologicamente, apresentava-se como um edifício de grande escala, simétrico e desenhado num plano retangular, que foi construído, provavelmente, no final do século IV. Segundo os autores M. El-Abbadi e O. M. Fathallah, a estrutura imensamente elevada da cisterna, que permitia o abastecimento de água, ocupava a parte central do edifício. Fazia, também, parte deste complexo um teatro aberto a um longo pórtico, de norte para sul e um conjunto de salas de leitura retangulares, alinhadas e resguardadas pela parede traseira do pórtico. Tinham a mesma orientação, mas possuíam dimensões diferentes: as cinco salas existentes a norte do teatro possuiam, aproximadamente, a mesma dimensão; outras cinco eram delimitadas a Este por uma parede envolvente, com dimensões relativamente pequenas. Apesar da variação de tamanhos e dimensões, o arranjo de todas as salas era praticamente o mesmo: em todas elas se entrava por um pórtico e as portas de entrada de cada uma situavam-se perto da parede norte, permitindo a criação de vestíbulos funcionais com pequenas paredes divisórias.[47]

[45] CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 53

[46] *Ibid*; p. 54

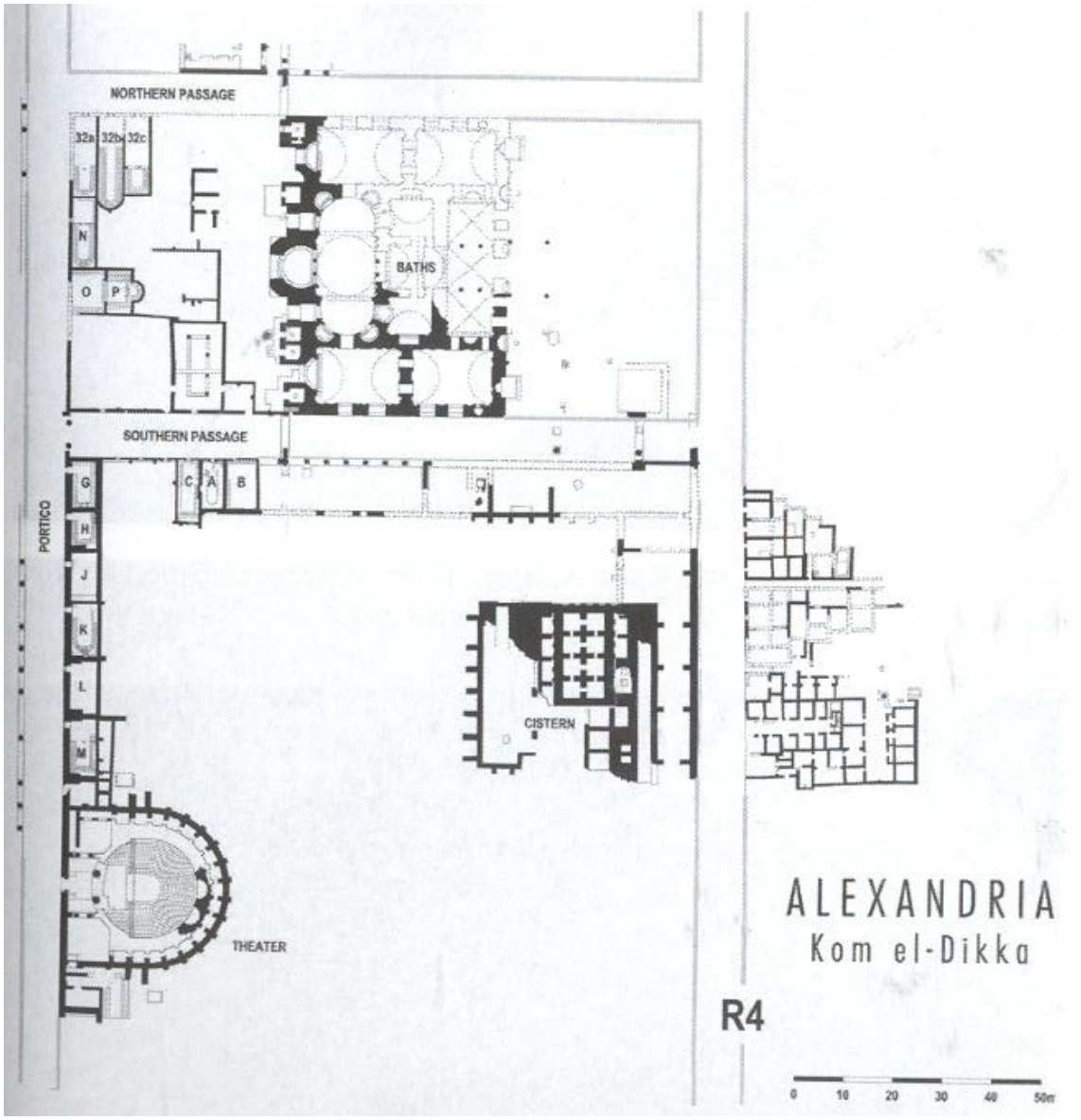
[47] EL-ABBADI, Mostafa, FATHALLAH, Omnia M.; "What happened to the ancient Library of Alexandria?"; 2008; p. 192





Mapa da Antiga Alexandria.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_de_Alexandria

Biblioteca de Alexandria: grande pórtico em frente ao *Teatro*; desenho baseado em referências arqueológicas.
EL-ABBADI, Mostafa; FATHALLAH, Omnia; "What Happened to the ancient Library of Alexandria"; 2008; p. 205 e 206



Biblioteca de Alexandria: planta geral de Kom el-Dikka, desenho de W. Kolataj.
EL-ABBADI, Mostafa; FATHALLAH, Omnia; "What Happened to the ancient Library of Alexandria"; 2008; p. 203

Fazia parte do complexo, também, um hall, que era o espaço mais pequeno e uma parede que separava o auditório de uma área abandonada, que, na época, se transformou num despejo para lixo. O auditório era o mais vasto do complexo, com direção Leste-Oeste: possuía duas tribunas distintas em duas paredes opostas e bancos virados a Este[48], quase recordando um *synthronon*[49], sugerindo uma função pouco habitual deste tipo de espaço.

Uma outra biblioteca surge em simultâneo, em Pergame, no século II a.C., com o objetivo de rivalizar com a biblioteca Alexandrina. Segundo L. Casson as investigações arqueológicas entretanto realizadas, nesta região, revelaram "que o topo da colina de Pérgamo, no passado vista como uma fortaleza, foi transformado numa impressionante área cívica repleta de edifícios esplêndidos, por Atalo e seus sucessores."[50] A biblioteca em Pergame era constituída por um pavilhão contíguo à biblioteca existente, delimitado por uma grande colunata e um pórtico com quatro salas adjacentes. Existia, ainda, uma sala mais oriental, com um pequeno palco, e três outras salas mais pequenas, nas quais existiam estantes de madeira para depósito de uma grande quantidade de manuscritos, cada uma com entrada que dava para um pórtico ladeado de colunas, onde havia luz suficiente para a leitura.

A sala situada a oriente é a maior, medindo 16 metros de comprimento por 14 de largura, paralela aos muros laterais e ao muro posterior, mantendo uma distância de 0,50 metros, através de um percurso em género de podium (…) a meia altura da parede traseira, encontra-se uma prateleira que avança, formando uma plataforma (…)." – sobre esta plataforma acredita-se ter estado uma estátua de Atena. "Uma sala com tal dimensão e decoração seria destinada a receções, reuniões, conferências e variados usos para serventia da própria biblioteca. As outras 3 salas existentes eram mais pequenas e estreitas(…): ao longo das suas paredes teriam sido colocadas estantes de madeira para depositar rolos de papiro.[51]

Segundo L. Casson, a biblioteca grega não tinha condições de leitura e de trabalho para os leitores, ainda que o permitisse realizar, pontualmente, no pórtico contíguo ao complexo. Já a biblioteca romana possuía espaços e ambientes amplos para os leitores com os livros ao alcance da mão, sem obstruir a passagem, colocados em estantes nas paredes ou em armários com portas de madeira trabalhada. Contudo, apesar da sua grandiosidade espacial, as bibliotecas romanas eram edifícios cuja arquitetura não permitia o aumento de espaço para receber mais livros.[52]

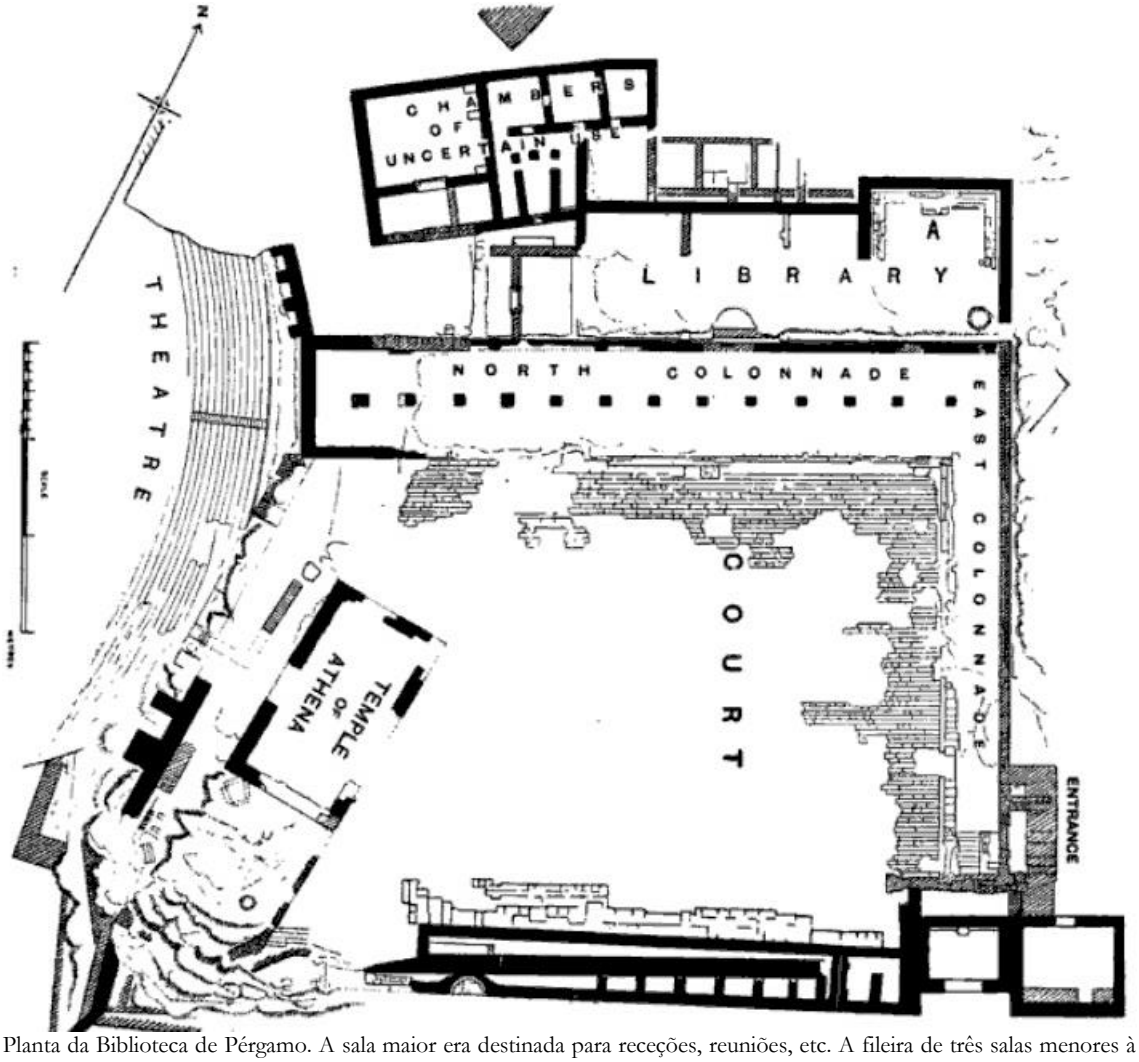
[48] EL-ABBADI, Mostafa, FATHALLAH, Omnia M.; "What happened to the ancient Library of Alexandria?"; 2008; p. 193

[49] "Banco circular com várias etapas, geralmente colocado na abside das primeiras igrejas cristãs e bizantinas e destinado a acomodar o clero" - https://www.cnrtl.fr/definition/synthronon

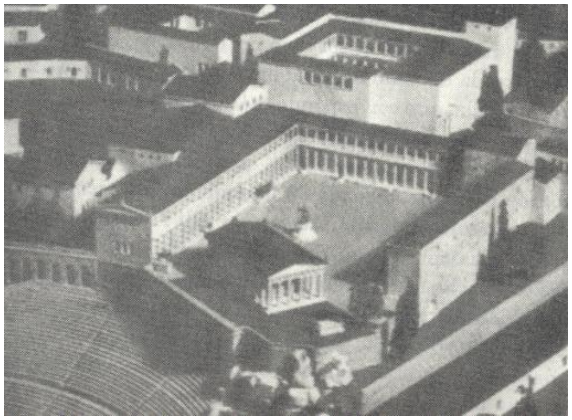
[50] CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 59

[51] *Ibid*; p. 59

[52] *Idem;* p. 94 e 95



Planta da Biblioteca de Pérgamo. A sala maior era destinada para receções, reuniões, etc. A fileira de três salas menores à sua esquerda continham estantes de livros. No espaço frente a estas salas, protegido pelo pórtico, os leitores consultavam os rolos.
https://www.eduscapes.com/history/ancient/200bce.htm





Maqueta do templo de Atena de Pérgamo e do pórtico de duas plantas ao redor. A biblioteca localizava-se na planta superior, no extremo esquerdo das colunas posteriores.
CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 58

Ruínas da Biblioteca de Pérgamo.
https://www.eduscapes.com/history/ancient/200bce.htm

À semelhança das cidades gregas e egípcias, na cidade de Roma assiste-se ao aparecimento das bibliotecas privadas, nas quais se guardavam coleções pertencentes a famílias da alta sociedade. Detinham em si todo o trabalho literário e tinham por função a conservação e guarda dos livros. Nesta altura, "o conhecimento e a literatura grega eram ingredientes habituais da vida cultural da classe alta romana."[53]

A Biblioteca de Polión situava-se em pleno centro da cidade, muito perto do Fórum de Trajano. Possuía duas secções, cada uma destinada ao resguardo de obras em grego e em latim, separadamente, "uma organização que César havia planificado para sua biblioteca e que se repetiria em todas as bibliotecas romanas posteriores."[54] Segundo Casson, mais tarde, foi aberta ao público.

Já com um caráter mais público, surgem novas bibliotecas, cuja organização, à semelhança da biblioteca de Pérgamo, se compunha de um complexo de salas para os livros, pórticos para os usuários trabalharem, salões para reuniões e convívio e eram abertas a todos, muitas delas situavam-se em vilas, como eram os exemplos das bibliotecas de Sila e de Lúculo.

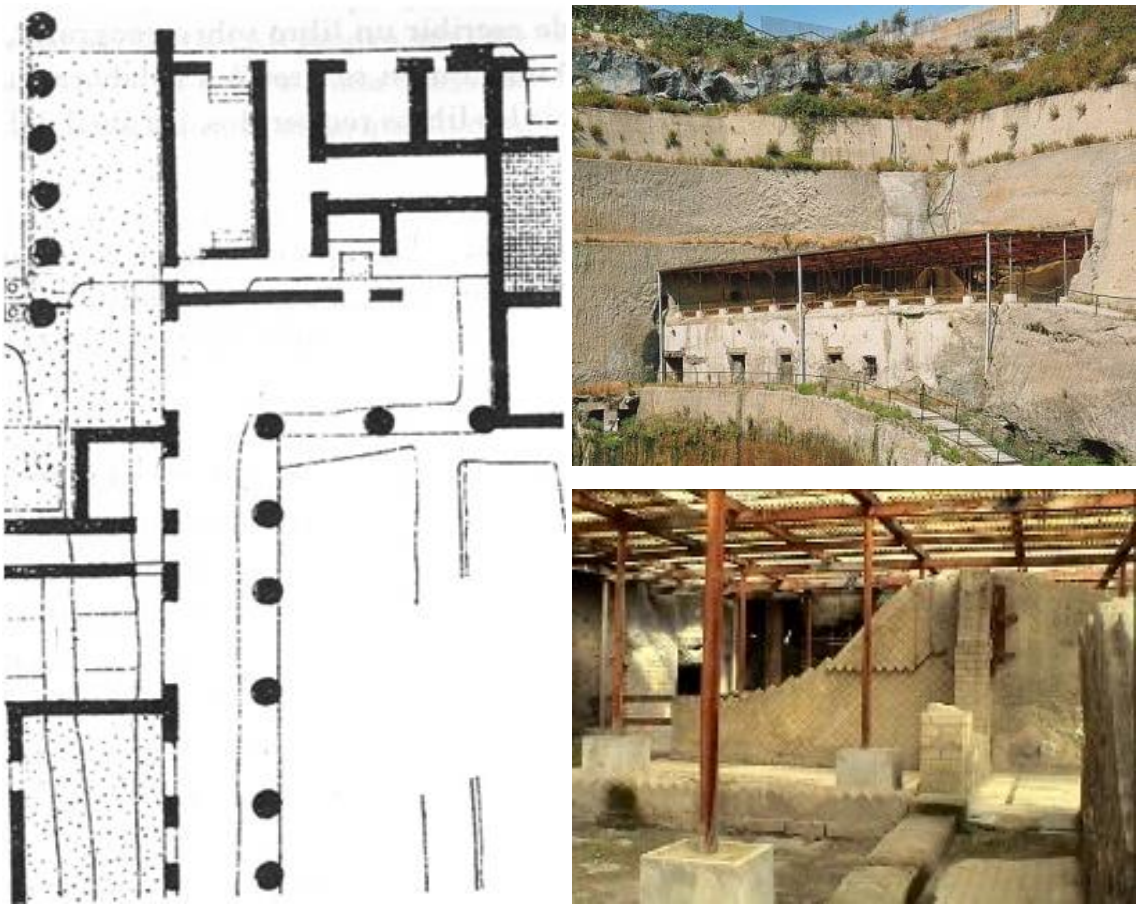
A biblioteca da Vila de Herculano possuía uma pequena câmara, quadrangular, com estantes de madeira alinhadas nas paredes, desde o chão até à cobertura: uma estante de madeira de pé independente e estantes em ambos os lados, deixando espaço suficiente para circulação. Possuíam, ainda, uma entrada, que ligava a um pórtico contíguo, para consulta e trabalho. Tratava-se, quase como de uma réplica, em pequena escala, das bibliotecas de Alexandria e Pérgamo.

No geral, as bibliotecas inseridas na cidade de Roma, possuíam duas seções: uma destinava-se à literatura grega e outra para literatura latina ou romana. São exemplo do exposto a Biblioteca de Polión, situada no centro da cidade e perto do Fórum de Trajano, do Templo de Apolo, e da Biblioteca Palatina, sendo esta a segunda biblioteca de Roma.

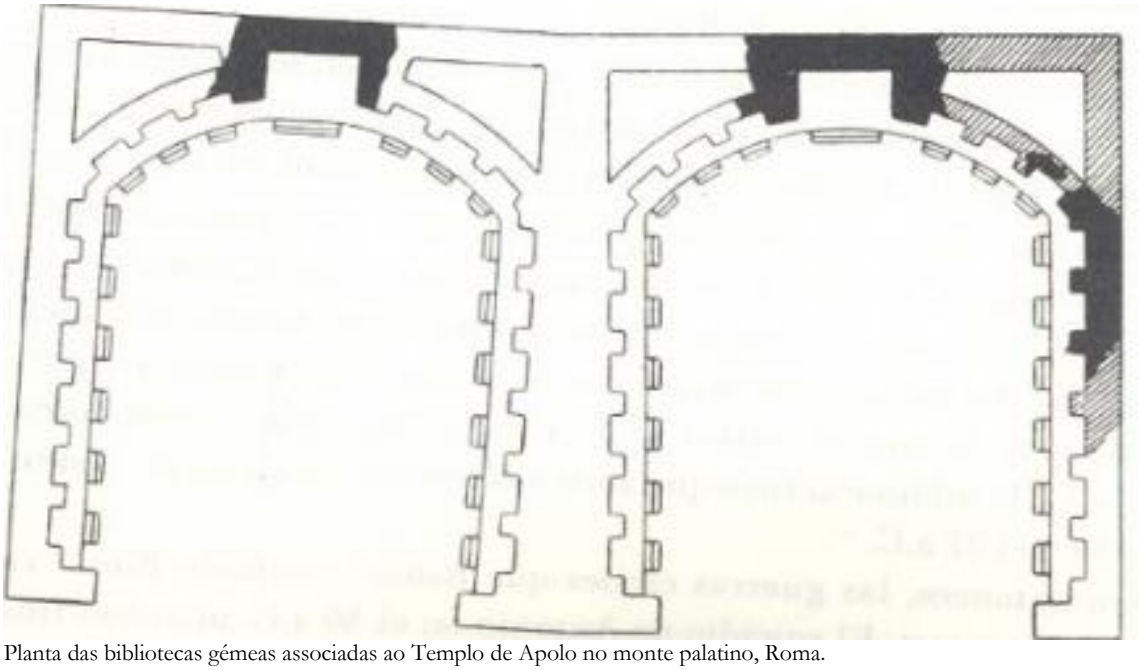
No centro da parede posterior da Biblioteca Palatina, havia em ambas as câmaras, isto é, nas salas contíguas, uma ampla entrada ou ábside, destinada à estátua de Apolo; debaixo, existia um pódio de acesso aos nichos, nos quais as coleções eram dispostas horizontalmente; o espaço central era livre para os leitores, com a possibilidade de existência de mesas e cadeiras, sendo esta uma das semelhanças com as bibliotecas gregas, bem como as salas pequenas e abertas a um pórtico para consultas.

[53] CASSON, Lionel; "Las bibliotecas del mundo antíguo", 2003; p. 73

[54] *Ibid*; p. 87



Planta da biblioteca da Villa dos Papiros em Herculano. A sala 5 continha os livros. Os leitores consultavam os rolos nos pórticos adjacentes.
Ruínas da biblioteca da Vila do Papiro em Herculano: exterior e interior.
CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 81
http://ermakvagus.com/Europe/Italy/herculaneum/villa_of_the_papyri_herculaneum.html



Planta das bibliotecas gémeas associadas ao Templo de Apolo no monte palatino, Roma.
CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 88

Uma terceira biblioteca pública, acessível pela zona meridional do Campo de Marte, por um curto passeio a Oeste do Foro, este que era situado no recinto de um espaçoso pórtico quase quadrado.[55]

Trata-se da Biblioteca do Capitólio, composta por duas salas, uma em frente à outra, limitadas por um pórtico retangular, em cujo centro se erguia a coluna de Trajano. A câmara, muito espaçosa, que dava acesso ao Capitólio, localizava-se a Sudoeste da coluna. Fazia parte do edifício, também, uma ábside espaçosa para albergar uma estátua, nichos para armários, de dois níveis, nas paredes frontais, superior e inferior, assim como nas paredes laterais.

Em Itália, quase todas as bibliotecas seguiam a organização tipológica de génese romana: salas de leitura com livros em armários-estantes alinhados nas paredes, algo que R. Macleod corrobora, ao afirmar que " (…) são os romanos que inventam as salas de leitura como sendo centrais na biblioteca."[56]

No entanto, verifica-se uma forte influência e permanência da referência grega na concretização e surgimento das bibliotecas romanas. Isto acontece tanto nas principais bibliotecas da cidade de Roma como fora da mesma, designadamente nas duas bibliotecas pertencentes ao imperador Adriano.

De acordo com M. H. Harris, o imperador Adriano, detinha uma biblioteca, inserida na sua residência palacial, em Tivoli, à data designada Tibur. Tratava-se de uma obra de grande escala, embora inserida num espaço privado, que buscava traços do modelo grego, com paredes decoradas ou colunatas que se destacavam das salas de leitura que compunham a biblioteca.[57]

Uma outra biblioteca, também pertencente ao imperador Adriano, localizada em Atenas, mas de caris mais público, organizava-se a partir de uma planta quadrada, definindo uma espécie de claustro com espaços de lazer, que se encontrava rodeado por uma colunata, com salas de leitura espaçosas e alinhadas, sendo a maior possuidora de nichos nas paredes. Existia, ainda, uma zona central circulável dedicada à entrega de livros aos leitores.

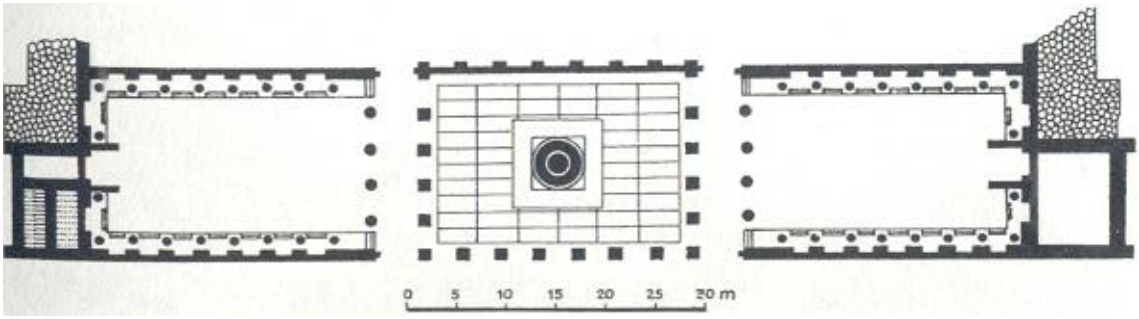
Paralelamente a esta, ergue-se outra biblioteca, em Éfeso. Tratava-se de uma obra em forma retangular, erguida pelo cônsul da época Tiberio Julio Aquila Polemeano, em honra de seu pai Tiberio Julio Celso Polemeano.[58]

[55] CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 88

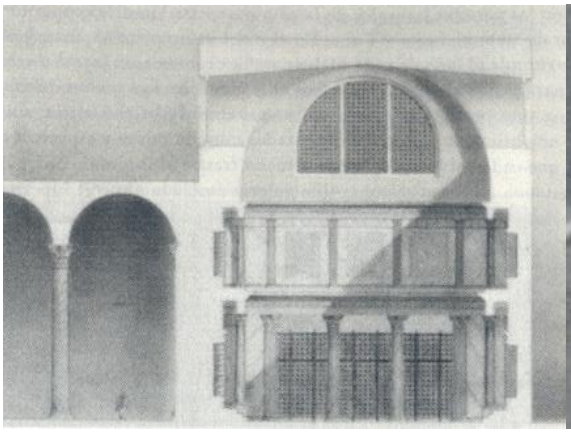
[56] MACLEOD, Roy; "The library of Alexandria: centre of learning in the ancient world"; 2010; p. 68

[57] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 59

[58] CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 118, 119 e 120

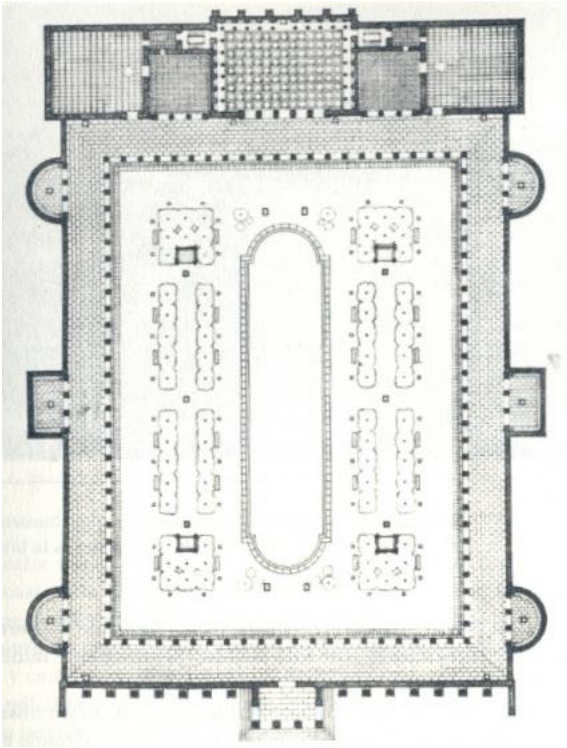


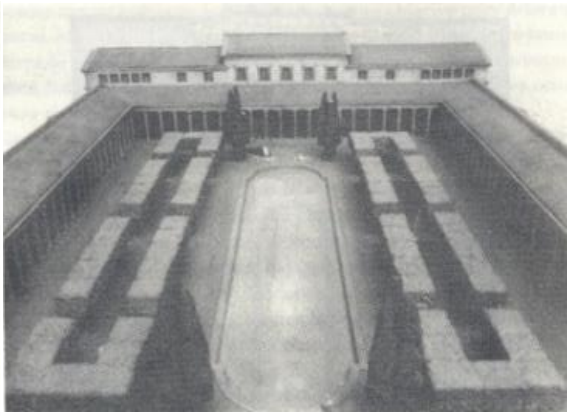
Planta das Bibliotecas Gémeas do Foro de Trajano, Roma. Encontravam-se uma em frente à outra com a Coluna de Trajano e o pórtico a meio.
CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 91





Reconstrução da fachada da biblioteca de sudoeste do Foro de Trajano com quatro colunas que marcavam a entrada e as telas de bronze movíveis que ocupavam os espaços entre as colunas, permitindo fechar o acesso à câmara, fora do horário estipulado. - CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 94
Reconstrução do interior da biblioteca de sudoeste do Foro de Trajano, Roma - CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 92







Biblioteca do imperador Adriano, em Atenas: Planta da biblioteca e claustro, construídos por Adriano. O edifício central mais alto é a biblioteca. Reconstrução do extremo ocidental do complexo.
CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 117 e 118
Reconstrução moderna do complexo. https://apaixonadosporhistoria.com.br/artigo/251/bibliotecas-no-mundo-antigo

Da biblioteca de Éfeso, destacava-se a sua fachada frontal, sumptuosa, bem como uma escadaria, pela qual se acedia à planta baixa, através de três entradas flanqueadas por edículas que albergavam estátuas. No piso superior, encontravam-se os níveis de nichos, alguns dos quais mais elevados, de tal forma que se acediam através de uma galeria apoiada em colunas. O mesmo acontecia para um segundo e último piso, cujo alinhamento das colunas era o mesmo das inferiores, rematado por um teto plano.

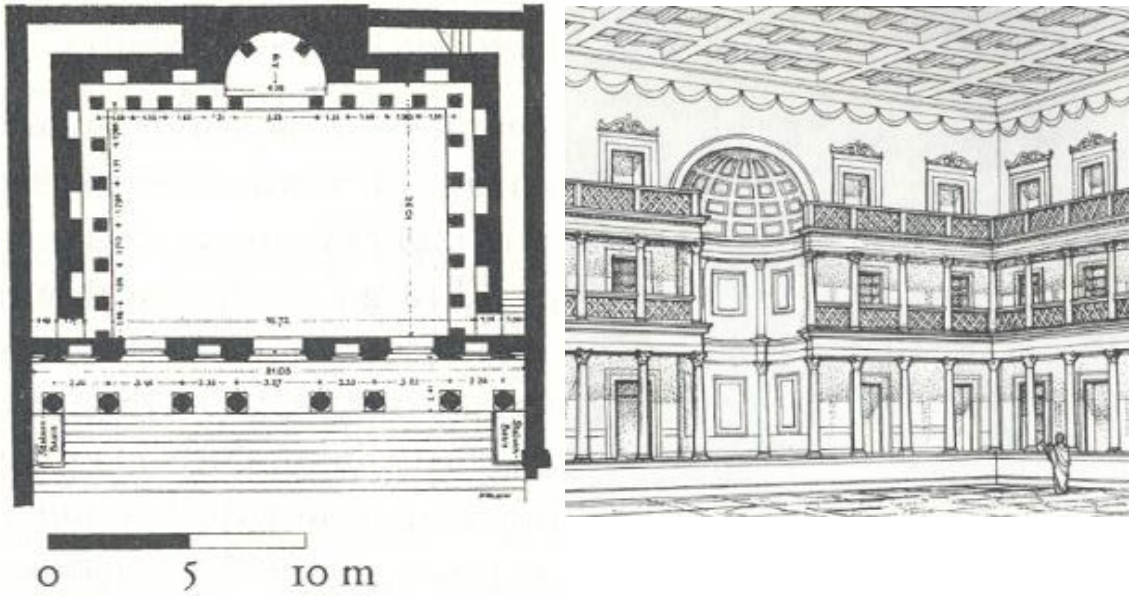
As coleções de Halicarnaso, Rodiápolis, bem como de outras regiões de oriente continham, quase só, livros gregos. Os restos arqueológicos da Biblioteca de Adriano, em Atenas, de Celso, em Éfeso, assim como de outras bibliotecas descobertas, confirmam o facto de se organizarem numa única câmara. Não existem exemplos de bibliotecas com duas câmaras, como acontece nas que se situam em Roma, com fundos em grego e em latim.[59]

Um dado curioso acerca de vestígios encontrados em vários países, hoje como Inglaterra, Espanha, França e na costa setentrional de África, é o facto de apenas haver prova da exitência de bibliotecas desta época nas regiões de Cartago, na Tunísia, e em Timgad, na Argélia.[60] Desta última região, fundada por Trajano no ano 100 d. C., sabe-se que foram encontrados "restos de um edifício identificado como uma biblioteca graças a uma inscrição.", de forma absidal, "uma espécie de versão independente e mais pequena do que a área da biblioteca das termas de Trajano de Roma." Ao centro encontrava-se uma estátua e em ambos os lados possuía quatro nichos com estantes para livros, além de duas pequenas salas estreitas que flanqueavam a câmara absidal, possivelmente nas quais se guardavam mais quantidades de livros, dada a escala pequena desta biblioteca.[61]

Importa, ainda, referir, uma outra grande biblioteca, descoberta entre os anos de 330 d. C. e 336 d. C. pelo imperador Constantino, a Biblioteca Imperial de Constantinopla, considerando a sua importância para o surgimento e fixação de uma tipologia arquitetónica, que viria a determinar a organização de outras bibliotecas italianas e fora de Itália. Foi destruída por um incêndio no ano de 476 d. C., contudo o seu legado permaneceu até ao final do período bizantino.[62]

Das antigas bibliotecas, foram as de Constantinopla que se preservaram mais até à Idade Média. Em particular, a Biblioteca Imperial, fundada por Constantino, o Grande, no século IV, embora tenha variado em tamanho e importância, conforme o estado em foi se encontrando o Império Bizantino, sobreviveu, de uma forma ou de outra, até à conquista da cidade, por parte dos Turcos e Otomanos, em 1453.[63]

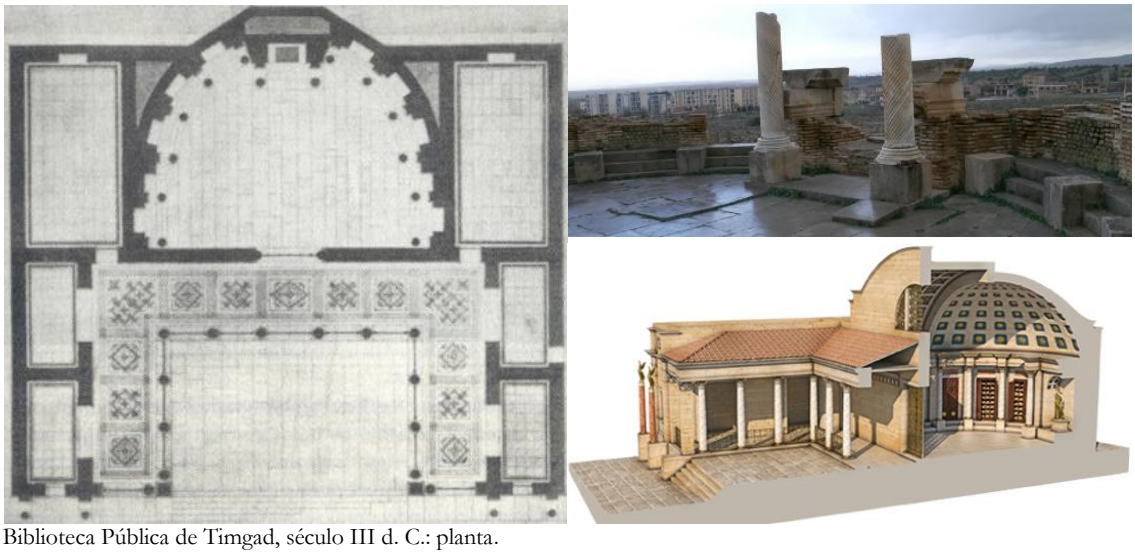
[39] CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 124
[60] *Ibid*; p. 121
[61] *Idem*; p. 122
[62] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 72
[63] *Ibid*; p. 71



Biblioteca de Celso, em Éfeso: planta e reconstrução gráfica do interior.
CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 120



Restos da fachada principal.
https://www.dicaseuropa.com.br/2014/07/a-biblioteca-de-celso-em-efeso-turquia.html



Biblioteca Pública de Timgad, século III d. C.: planta.
CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 121

Biblioteca de Thamugadi, Timgad: restos do edifício.
https://www.eduscapes.com/history/ancient/100.htm

Perfil longitudinal tridimensional moderno.
https://trasancos3d.artstation.com/projects/dO6Rre

O período Helenístico gerou uma cultura que transcendia os estreitos limites geográficos, uma cultura mais ou menos comum a todos os gregos independentemente de onde vinham. A Biblioteca Helénica terá sido, provavelmente, adotada por Aristóteles, em Atenas, organizada em salas localizadas fora de uma colunata, no lado norte do Templo; a sala maior possuía uma plataforma estreita onde, por detrás desta, poderiam estar guardados livros nas paredes.

Esta tipologia arquitetónica não mais cessou a sua evolução, estendendo-se por todo o atual continente europeu. Na fase final do período bizantino, entre os séculos IV e V d.C. aquando da difusão do Cristianismo e da instituição das ordens monásticas, o curso da história das bibliotecas muda radicalmente. Este período coincide com o desaparecimento da última grande biblioteca da antiguidade, a Biblioteca Imperial de Constantinopla.

Apesar de haver o esforço de tornar púbicos estes espaços, as bibliotecas privadas assumiam um papel importante e atingiam grande envergadura na época. Nas bibliotecas maiores, cada sala tinha o seu tema; nas bibliotecas mais pequenas, os livros eram guardados em baús.[64]

O conceito de biblioteca, através da criação de salas de leitura é transportado de volta para a fundação de novas bibliotecas gregas.

Já os arquitetos de bibliotecas públicas romanas não se inspiraram em pré-existências nem referências, mas seguiram o seu próprio estilo. A organização tipológica adotada decorria da necessidade de organizar as colecções, que eram bilingues, separadamente, por língua. Como consequência, duplicavam-se os diferentes espaços dedicados ao depósito das coleções.[65]

Curiosamente, é possível que todas as bibliotecas daquele tempo estivessem relacionadas e ligadas ao *Gymnasium*[66] local, que era uma das instituições mais caraterísticas da cidade grega, assim como o *ágora* e o *teatro*.[67] Cada um destes espaços públicos adquiria uma enorme importância e presença na vivência dos povos grego e romano.

[64] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 82

[65] CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; 2003; p. 89

[66] O *gymnasium* era considerado, exclusivamente, um local destinado à instrução atlética e militar dos jovens da cidade; desta função e termo, surgiu a atual palavra "ginásio".
CASSON, Lionel; "Las bibliotecas del mundo antíguo", 2003; p. 65

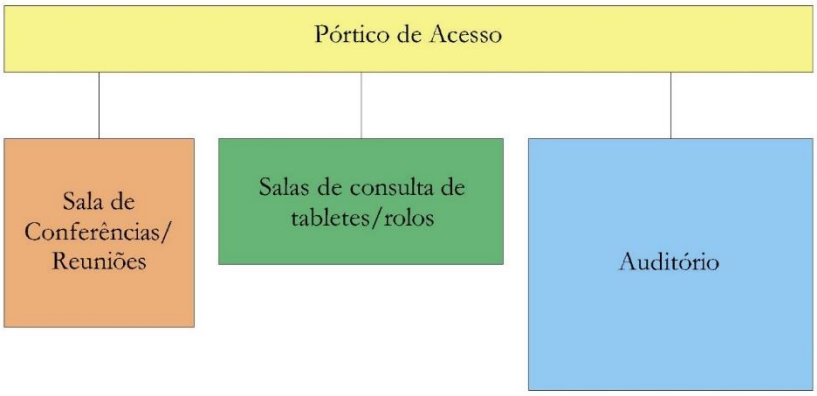
[67] O *ágora* consistia numa praça pública que fazia parte da cidade grega. – https://dicionario.priberam.org/%C3%A1gora
O *teatro* era o local onde vários artistas expunham as suas obras, sendo um espaço para o qual a população da época afluía para assistir a peças de teatro.
CASSON, Lionel; "Las bibliotecas del mundo antíguo", 2003; p. 70 e 71



Constatinopla durante o Império Bizantino.
https://www.eduscapes.com/history/ancient/300.htm


Biblioteca Imperial de Constantinopla: sala de leitura.
http://mundotentacular.blogspot.com/2014/11/livros-desaparecidos-o-misterio-da.html

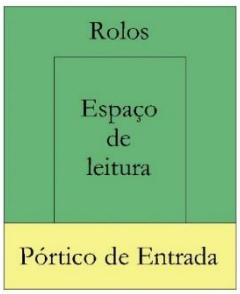
Em conclusão, a biblioteca antiga resumia-se a um espaço, ou conjunto de espaços, nos quais se guardavam as *tablets* e onde se realizava a sua consulta. Um auditório, como no caso da Biblioteca de Alexandria, ou uma sala maior, na maioria dos exemplos, faziam parte deste programa, todos ligados através de um pórtico que servia, não só como elemento de circulação, mas também como área de trabalho e leitura.



Por outro lado, a biblioteca romana, posterior à biblioteca grega, seguiu algumas disposições desta última, como o facto de possuir um espaço de circulação caraterizado por um pórtico, que fazia a distribuição para dois espaços de biblioteca, geralmente um frente ao outro, contendo, num deles, documentos gregos, e no oposto, documentos romanos. Além disso, continha, ao centro, uma estátua de uma personalidade, reforçando o seu caráter de acesso central aos dois espaços contíguos.



Mais adiante, já numa época que antecede o período da Idade Média, as bibliotecas passam a ser um único espaço, ao qual se acede através de um pórtico de entrada, servindo de depósito de rolos e documentos, com uma área de consulta e leitura marcadamente centrada.



5.6. Da Idade Média ao Renascimento

Em 1327, a sociedade, bem como os seus valores, encontravam-se profundamente centrados na vida religiosa, circunstância que determinou a evolução e transformação do programa destes edifícios. No que respeita às bibliotecas, em particular, estas passam a integrar parte dos mosteiros, mais concretamente, passam a ocupar os espaços circundantes dos claustros.

À semelhança das bibliotecas da antiguidade, as medievais possuíam, também, um espaço dedicado ao trabalho e cópia de livros, o *Scriptorium*[68]. Inicialmente, e durante vários anos, estas bibliotecas tinham um acesso muito condicionado, destinando-se, exclusivamente, aos membros religiosos.[69]

Outro aspeto comum é a criação do *Armarium*[70], que, aliás, era o nome atribuído às bibliotecas desta época. Este tipo de depósito foi adotado em vários países, como a França, Alemanha, Espanha, Itália e a Inglaterra: construíram-se móveis de dupla face para colocação de livros, no 1º piso e, mais concretamente, na livraria do dormitório que consistia na sala de leitura e pesquisa. Em alguns mosteiros, os livros podiam ser colocados no coro, embora o lugar mais habitual era em nichos da parede oeste do claustro, situado a este do transepto da igreja.

Relativamente ao mobiliário destas novas bibliotecas, entre os séculos XIII e XVI, assistiu-se a uma simplificação, passando a existir bancos inclinados, de dupla face, perpendiculares às paredes, com espaços dedicados à colocação, proteção e conservação de livros. Simultaneamente, assistiu-se a um incremento espacial. As salas atingiram maiores proporções, tornando-se mais espaçosas.

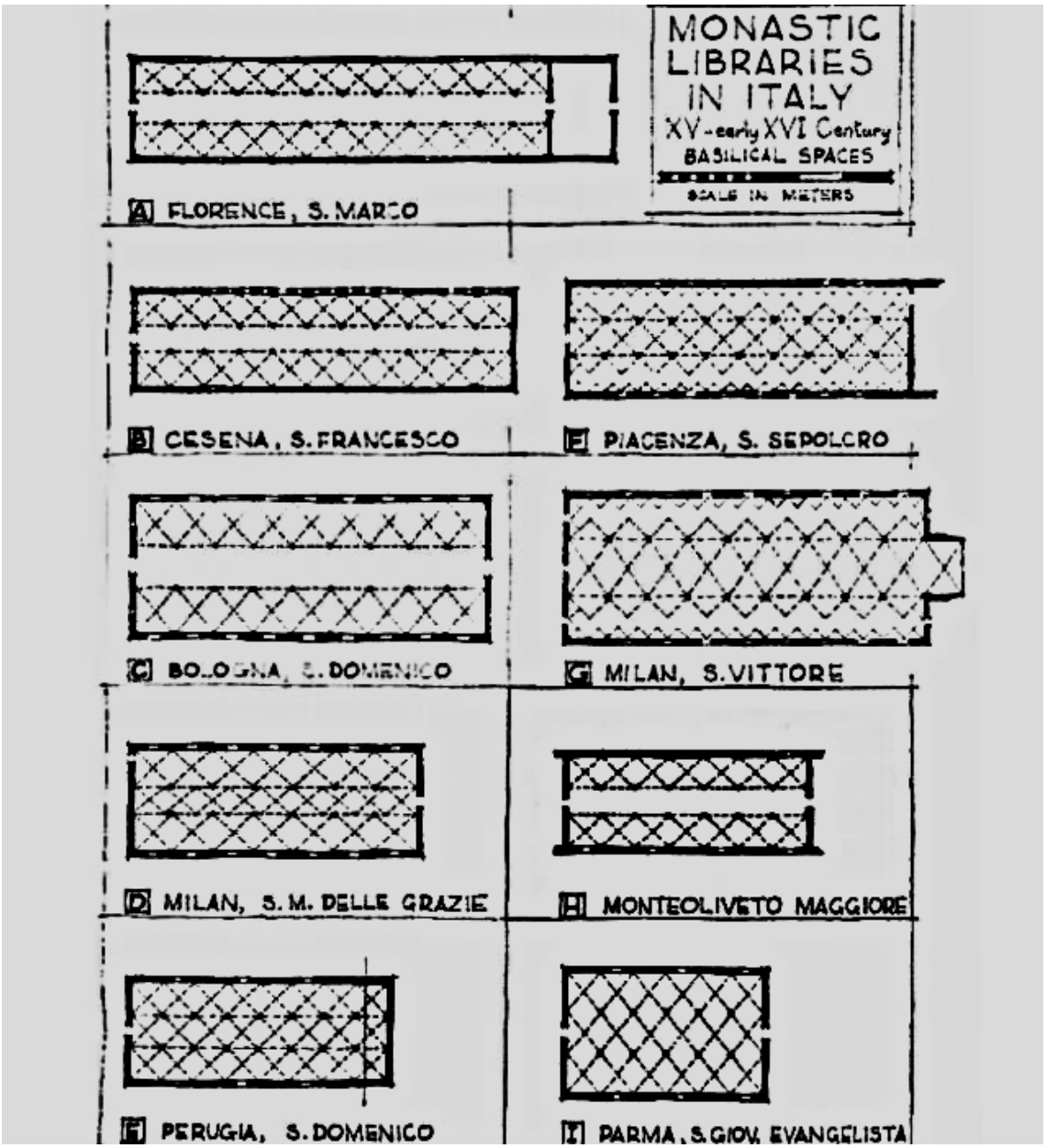
Contudo, a prioridade em manter os livros bem organizados e cada vez em maior quantidade, acaba por restringir os espaço para os leitores e, por isso, a forma das secretárias de consulta, bem como as cadeias de bancos, variavam consoante o espaço livre disponível.

Ao longo da evolução desta tipologia foram sendo adotados sistemas de estantes com o objetivo de conseguir uma melhor organização espacial do espaço bibliotecário, permitindo, até, uma melhor distinção entre o espaço de trabalho e o espaço de circulação.

[68] O *Scriptorium* era um espaço destinado à escrita, isto é, no qual os monges faziam cópias de livros, com o devido mobiliário para o efeito.

[69] MACLEOD, Roy M.; "The library of Alexandria : centre of learning in the ancient world"; 2010; p. 164

[70] Espécie de nichos fechados, com duas folhas de portas onde, antigamente, eram guardados os livros. MACLEOD, Roy M.; "The library of Alexandria : centre of learning in the ancient world"; 2010; p. 169



Esquemas de plantas basilicais das Bibliotecas Medievais.
https://issuu.com/josefonseca8/docs/disserta____o_mia_-_bibliotecas_con




O Nome da Rosa; Umberto Eco (imagem do filme): scriptorium.
http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2402/fotos/detalhe/?cmediafile=20078530

Esquema de câmara para depósito de livros em nichos inseridos em paredes independedentes.
https://www.daz3d.com/medieval-scriptorium?utm_source=bm23&utm_medium=email&utm_term=Image+-+Medieval+Scriptorium&utm_content=Faveral+%26+AprilYSH.+Fantasy+At+Its+Best&utm_campaign=(09-16-16)+Faveral+%26+AprilYSH.+Fantasy+At+Its+Best

No período entre a Idade Média e o Renascimento, assiste-se à criação de bibliotecas monásticas[71], nas quais se guardavam os fundos religiosos, e de bibliotecas catedráticas[72] onde se depositavam os fundos seculares.

Relativamente às bibliotecas monásticas, estas surgem nos claustros dos mosteiros cujas galerias de circulação são o centro da vida intelectual, ou seja, não eram apenas espaços de circulação, mas também de trabalho e consulta e caraterizavam-se pelos seus percursos labirínticos.

Geralmente, localizavam-se no topo do mosteiro – *aedificium*[73] - numa ideia de fortaleza, acima do *scriptorium*. Abaixo deste, ficava a cozinha; o acesso fazia-se por uma passagem secreta desde o *ossarium*[74], este que se introduz no terceiro altar, à esquerda do transepto da própria igreja.

As bibliotecas catedráticas, embora tenham mantido o mesmo conceito de galeria, à semelhança das bibliotecas monásticas, centralizavam o espaço da biblioteca através de longos percursos em seu torno. Deste modo, a dimensão dos púlpitos era tal que se elevavam a duas janelas e a sua colocação era contínua. Estas bibliotecas, inseridas nas catedrais, confirmando a sua própria adjetivação, localizavam-se, mais precisamente, no 1º piso, sobre a galeria oriental do claustro ou nas proximidades do mesmo. Por vezes, podiam situar-se entre o pátio do capítulo e os celeiros. Caraterizavam-se, ainda, por possuir salas estreitas, desenhadas de modo a possibilitar uma maior iluminação zenital.

A organização das bibliotecas catedráticas decorria do espaçamento regular entre janelas, isto é, da distância do eixo de uma ao eixo de outra janela, que, geralmente, eram cerca de 5 metros, garantindo, deste modo, iluminação natural para o interior.[75]

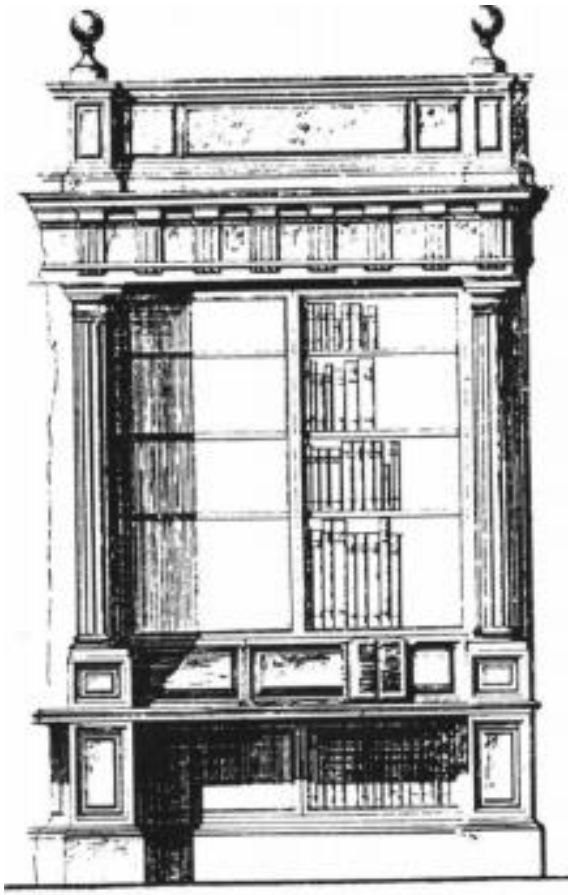
[71] As bibliotecas monásticas regiam-se segundo duas grandes ordens religiosas: a mais antiga foi a Ordem Beneditina, criada com o objetivo de estabelecer uma rotina monástica baseada na leitura e cópia de livros por parte dos monges, valorizando, também, o conhecimento intelectual; mais tarde nasce a Ordem Cisterciense, restaurando os valores da Ordem de São Bento, dando prioridade ao trabalho dos monges e ao desenvolvimento espiritual.
HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 91 e 92
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_de_Cister

[72] As bibliotecas catedráticas surgem no espírito de valorizar leitura educacional, possuindo mais meios de suporte e armazenamento de livros, para além de serem espaços criados para uma melhor organização dos mesmos.
HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 98

[73] O termo *aedificium* é uma palavra neutra que significa 'edifício'. Antigamente, designava uma espécie de fortaleza, situada acima do scriptorium; abaixo deste, situava-se a cozinha.
MACLEOD, Roy M.; "The library of Alexandria : centre of learning in the ancient world"; 2010; p. 164

[74] O *ossarium* tratava-se do espaço onde eram colocadas as ossadas dos monges falecidos. – "…a biblioteca é alcançada quando as portas fecham, algo que, frequentemente, não é normal, atravessando a cozinha do rés-do-chão do edifício, passando, de seguida, por uma passagem secreta do ossário, que é inserida no terceiro altar à esquerda, a partir do transepto da própria igreja."
MACLEOD, Roy M.; "The library of Alexandria : centre of learning in the ancient world"; 2010; p. 164

[75] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 23





Armários onde se guardavam os livros, Biblioteca Laurenziana.
ALONSO, Aurora Miguel; "La Biblioteca de El Escorial, según la descripción del P. Claude Clement, S. J."; 1993; p. 631
Detalhe de uma obra de taracea de Studiolo representando livros-Urbino, 1476
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; 1980; p. 108 e





O escriva Ezra, detalhe do *Codex Amiatinus,* fins do século VI, biblioteca Mediceo-Laurenziana, em Florença.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; 1980; p. 108
Biblioteca do Convento de São Francisco, Cesena, Itália: sistema adotado para colocação e apoio dos livros.
https://www.eduscapes.com/history/early/1300.htm

O autor A. Masson, no seu livro, afirma a criação de um percurso longo no qual se insere o espaço da biblioteca, mais concretamente ao centro do mesmo, assim como, reforça a importância da colocação de púlpitos ao longo do espaço da biblioteca.[76] Além disso, podiam possuir, também, escrivaninhas de variadas formas, nomeadamente circulares, hexagonais ou octogonais.

Para além do espaço e mobiliário dedicado ao armazenamento de livros, considerava-se a existência de espaços de trabalho que podiam ser desenvolvidos em mesas criadas para o efeito, continuando, assim, a prática dos "hábitos adotados pelos cânones, quando se realizava trabalho nas mesas de instalação primitiva, em frente às janelas, consultando os livros."[77]

Inicialmente, na extremidade Sul do edifício, os pilares encontravam-se elevados, por forma a evitar a humidade de Oeste.

O plano da Abadia de Saint Gall, elaborado em 820, na Suíça, numa época de grande desenvolvimento da atividade inteletual dos monges copistas, que se seguia pela tradição carolíngia[78], segundo a qual a biblioteca se organizava em dois pisos: "em baixo, o *scriptorium*, em cima, a biblioteca".[79] Deste modo, estipula um edifício a este do transepto norte e setentrional ao coro, no qual, os livros eram guardados em sótãos ou sobre os *scriptoriums*.

Segundo N. Pevsner, perante a 'Escala de Deus', a biblioteca cisterciense deveria ter 3 nichos.[80] Contudo, existiam espaços de biblioteca com um só nicho, como acontecia nos casos das abadias cistercienses de Inglaterra, como se trata do exemplo da Biblioteca em Clairvaux.[81]

Outros exemplos que se destacam são o da Abadia das Fontes, em North Yorkshire, construída no ano de 1150, a qual possuía dois nichos e um espaço destinado, estritamente, ao armazenamento de livros, a oeste da sacristia; também, a Biblioteca da Abadia de Tintern, em Monmouthshire, que, por sua vez, se compunha de duas salas para armazenar os livros, estando uma em cada lado da entrada para a sala do Capítulo.

[76] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 22

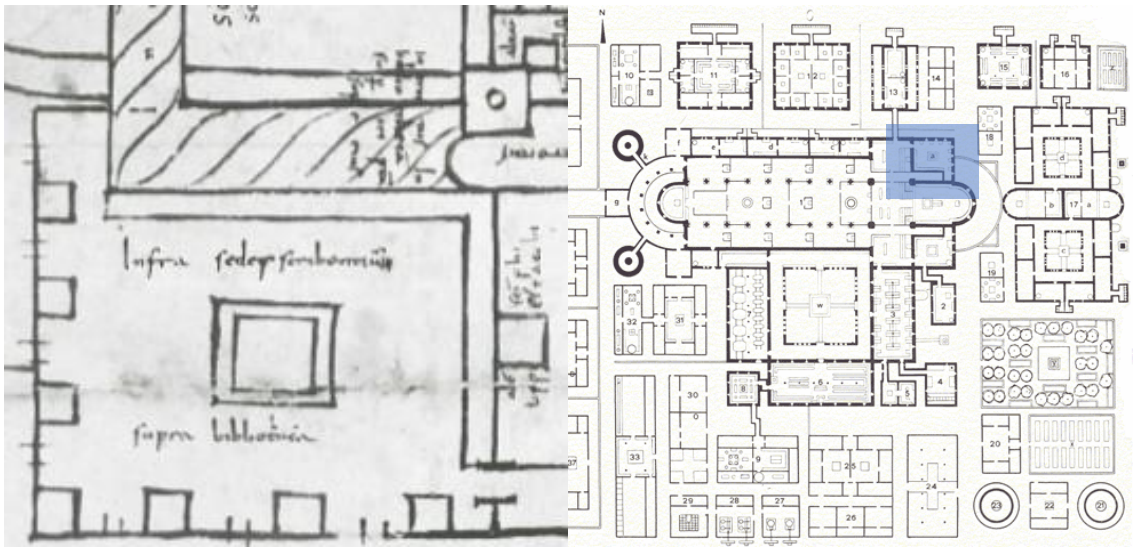
[77] *Ibid*; p. 28

[78] Renascimento Carolíngio – estilo arquitetónico praticado durante o reinado de Carlos Magno, iniciado nos anos 800 - https://www.infopedia.pt/$renascimento-carolingio

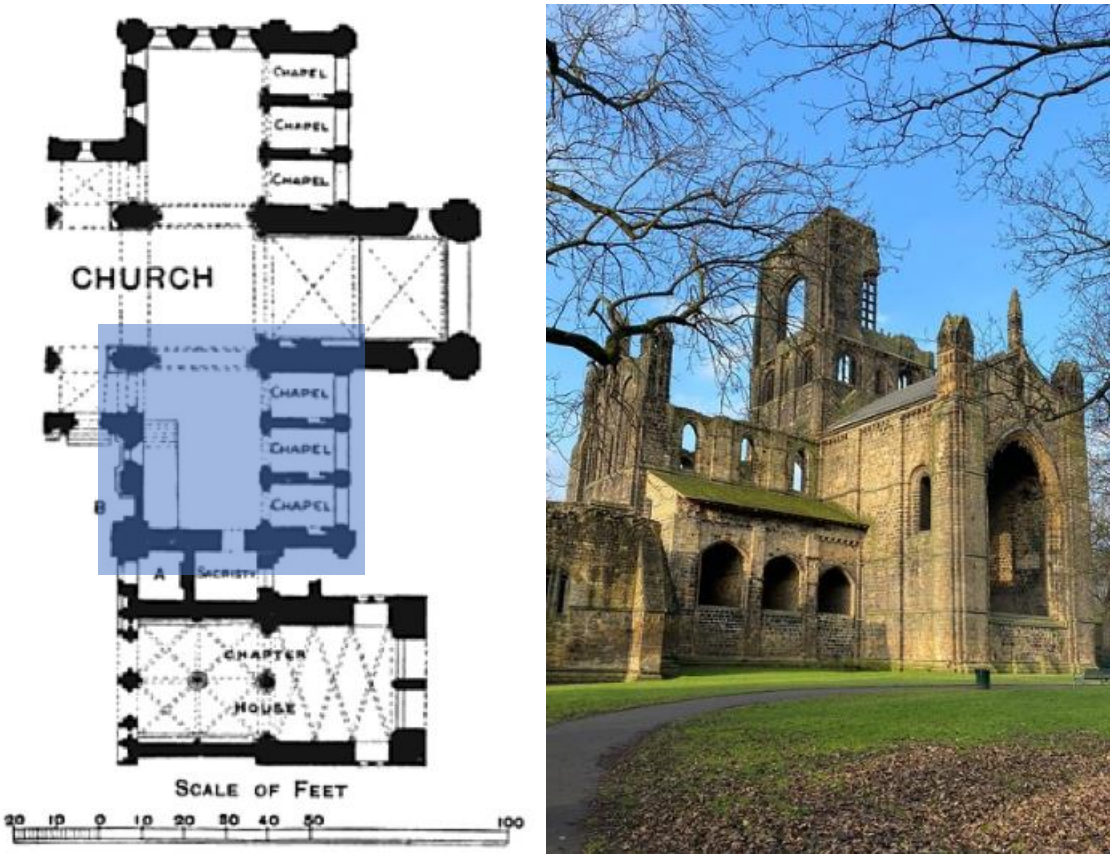
[79] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; 1980; p. 108

[80] A Ordem Cisterciense foi fundada no ano de 1128 e adotou a regra beneditina, cujo foco era o estudo e a escrita. https://iu.app.box.com/s/vxo6k5rxb76gqc6grnqdjrgji724l26d

[81] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; 1980; p. 109



Plano ideal para a abadia de Saint Gall, por volta do ano de 820, detalhe que mostra a biblioteca ao lado da ábside (Stiftsbibliothek, Saint Gall).
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; 1980; p. 108
Plano ideial de Saint Gall do Mosteiro suiço do séc. IX, desenho completo: assinalada a sala de escrita, no piso térreo, com biblioteca acima, no piso superior.
http://www.ipv.pt/millenium/Millenium27/20.htm



Planta parcial da Abadia de Kirkstall, em Yorkshire: exemplo de biblioteca situada entre a Igreja e a sala capitular.
https://www.eduscapes.com/history/early/1100.htm
Abadia de Kirkstall, em Yorkshire: ruínas.
https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g186411-d211821-Reviews-Kirkstall_Abbey-Leeds_West_Yorkshire_England.html#photos;aggregationId=101&albumid=101&filter=7&ff=424949718

A Biblioteca da Abadia de Furness, de 1200, em Cumbia, tratou-se de outro exemplo, cujo espaço da biblioteca estava inserida em duas câmras e situava-se junto à sacristia.

Em Itália, existia um exemplo de biblioteca inserida num mosteiro cisterciense, na qual os livros eram armazenados numa espécie de nicho inserido na parede do claustro. Trata-se do exemplo da Biblioteca de Fossa Nuova, em Terracina, região situada no Centro de Itália, com registo de construção datado entre os anos de 1187 e 1208.[82]

Um outro exemplo curioso, fora da Europa, é o da Biblioteca de Chinguetti, na Mauritânia, localizada na África Ocidental, construída durante o século XIII. É um tipo de biblioteca com espaços fechados, nos quais os documentos eram depositados em prateleiras que se destacavam das paredes.[83]

Um dos exemplos mais antigos e bem conservados desta tipologia e no âmbito das bibliotecas de catedral é a Biblioteca do Capítulo da Catedral de Puy, em França, da qual, afirma A. Masson, existir uma referência que confirma a existência de uma "sala do século XIII, dependente da catedral"[84]. Encontrava-se localizada no rés-do-chão, sendo paralela à galeria ocidental do claustro.

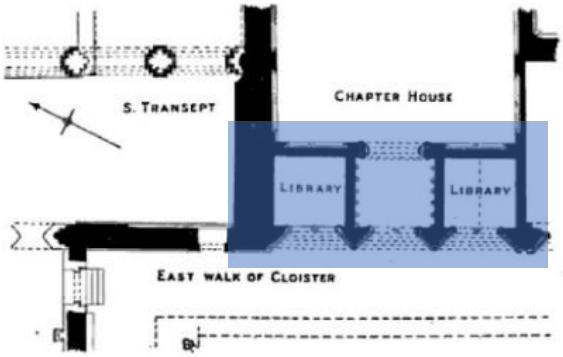
Mais tarde, já no decorrer do século XV, é transferida para o primeiro piso, tornando-se isolada, devido a um acréscimo de galerias no claustro. Contudo, "conserva inscrições relativas à existência de púlpitos, anteriormente colocados perpendicularmente às janelas."[85]

A biblioteca em Christendom, fundada em 1327, constitui um dos exemplos que melhor caracteriza a nova fase desta tipologia, sendo considerada a maior deste tempo e da região, com 56 salas, 4 delas heptagonais, 52 quadradas, quase trapezoidais, 24 delas situam-se em 4 grandes torres. Trata-se de um modelo de biblioteca que R. M. Macleod, no seu livro, compara com a Biblioteca de Alexandria no que cabe à sua natureza e propósito.[86]

Umberto Eco refere-a como sendo labiríntica e sem saída, mas na sua génese reside a ideia da harmonia celestial.

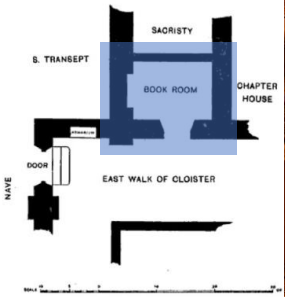
"Os labirintos presentes nos pisos das igrejas medievais eram conhecidos como «caminhos de Jerusalém» ou «Jerusalém» ou «Cidade de Deus»". (…).[87]

[82] https://www.eduscapes.com/history/early/1100.htm
[83] https://www.eduscapes.com/history/early/1200.htm
[84] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 49
[85] *Ibid*; p. 22
[86] MACLEOD, Roy M.; "The library of Alexandria : centre of learning in the ancient world"; 2010; p. 163
[87] *Ibid*; p. 172



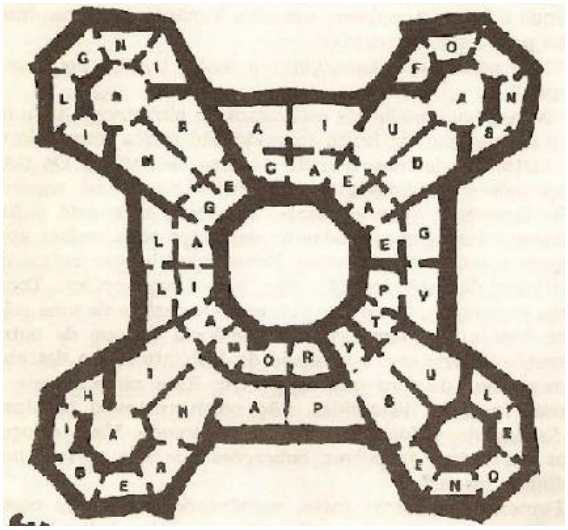


Planta parcial da Abadia de Furness: exemplo de biblioteca junto à sacristia.
https://www.eduscapes.com/history/early/1100.htm
Abadia de Furness: ruínas.
https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g190821-d796005-Reviews-Furness_Abbey-Barrow_in_Furness_Lake_District_Cumbria_England.html#photos;aggregationId=101&albumid=101&filter=7&ff=329125545



Biblioteca de Fossa Nuova: compartimento para colocação de livros; planta.
https://iu.app.box.com/s/vxo6k5rxb76gqc6grnqdjrgji724l26d
Biblioteca de Chinguetti, África: estantes com documentos da época.
https://www.eduscapes.com/history/early/1200.htm





Planta da Biblioteca de Christendom.
https://www.researchgate.net/figure/Mapa-da-Biblioteca-de-O-Nome-da-rosa-p-366_fig2_26444600
https://cruzilhadas.pt/nome-da-rosa/
Biblioteca de Christendom: zona de depósito de livros e sala de leitura.
https://www.researchgate.net/figure/Mapa-da-Biblioteca-de-O-Nome-da-rosa-p-366_fig2_26444600
https://cruzilhadas.pt/nome-da-rosa/

Entretanto, nasce um novo estilo, o Renascimento. Com ele, surge uma nova política de organização das bibliotecas inseridas nos mosteiros, que retoma o conceito elaborado no plano de Saint Gall, segundo o qual, a área dirigida à leitura e pesquisa situava-se acima da área de cópias.[88] Tratou-se, também, de um estilo durante o qual se adotou "um léxico ou abecedário extraído da antiguidade romana, de modelos existentes nas ruínas e nos ensinamentos de Vitrúvio."[89] Assim se refere J.R. Triadó a esta nova época caraterizada pela razão e por uma maior valorização do Homem como ser humano terreno:

Nasce um novo conceito urbanístico, e o palácio, do mesmo modo que a Igreja, organiza o espaço urbano, com outras instituições, e nascem, sobretudo, o quadro e a escultura como objetos móveis de adorno, de comunicação e de luxo, anteriormente reservados apenas para o interior dos templos.[90]

No século XV, estes equipamentos ganham particular importância, assistindo-se à construção de edifícios que se destinavam a albergar bibliotecas. Estes eram longos, com salas estreitas iluminadas por janelas altas. A forma das salas foi desenhada para o maior uso possível de luz natural e os livros localizados entre janelas, para que a luz entrasse diretamente para a zona de consulta. Segundo, M. H. Harris, algumas instituições religiosas começam a construir edifícios para bibliotecas separados dos mosteiros.[91]

O primeiro exemplo, localizado na região de Somerset, é a Biblioteca da Catedral de Wells, que foi concluída em 1407. Foi incorporada em duas salas estreitas a este do claustro, com janelas ao longo de uma das paredes e estantes colocadas perpendicularmente a estas. Segundo uma referência ao autor Williams, na sua obra de 1897, "os livros eram fechados por divisórias ou telas e trancados para evitar furtos".[92]

Outro exemplo a salientar é a Biblioteca da Catedral de Gloucester, contruída entre 1370 e 1412. Como foi mencionado anteriormente, este foi um dos exemplos no qual se introduziu o sistema de *carrels*[93], em pedra, nas paredes e contendo cadeiras, promovendo a escrita individual, como que se tratassem de 'pequenos *scriptoriums*' ao longo do espaço bibliotecário. Sobre estes e no mesmo alinhamento, janelas de grande dimensão iluminam o interior da sala da leitura.[94]

[88] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 108

[89] TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: O Despertar do Renascimento"; 2007; pág. 42

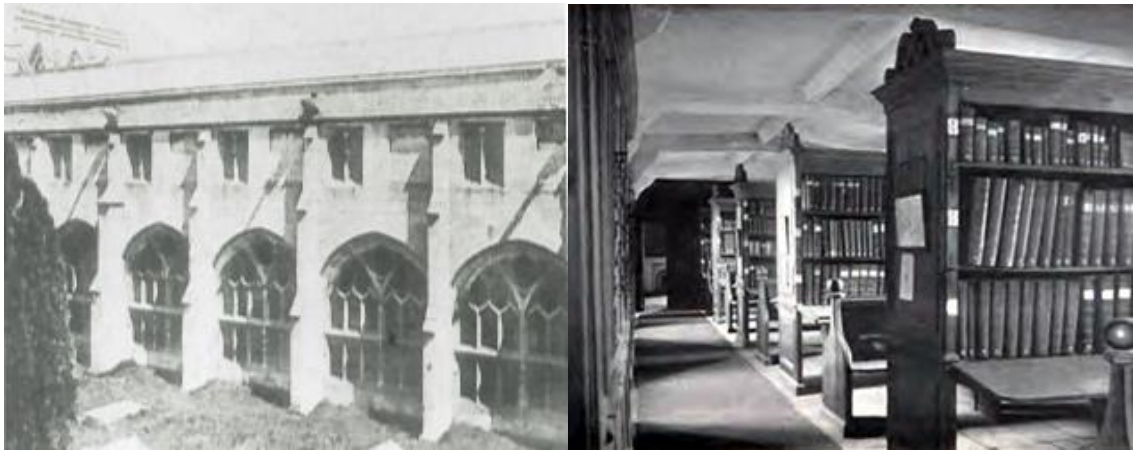
[90] *Ibid*; pág. 15

[91] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 102

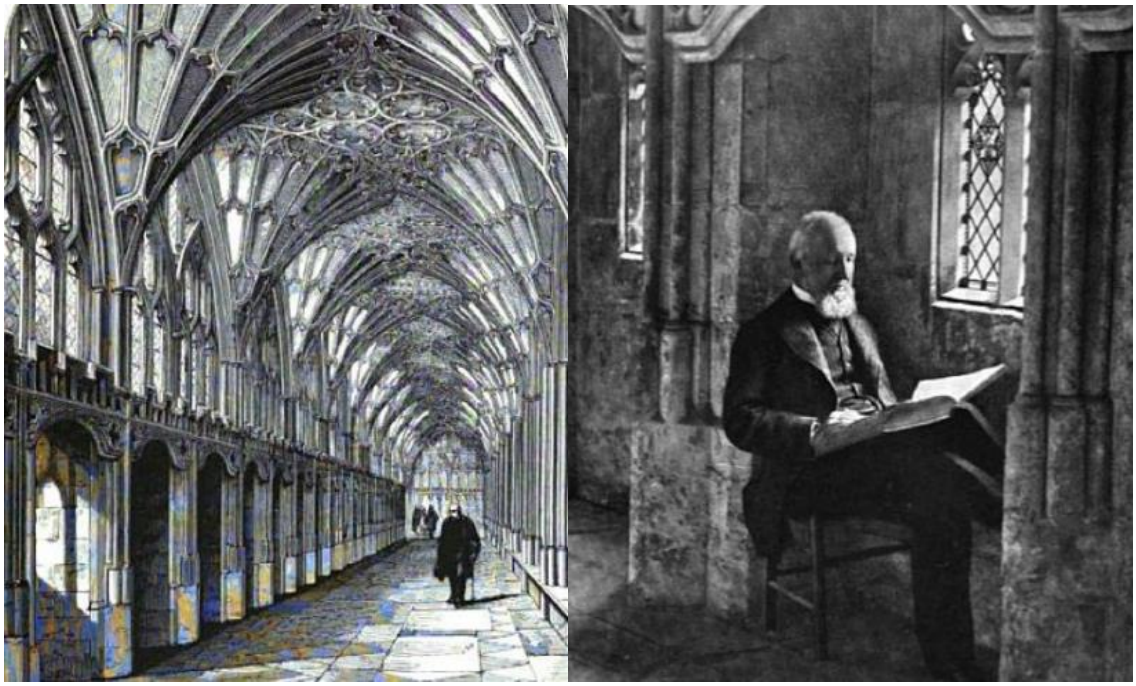
[92] https://www.eduscapes.com/history/early/1400.htm

[93] Os *carrels* eram espaços de leitura situados em recantos das bibliotecas, ao estilo de nichos ou alcovas para trabalhar, geralmente localizados do lado junto da igreja.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; 1980; p. 109

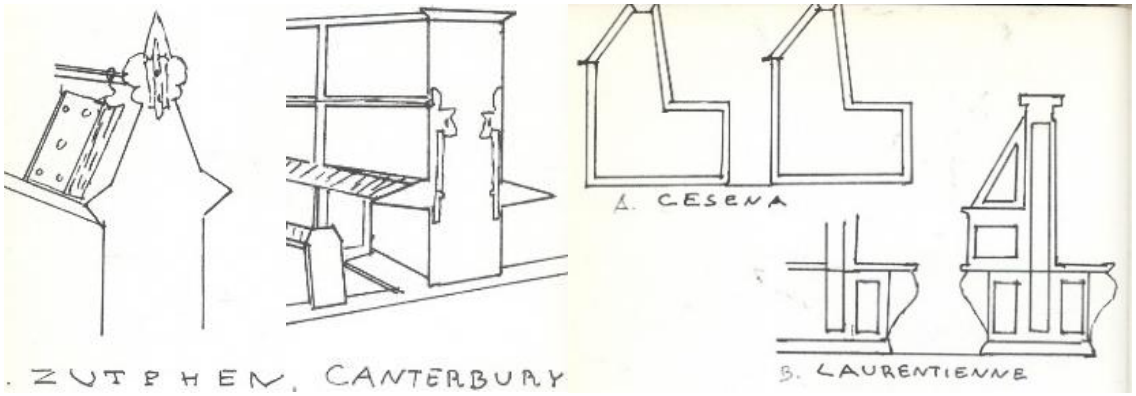
[94] https://www.eduscapes.com/history/early/1300.htm



Biblioteca da Catedral de Wells, 1425 (aproximadamente).
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; 1980; p. 109
Biblioteca da Catedral de Wells: sala de leitura.
https://www.eduscapes.com/history/early/index.htm



Biblioteca da Catedral de Gloucester: células do claustro.
https://www.eduscapes.com/history/early/1300.htm



Desenhos esquemáticos de alguns exemplos de "carrels".
MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 58

Devido a um grande aumento de volumes, durante os séculos XIV e XV, algumas bibliotecas acabaram por serem movidas para outros edifícios ligados a catedrais, como acontece no exemplo da Biblioteca da Catedral de York, situada em Inglaterra. M. H. Harris, afirma que a sua construção terminou no ano de 1421 e que a biblioteca passou a organizar-se em dois pisos, com uma zona superior para colocação de livros e outra inferior para consulta e estudo. Possuía, ainda, escrivaninhas circulares, hexagonais ou octogonais.[95]

Ainda em Inglaterra, destaca-se a biblioteca da Catedral de Lincoln, construída entre 1420 e 1425. Segundo pesquisas realizadas, originalmente, esta biblioteca encontrava-se alojada junto a um hall da catedral.[96] Possuía três assentos com extremos iguais aos bancos da igreja e um apoio superior com relevos quádruplos[97]. Este sistema gastava muito espaço e, com o aumento de livros, passou-se a colocar uma espécie de 'capas' sobre os púlpitos[98], formando assim, espaços em forma de caixa, como acontecia, também, no exemplo da Biblioteca da Catedral de Canterbury, construída entre os anos de 1414 e 1443, e a qual, segundo N. Pevsner, possui proporções aproximadas às da Biblioteca de Lincoln e, em cujo espaço bibliotecário, se introduziu o mesmo sistema. No entanto, a difusão deste sistema acentuou-se mais na época pós-medieval, adotando o nome de "sistema de manjedoura".[99]

Como corrobora S. Bieri:

Sansovino escolheu abordar a tarefa de uma "estrutura de biblioteca" como um "exercício de dedos" arquitetónico, baseado em modelos da arquitetura antiga. Em contraste com a simplicidade e funcionalidade da Biblioteca Malatestiana, Sansovino transformou o considerado armazém do conhecimento num anfiteatro semiaberto.[100]

A Biblioteca Malatestiana, da autoria de Malatesta Novello, localizada em Cesena e construída entre 1447 e 1452, possuía uma sala longa, isolada, com 20 janelas à esquerda e à direita e organizava-se segundo um esquema de nave central e alas laterais.[101] Segundo J. Campbel, «Isto é o mais próximo que se pode encontrar de como uma biblioteca medieval se parecia."[102]

[95] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 102

[96] https://www.eduscapes.com/history/early/1400.htm

[97] Na época, este estilo de relevo representava um símbolo cristão. O número 4 é ligado ao símbolo da cruz e remete para para a perfeição e universalidade. Também podia simboliza os 4 evangelistas.
https://www.dicionariodesimbolos.com.br/numero-4/

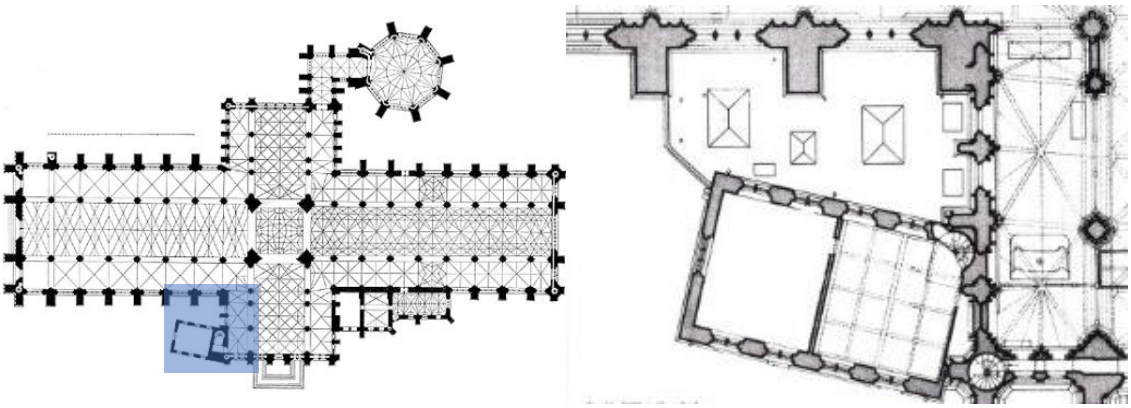
[98] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; pág. 110

[99] Este sistema consistiu numa organização de dois espaços separados, unidos em forma de caixa, situados numa zona iluminada por uma mesma janela.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; pág. 110

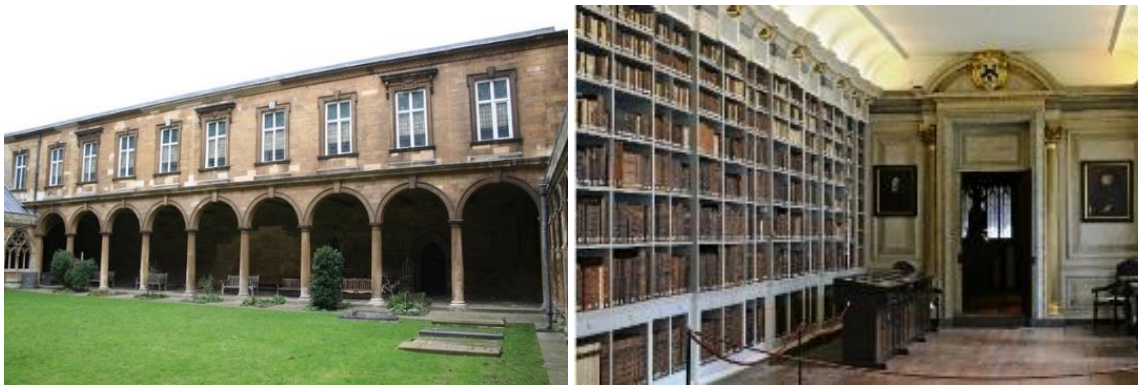
[100] BIERI, Susanne; "Biliotheken bauen: tradition und vision = Building for Books: traditions and visions", 2001; p. 23

[101] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; 1980; pág 111

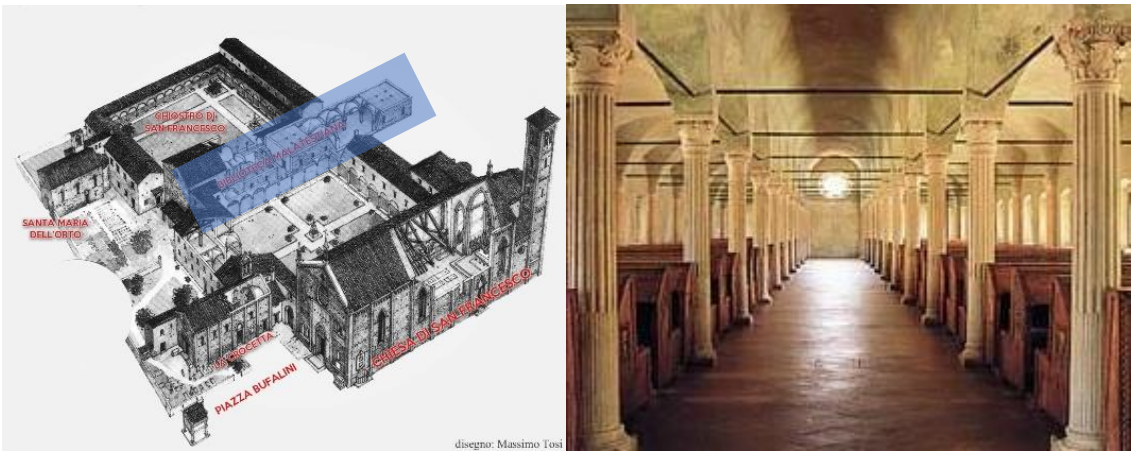
[102] CAMPBELL, James; "A Biblioteca: Uma História do Mundo"; 2015, in https://edition.cnn.com/style/article/most-beautiful-libraries-in-the-world



Biblioteca da Catedral de York, Inglaterra, 1421: planta geral
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:YorkMinsterPlanDehio.jpg
Pormenor do volume da biblioteca.
https://hoaportal.york.ac.uk/hoaportal/yml1414essay.jsp?id=20



Biblioteca da Catedral de Lincoln, em Inglaterra, 1420-1425: alçado ritmado; sala de leitura.
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/66/Wren_Library_-_geograph.org.uk_-_127737.jpg
https://lincolncathedral.com/education-learning/the-library/



Biblioteca Malatestiana, de Cesena, anos de 1447-1452: axonometria geral do piso da Biblioteca.
http://cesenadiunavolta.it/i-misteri-della-chiesa-di-san-francesco/
Sala de leitura.
http://cesenadiunavolta.it/i-misteri-della-chiesa-di-san-francesco/
https://www.pinterest.pt/pin/331859066262193458/?nic_v1=1aOLO7BXa1B8whZulaViDVC2JQKIwXKcRh%2FasFGxr5odBJJFP6Yg6FhbKYbVuez4hi

Já em França, no caso da Biblioteca do Capítulo da Catedral de Troyes, assim como no conjunto das bibliotecas francesas do século XV, adotava-se um desenvolvimento organizado a partir de um plano retangular, com sete baías, 14 janelas a este e a oeste, duas salas contíguas, um corredor com teto de laje com 10 metros de altura, interrompido de início e servindo de vestíbulo. Para facilitar o acesso à ala principal, a porta era colocada no extremo do vestíbulo. Mais tarde, durante o século XVI, o edifício é transformado, tornando-se mais flexível espacialmente, como explica A. Masson:

O edifício de Théologale, no prolongamento do transeto da Catedral de Troyes, não foi construído por Raguier, entre 1478 e 1479, para a biblioteca. A sua construção é anterior a essa data, em cujo rés-do-chão se insere a sala de reuniões do capítulo e, sobre este, a "velha biblioteca", cuja existência remonta ao ano de 1422. Este edifício foi, ainda mobilado e modernizado entre os anos de 1526 e 1527.[103]

A biblioteca do capítulo da Catedral de Noyon, de 1507, em França, situava-se num edifício isolado, de forma retangular. No que respeita a este tipo de bibliotecas, A. Masson salienta "a grande originalidade da biblioteca do Capítulo, merecedora de grande atenção por parte dos seus visitantes, destacando-se a silhueta aérea que suporta o piso superior através de pilares que não conectam com a laje, transformando o piso do rés-do-chão numa espécie de pátio coberto."[104] As vigas que se projetavam para o exterior serviam de suporte, não só do edifício, mas também, da fachada de madeira, ao estilo 'cantilever'[105].

Entretanto, em Espanha, encontra-se a Biblioteca do Mosteiro de Santes Creus e um dos mais emblemáticos exemplos desta tipologia que se trata do El Escorial. O equipamento foi projetado pelo arquiteto Juan de Herrera. Já a biblioteca foi construída à volta de 1567, com uma escada do tipo Imperial e uma sala alongada com estantes baixas. Os púlpitos que aqui existiam seriam, mais tarde, substituídos por estantes de parede. Este foi o exemplo cuja dimensão se carateriza por "estantes colocadas apenas ao longo da parede, ou paredes, o que, arquiteturalmente, proporciona uma grande amplitude espacial na *Saal* ou sala de leitura. Só assim a sala passa a dominar o mobiliário."[106] Esta biblioteca apresenta-se como um exemplo inovador, estabelecendo um modelo de "utilizar livros para decorar as paredes da biblioteca (...) O salão principal é uma combinação harmoniosa de estantes de livros e de um teto maravilhosamente pintado", assim resume Will Pryce, no livro de James Campbell.[107]

[103] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 33

[104] *Ibid*; p. 24

[105] O termo 'cantilever' dá nome a um tipo de estantes caraterizadas por um desenho simplificado de prateleiras alongadas, dispostas em colunas e com medidas que podem ser variadas, conseguindo, assim, reunir quantidades de livros consideráveis. - https://www.mecalux.pt/estantes-outros-sistemas/estantes-cantilever

[106] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 113

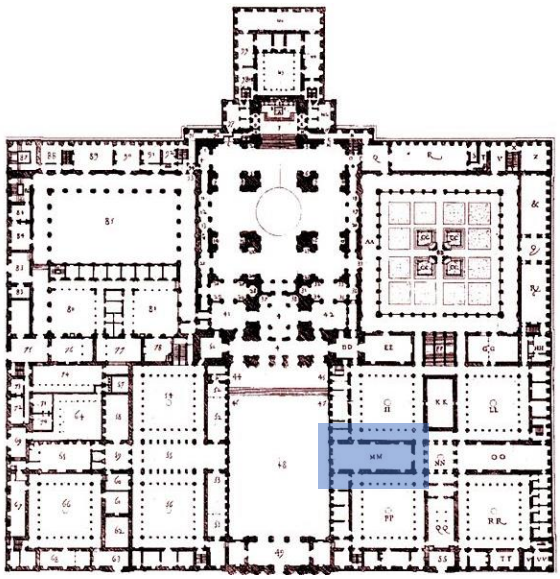
[107] CAMPBELL, James; "A Biblioteca: Uma História do Mundo"; 2015, in https://edition.cnn.com/style/article/most-beautiful-libraries-in-the-world



Biblioteca do capítulo da Catedral de Noyon, em França, 1507
https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g1021490-d4739466-Reviews-Noyon_Cathedrale_et_Bibliotheque-Noyon_Oise_Hauts_de_France.html#photos;aggregationId=101&albumid=101&filter=7&ff=347334805



Biblioteca do mosteiro de Santes Creus, Espanha: claustro; biblioteca – sala de escrita.
https://www.escapadarural.com/que-hacer/aiguamurcia/real-monasterio-de-santes-creus#





Biblioteca El Escorial, aproximadamente do ano de 1567, de Juan de Herrera: planta geral do piso 0 e ampliação.
https://el-escorial.com/wp-content/uploads/2015/04/El-Escorial-Groundplan.jpg
Sala de leitura.
https://snapwidget.com/v/sw/2099449451483822302_2057794689

Considerada a mais sumptuosa biblioteca do renascimento é a Biblioteca Marciana, também de Sansovino e localizada em Veneza. A sua construção foi iniciada em 1536, a sua conclusão ocorreu entre 1581 e 1583. Conhecida, também, como Libreria Vecchia de la piazzeta de Veneza, a biblioteca propriamente dita e a sua entrada ocupava, apenas, menos da metade Norte do piso superior. O edifício, no qual se inseria a biblioteca, possuia um alçado caraterizado por um jogo de vãos que degradavam a luz até à sombra do interior. O resultado era uma fachada em profundidade, teatral, que, segundo G. Luigi estabelecia uma harmonia com a excecionalidade do local urbano onde se insere e diante do palácio ducal.[108] O arranjo de colunas, tendo em conta a sua simultânea transparência e opacidade[109] como edifício, consegue responder a condições estáticas e estruturais pela construção escultórica, comungando a construção com um tipo de decoração opulente.

Já a Biblioteca Vaticana foi considerada "A primeira reação positiva à biblioteca do El Escorial, (…), construída entre 1587 e 1588, do outro lado do pátio de Belvedere, por Domenico Fontana". Apresentava-se com uma sala de comprimento considerável, com cerca de 235 pés de comprimento, um pouco maior do que a do El Escorial, com 213 pés. "As estantes são baixas e possuem sólidas portas de madeira."[110]

Mais tarde, no ano de 1645, os livros passam a ser colocados sobre púlpitos e depois em armários de parede, algo que acontecia, não só no exemplo da Biblioteca Vaticana, mas, também, noutras bibliotecas renascentistas.

Já em inícios do século XVII, a biblioteca de Ambroisienne, fundada pelo Cardeal Federigo Borromeo, entre os anos de 1603 a 1609, e situada em Milão, compunha-se por uma longa sala principal, cercada de estantes e, na qual, pela primeira vez, as mesmas cobriam todas as paredes, na sua totalidade, existindo um acesso às estantes superiores através de escadas de mão. Deste modo, o seu rendimento aumenta, através de uma nova forma de sobrepor dois níveis de estantes de parede, sendo que o segundo nível passa a ser acedido por uma pequena galeria de circulação, com acesso por uma escada de ângulo.

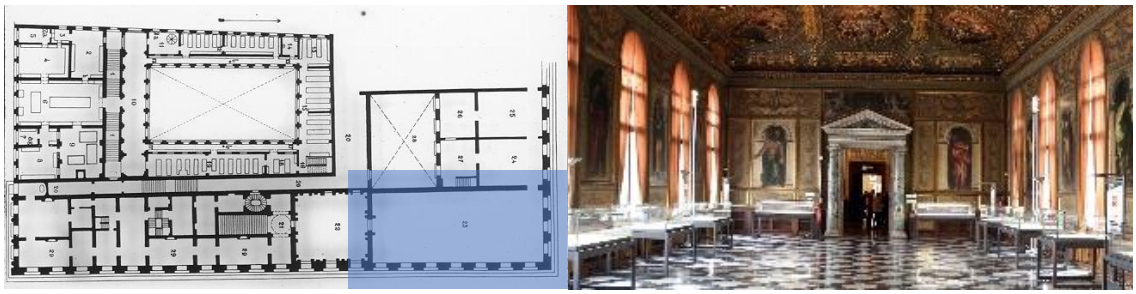
Segundo N. Pevsner, uma morte acidental leva à substituição dessa escada por uma galeria. Deste modo, criou-se galeria ou varanda a meia altura, de modo a solucionar a pouca comodidade, e até perigosidade, no acesso ao nível superior.[111]

[108] LUIGI, Gilbert; "A arquitectura na Europa : da Idade Média ao século XX"; 2004; p. 53

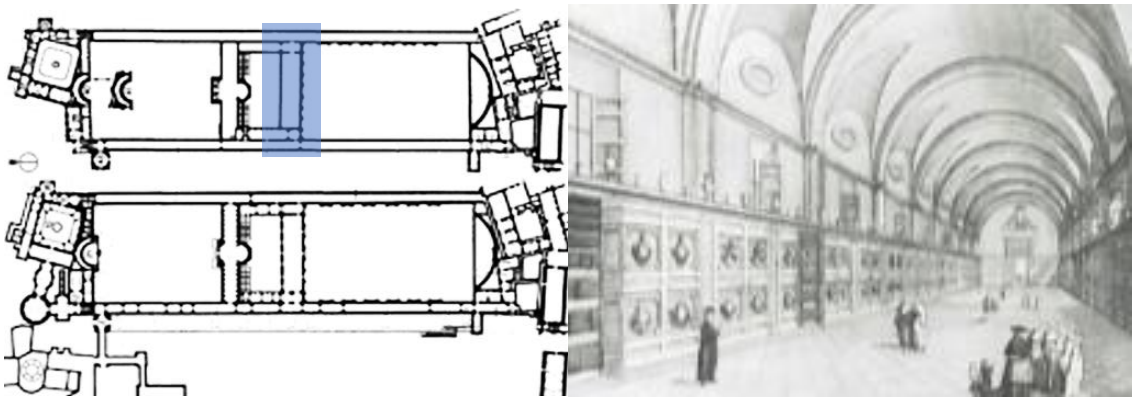
[109] "Facto comparável ao paralelismo entre linhas opacas e semitransparentes que, por meio de ornamentação serigráfica, representam, também, uma ligação entre decoração e componentes estruturais, com efeito no exterior do edifício." – BIERI, Susanne; "Bilioteken bauen: tradition und vision = Building for Books: traditions and visions", 2001; p. 24

[110] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 114

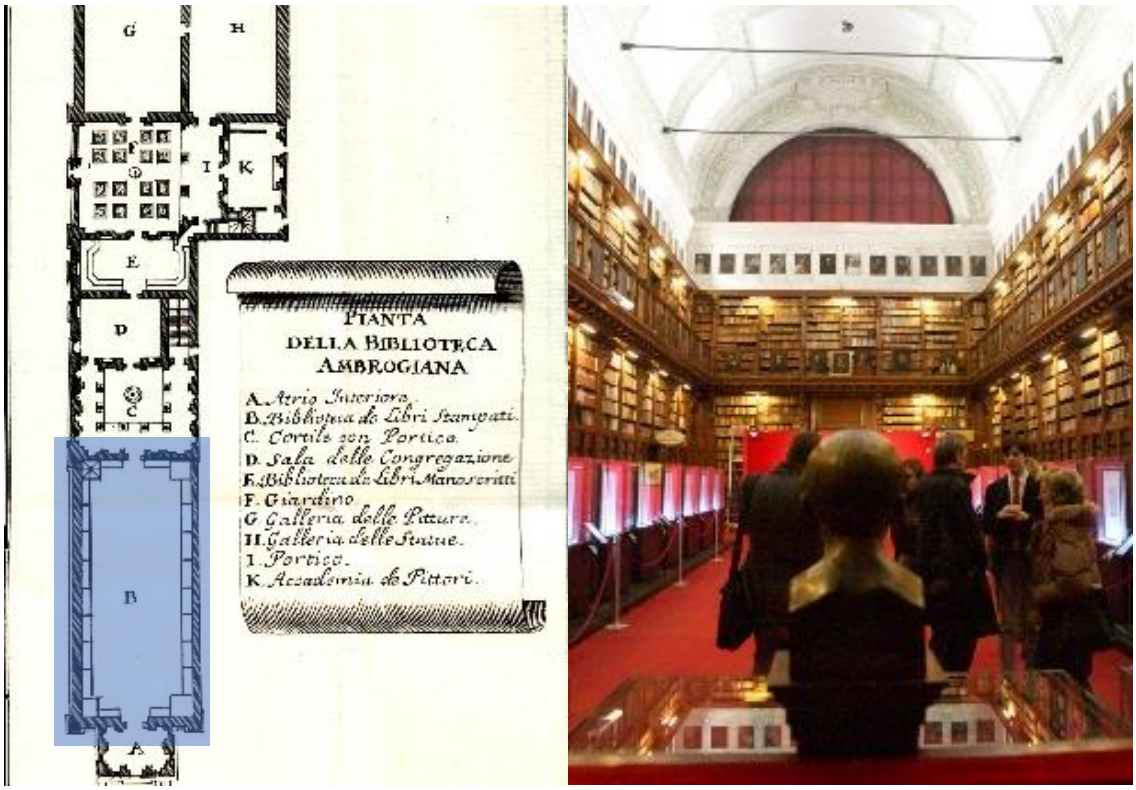
[111] *Ibid*; p. 113



Biblioteca Marciana, anos de 1536-1583, em Veneza, de Jacopo Sansovino: planta geral.
http://www.ib.hu-berlin.de/~wumsta/Milkau/316-2.jpg
Sala de leitura.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Biblioteca_marciana,_sala_di_lettura_01.jpg



Biblioteca Vaticana, anos de 1587-1588, em Roma, de Dominico Fontana: planta geral do piso da Biblioteca.
https://sacredmattersmagazine.com/the-sacred-and-the-secular-in-the-vatican-museum/
Sala de leitura.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 113



Biblioteca Ambrosiana, anos de 1603-1609, em Milão, de L. Buzzi e continuada por A. Tesauro: planta geral.
https://docplayer.org/43804488-Mittwoch-romreise-romreise-absolute-objektive-subjektive-vernunft.html
http://www.storiadimilano.it/repertori/latuada/volume4/latuada4.jpg
Sala de leitura e trabalho.
http://ttnotes.com/biblioteca-e-pinacoteca-ambrosiana.html

No plano de Claude Clément, a biblioteca ideal devia edificar-se num plano elevado, exposta à luz e aos ventos favoráveis, com relação entre interior e exterior, bem como com a natureza.

A biblioteca idealizada por C. Clément é uma sala retangular, com suas paredes seccionadas por colunas adossadas tal que, em vez de servirem para uma função estritamente arquitetónica, criam espaços nos armários onde são colocados os livros e delimitam a decoração pictórica. A sala conta com catorze colunas nos lados maiores, como orientação norte e sul, e cinco nos lados menores, com orientação este e oeste. Num dos seus lados menores, no lado ocidental, situa-se a porta de entrada; no lado oposto, encontram-se as imagens monumentais de Cristo crucificado e da Virgen Santíssima. A iluminação adquire-se através de três janelas na parede oriental, nos espaços entre as colunas não ocupados pelas imagens de Cristo e da Virgen, e outras duas janelas nas paredes norte sul, entre a quarta e a décima primeira colunas. Aqui transgridem-se os princípios de Vitrúvio, que explicitamente defendia a necessidade das bibliotecas se orientarem para Levante, para que a luz pudesse entrar exclusivamente por Oriente.[112]

No seu artigo J. M. Santos afirma que as bibliotecas medievais, inicialmente, eram apenas um prolongamento das bibliotecas da Antiguidade, uma vez que os seus usuários pertenciam a um grupo específico e selecionado e o acesso era fechado ao público em geral. Já os fundadores das bibliotecas renascentistas interessavam-se, veemente, pelas grandes bibliotecas da Antiguidade.[113] É neste contexto que, com o despertar do Renascimento, surge uma nova atitude perante o conhecimento, não totalmente desligada da religião e promovendo mais as ciências e a cultura, sem menosprezar o ambiente de reflexão e a proximidade com a oração. Além disso, o facto de se localizarem nos centros das cidades, configurava-lhes o caráter de instituição urbana, promovendo o seu caráter público.

O aumento circunstancial de volumes que se verificou durante esta época, levou várias bibliotecas da época a adotar outros sistemas de armazenamento dos livros.

Como corrobora M. Harrs:

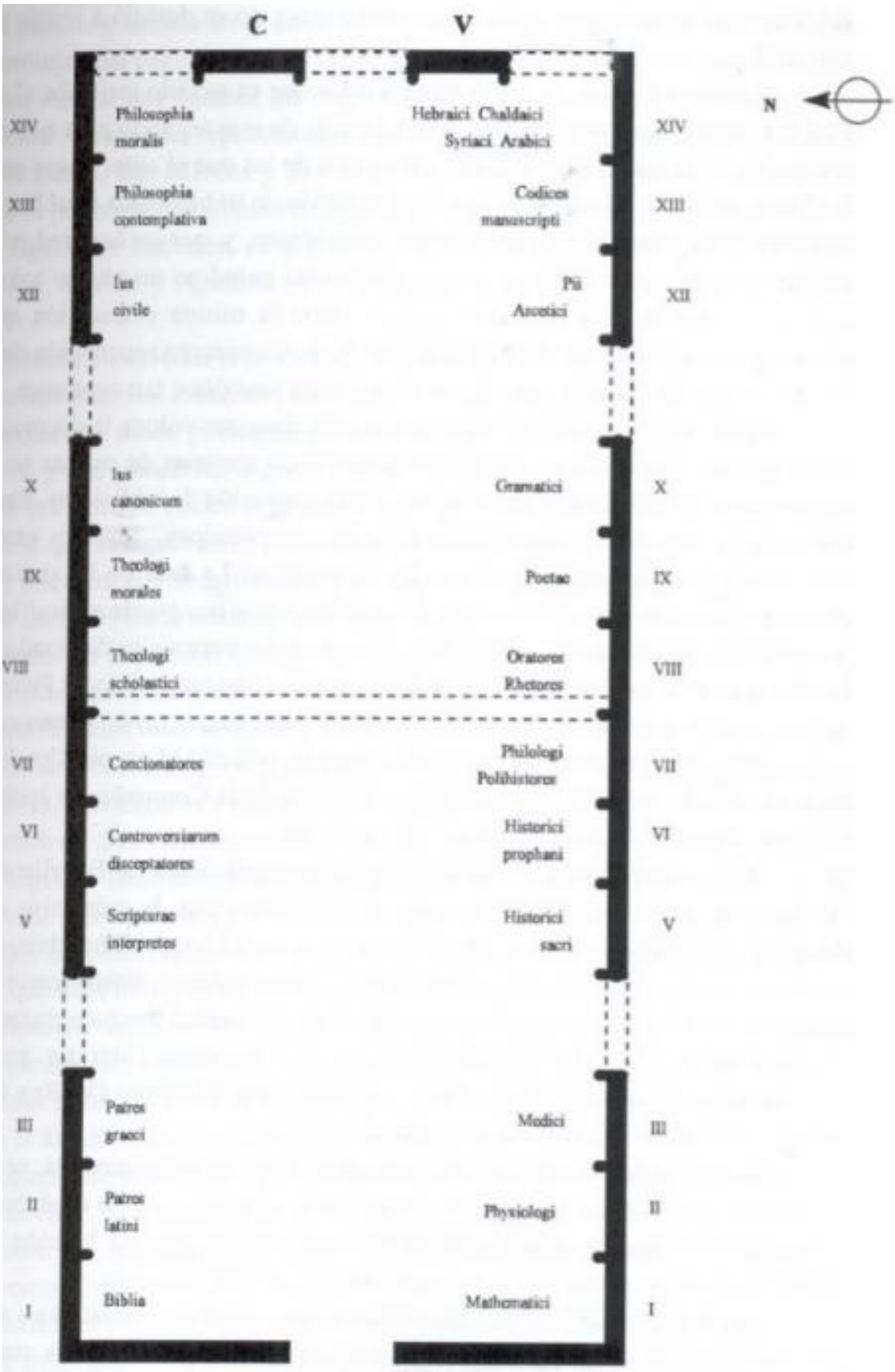
Como o número de livros não parava de aumentar, começaram por ser retirados do baú de livros e colocados em estantes combinadas, dispostas em salas compridas e estreitas, de modo a aproveitar ao máximo a luz natural.[114]

Assim, muitos manuscritos passaram a ser conservados em estantes de madeira presas com metal, na parte superior das mesmas. A adição de elementos de suporte e nichos tipo molduras de janelas cegas aliviavam a tensão sobre fundações frágeis.

112 AURORA, Miguel Alonso; "La biblioteca de los reales estudios de San Isidro de Madrid: su historia hasta la integración en la Universidad Central"; 1996; p. 58

113 SANTOS, Josiel Machado; "O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento" in Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo; 2013; p. 183 e 186

114 HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 102

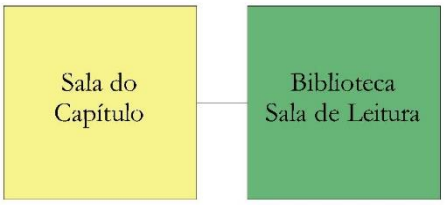


Reconstrução do plano da biblioteca ideal de Claude Clément. C e V correspondem a imagens de Cristo e da Virgem Maria. AURORA, Miguel Alonso; "La biblioteca de los reales estudios de San Isidro de Madrid: su historia hasta la integración en la Universidad Central"; 1996; p. 59

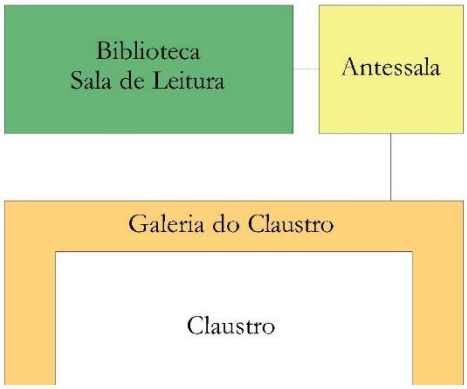
Após a investigação desenvolvida, em síntese podemos afirmar que, a biblioteca medieval não se tratava de um edifício simples: era grande o suficiente para ser vagueada por quase 4 horas e complicada, a ponto de se tornar quase labiríntica. Os edifícios eram de grande escala, com salões de leitura, janelas ao nível dos olhos dos leitores, possuíam acessos por via de grandes escadas.

Os espaços destinados a serem salas de biblioteca, bem como os novos edifícios criados para esse efeito ganham uma maior escala e sumptuosidade espacial e decorativa, valorizando o espaço da biblioteca como o centro do conhecimento inteletual da população.

Não é o edifício em si que condiciona a colocação e disposição dos livros, mas sim a maneira de colocar os livros sob o olhar dos leitores. É isto que determina a largura e a altura das galerias, o espaçamento das janelas e todo o ambiente. O desenho arquitetónico contribui, assim, para uma maior e mais cuidada organização das áreas de leitura e escrita., bem para uma estratégica de colocação dos livros, situando estes mais próximos, ou até introduzidos, nos locais de trabalho.



Nas bibliotecas medievais as salas podiam ser antecedidas, ou não, por uma antessala de acesso à principal, com relação, também, com o claustro próximo do mosteiro ou catedral onde se inseriam. Este desenho prolongou-se pelo Renascimento, até à altura em que as salas de biblioteca se tornam independentes dos mosteiros e catedrais, para fazerem parte de outros edifícios, dos quais se apresentam como o espaço mais importante e caraterizante desses mesmos edifícios. O equilíbrio das forças estruturais, dada a limitação estrutural do vestíbulo da biblioteca, configurava qualidade espacial e promovia a principal sala com uma digna antessala, tratada como espaço exterior.



5.7. Do Barroco, ao Rococó e ao Neoclássico

Desde a época medieval, a biblioteca é comparada com uma basílica: os edifícios que continham uma biblioteca conservavam uma forma oblonga com um grande corredor e com paredes intermináveis de livros que podiam ser consultados. Algumas das bibliotecas medievais, vão sofrendo alterações e adaptações às necessidades da nova época. O aumento de público acedendo ao conhecimento, na época renascentista, justificou o surgimento de numerosas bibliotecas, facto que não se centrou apenas em edifícios individuais/isolados, mas também, em conjuntos de edifícios, bem como em grupos de bibliotecas.

Mais à frente, já no período renascentista, a ideia de conseguir uma unidade espacial acompanhava a elaboração de novas propostas arquitetónicas, como meta a atingir. Este conceito de unidade ganha força no despertar do novo estilo, o Barroco.

Surgindo depois do Renascimento, este estilo tem caraterísticas muito próprias como, por exemplo, a amplitude, o movimento, o exagero das formas e a teatralidade.[115]

Desde o último quarto do século XVI até meados do século XIX, algumas bibliotecas passaram a ter estantes repletas de livros que cobriam as paredes e possuíam um pé direito suficientemente alto, de modo que era necessário escadas amovíveis para se poder aceder aos livros situados nas estantes superiores, ou até mesmo, escadas fixas, através das quais se alcançavam as galerias de acesso às estantes mais altas.

Durante os séculos XVII e XVIII, a decoração das bibliotecas inspirava-se nos temas de Clément, que consistia em substituir as colunas entre as baías das estantes de parede por cariátides que representavam os hereges esmagados pelos doutores da Igreja. Neste contexto, importa referir o facto de, no século XVIII, as bibliotecas manterem a sua forma alongada e se encontrarem inseridas em mosteiros e palácios.

Outro aspeto a destacar é o facto de o desenvolvimento da arquitetura civil ter sido desenvolvido paralelamente à arquitetura religiosa, o que, segundo J. R. Triadó, contribuiu para que os artistas responsáveis arriscassem formas arquitetónicas mais especulativas, não só a nível espacial, mas também no desenho de fachadas dos edifícios.[116]

Assim, a linguagem barroca assume-se como "uma nova formulação de soluções já encontradas. O que é verdadeiramente surpreendente é que, apesar das dependências, é original."[117]

[115] https://pt.slideshare.net/siba73/o-barroco-1042710

[116] TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: O Despertar do Barroco"; 2007; p. 65

[117] *Ibid*; p. 76



Biblioteca do Mosteiro de St. Florian, Áustria
https://id.pinterest.com/pin/427138345906251114/?nic_v1=1aMjyVdDQAeDczTyYZ%2BG56%2FPei7LeSIsFUZcyzYKxFGI7L%2F6LuqTgulU7QgoS6eWR8
Biblioteca Municipal de Direito, Munique, Alemanha.
https://id.pinterest.com/pin/775182154590398293/?nic_v1=1am8PI%2F3VBcwnpboGKjGL%2FmIPH0AyUBLjL9HLekpOzbmmSGZ24JSDYy0MZkSPzjChi



Biblioteca do Mosteiro de Metten, Baviera, Munique, Alemanha, 1830: destaque para as 'cariátides' que estruturam e suportam o teto do salão.
https://lsoares.blogs.sapo.pt/898702.html
Biblioteca Clementinum, Praga, República Checa, 1722: destaque para as colunas torcidas.
https://www.queroviajarmais.com/bibliotecas-mais-bonitas-do-mundo/

A arquitetura setecentista projeta-se até ao infinito e comunica com a natureza. A chamada «janela francesa» abre os espaços fechados para um espaço ajardinado ou urbano, acentua o contato com o espaço interior e exterior e reduz a parede a uma espécie de esqueleto transparente.[118]

A arquitetura do século XVIII define-se, ainda, por seguir duas direções opostas e, simultaneamente, coincidentes: o Barroco Tardio e o Rococó. Estas duas tendências condensavam a formulação do espaço especulativo e do espaço utilitário[119], as quais vêm romper com a unidade interior/exterior, com a criação de ambientes recatados ou festivos, os quais, não eram possíveis de serem observados do exterior dos edifícios.

O Barroco carateriza-se, deste modo, "pelo seu caráter afã integrador de espaços num todo unitário, seja urbano ou paisagista."[120]

Nos países germânicos, assim como na Europa central, Itália e Portugal desenvolveram-se registos do barroco, ilustrados pelas bibliotecas monásticas, de colégios e universidades. Na Áustria, Alemanha e Suíça, a iluminação interior das bibliotecas era reforçada com a multiplicação de janelas, à semelhança de muitas bibliotecas medievais. As escadas eram em espiral, de modo a amortecer os ângulos. Simultaneamente e em particular, as bibliotecas reais eram iluminadas através de luz zenital e possuíam um espaço de consulta entre prateleiras de livros, sendo, maioritariamente e formalmente, quadrangulares.

Como dizia Vitrúvo, "era sempre considerado correto situar as salas de uma biblioteca inserida numa mansão no lado este, de modo a adquirir maior e melhor iluminação propícia à leitura."[121]

Já em finais do século XVIII, assite-se, ainda, ao surgimento de um outro novo estilo que, por sua vez, vem contrariar e, até mesmo, anular, grande parte das caraterísticas defendidas pelos artistas do estilo Rococó.

O Neoclassicismo entretanto, virá, posteriormente, introduzir um novo pensamento, mais virado para a solidez e clareza dos espaços, designado "uma arquitetura 'falante', ou seja, na qual a partir da forma se podia deduzir a função a que estava destinado o edifício."[122]

[118] TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: Confirmação e Dissolução do Barroco"; 2007; p. 30

[119] "Deste modo, o espaço especulativo terá uma clara conotação religiosa e virá a representar o último estádio de uma evolução formal barroca. O espaço utilitário perderá o seu caráter público e definirá um ambiente intimista e individual." TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: O Despertar do Barroco"; 2007; p. 31

[120] TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: O Despertar do Barroco"; 2007; p. 59

[121] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 50

[122] TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: "O Neoclassicismo"; 2007; p. 57



Jardins do Palácio de Versailles, André Le Nôtre, 1682, França: destaque para a arquitetura de paisagem.
https://www.viajaredemais.com.br/europa/franca/paris/como-visitar-o-palacio-de-versalhes-tour-guiado-sem-fila-com-a-paris-city-vision/
Escadaria em espiral da Biblioteca da Abadia de Melk, 1730, de Jacob Prandtauer.
https://olivrodaareia.blogspot.com/2018/11/abadia-barroca-de-melk-varanda.html



Biblioteca Imperial de Viena, Áustria, séc. XVIII: destaque para a luz zenital, proveniente das aberturas elevadas do edifício.
http://conheciecurti.com.br/vienna-biblioteca-nacional/



Biblioteca Nacional de França, Henri Labrouste: destaque para a cobertura que permite entrada de luz zenital.
https://medium.com/@editoracontexto/25-bibliotecas-mais-incriveis-do-mundo-4db5c8474ebf

Retomando o estilo Barroco, na Checo-Eslováquia assistiu-se ao desenvolvimento de bibliotecas tipo *Korridor*, com espaços de circulação e de trabalho de configuração mais alongada. Além da sua peculiar decoração pitoresca, possuíam janelas à altura dos olhos dos leitores, permitindo uma maior entrada de luz natural. Assim afirma A. Masson, que "…esta galeria pode ser considerada uma referência para as bibliotecas alemãs e austríacas do tipo *korridor*."[123]

Como exemplo, destaca-se a Biblioteca do Mosteiro Premonstratense de Strahov, em Praga, construída no ano de 1671. Desta biblioteca destacam-se as suas exuberantes salas de leitura: "a Sala Teológica Barroca e a Sala Filosófica Classicista."[124]

Segundo A. Masson, este foi o primeiro exemplo da difusão do Barroco, na Checo-Eslováquia, no que cabe a esta tipologia.[125]

A Biblioteca de Wolfenbüttle, do autor Hermann Korb, construída entre 1706 e 1710, na Alemanha. Em termos formais, trata-se de uma sala retangular, com uma estrutura oval inserida, com 12 pilares quadrados, e um tambor com lanternas de iluminação. Os livros alinhavam-se ao longo das paredes em alcovas radiais e uma galeria. Neste caso, em particular, tentou-se que criar "uma organização de estantes de modo a que os livros pudessem ser alcançados sem necessidade de recorrer a escadas".[126]

A biblioteca de Madrid, em Espanha, fundada pelo rei Felipe V, no ano de 1711, adota uma organização em forma de quadrilátero, dividido em 4 pátios, limitados com largas estruturas de ferro autoportantes. A grande sala de leitura, segundo J-M. Arnoult, é encimada por um teto de vidro, permitindo a entrada de luz zenital natural.[127]

Entretanto, foi por esta altura que o estilo Barroco sofreu uma transformação que levou à reformulação de algumas das suas caraterísticas arquiteturais. Consta que, a partir de 1720, surge um novo estilo, em França, "como desdobramento do barroco, mais leve e intimista que aquele e foi usado inicialmente em decoração de interiores"[128], designadamente, o Tardo Barroco, mais conhecido como Rococó, e se prolongou até por volta de 1780.

[123] O termo *korridor* define um estilo de arquitetura baseado num traçado de galeria, como se tratasse de um conjunto de corredores onde se desenvolve o espaço bibliotecário.
MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 173

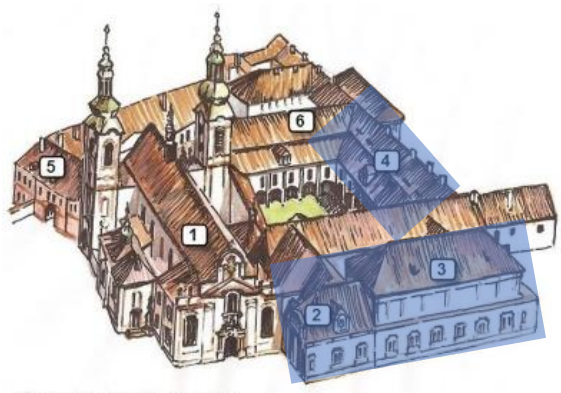
[124] https://www.tudosobrepraga.com/mosteiro-strahov

[125] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 173

[126] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 117

[127] ARNOULT, Jean-Marie"Nouvelles Alexandries : les grands chantiers de bibliothèques dans le monde"; 1996; p. 13

[128] https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-barroca/rococo/

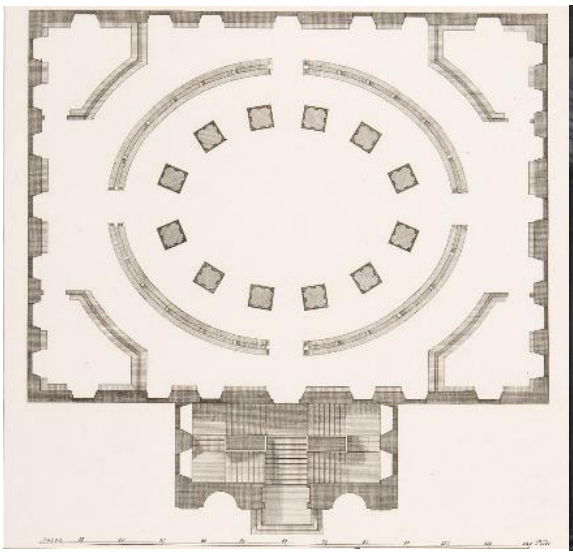


Plano do Mosteiro Strahov

1. Basílica da Assunção de Nossa Senhora
2. Entrada para a Biblioteca e Mosteiro
3. Salões Filosóficos
4. Salões Teológicos
5. Entrada para o Museu de Literatura Nacional
6. Galeria de Imagens do Mosteiro Strahov



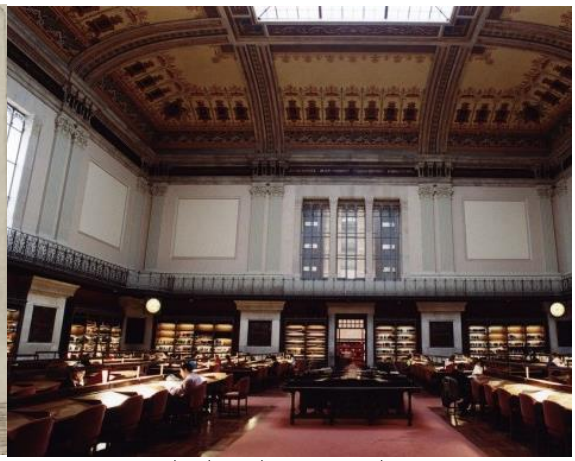
Biblioteca do Mosteiro Premonstratense de Strahov, Praga, República Checa, 1671: enquadramento urbano.
https://issuu.com/josefonseca8/docs/disserta____o_mia_-_bibliotecas_con
Salas de leitura: Filosofia (acima) e Teologia.
https://www.czechtourism.com/





Biblioteca de Wolfenbüttel, 1706-1710, de Herzog August, Alemanha: planta. Sala de leitura.
https://hab.bodleian.ox.ac.uk/en/blog/blog-post-9/
https://libereurope.eu/wp-content/uploads/2016/08/DE_POLI_18-march.pdf





Biblioteca de Wolfenbüttel: desenho do alçado. https://hab.bodleian.ox.ac.uk/en/blog/blog-post-9/
Biblioteca Nacional de Espanha: sala de leitura. https://www.digitalavmagazine.com

A nível da arquitetura, estilo Rococó caraterizou-se pela leveza dos traços, linhas curvas, formatos ovais, especialmente nos cantos e limites interiores, pela suavidade e luminosidade das cores, pela menor proporção dos espaços, que, geralmente, se organizavam em dois pisos com pé direito relativamente baixo, pela colocação de portas e janelas maiores com arcos, bem como de paredes claras, pelo uso do ferro forjado em grades para varandas, lagos, portas e jardins e pela escolha de materiais a imitar a pedra mármore. Resumindo, o Rococó caraterizou-se pelo desenho elegante dos espaços e seus pormenores, na busca pelo refinado e exótico, conjugado com paisagens e representações da natureza pintadas nos tetos.

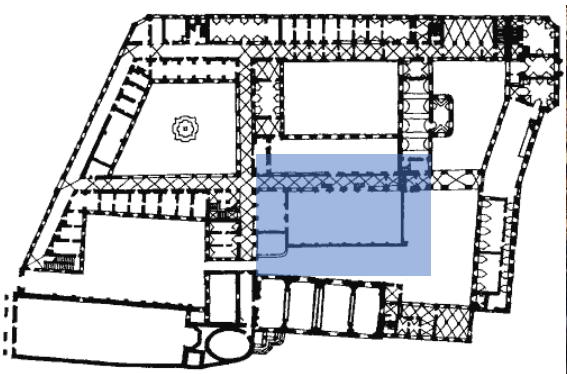
Já inserida na época do Rococó, sucede o exemplo da Biblioteca dos Jesuítas do 'Clementinum', situada no centro da cidade de Praga e construída em 1722. Trata-se de uma sala com uma galeria baixa e 'atarracada', da autoria de Strahov, fazendo lembrar espécie de navio, cuja altura é aumentada pelo jogo de perspetiva que simula uma cúpula na zona central da imponente sala. Segundo A. Masson, "é o triunfo do barroco, com colunas torcidas e capitéis dourados, balaústres em ferro forjado, projeções em zigue-zague do mezanino"[129]

Na Áustria, destaca-se a Kaiserliche Hofbibliothek, na cidade de Viena, construída entre 1722 e 1726, de Fischer Von Erlach. Considerada a primeira biblioteca do mundo germânico, existente até ao século XIX, esta biblioteca organizava-se a partir de uma planta centralizada, em forma oval, numa composição longitudinal com o óvulo central colocado transversalmente; a este e oeste as naves divididas transversalmente e, em sua metade, por uma cortina de colunas emparelhadas. "(...) a Hofbibliothek tem precedentes e referências, principalmente, nas bibliotecas monásticas."[130]

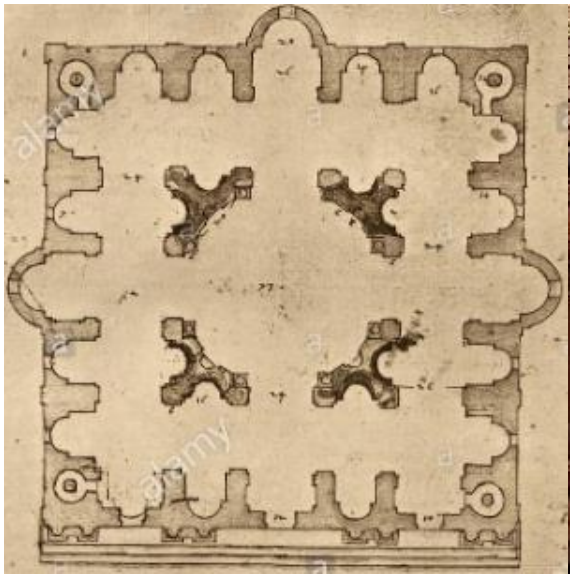
Em Itália, a Biblioteca de Nápoles, construída entre 1726 e 1730, é a mais caraterística do barroco italiano, pela sua espacialidade em forma de 'navio'. Esta biblioteca tem acesso a partir de um jardim, caraterístico do século XIX, ocupa a ala oriental do Palácio Real e possui duas antessalas e algumas salas subsequentes. A união da decoração com a estrutura reforça-se pelas suas "esculturas de madeira entalhada de uma riqueza excecional suportam dois níveis de estantes (…)".[131]

Importa, ainda, referir o exemplo da Biblioteca da Abadia de Melk, de Jakob Prandtauer e construída, aproximadamente, em 1730, com um pé direito suficientemente alto para necessitar de uma galeria, ao contrário de alguns exemplos da época.

[129] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 174
[130] TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: Confirmação e Dissolução do Barroco"; 2007; p. 40
[131] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 158




Biblioteca dos Jesuítas, 'Clementinum', Praga, República Checa, 1722: planta.
https://www.hrady.cz/index.php?OID=2080&PARAM=2
Sala de leitura.
https://revistagalileu.globo.com/blogs/estante-galileu/noticia/2015/09/conheca-o-clementinum-uma-das-bibliotecas-mais-maravilhosas-do-mundo.html




Hofbibliothek, Viena, atualmente Nationalbibliothek, 1722-1726, de J. B. Fischer von Erlach, Áustria: planta.
https://www.europeana.eu/portal/pt/record/92070/BibliographicResource_1000126222936.html
Sala de leitura.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Hofburg




Biblioteca Nacional de Nápoles, Itália: sala de leitura
https://es.napolike.com/1-mayo-a-napoli-2014-apertura-extraordinaria-biblioteca-nacional
Biblioteca da Abadia de Melk: sala de leitura.
https://www.eduscapes.com/history/early/1400.htm

Desde a emergência do Barroco que a prioridade era conferir maior amplitude espacial e uma máxima monumentalidade, não só interna, mas também externa, aos edifícios. Assim, a arquitetura, principalmente a nível interior, era pensada segundo uma visão assimétrica, numa tentativa de iludir o olhar, com o uso da 'cena em ângulo', isto é, "o espetador não vê o que está, mas o que aparece"[132]

A Radcliffe Camera, situada em Oxford e da autoria de James Gibbs, foi construída entre os anos de 1737 e 1749. Trata-se de um projeto em planta circular, inspirado nas ideias de Wren, cujas estantes de parede se organizam em oito alcovas radiais com uma galeria superior. Esta biblioteca surge como que "um anexo totalmente separado da Bodleian."[133]

A Biblioteca da Abadia de Admont, do autor Gotthard Hayberger, edificada, aproximadamente, em 1760, é considerada a maior das bibliotecas monásticas, dadas as suas elevadas proporções. A sala da biblioteca é bem iluminada, através de 48 janelas, de grande dimensão, situadas em ambos os lados da sala, tanto a nível superior, isto é, ao nível da galeria, que se apoia na estrutura inferior, como a nível inferior.

Outro exemplo é biblioteca da Abadia de Schussenried, construída entre os anos de 1754 e de 1761. Apesar de ser uma biblioteca de matriz conventual, explora, através de uma solução original, a substituição das colunas entre os vãos de estantes por cariátides figurativas.[134] As estantes, nas quais se encontram colocados os livros, eram dispostas em dois andares, sendo que, o acesso ao superior, é feito através de uma galeria criada nos mesmos parâmetros de outras bibliotecas barrocas, com a particularidade de se apoiar em colunas destacadas das paredes e que delineam um percurso sob a mesma galeria.

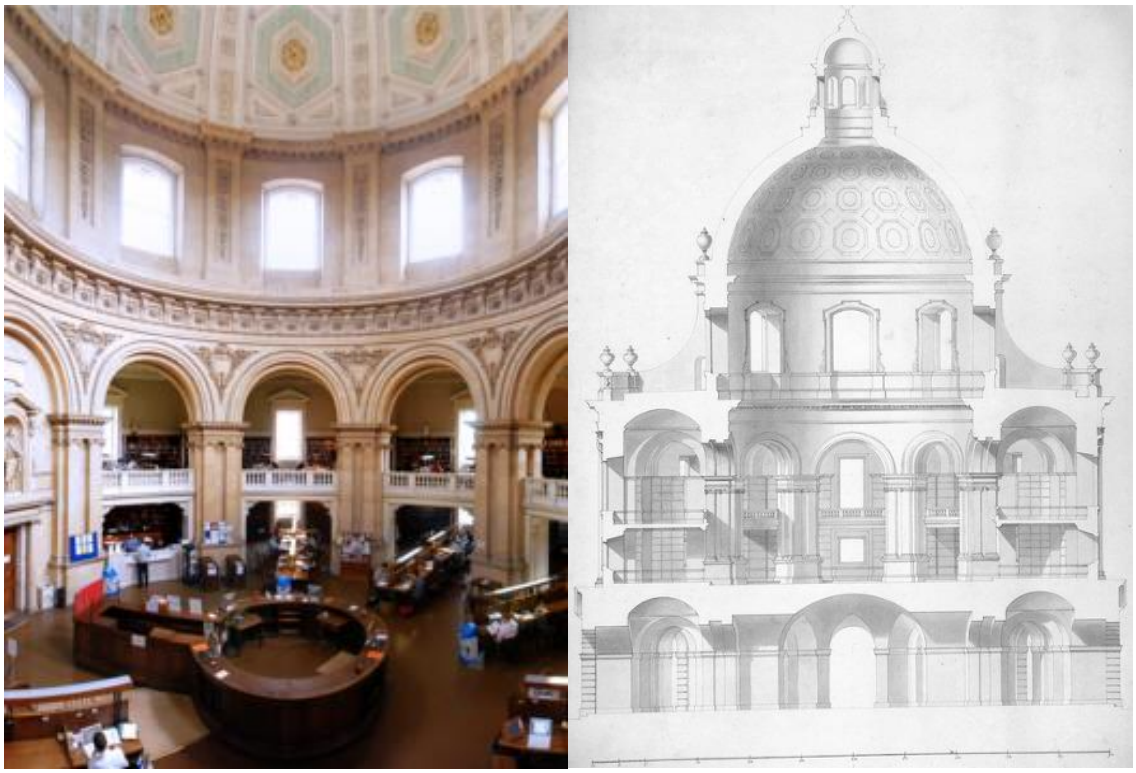
Na cidade de Karlsruhe, é construído um novo edifício, datado de 1761, que, segundo N. Pevsner, antecipa a inovação dos inícios do século XIX.[135] A sala da biblioteca insere-se numa esquema de planta retangular, com uma sala de leitura ao centro, a meio do cruzamento de corredores; à esquerda e direita destes, existem espaços simultaneamente estreitos e largos com livros, culminando na abertura de vãos, segundo o modelo inglês, que consistia num sistema de estantes, com espaços de trabalho, cada um colocado perpendicularmente a cada uma das janelas, numa estratégia de iluminação de cada uma das áreas, à semelhança de algumas bibliotecas renascentistas.

[132] TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: Confirmação e Dissolução do Barroco"; 2007; p. 40

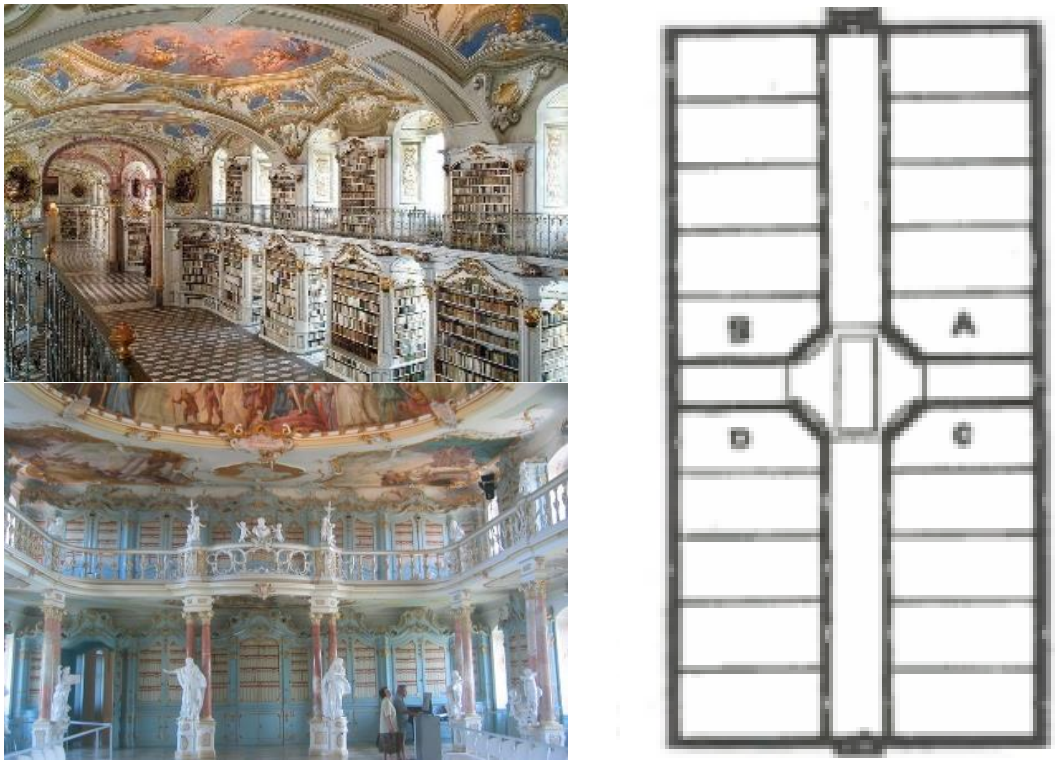
[133] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 120

[134] Cariátides são elementos decorativos que representam figuras humanas esculpidas na própria estrutura da sala da biblioteca.

[135] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 118



Biblioteca Radcliff, de James Gibbs Oxford, Inglaterra.
Perfil seccionado vertical.
https://www.bodleian.ox.ac.uk/news/2014/jul-17
https://visit.bodleian.ox.ac.uk/plan-your-visit/history-bodleian



Biblioteca da Abadia de Admont: Sala de leitura.
Biblioteca da Abadia de Schussenried: Sala de leitura.
https://x-millenium.blogspot.com/2013/05/a-maior-biblioteca-monastica-do-mundo.html
https://www.wikiwand.com/es/Bad_Schussenried#/Historiag

Esquema de organização da Biblioteca de Karlsruhe, 1761.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 118

Considerada a mais antiga e mais importante biblioteca monástica, possuidora de uma sala com o mais belo ambiente barroco da Suíça, a Biblioteca da Abadia de Saint-Gall, de Peter Thumb, trata-se de "uma obra-prima que combina harmoniosamente colunas, nichos, relevos, decorações e pinturas."[136] Todo o complexo foi reconstruído, em estilo barroco, entre 1755 e 1768. A sala de leitura da biblioteca trata-se de um espaço de desenho ousado e especulativo em conjunto com a colocação de estantes em madeira trabalhada. A luz que ilumina o espaço, penetra através de 34 janelas, tornando o ambiente acolhedor.

Sobre o plano técnico, uma das curiosidades da Biblioteca de Saint-Gall é a utilização de pilastras para camuflar, de alguma forma, o catálogo, engenhosamente disposto em pequenas placas verticais.[137]

Uma pequena nota acerca de outro exemplo, que se trata da Biblioteca de San Isidro, localizada em Espanha, fundada em 1770, e cujo projeto definitivo pertence ao arquiteto Ventura Rodrigues. Como corrobora M. A. Aurora:

A planta da Biblioteca desenha-se em forma de um grande T, que possui, num dos seus extremos, uma escadaria, magnífica e imperial, que se acede através de uma plataforma intermédia, estando, assim, o Arquivo no piso inferior e a Biblioteca no piso superior…Deste modo, confere, à escadaria, uma notável magnificência arquitetónica.[138]

Para alguns historiadores é um estilo que durou entre 1720 e 1780, ficou vigoroso até o advento da reação neoclássica, por volta de 1770.[139]

Foi já num contexto de guerra que, mais uma vez, se assistiu a uma grande transformação no âmbito das formas artísticas e arquitetónicas, que culminou com a dissolução do estilo Rococó, já em finais do século XVIII. Este século ficou, também, conhecido pelo 'Século das Luzes', "marcado pela Revolução Americana, em 1776, e pela Revolução Francesa, em 1789."[140]

Novos conceitos foram sendo introduzidos ao longo do século: numa primeira fase, o pensamento arquitetónico levava à criação de obras que comunicassem com a natureza, conferindo-lhes maior abertura ao exterior; mais tarde, os mesmos tornaram-se elementos submetidos à paisagem, fazendo parte integrante dela.[141]

[136] https://www.swissinfo.ch/por/a-abadia-de-sankt-gallen-e-sua--farm%C3%A1cia-da-alma-/8332432

[137] MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; 1972; p. 171

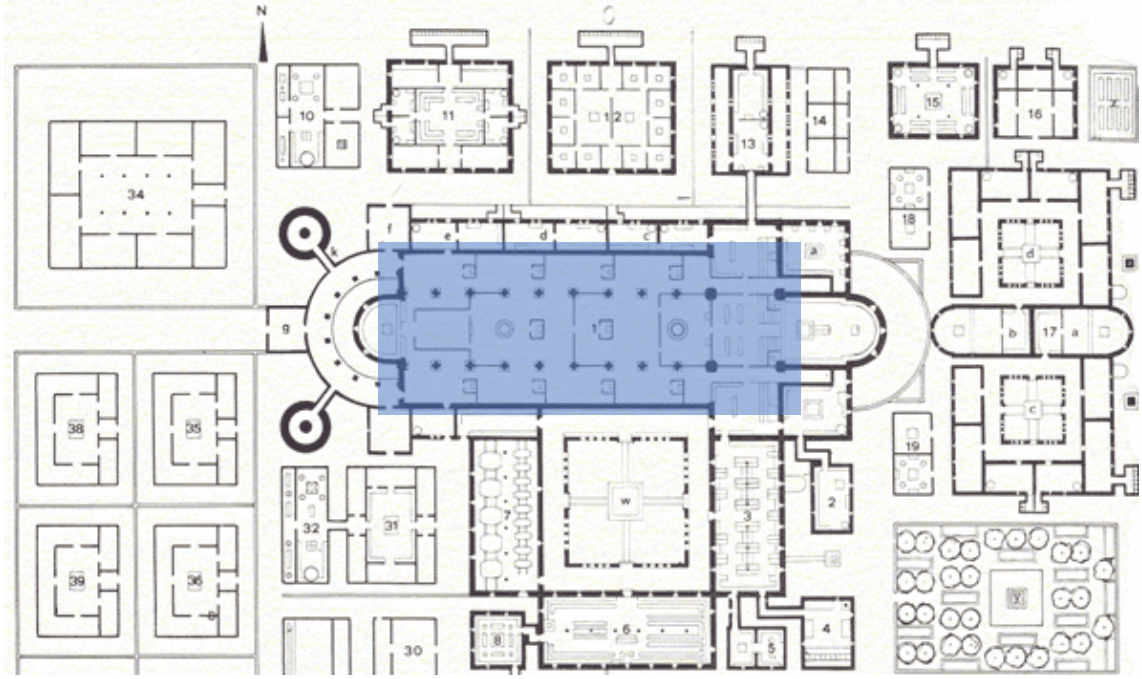
[138] AURORA, Miguel Alonso; "La biblioteca de los reales estudios de San Isidro de Madrid: su historia hasta la integración en la Universidad Central"; 1996; p. 89

[139] https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-barroca/rococo/

[140] *Ibid*

[141] Triadó, Juan-Ramon; "Tesouros Artísticos do Mundo: Confirmação e Dissolução do Barroco"; 2007; p. 30





Biblioteca da Abadia de Saint-Gall, Suíça: sala de leitura.
Plano ideal para o Mosteiro de Saint-Gall.
https://www.albumdeviagens.com/2019/07/st-gallen-abadia-milenar.html
http://origemdaigreja.blogspot.com/2013/07/mosteiro-suico-do-sec-ix-saint-gall.html



Colégio Imperial, Madrid, século XVIII.
Alçado do Colégio Imperial, do arq. Melchor de Bueras, construído entre 1679 e 1681.
https://en.wikipedia.org/wiki/Instituto_San_Isidro

É neste contexto que surge um novo estilo, o Neoclassicismo. Este estilo caraterizou-se pela procura de formas simples, sendo dada preferência à construção de espaços sem ornamentos e que produzisse efeitos de solidez. Segundo A. R. Mora, procurava-se uma arquitetura de pureza primitiva, buscando referências à antiguidade, nomeadamente, à arquitetura grega.[142]

A racionalidade das formas traduzia-se na assimilação entre os elementos arquitetónicos e os elementos construtivos, como por exemplo, "o pilar justifica-se quando atua como suporte vertical, (…)."[143]

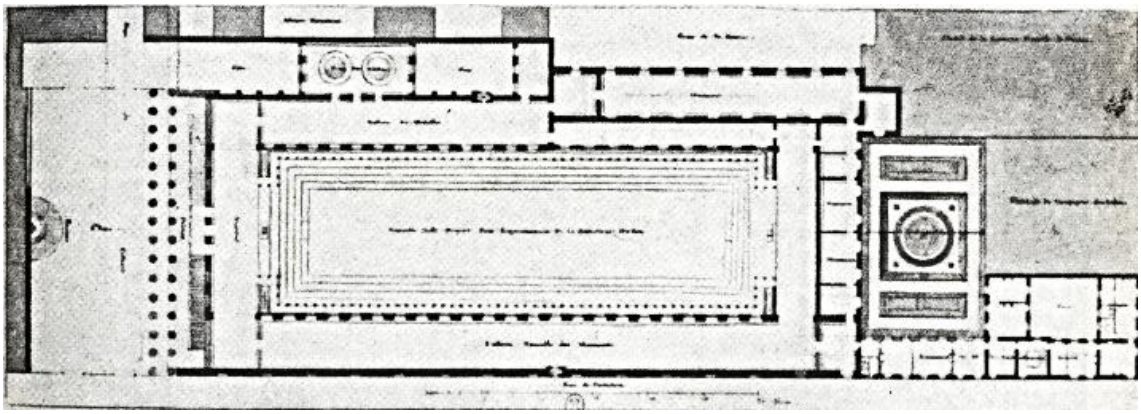
A pureza e simplicidade arquitetónicas, durante a vigência do estilo neoclassicista, só eram conseguidas através da criação de formas volumétricas claras, usando materiais que permitissem uma leitura e definição claras dos espaços.

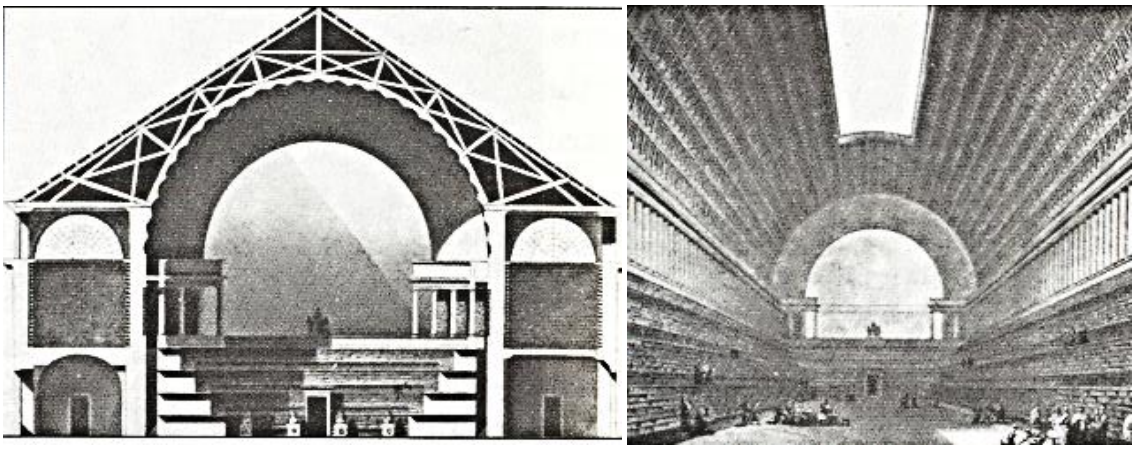
Em França, um dos exemplos que melhor carateriza o neoclassicismo é a Biblioteca do Rei, conhecida, também, como Biblioteca Real, edificada entre 1784 a 1785, de Etienne-Louis Boullée. Trata-se de um edifício retangular, quatro filas ao longo da sala principal para albergar os livros. Nesta obra, persiste a sugestão de preencher o amplo pátio com um largo e longo salão. Na cobertura, possui uma larga clarabóia central, permitindo a entrada de luz cadente. Na sua biblioteca, o autor incorpora galerias cobertas por formas longitudinais e uma abertura retangular e estreita no ápice do teto, através da qual há uma ideia de tornar única a biblioteca, numa visão alongada, fazendo-a adquirir uma qualidade compacta e autónoma.

Fora da Europa, evidencia-se a Biblioteca do Athenaeum, em Boston, fundada em 1807. É considerada a mais antiga dos Estados Unidos da América, foi inserida num dos pisos do edifício e possuí uma galeria para exposições.[144] A sala da biblioteca carateriza-se por ser um espaço amplo, no qual, ao centro, se encontra a zona de consulta. Possui, ainda, uma galeria que dá a acesso a um piso superior, à qual se acede por uma escada de secção circular.

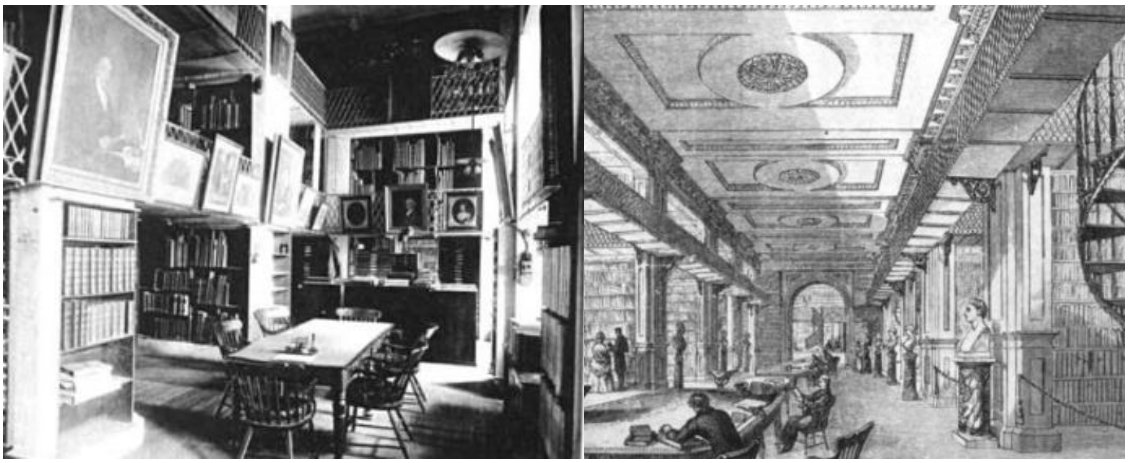
Em certas zonas da biblioteca existem várias escadas incluídas em paredes estruturais que permitem aceder aos livros que se encontram na área superior das estantes, estas que eram incorporadas nas paredes, numa espécie de nichos.

[142] Triadó, Juan-Ramon; "Tesouros Artísticos do Mundo: O Neoclassicismo"; 2007; p. 49
[143] *Ibid*; p. 49
[144] https://www.eduscapes.com/history/modern/1825.htm





Projeto para a Biblioteca do Rei na região dos Capuchinhos, Boullée, 1784.
MASSON; André; VIDULLI, Paola; "Diseño de bibliotecas: guía para planificar y proyectar bibliotecas públicas"; 1998; p. 25



Biblioteca Athenaeum, Boston, EUA: sala das artes; sala de leitura.
https://iu.app.box.com/s/wnpyuzqmbf0bxasmvaeif34sv4n5jakb

Na Hungria, destaca-se a Biblioteca da Abadia de Pannonhalma, construída entre 1824 e 1832, dos autores J. Engel e J. Packh, sendo ela uma majestosa sala com uma galeria que permite aceder ao nível superior. Trata-se de um exemplo que bem ilustra o uso de materiais diversos como meios de estruturação, organização espacial e decoração.

Ainda outro exemplo francês, datado de entre os anos de 1843 e 1850, é a Biblioteca Sainte-Geneviève, projetada por Henri Labrouste. Esta situa-se perto do claustro e possui armários dispostos em modo tradicional e uma sala iluminada por 11 janelas muito profundas, assim como, por 11 claraboias, e uma galeria superior.

Numa fase anterior, esta biblioteca compunha-se de estantes para livros entre janelas. A ideia de eficácia, aludindo à sua expressão funcional e formal, torna este exemplo numa importante referência para jovens arquitetos.

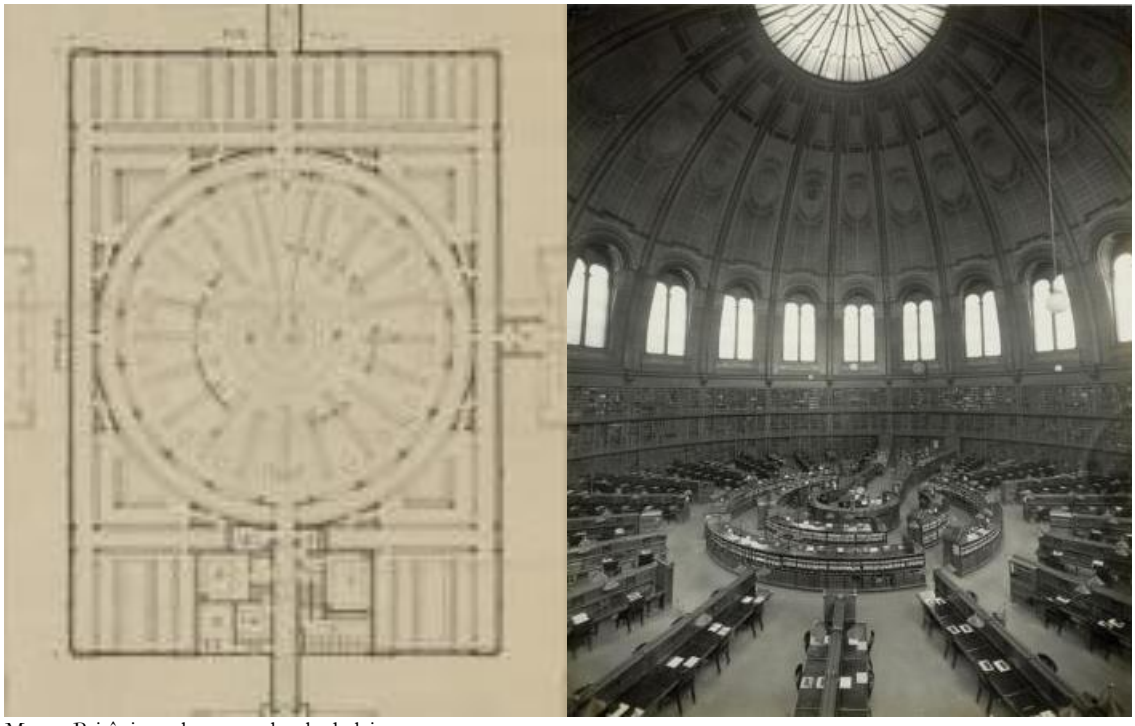
Por fim, um outro exemplo que importa destacar é a Biblioteca do Museu Britânico, edificado entre 1854 e 1856, na cidade de Londres, em Inglaterra, de Sydney Smirke. Neste exemplo, realça-se a majestosa e vasta sala de leitura inserida num edifício circular, cujo projeto geral, segundo N. Pevsner, foi inspirado no desenho de Panizzi, de 1852.[145] A sala, de planta circular, foi organizada segundo uma disposição concêntrica, com as estantes e as mesas de consulta dispostas radialmente. Possui, ainda, um número vasto de janelas, que possibilitaram a iluminação da grande sala, inseridas na área da cúpula do edifício.

[145] Antonio Panizzi, foi um antigo bibliotecário da Biblioteca do Britsh Museum, que colaborou com Sidnye Smirke no projeto para sala de leitura do Britsh Museum. Foi, ainda, responsável pela elaboração do catálogo geral, promovendo uma melhor organização e gestão da biblioteca.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 127
https://www.britannica.com/biography/Anthony-Panizzi



Biblioteca da Abadia de Pannonhalma, Hungria: sala de leitura.
https://blog.szallas.hu/pannonhalmi-foapatsag-latnivaloi/

Biblioteca de Sainte Geneviève, Paris, 1843-1850, de Henri Labrouste: sala de leitura.
http://www.parisguia.com.br/biblioteca-sainte-genevieve.aspx



Museu Britânico: planta geral; sala de leitura.
https://www.britishmuseum.org/about-us/british-museum-story/architecture/reading-room

O século XVIII, ou 'Século das Luzes' ficou marcado, não só pelas Revoluções que eclodiram, mais precisamente, nos finais deste mesmo século, mas também pelo surgimento e confirmação de três estilos importantes que marcaram a história da arquitetura, a nível mundial, e que, ainda hoje, não deixam de ser referência no estudo da evolução da arquitetura.

No âmbito da história das formas e expressões artísticas, o Século das luzes começou ainda sob o signo do Barroco. Quando terminou, a gramática, estilística do Neoclacissismo dominava a criação dos artistas. Entre ambos, existiu o Rococó.[146]

Nos anos em que o estilo barroco atingiu o seu auge, em termos urbanísticos, os edifícios de bibliotecas adquiriram um caráter central, dada a sua localização e acessibilidade dentro das cidades. Relativamente à sua decoração, esta não visava apenas efeitos artísticos e de propaganda religiosa, mas, promovia, também, a criatividade dos artistas da época, fomentando uma arquitetura exuberante.

Em síntese, podemos afirmar que, a diversidade de pormenores muito caraterísticos do estilo Barroco, está, também, presente no Rococó. Enquanto que no Barroco se valorizou a unidade espacial no seu todo, no Rococó o espaço divide-se em partes que definem elas próprias um todo unitário.

A especulação de formas diferentes e ousadas foi, durante esta época, um fator que acompanhou a atitude dos artistas na conceção de espaços sumptuosos, mas, ao mesmo tempo acolhedores e apaixonantes ao olhar. A luz tratou-se de um dos pontos fulcrais, algo que se verificou na abertura de vãos de grande dimensão, bem como, na criação de coberturas envidraçadas que permitiam a entrada de luz zenital.

Esta foi a época em que se defendeu a sumptuosidade, o luxo e a monumentalidade das obras arquitetónicas, cuja decoração se tornou no ponto fulcral, essencialmente, participativo na organização espacial dos interiores. Paralelamente, esses espaços eram pensados segundo uma ideia de unidade e humanização.

Em contrapartida, os artistas neoclassicistas negaram estes ideais e introduziram novos conceitos baseados na simplicidade e solidez das formas, bem como na clareza e racionalidade no uso dos diversos materiais e elementos estruturais, como denunciadores da função dos respetivos espaços.

O Neoclassicismo associa o gosto dominante do momento, ou seja o clássico, com a prática construtiva racional segundo as técnicas mais avançadas.[147]

[146] https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-barroca/rococo/

[147] TRIADÓ, Juan-Ramon; "Tesouros Artísticos do Mundo: O Neoclassicismo"; 2007; p. 49



Biblioteca da Abadia de Ottobeuren, Alemanha: sala de leitura.
https://ncultura.pt/sao-portuguesas-duas-das-41-bibliotecas-mais-belas-do-mundo/



Biblioteca em estilo Rococó: sala de leitura da Biblioteca da Abadia de Saint-Gall.
https://www.natgeo.pt/photography/2019/02/14-bibliotecas-mais-bonitas-do-mundo?image=st-gallen-library-switzerland



Biblioteca em estilo Neoclacissista: sala de leitura da Biblioteca do Congresso, Washington DC.
https://guia.melhoresdestinos.com.br/biblioteca-do-congresso-159-3712-l.html

A nível arquitetónico, as bibliotecas barrocas apresentam-se como salas imponentes.

Estas tratam-se de espaços unitários, inseridos em edifícios, podendo apresentar uma configuração retangular, em forma de navio, explorando um efeito de ilusão de ótica, ou até uma forma de secção quadrada ou circular, conferindo ao interior um caráter mais central que se destinava a uma zona de consulta.

Embora estes espaços tenham sido pensados sob o conceito de unidade espacial, tanto as zonas dedicadas à consulta, leitura e trabalho, bem como as áreas de circulação eram bem definidas e pensadas de modo a conferir uma boa organização do espaço da biblioteca. Desta forma, garantia-se uma boa gestão na organização dos documentos, assim como, se garantiam condições de conforto e uma agradável ambiência aos usuários visitantes.







5.8. Do Neoclássico à Contemporaneidade

Após a Revolução Francesa de 1789, surge a necessidade de repensar os espaços das bibliotecas e a sua dimensão, face à quantidade enorme de livros para depositar. Assim, na primeira metade do século XIX, a zona de leitura é separada da zona de armazenamento, isto é, da zona de estantes. Assim emergiu a ideia de "armazenar livros em lojas (…) e treinar profissionais para arquivar, catalogar e comunicar documentos".[148]

Segundo N. Pevsner, passa a haver uma maior inovação a nível do mobiliário: armários e pisos de aço em todos os níveis, fazendo com que toda a zona de armazenamento seja uma unidade subdividida por estruturas verticais e horizontais de aço.[149] As "velhas" colunas retangulares nas pilhas fechadas são agora substituídas por apoios redondos.

Esta foi a época que, também, marcou o nascimento da arquitetura do ferro e de uma exibição de novos materiais, bem como, da criação de salas de leitura com galerias laterais duplas e importantes lojas de livros separadas da sala de leitura. A adição de espaços como cafetaria, salas de relaxamento, salas de exibição e polivalentes contribuem para a cativação de mais público a ficar neste tipo de edifícios.

O conceito de escala humana encontra-se patente na conceção de novos edifícios, no qual a luz natural é usada para a iluminação diurna, com panos de vidro, criando uma transparência e comunicação entre cada espaço, bem como entre interior e exterior.

À construção em forma de túnel das antigas bibliotecas, mais tarde, é introduzida a sala de leitura, geralmente de grandes dimensões e centralizada. Assim, passam a existir dois modelos de biblioteca: um em plano central, redondo, tipo praça, geralmente em forma retangular, sendo, em alguns casos, quadrangular, mas sempre de modo centrifugado, como se pode verificar no exemplo de Alvar Aalto, no seu clássico em Göttingen, com um foyer de chegada, possuindo informação e distribuição consolidadas; outro plano com um núcleo de circulação que se faz em volta de um espaço central de leitura e pesquisa, em que o centro é em forma de átrio, como acontece no exemplo em Quebeq, Toronto. Estes dois planos proporcionam economia de circulações e diversificação de serviços.

[148] PALLIER, Daniel; "Les Bibliothéques"; 2000; p. 43

[149] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 129



Biblioteca Nacional de França, Henry Labrouste: entrada principal em Richelieu; sala de leitura
https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Edificios/noticia/2017/02/biblioteca-nacional-da-franca-e-reaberta-apos-anos-de-reforma.html
https://oescriba.org/2015/02/14/dez-bibliotecas-incriveis/



Biblioteca «Metropolitana», Toronto.
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 15



Biblioteca Central de Seattle, Rem Koolhaas, 2004: edifício; sala polivalente
https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2017/01/conheca-10-bibliotecas-mais-bonitas-do-mundo.html
https://www.archdaily.com.br/br/624269/biblioteca-central-de-seattle-oma-mais-lmn

A Biblioteca Nacional surge por volta dos inícios de 1800 e da necessidade de abarcar mais público, mais atividade e mais conteúdo e carateriza-se por adotar variadas formas. "A primeira função de uma biblioteca nacional era, segundo estas bases, de constituir, tornar acessíveis no local e conservar para a posteridade as principais coleções que ilustram um país (…)".[150]

Um dos exemplos mais emblemáticos desta tipologia arquitetónica, e de caris nacional, é a antiga Biblioteca Nacional de França, pertencente ao Rei desde 1792, tendo por autor Henri Labrouste.

No seu novo projeto, elaborado durante os anos de 1865 e 1868, projetou uma grande sala de leitura e trabalho, com aço à vista em forma de 16 colunas que sustém 9 cúpulas de cerâmica e cristal, permitindo entrada de luz zenital. Trata-se de uma impressão luminosa e com mais elegância, mas menos apta à concentração.

As estantes para colocação de livros são, também, em aço. Mais tarde, são introduzidas salas de leitura tipo *play-store*[151], criando espaços mais atrativos e com maior funcionalidade, luminosidade e controlo térmico.

Na Suíça, destaca-se a Biblioteca Nacional, que começa por ser uma estrutura neorrenascentista, do arquiteto Theodor Gohl, elaborada entre os anos de 1896 e 1899. Apesar de construída fora dos limites do conjunto pré-existente, é-lhe conferido um estilo arquitetural que a faz pertencer ao conjunto. Tipologicamente, trata-se de uma obra com uma estrutura moldada em aço e simetricamente desenhada, tipo "pilha fechada"[152], estilo evoluído desde o Barroco e presente no hall de alguns edifícios dos inícios do século XIX.

A biblioteca municipal de La Haye, situada no centro da cidade, nos Países Baixos, abre a sua primeira grande sala no ano de 1910, instalada num espaço disponível, de fácil acessibilidade e perto de uma zona comercial. Com o tempo, a biblioteca vai sofrendo aumentos, a nível espacial.

Nos anos 30, após algumas tranformações a nível arquitetural, a biblioteca já possuía Sala de Periódicos e Sala de Estudo, repletas de volumes bibliográficos, tornando o projeto paradoxo àquilo que era o edifício da biblioteca, anos antes.

[150] PALLIER, Daniel; "Les Bibliothéques"; 2000; p. 69

[151] As *play-store* eram salas destinadas à leitura de revistas magazines e propícias à seleção de jogos.
PALLIER, Daniel; "Les Bibliothéques"; 2000; p. 46

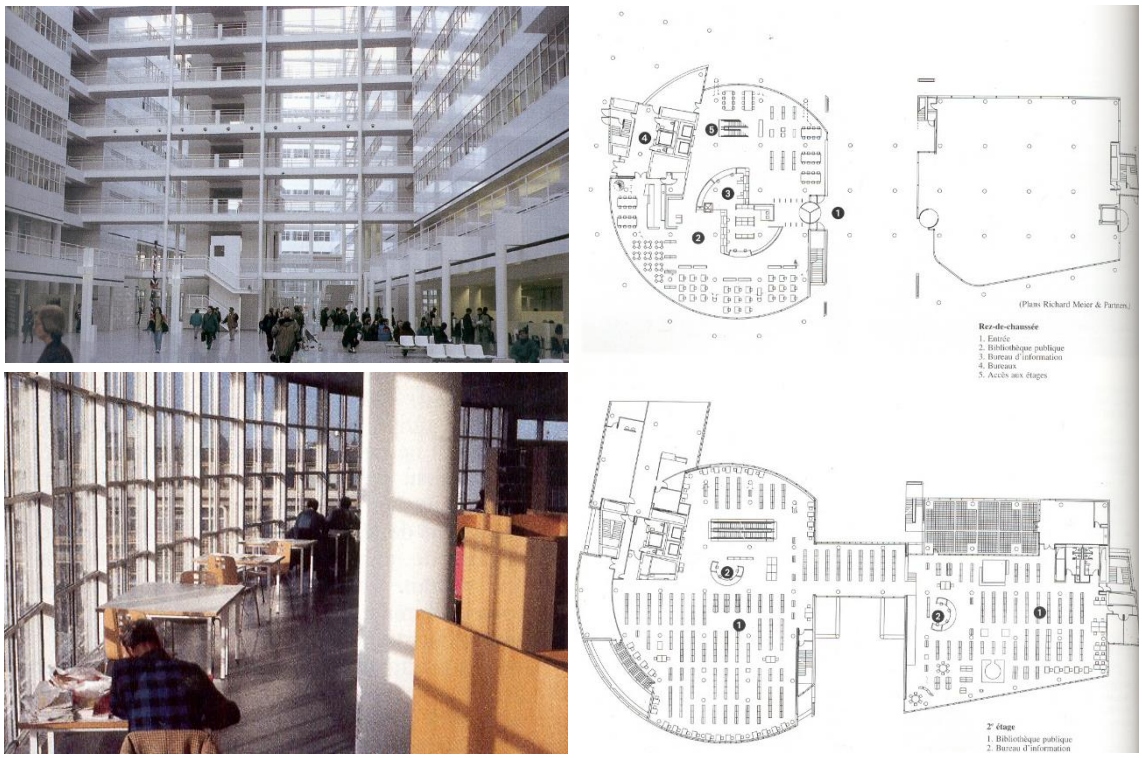
[152] O sistema tipo "pilha fechada" é adotado por inúmeras bibliotecas, e consiste em conjuntos de estantes compactas, organizadas perpendicularmente entre si, não existindo, portanto, estantes de parede.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 126



Biblioteca Nacional de França no edifício situado em Richelieu, Paris, de Henri Labrouste, 1867: sala de leitura principal, sala Labrouste; circulações (intervenção nova); sala de leitura.
https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Edificios/noticia/2017/02/biblioteca-nacional-da-franca-e-reaberta-apos-anos-de-reforma.html
https://quantocustaviajar.com/blog/biblioteca-nacional-da-franca/



Biblioteca Nacional Suíça, de Theodor Gohl; 1896-1899: fachada principal; sala de leitura, imagem a partir do 1º piso
https://hablandodeviajes.com/de-todo-un--poco/bibliotecas-y-librerias-del-mundo-124-la-biblioteca-municipal-de-coira-antigua-por-fuera-nueva-por-dentro



Biblioteca Municipal de La Haye
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 204 e 202

Mais tarde, em 1976, inicia-se o projeto para engrandecer a biblioteca, de modo a fazer face à rigidez espacial, adotando-se um método projetual baseado em módulos quadrangulares que permitia uma maior flexibilidade na organização dos espaços, bem como o seu controlo por parte do pessoal responsável e concedida a livre circulação por parte dos utilizadores.

Fora da Europa, mais concretamente, na América, assiste-se a uma conceção de edifícios de avançadas estruturas, com um design claro e reto, que não deixou de espelhar influências nos estilos arquitetónicos de alguns países europeus.

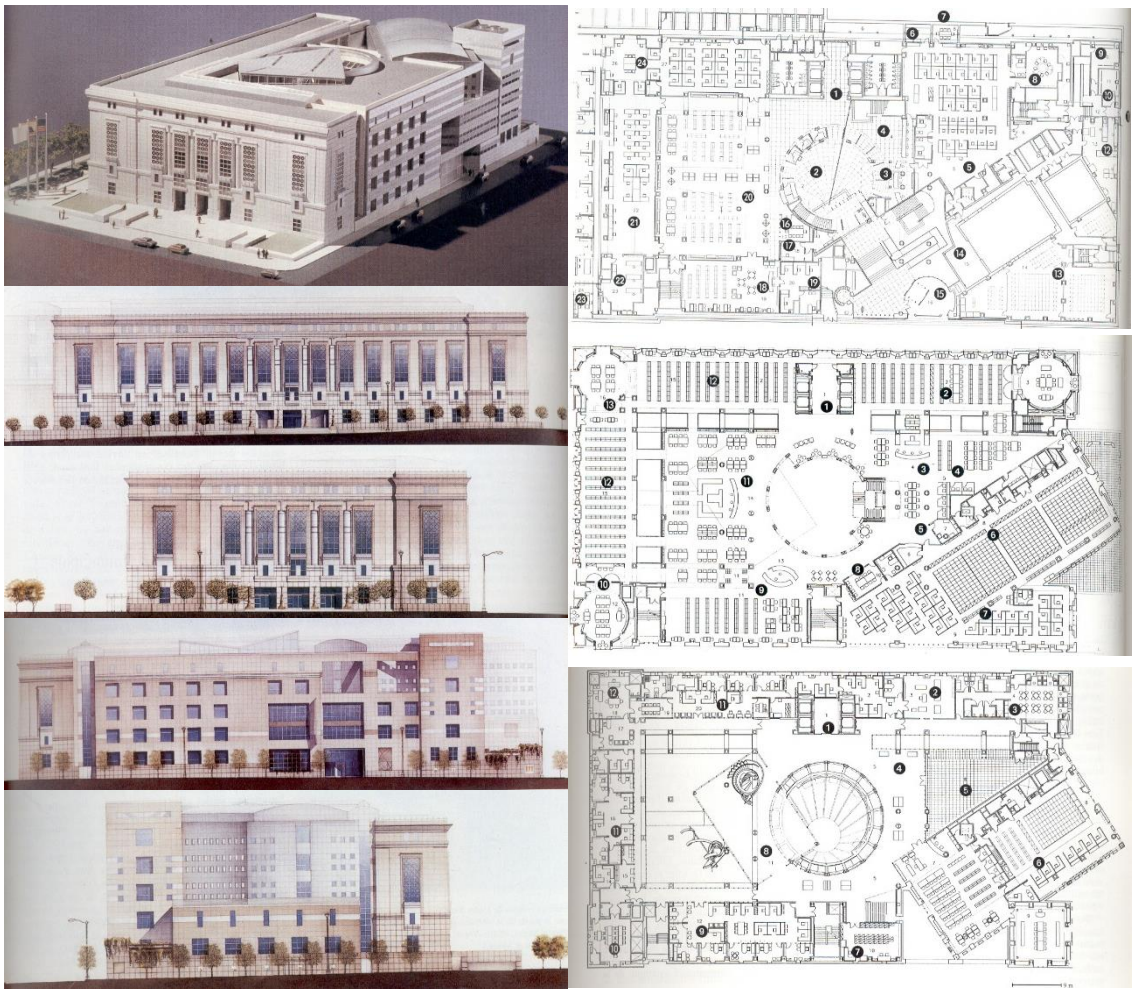
É o caso do exemplo da biblioteca de San Francisco, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos da América, criada no ano de 1916. Foi inserida num edifício projetado no ano de 1877 e construído em 1879. Este edifício possui um desenho de alçado monumental, dinâmico, transparente e aberto ao exterior, delimitado por duas fachadas neoclássicas, contrastando com duas fachadas modernas. Deste modo, permite fluidez a nível dos acessos, organiza-se através de um átrio de distribuição com vitrines expositivas e informativas e interiores bem iluminados, natural e artificialmente. Incorpora, ainda, um auditório, sala de exposições, centro de conferências, área infantil, seção para pessoas com deficiência e sala audiovisual, além um sistema de informática integrado para pesquisa e trabalho.

Importa, ainda, referir, o exemplo da Viipury Library, na Rússia, e projetada pelo arquiteto Alvar Aalto, em 1927. Trata-se de uma incrível reabilitação de um edifício envelhecido e com fortes sinais de desgaste, mas que sobreviveu às guerras que eclodiram após a sua construção, no ano de 1935. O desenho consiste em dois blocos retangulares simples, deslocados um do outro, horizontalemente, e possui três pisos. Contudo, esta leitura é feita, apenas, em planta, dada a sua configuração volumétrica que permite uma complexidade e conjugação de espaços de transição, podendo ler-se seis ou até sete pisos em seção. O programa atual incorpora uma sala de leitura e um espaço para assembleias públicas, uma biblioteca infantil e sala de aula, sala de jornais e sala leitura de periódicos.[153] No que respeita à iluminação natural para o interior, Aalto inventou uma claraboia cónica que se afunila à luz do dia, evitando a entrada direta dos raios solares e a produção de sombras.

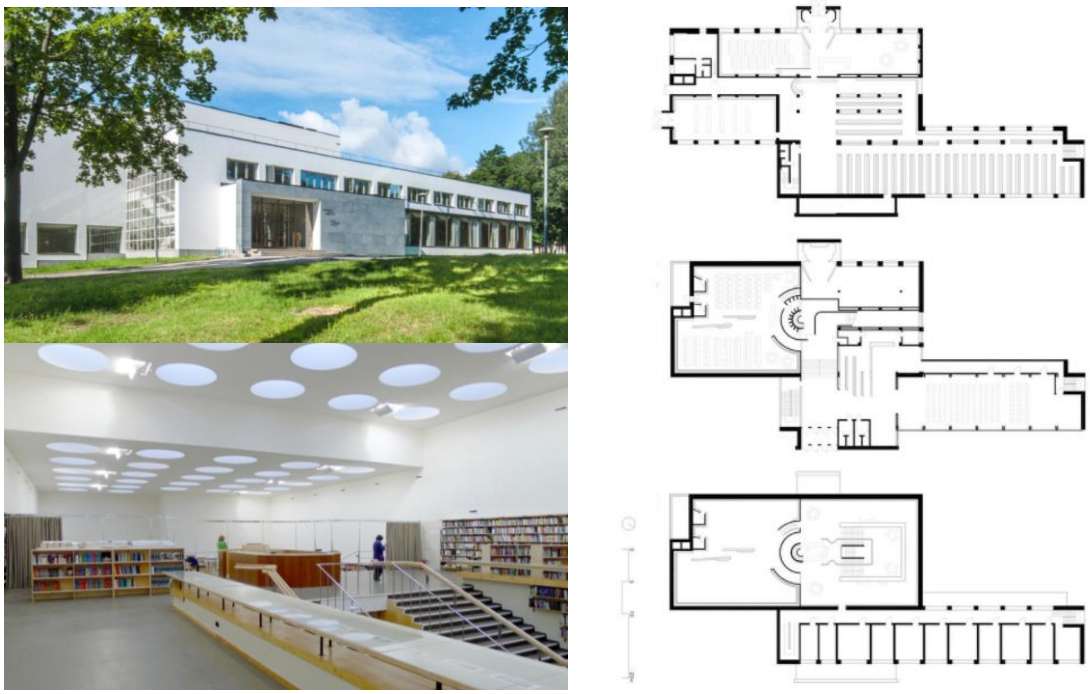
Numa exibição modificada de axiomas modernistas, Aalto capitaliza as áreas de transição resultantes, dando-lhes valor programático, expandindo patamares em plataformas de leitura e preenchendo lacunas entre andares com estantes de livros.[154]

[153] "2000 e 2002 World Monuments Watch", in https://www.wmf.org/project/viipuri-library

[154] LANGDON, David; "Clássicos da AD: Biblioteca Viipuri / Alvar Aalto", in https://www.archdaily.com/630420/ad-classics-viipuri-library-alvar-aalto



Biblioteca Municipal de São Francisco, Califórnia, 1877: maquete; alçados; plantas do rés-do-chão; 3º e 5º pisos.
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 319, 320, 321, 325, 326, 328 e 329



Viipury Library,do Arq. Alvar Aalto; Rússia: entrada; sala de leitura; plantas pisos 0, 1 e 2.
https://www.archdaily.com/630420/ad-classics-viipuri-library-alvar-aalto

Outro exemplo que introduz novos conceitos é o da Biblioteca Nacional e Real de Estocolmo, na Suécia, do arquiteto Gunnar Asplund. Trata-se de um edifício cujos espaços são de tal dimensão, que a área de estantes é aproximada e um quilómetro de extensão.

É neste contexto que se constrói uma nova biblioteca sueca, entre 1924 e 1928. "Foi a primeira biblioteca na Suécia a aplicar o princípio de prateleiras abertas, onde os visitantes podem aceder a livros sem pedir ajuda aos funcionários da biblioteca," O edifício possui um design rigorosamente geométrico, com uma base quadrada e um volume cilíndrico central. O programa incorpora a sala principal da biblioteca, com três níveis de estantes, inseridas nas paredes limite e um pátio aberto no centro do cilindro. Os pontos de acesso à área central da biblioteca situam-se nos quatro pontos de tangência do volume circular. Esta ideia e círculo era uma caraterística presente na arquitetura realizada por Asplund.[155]

Entretanto, concretiza-se o novo projeto, e definitivo, do arquiteto Alfred Oeschger, datado de 1928, para a nova Biblioteca Nacional Suíça. O novo edifício foi construído entre 1929 e 1931, ano este em que é inaugurada a biblioteca. O programa divide-se em duas áreas funcionais específicas: a de leitura e a administração. Trata-se de uma obra, cuja massiva e elevada verticalidade da nova torre construída em betão e vidro, contrasta com o estilo romântico e histórico do Museu de História. Nos anos 30, por falta de espaço, realiza-se uma manutenção da maioria dos espaços anteriores, que foram mantidos como existentes, de modo a criar mais espaços necessários à receção de novos documentos e livros. Curiosamente,o seu protótipo deriva do projeto de Alvar Aalto, para a Viipuri Library. Segundo S. Bieri:

A Biblioteca Nacional da Suíça é uma conquista pioneira na arquitetura moderna, no que respeita às bibliotecas. É a primeira e uma das poucas bibliotecas realizadas de acordo com os princípios da «Nova Arquitetura».[156]

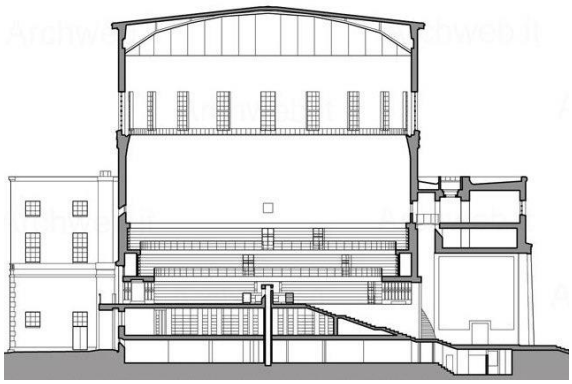
Lentamente, ao longo dos tempos, a biblioteca foi passado por processos de mudança para laicização, democratização, especialização e socialização. Rompe os laços que a ligavam à igreja católica e estende a todos os homens a possibilidade de acesso aos livros, havendo, assim, a necessidade de especializar a própria biblioteca para atender as necessidades de cada leitor ou comunidade, deixando de ser passiva, deslocando-se até o leitor, buscando entendê-lo e trazê-lo para a biblioteca".[157]

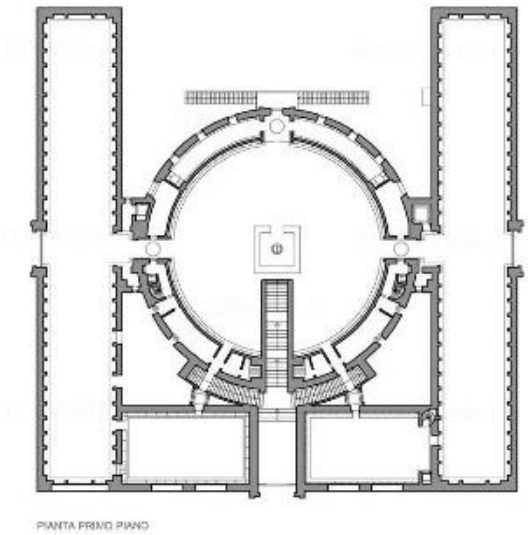
[155] https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/biblioteca-publica-de-estocolmo/

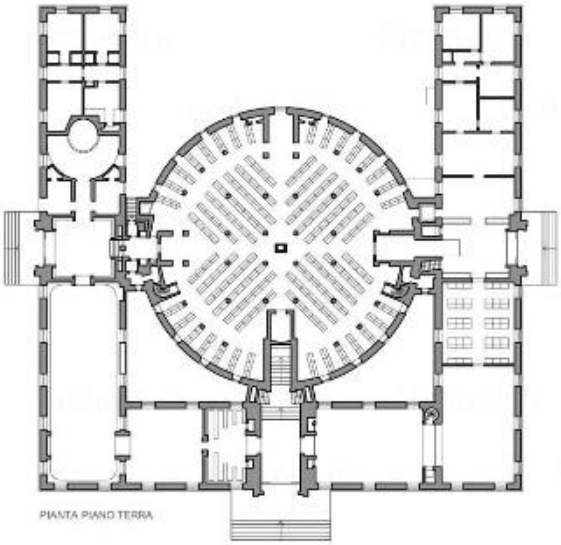
[156] BIERI, Susanne; " Biliotheken bauen: tradition und vision = building for books: traditions and visions"; 2001; p. 352

[157] MORIGI, Valdir José; " Entre o Passado e o Presente: As Visões de Biblioteca no Mundo Ccontemporâneo", Revista ACB, 2005, in http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551









Biblioteca Pública de Estocolmo, Suécia.
https://twitter.com/fraisku/status/1080714445079412736





Biblioteca Nacional Suíça, de Alfred Oeschger; 1929-1931: fachada principal; sala de leitura.
https://www.academia.edu/26954508/Biblioteche_del_Moderno_in_Svizzera_Kunst_Architektur_in_der_Schweiz_Arte_Architettura_in_Svizzera_n._4_2013_pp._12-19

Novos edifícios são construídos perante uma atitude de os tornar cada vez mais atrativos e acolhedores, de modo a servirem cada vez mais e melhor o público no direito de consulta e leitura presencial. Mais do que o seu esplendor arquitetural, os arquitetos que concebem os projetos para esta tipologia, começam a seguir um desenho modular, de formas simples, permitindo uma maior clareza na organização espacial interior, especialmente, das salas de leitura e consulta.

A preocupação era de tornar o edifício atrativo, tanto a nível exterior, como a nível dos seus espaços interiores, resguardando-os da agitação da cidade, de modo a promover o silêncio para uma boa e concentrada leitura. Este trabalho não menosprezava as circulações, estas, que eram pensadas, de modo a que o ato de passagem não pertubasse o exercício da leitura e consulta nos devidos espaços.

Na época moderna, as bibliotecas tendem a inserir-se em edifícios únicos, de acordo com novos programas que respondem às necessidades do Homem Moderno.

De espaços 'mono-funcionais', as bibliotecas passam a edifícios 'multi-funcionais'[158], que respondem a uma crescente complexidade e diversidade de necessidades. Assim, as bibliotecas passam a organizar-se em função de várias temáticas de leitura, espaços dedicados às diversas fachas etárias, incorporando espaços para adultos e crianças, a disponibilizar novos serviços a todos os leitores que as visitam, disponde de áreas de lazer e convívio.

Ao entrar no período moderno da história da arquitetura, os edifícios passam a refletir a geometria a racionalidade da linguagem moderna. A dimensão e diversidade das coleções, impões novas formas de organizar a informação que passa a ser disponibilizada ao público por áreas temáticas.

O Pós-Modernismo vem, entretanto, contrapor-se a uma certa aparência austera, incluíndo conceitos, "contornos e decoração arrojada que alude a estilos históricos de arquitetura."[159] Tratou-se de um estilo que eclodiu durante os anos de 1960 e que perdurou até cerca de 1990, prorrogando um rico, extenso e complexo conjunto de projetos, mesmo pelos anos seguintes.

[158] BIERI, Susanne; " Biliotheken bauen: tradition und vision = building for books: traditions and visions"; 2001; p. 295
[159] "Arquitetura nos Estados Unidos" in https://www.hisour.com/pt/architecture-of-the-united-states-30960/



Viipury Library, Rússia.
http://wikimapia.org/63172/Alvar-Aalto-Viipuri-Vyborg-Library



Biblioteca Municipal de San Francisco, EUA.
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 318



Nova Biblioteca Nacional de França, Paris, de Dominique Perrault, 1988
https://www.archdaily.com.br/br/794189/classicos-da-arquitetura-biblioteca-nacional-da-franca-dominique-perrault-architecture

Como corrobora S. Bieri, o pós-modernismo pode ser entendido como um movimento reacionário e crítico relativamente ao legado deixado pelo modernismo. Enquanto o modernismo é tipicamente identificado como racionalista, com uma crença no progresso linear, na verdade absoluta e na padronização da produção do conhecimento, o pós-modernismo, por outro lado, privilegia a heterogeneidade, a fragmentação e a diferença, como "forças libertadoras na redefinição do discurso cultural."[160]

O pós-modernismo como condição arquitetónica, económica e cultural, está vivo e vai bem, por toda a parte. No discurso arquitetónico, a integração complexa e enriquecedora de múltiplas referências em uma tectônica fluida que incorpora nossas identidades locais simultaneamente multiformes e sem fronteiras foi uma área proibida por muitos anos.[161]

Já sob os ideais do movimento pós-modernista, foi criada a Biblioteca Nacional e de Estado, em Berlim, projetada pelo arquiteto Hans Scharoun, com a colaboração do arquiteto Edgar Wisniewski, em 1967. O edifício de grandes dimensões encontra-se integrado num complexo de edifícios culturais em Berlim denominado *Kulturforum*.[162] O acesso a esta biblioteca faz-se de forma instintiva, por um percurso natural e esquemático, até entrarmos num enorme foyer com vários acessos aos restantes espaços. A sala de leitura geral, situada no piso superior, ocupa uma grande área deste e, num nível superior, encontra-se o depósito geral. Fazem parte do programa desta biblioteca, também, serviços administrativos, vestiários, uma loja e wc, além de espaços de lazer e de descanso. Todos eles são articulados através e um conjunto de percursos, em galeria e verticais. A variação de luz é algo constante, consoante o tipo de espaço em que nos encontramos.

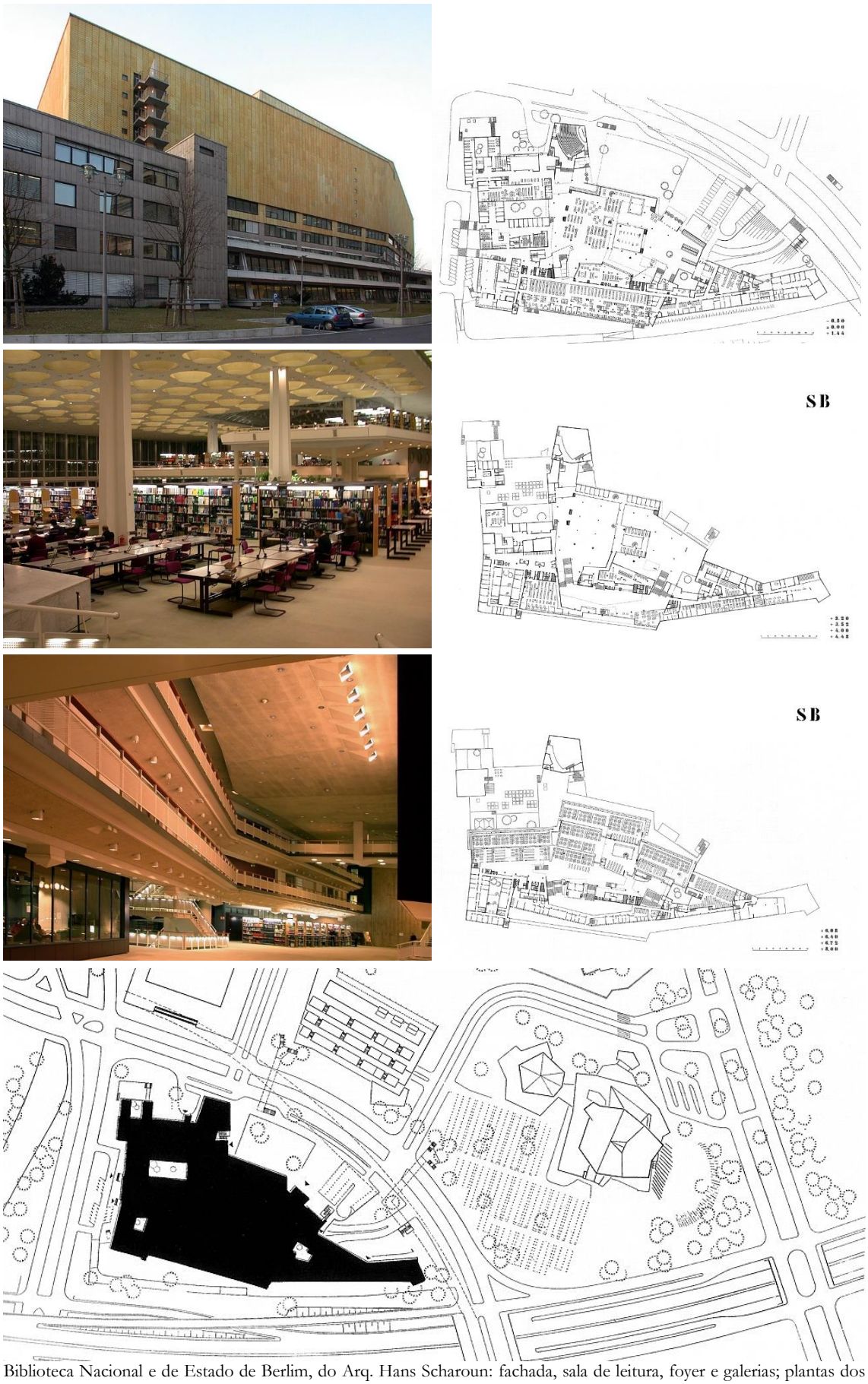
A secção pública estende-se por dois níveis: a zona de entrada generosa com zonas expositivas, bem como a extensa faixa de três salas de leitura diversamente subdivididas situadas no topo. Duas escadas posicionadas lateralmente têm a função de ligação entre os dois níveis. A princípio, eles conduzem os visitantes ao imponente saguão leste, que dá uma ideia das dimensões da parte do estoque que fica acima. Deste mezanino superdimensionado, por meio de três escadas principais, chega-se às salas de leitura. As estruturas retangulares do salão são torcidas umas contra as outras na conhecida maneira scharouniana e são definidas como unidades autônomas. Ao mesmo tempo, eles fazem parte de uma sala fluida, envolvendo o todo, que desce até o Kulturforum.[163]

[160] BIERI, Susanne; " Biliotheken bauen: tradition und vision = building for books: traditions and visions"; 2001; p. 418

[161] TAYLOR-FOSTER; "Dez edifícios que resumem o triunfo do pós-modernismo", in https://www.archdaily.com.br/br/763435/dez-edificios-que-resumem-o-triunfo-do-pos-modernismo

[162] "Biblioteca Estadual de Berlim", in https://translate.google.com/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=https://en.wikiarquitectura.com/building/berlin-state-library/&prev=search&pto=aue

[163] SYING, Eberhard; "Hans Scharoun", Taschen 2004; p.83, in https://www.archiweb.cz/en/b/statni-knihovna-v-berline



Biblioteca Nacional e de Estado de Berlim, do Arq. Hans Scharoun: fachada, sala de leitura, foyer e galerias; plantas dos pisos térreo, 1 e 2; planta geral.
https://www.archiweb.cz/en/b/statni-knihovna-v-berline

Outro exemplo importante a referir é a Exeter Library, projetada pelo arquiteto Louis Khan, em 1972, nos Estados Unidos da América, cuja fama se equivale à Biblioteca Nacional e de Estado de Berlim, acima mencionada. Kahn idealizou um edifício em tijolo, com diversas e variadas elevações subtis e uma arcada que tende a esconder a entrada principal do edifício.[164] O objetivo foi sempre o de projetar um edifício simples e de fácil leitura espacial, como corrobora Louis Kahn:

As pessoas entram na biblioteca quadrada de 111 x 111 a partir do andar térreo e sobem um grande conjunto de escadas de pedra até o primeiro andar. Subindo o último degrau para o primeiro andar, pode-se perceber imediatamente a relação entre área de referência, mesa de circulação e estantes de livros.[165]

Cada um dos pisos superiores contêm estantes de livros, um laboratório de informática, uma área de exibição para fitas de vídeo e DVDs, áreas de audição para música, escritórios para uso dos membros do corpo docente e 210 salas de estudo. Nestes pisos encontram-se, ainda, cerca de 450 diferentes tipos de assentos espalhados pelo edifício, em diferentes divisões, como alguns salões e um terraço que circunda o edifício ao longo do exterior do quarto piso.

Em 1988, constroi-se uma nova Biblioteca Nacional de França, projetada pelo arquiteto Dominique Perrault.. O programa associado aos 4 volumes envidraçados divide-se pelos pisos, segundo uma organização que distingue as áreas destinadas ao público dos serviços que servem a própria biblioteca, bem como das zonas de circulação. Deste modo, o piso térreo é composto por 4 departamentos temáticos, um serviço de pesquisa bibliográfica, um departamento de imagem e som e duma sala reservada para os livros raros e mais preciosos; o piso superior incorpora a biblioteca de pesquisa, uma sala de leitura principal, além de mais 4 departamentos temáticos. Dada a grade dimensão do projeto, permite a presença de centenas de leitores por várias salas de leitura. Importa, ainda, referir que "as mesas de consulta são, pontualmente, dispostas ou perto das janelas salientes, ou emolduradas em fileiras de estantes, nas quais os livros são de livre acesso."[166] O complexo encontra-se localizado numa área de enorme referência, como corrobora D. Pallier:

(…)como um projeto de desenvolvimento urbano, criando um espaço vazio, (…) A visão da margem direita da Biblioteca apresenta-se como uma esplanada retangular que culmina num base composta de degraus, ininterruta, mas abraçada, nos quatro ângulos, pelas quatro torres, em forma de livro aberto.[167]

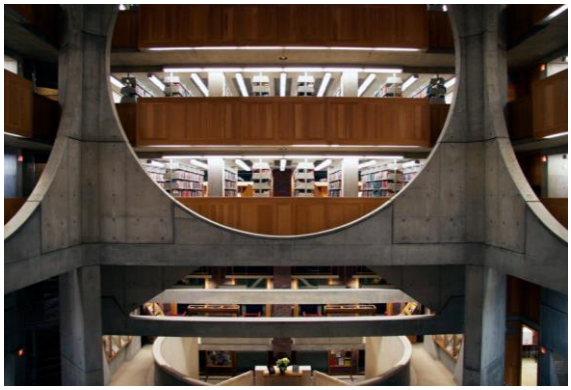
[164] WIGGINS, Glenn E.; "Louis I. Kahn: the library at Philips Exeter Academy"; 1997; p.

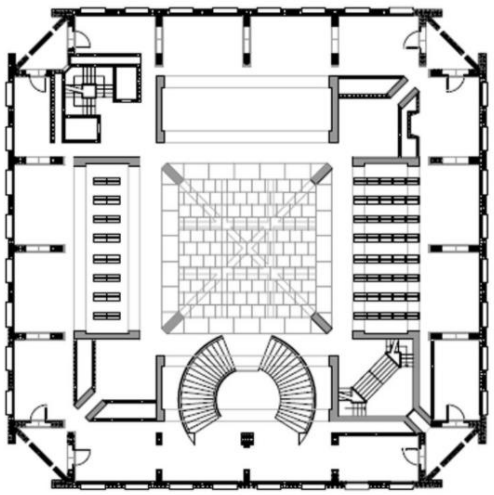
[165] PEREX, Adelyn; "Clássicos da AD: Biblioteca Exeter (Biblioteca de classe de 1945) / Louis Kahn", in https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn

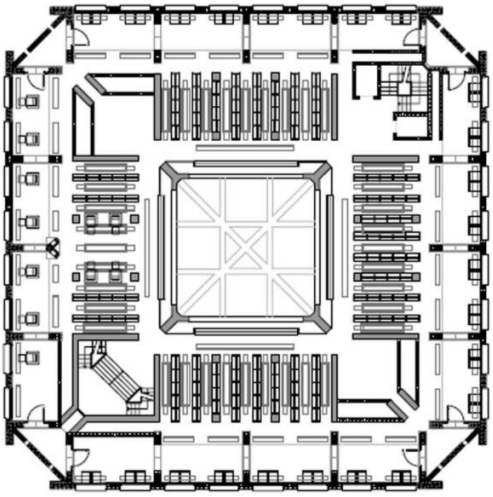
[166] BLASSELLE, Bruno; "La bibliothèque nationale **de** France : mémoire **de** l'avenir / Bruno Blasselle et Jacqueline Melet-Sanson"; 1990; p. 105

[167] MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 270 e 271

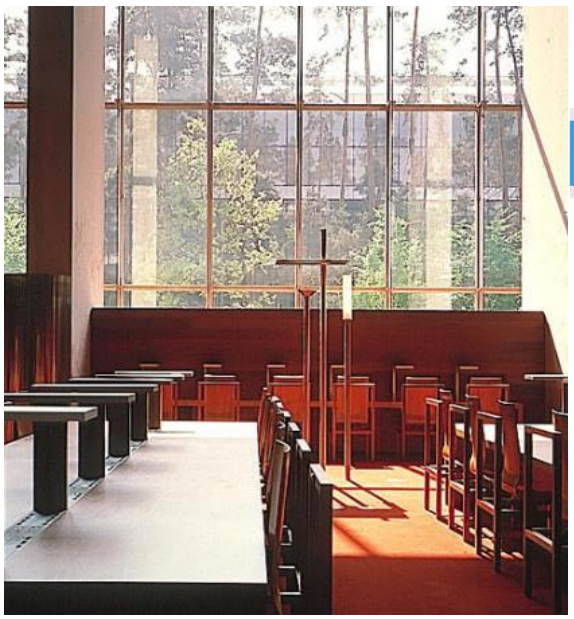


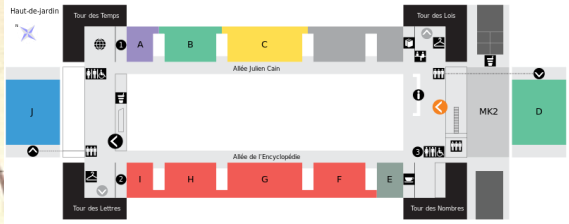


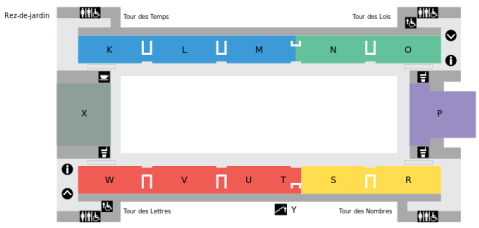




Exeter Library, do arquiteto Louis Kahn; Estados Unidos da América: sala de leitura; plantas dos pisos térreo e tipo.
https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn







Nova Biblioteca Nacional de França, do Arq. Dominique Perrault; Paris: sala de leitura; plantas do pisos térreo e tipo.
https://www.archdaily.com.br/br/794189/classicos-da-arquitetura-biblioteca-nacional-da-franca-dominique-perrault-architecture
https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_Nacional_da_Fran%C3%A7a#/media/Ficheiro:Plan_de_la_Biblioth%C3%A8que_Fran%C3%A7ois-Mitterrand,_Haut-de-jardin_et_Rez-de-jardin.svg

Mais tarde, em 1990, completa-se a obra para uma biblioteca em St. Pancras, Inglaterra. Trata-se de um edifício de grande dimensão, criado para reforçar o acesso e localização de um grande número de coleções e serviços bibliotecários. Como biblioteca é a "melhor equipada, possuíndo o serviço mais acessível do mundo".[168]

Trata-se de um dos exemplos da difusão de espaços de livre acesso e consulta, embora com serviços regulados, especializados para cada função. Possui, ainda, diversas salas de leitura para o público, desenhadas sob a ideia de conforto e boa luminosidade, seguindo um sistema de organização que remonta aos exemplos de bibliotecas medievais, como afirma M. Melot:

Nas salas de leitura, onde os livros não são acessíveis livremente, os leitores passam longos momentos, usufruindo de espaços agradáveis e bem iluminados com luz natural, distribuída por claraboias e aberturas nos telhados; e são os locais de leitura distribuídos e espalhados dentro de um espaço com uma altura dupla acima do nível do solo. (…) Todas as salas de leitura serão possuidoras de ladrilhos (carrels) com um sistema audiovisual incorporado, possibilitando a audição de gravações e aptos para serem usados por invisuais e/ou com insuficiência auditiva, acompanhados por um assistente.[169]

Neste contexto, referimos, ainda, a Biblioteca Eberswalde, de Herzog & De Meuron, situada na Alemanha, e construída entre 1997 e 1999. O projeto foi concebido durante os anos de 1994 e 1996, segundo um sistema modular patente no desenho de repetição tanto a nível exterior, na fachada, como nos espaços interiores. O programa tradicional é expandido e, simultaneamente, redefinido pela incorporação de lugares de encontro, aos quais se procura associar uma particular atmosfera.

A biblioteca de Eberswalde torna-se numa manifestação arquitetónica, em prol de um processo de informação enfatiza nos efeitos visuais, táteis e espaciais.[170]

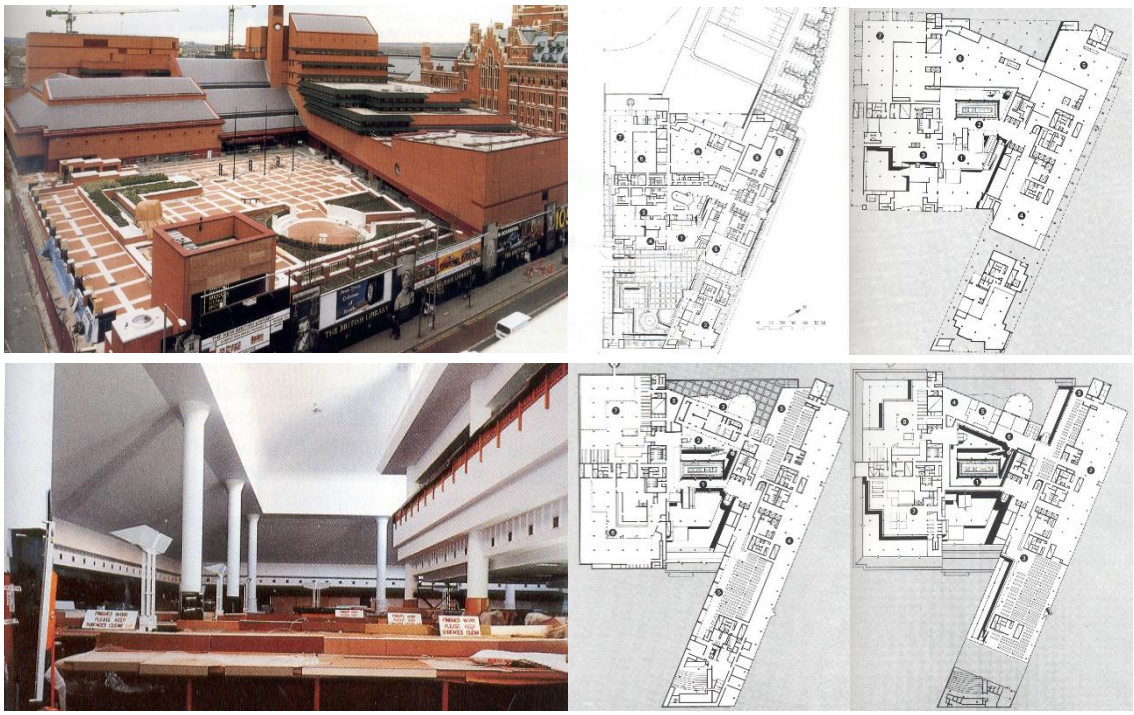
Situada num local histórico da Grécia, a nova Biblioteca de Alexandria compõe-se por 3 elementos: centro de conferências, parte da obra pré-existente, planetário e o novo edifício, todos ligados através da praça, formando um vasto complexo funcional.

Trata-se de um espaço aberto, datado do ano de 2001, concebido para permitir captação de luz indireta que cria um ambiente especial, dada a sua forma em cilindro truncado. Deste modo, a cobertura inclinada, suportada com colunas finas e elegantes que configuram um efeito "catedral do livro", permite a entrada de luz natural e poderia incorporar um sistema de energia solar.

[168] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 221

[169] MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 221

[170] BIERI, Susanne; " Biliotheken bauen: tradition und vision = building for books: traditions and visions"; 2001; p. 419



Biblioteca Pública em St. Pancras, Inglaterra: pátio; sala de leitura; plantas pisos 0, 1, 2 e 3.
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 209, 214, 215, 218, 219 e 224



Biblioteca Eberswalde, de Herzog & De Meuron, na Alemanha, 1997-1999.
http://www.swissmade-architecture.com/?seite=Overview&pid=20

A orientação das janelas atenua os raios de Sol diretos, tanto na grande sala como nos escritórios. O complexo é, ainda, atravessado por uma ponte, no segundo piso, ligando o Campus Universitário, a Sudeste, ao mar a Noroeste. A partir do promontório, algumas escadas levam ao grande salão de leitura. Este espaço é dividido em sete níveis, cada um com uma área de leitura e outra de exposição de livros, criando um efeito cascata e permitindo contato visual entre cada nível.

Possui, uma programa vasto que inclui, também, um auditório principal com 1638 lugares, 3 auditórios com 650 lugares, todos com configurações diferentes, duas grandes áreas expositivas, algumas cafetarias, espaços e salas de reunião, tudo ligado ao restante sob a praça e, ainda, um centro do conferências. As coleções encontram-se divididas pelos 11 pisos escalonados: "repositórios de livros e manuscritos, capazes de abrigar mais de oito milhões de volumes, ocupam ordenadamente os espaços abaixo da sala de leitura."[171] Finalmente, faz parte, também, do programa, um centro de internet e arquivo, seis bibliotecas especiais de artes, multimedia e materiais audiovisuais, para invisuais, crianças, jovens adolescentes, livros raros e coleções especiais, assim como um *Exploratorium*[172] para exposições infantis de ciência, uma sala 3D, quatro galerias para exposições temporárias, sete institutos de pesquisa e fórum de reunião.

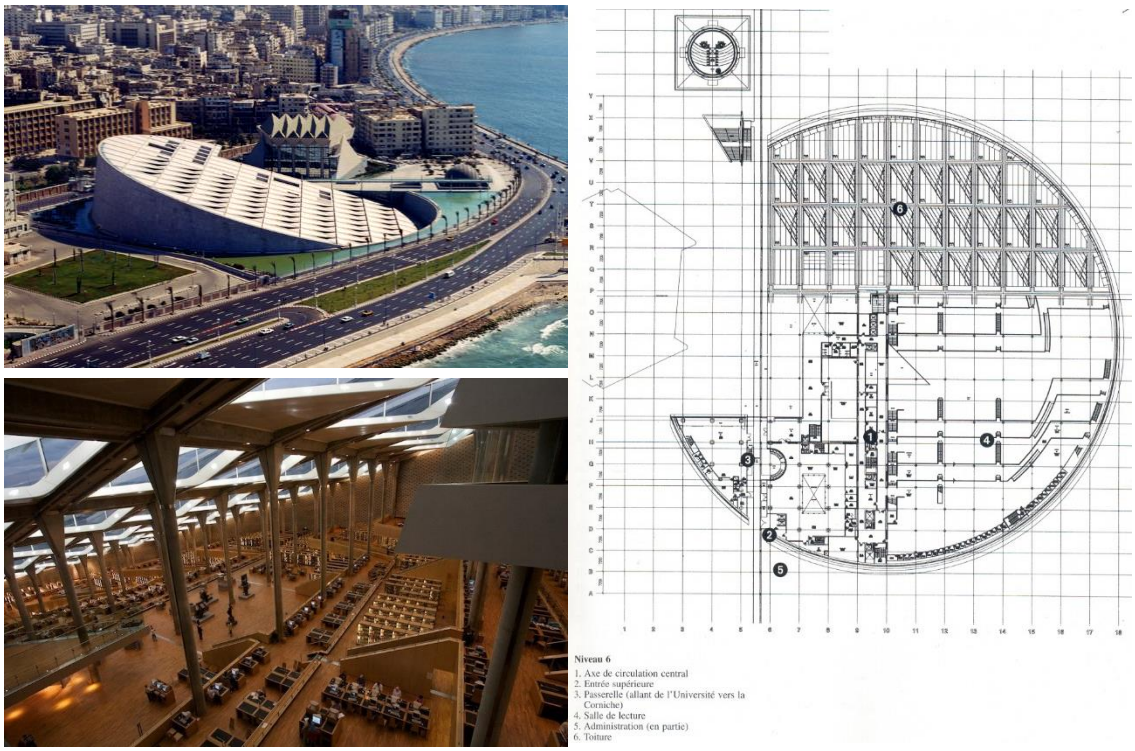
Por último, importa destacar, também, a Nova Biblioteca Central, em Seattle, do arquiteto Rem Koolhaas, de 2004. Trata-se de uma obra dividida em compartimentos funcionais distintos, com uma ambiência específica, variedade em escala e materialidade, com espaços públicos e de acesso restrito aos serviços da biblioteca. O edifício é limitado por uma fachada dupla que atua como elemento de definição do espaço e atrator visual, animando os espaços urbanos em volta da biblioteca. A conotação espacial das fachadas permite captação de luz, através de aberturas mais ou menos rasgadas, permitindo explorar uma particular relação entre interior e exterior. S. Bieri faz uma comparação programática da biblioteca de Seattle com a biblioteca Eberswalde, na Alemanha, concluindo que:

Enquanto o projeto de Seattle coreografa o social, as implicações económicas e organizacionais de novas tecnologias de informação, como um híbrido programático, e, inadvertidamente, lida com a sua formalização arquitetónica, Eberswalde explora, abertamente, a materialização dos dados virtuais como uma superfície comunicacional. (…) Apesar de se inserirem em contextos culturais diferentes e de se projetarem segundo estratégias de desenho divergentes, ambos os projetos exploram o potencial de cada biblioteca como forças geradoras de identidade numa cultura global.[173]

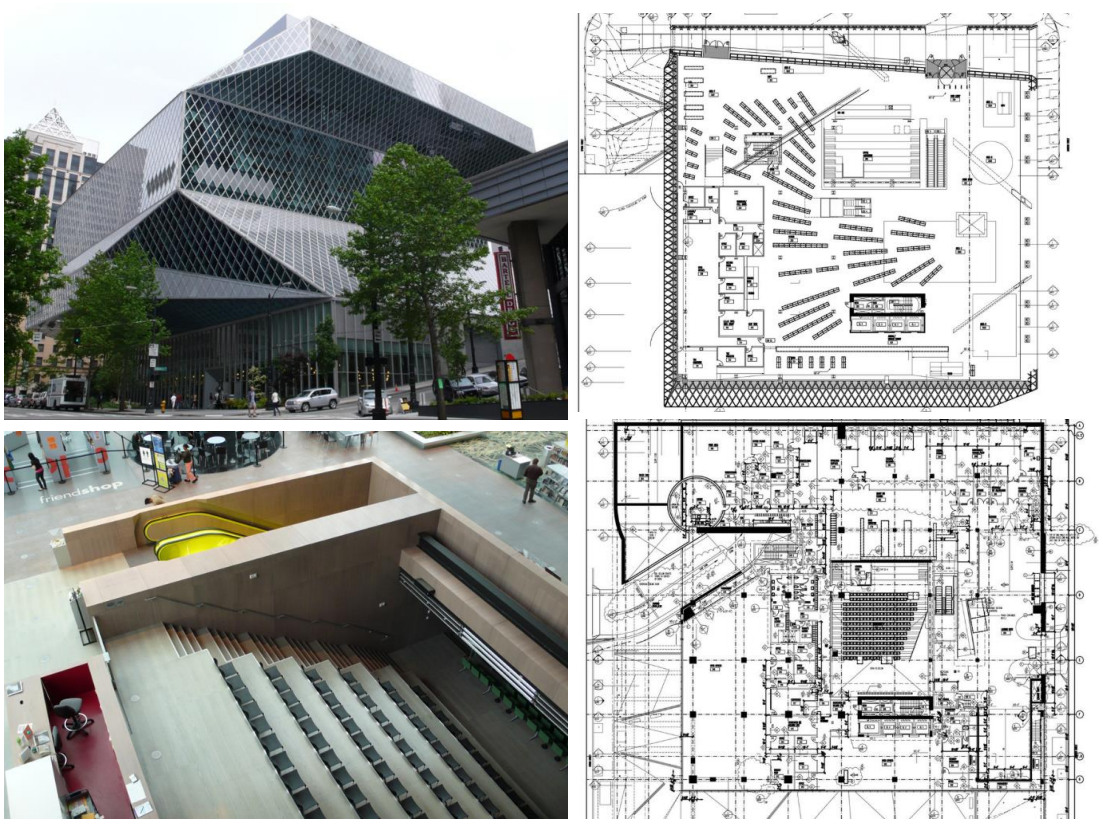
[171] LANGDON, David; "Clássicos da AD: Bibliotheca Alexandrina / Snøhetta", in https://www.archdaily.com/592824/ad-classics-bibliotheca-alexandrina-snohetta

[172] A espressão *Exploratorium* refere-se a uma área de exposição de temáticas relacionadas, exclusivamente, às ciências.

[173] BIERI, Susanne; " Biliotheken bauen: tradition und vision = building for books: traditions and visions"; 2001; p. 409



Biblioteca de Alexandria, sociedade de arquitetos Snøhetta; Grécia: enquadramento geral, sala de leitura e planta.
https://www.girassolviagens.com/a-moderna-biblioteca-de-alexandria/
http://www.archicake.com.tw/ad/20130820-architectural_design-773
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 63



Biblioteca Central de Seattle, do Arq. Rem Koolhaas, Estados Unidos da América: auditório e planta dos pisos térreo e superior.
https://www.archdaily.com.br/br/624269/biblioteca-central-de-seattle-oma-mais-lmn/53cd1160c07a80492d0002ba-biblioteca-central-de-seattle-oma-mais-lmn-planta-nivel-02?next_project=no

Da investigação e reflexão produzidas poderemos afirmar que:

De um modo geral, a arquitetura moderna, até a década de 1960, consistia em edifícios retangulares com linhas retas. Após a década de 1960, as curvas de fluxo livre se manifestaram.[174]

Os projetos para bibliotecas eram elaborados segundo um estilo que se definia com base no desenho livre, isto é, os espaços eram criados com objetivos direcionados para a população. Isto verifica-se, principalmente, quando os bibliotecas passam a incorporar um edifício na sua totalidade e a compor um programa próprio, retomando o conceito de biblioteca criada na Grécia Antiga, com espaços de leitura, um auditório, entre outras salas com funções específicas. Deste modo, a biblioteca deixa de ser só e unicamente uma sala principal e exuberante e passa a ser um conjunto de espaços, possuindo diversas salas de leitura, para toda a população, bem como zonas de convívio e lazer. Além de espaços para o público, faz parte integrante do programa áreas como a administração e serviços de apoio e manutenção, representadas por um conjunto de pessoas que gerem o funcionamento da biblioteca.

A satisfação de uma das necessidades mais básica do Homem – no seu próprio ambiente – vem do facto de que a biblioteca lhe traga a oportunidade de se divertir em casa e levar seu próprio desenvolvimento em mão. Uma parte importante que a biblioteca oferece – através do empréstimo de documentos – aos utilizadores, uma leitura em casa: para muitos, ler é um alimento inteletual. Um ambiente sem uma biblioteca sequer é uma desvantagem para o bem-estar do cidadão.[175]

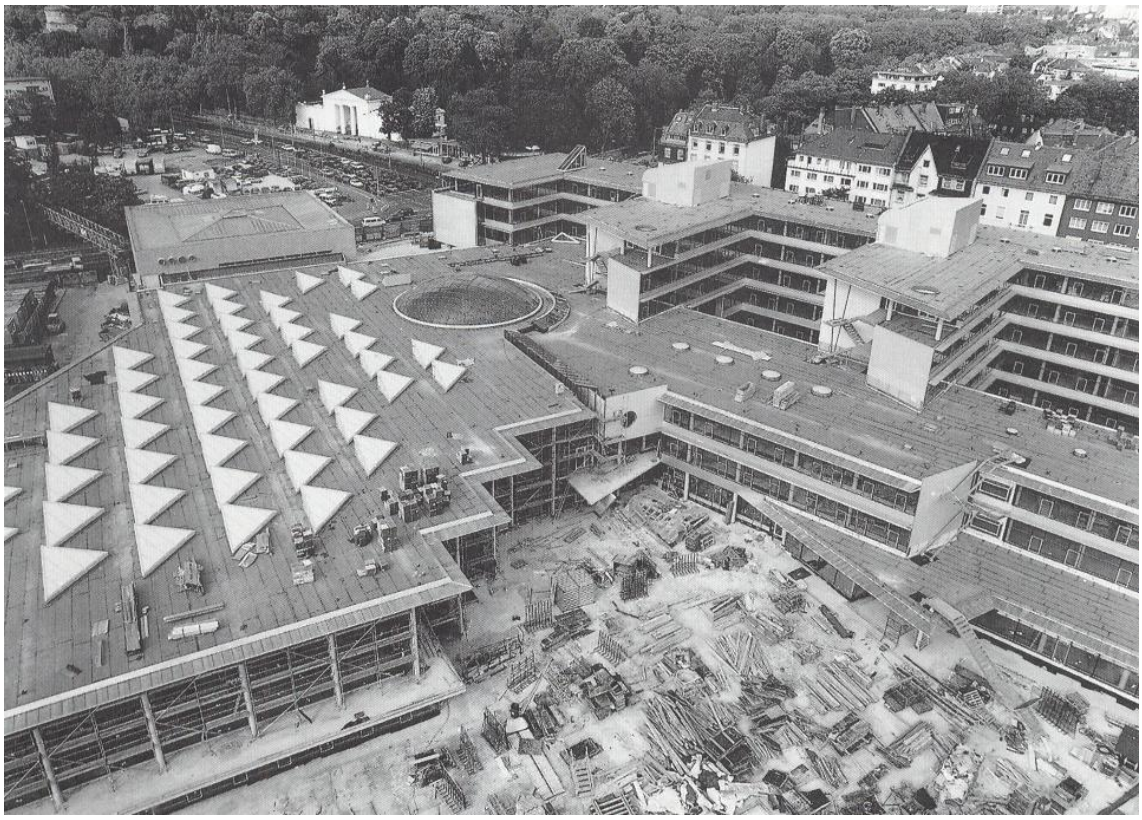
É neste contexto que surgem as bibliotecas modernas, apresentando-se como obras imponentes e de alguma exuberância ou, mesmo, com simplicidade e clareza de formas retas ou de traços livres, possuindo uma estética suficientemente agradável e propícia a ficar por longos espaços de tempo. A nível do interior, organizam-se segundo um programa que se distribui, de forma lógica, por cada um dos espaços criados, permitindo uma boa acessibilidade aos espaços dedicados à leitura e consulta, sendo estes, na sua maioria, de acesso livre. Todos estes ideiais perduram durante o movimento pós-modernista, em alguns exemplos, de um modo mais exuberante, no que respeita ao seu desenho arquitetónico.

Como corrobora J. B. Ventura, 'abertura' e 'acessibilidade' são caraterísticas que remetem para a desterritorialização das bibliotecas, enquanto lugares físicos, cuja centralidade geográfica, linguagem arquitetónica, mobiliário, circulação interior, formas e processos de acesso às coleções convidam a entrar.[176]

[174] https://www.hisour.com/pt/post-war-modern-architecture-28038/

[175] MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 184

[176] VENTURA, João J. B.; " Bibliotecas e esfera pública"; 2002; p. 37



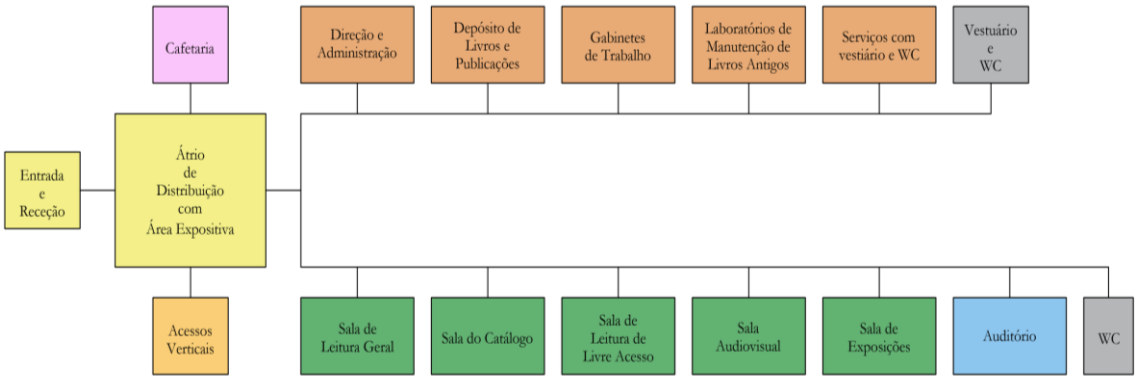
Local da construção da *Deutsche Bibliothek* em Frankfurt.
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 12



Biblioteca e Arquivo Nacional de Quebec, Montreal, Canadá
https://www.quebecoriginal.com/fr-ca/fiche/transport-et-organismes-touristiques/organismes-touristiques/organismes/grande-bibliotheque-bibliotheque-et-archives-nationales-du-quebec-1591343

O modernismo, vem , assim, quebrar barreiras ao acesso à literatura e conhecimento por parte da população, apoiando a descentralização das bibliotecas e aproximando-as o mais possível de todos os cidadãos.

Em suma, as bibliotecas atuais, incorporam várias salas de leitura, que abrigam livros e documentos das mais variadas temáticas, possuíndo espaços para consulta, estrategicamente localizados e destinadas às diferentes faixas etárias, segundo uma distribuição organizada. De um modo geral, estas salas são de acesso livre, podendo conter uma pequena área de informação para consulta e pesquisa informáticas. Em alguns casos, especialmente na sala de leitura principal, pode ser necessário um requererimento que permite a consulta de alguns livros, como acontece no objeto de estudo deste trabalho, a Biblioteca Pública Municipal do Porto. A existência de uma sala de exposições, bem como de um auditório, reforçam o caráter público da biblioteca, promevendo a cultura com a realização, por um lado, de exposições ligadas a diversas áreas artíticas, por outro lado, de conferências e palestras, entre outras sessões de interesse público. Em relação aos espaços de estar e lazer, podemos ter acesso a uma cafetaria, prorpiciando momentos de pausa, tanto para o público leitor, como para o pessoal docente responsável pela gestão da biblioteca. Os wc são, igualmente, incorporados no programa de um modo estratégico. Relativamente às zonas restritas e de acesso reservado ao pessoal docente, integram as áreas da administração, espaços de trabalho informático e laboratórios de manutenção de livros e documentos mais antigos, áreas de depósitos para guardar publicações, bem como núcleos de serviços para funcionários que garantem a limpeza dos espaços, com vestiário e wc de apoio.



5.9. Do Colégio à Universidade

Voltando ao século XIII, durante o qual se criaram as primeiras bibliotecas universitárias, paralelamente às bibliotecas monásticas e catedráticas, numa altura em que surge a leitura laica.

Com o surgimento das universidades, houve uma necessidade de criar mais espaços de leitura e estudo, dada a maior quantidade de livros e o maior número de estudiosos.

Assim como aconteceu com as bibliotecas medievais, em geral, os frades tomam partido das universidades e, por conseguinte, das suas bibliotecas. Deste modo, "o nascimento das grandes universidades conduziu, por um lado, ao desenvolvimento de mais bibliotecas, anexadas a cada uma das faculdades da universidade, e, por outro lado, ao desenvolvimento de oficinas copistas para os leigos", como afirma D. Pallier.[177]

Segundo o mesmo autor, a nível geral, as bibliotecas universitárias medievais possuíam galerias de proporções modestas, onde os livros eram dispostos em púlpitos, como se pode ver, também, nos exemplos dos colégios de Oxford e Cambridge[178], seguindo o modelo do "stall system"[179], com dois ou três níveis de prateleiras acima de cada púlpito. Assim, é dada maior importância ao mobiliário, de modo a que fosse proporcionado um estudo cómodo, e à configuração dos púlpitos, bem como ao tipo de pavimentação dos mesmos. Na maioria das bibliotecas universitárias medievais, o espaçamento das janelas corresponde a uma linha de púlpitos.

A partir do século XV, assistiu-se a um grande aumento de edifícios destinados a abergar bibliotecas, especialmente, de caris universitário. Este facto acontece, em especial, na cidade de Oxford, em Inglaterra, através de vários exemplos importantes, dos quais se pode destacar a Arts End, adicionada à biblioteca do duque Humphrey, dos anos de 1610 a 1612. A referida biblioteca era limitada por paredes com estantes e uma galeria coberta de colunas toscanas, que viria a torna-se a melhor biblioteca de Inglaterra. Por último, referimos o exemplo do colégio de Corpus Christi, que, a partir de 1604, adota um sistema de estantes perpendiculares à fachada, formando compartimentos destinados à pesquisa, segundo afirma N. Pevsner.[180]

[177] Pallier, Denis; "Les Bibliothèques"; 2000; p. 15

[178] *Ibid*; p. 21

[179] Stall System: sistema " através do qual se insere prateleiras de duas faces entre as mesas de trabalho, uma no nível da mesa e a outra 50 centímetros acima: é o sistema de dois andares, com duas pontes ou dois níveis.
MASSON; André; Le décor des bibliothèques : du Moyen Âge à la Révolution; 1972; p. 65

[180] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 111 e 114



Biblioteca de Bodley, Arts End, Oxford, Inglaterra, 1610-1612.
Colégio *Corpus Christi*, Oxford, Inglaterra, 1604 e 1700: sistema de estantes.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 110 e 114



Biblioteca da Universidade de Cambridge, atualmente biblioteca Law, de C. R. Cockerell, 1837-1840
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 123

Tomando como exemplo o esboço de uma biblioteca universitária inglesa, que seguia uma implantação de secção retangular, com pilares modularmente distanciados, uma zona de livre acesso com filas de prateleiras agrupadas em seções e ao redor das quais se alinham os assentos para estudo, algumas vezes em mesas, outras em 'carrels' abertos ou fechados e, geralmente, perto das janelas.

Segundo J. M. Sousa, a sala da biblioteca possui, sempre, uma cuidada decoração que acompanha toda a organização espacial do espaço bibliotecário.[181] Este tipo de desenho acontece no exemplo da Biblioteca da Abadia de Saint-Victor, em França, que, a partir de 1684, representa um dos exemplos que possui uma sala de leitura retangular. Nesta biblioteca destacamos a importância da iluminação como uma das questões primordiais na conceção dos espaços das bibliotecas universitárias: a sala principal era bem iluminada por um bom número de janelas, tipo vitrais. As janelas têm, assim, um papel crucial na organização espacial deste tipo de salas, uma vez que o seu desenho permite que os livros sejam colocados em estantes introduzidas em armários, bem como, a existência de bancos colocados em pares, na frente de pequenas mesas no recesso da janela.

As bibliotecas universitárias antigas, nomeadamente as medievais, possuíam salas de leitura muito altas, paredes interiores maciças e depósitos de livros com muitas filas e de baixa altura. O seu aspeto exterior era idealizado para impressionar e cada área correspondia a uma função. Por isso, não havia flexibilidade de funções, pois a cada espaço correspondia uma função pré determinada e consequente numa forma ajustada à sua função.

As bibliotecas universitárias modernas surgem essencialmente no século XX, a partir do qual começaram a evoluir. O seu aspeto exterior perde o sentido monumental, passando a assumir formas mais racionais, ganha novas valências programáticas, como blocos de oficinas ou armazéns, promovendo uma maior flexibilidade dos espaços. Procurava-se uma optimização espacial, assim como melhorar as condições de conforto, respondendo às necessidades do avanço das diferentes épocas.

A menção de que a biblioteca universitária deve-se consolidar como um espaço de aprendizagem é fortalecido pela necessidade de aquisição de novas competências tanto pelo bibliotecário quanto pelo utilizador em relação ao manuseio de ferramentas que estão disponíveis nas bibliotecas, estimulando assim, a autonomia tanto na pesquisa quanto na investigação.(Amante, 2010b; Pinto, Fernandes, 2009)[182]

[181] SOUSA, José Martinez de; "Diccionário de bibliologia y ciencias afines"; 1989; p. 266

[182] CARVALHO, Luciana Moreira; "As Bibliotecas Universitárias de Portugal e Nordeste do Brasil: estudo sobre o impacto e mediação das tecnologias digitais" – Dissertação de Mestrado; 2013; p. 108



Abadia de Saint Victor: biblioteca inserida nos espaços contíguos à igreja: edifício da abadia; esquema de localização da abadia.
https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g187253-d230678-Reviews-Abbaye_Saint_Victor-Marseille_Bouches_du_Rhone_Provence_Alpes_Cote_d_Azur.html#photos;aggregationId=101&albumid=101&filter=7&ff=192424268
https://pt.wikipedia.org/wiki/Abadia_de_S%C3%A3o_V%C3%ADtor#/media/Ficheiro:Saint-Victor_de_Paris_en_1572.png



Biblioteca Codrington, Oxford, All Souls, de Nicholas Haeksmoor, 1715-1740 - PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 120

O claustro tornou-se, assim, no pátio quadrado em torno do qual os espaços da faculdade estão dispostos, caraterística principal das primeiras bibliotecas monásticas universitárias inglesas e que contribuiu para o seu funcionamento. Este tipo de desenho arquitetónico encontra-se presente nos exemplos das bibliotecas das Universidades de Oxford e Cambridge, fundadas durante o século XIII, estas que, ao longo dos tempos, não alteram a sua configuração, mas sofrem algumas transformações espaciais, adequadas às épocas.[183]

Segundo A. Masson, "nos mais antigos complexos universitários, o desenho do quadrado é delimitado por galerias que se tornam verdadeiros percursos de claustro".[184]

Em 1254, Robert de Sorbon, capelão de Luís IX funda o Colégio da Universidade de Paris, no qual se inseriu uma das mais conhecidas bibliotecas universitárias, a biblioteca Sorbonne. Possuía 28 púlpitos inclinados, solução esta que permitia o livre acesso ao espaço da biblioteca. Os volumes eram guardados em baús e armários, com mesas diagonais e eram conservados em fragmentos de cadeia. Geralmente, os volumes colocados nas tribunas, eram acorrentados aos mesmos, correspondendo cada par deles a uma janela.

Sendo esta uma biblioteca de caris universitário, a iluminação torna-se uma questão muito importante, pelo que a sala, na qual se insere, era comprida, estreita e bem iluminada, lateralmente, através de 19 janelas pequenas, uma em cada baía. Continha, também, escrivaninhas para uso dos leitores. Foram, ainda, instalados púlpitos, facto que se verificava, também, nas bibliotecas dominicanas e nos colégios.

O plano e disposição desta biblioteca tornaram-se referências para as bibliotecas entre os séculos XIV e XVI. Segundo N. Pevsner, este método de leitura também foi aceite e implantado, também nas bibliotecas inglesas.[185]

A Biblioteca do Colégio de Navarra foi um dos exemplos desta tipologia construída na ala Sul do claustro, paralela à capela, sendo estes dois espaços separados pelo claustro, com janelas nas fachadas Norte e Sul e púlpitos colocados perpendicularmente.

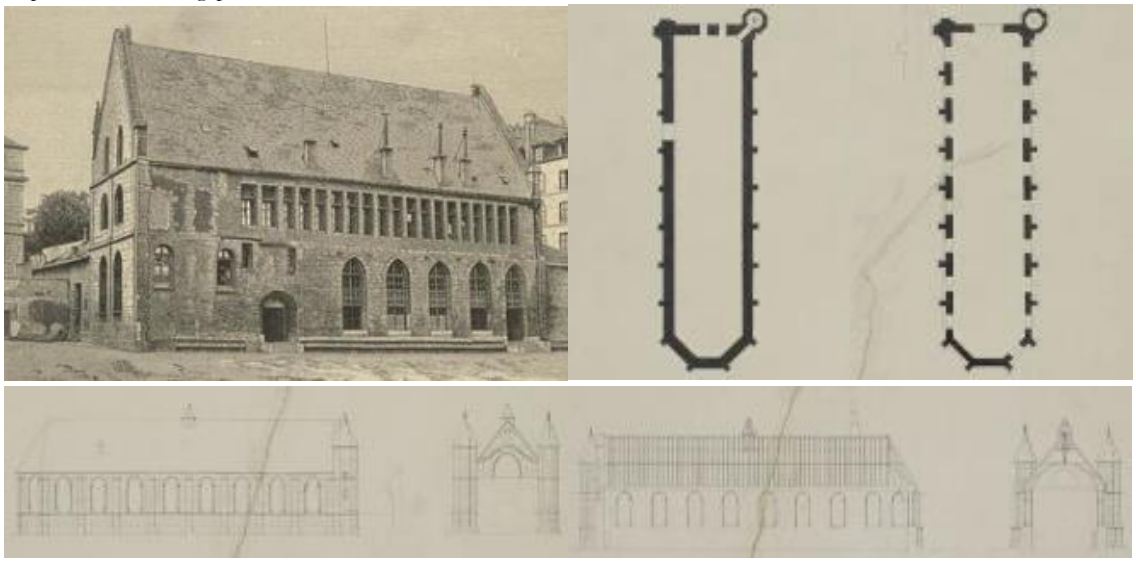
A biblioteca do colégio de Navarra ocupava, acima do Salão dos Atos, o primeiro andar de um prédio de 36 metros de comprimento por 10 de largura, dimensões que excedem as de todas as faculdades inglesas do mesmo período. Eles são comparáveis aos da biblioteca Sorbonne (40 por 12 metros) (…).[186]

[183] MASSON; André; Le décor des bibliothèques : du Moyen Âge à la Révolution; 1972; p. 34 e 36
[184] *Ibid*; p. 34
[185] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 120
[186] MASSON; André; Le décor des bibliothèques : du Moyen Âge à la Révolution; 1972; p. 36





Biblioteca Sorbonne, inserida no colégio da Universidade de Paris, finais do século XIII: fachada principal; sala de leitura.
http://nefertari5.blogspot.com/2013/04/bibliotecas-do-mundo-biblioteca-da.html



Biblioteca do colégio de Navarra: edifício de 1304; plantas e perfis.
https://www.alamy.com/search.html?qt=bibliotheque%20du%20Coll%C3%A8ge%20de%20Navarre&imgt=0
https://bibliotheque-numerique.inha.fr/collection/item/26525-chapelle-du-collge-de-navarre

A Biblioteca da Universidade Geral de Oxford teve uma história complicada e não emergiu como uma coleção efetiva até o século XV. Por volta de 1320, Thomas Cobham, bispo de Worcester, ergueu um edifício, com a designação Oxford, com um piso inferior destinado a uma igreja, e um piso superior, no qual se inseriam um oratório e uma biblioteca geral para todas as faculdades.[187]

As origens da Biblioteca de Bodleiana remontam do início do século XIII, estando incluída numa instituição eclesiástica denominada «Old Congregation House» na igreja de St. Mary. Contudo, segundo A. Masson, somente em 1444 e após a instituição ter demonstrado o seu valor, as autoridades universitárias solicitaram a ajuda do duque de Gloucester, de Humphrey, para a construção do edifício que, atualmente, é o centro do vasto complexo universitário bodleiano, desde o século XV.

(…) Assim, da eleição deste local, a 14 de julho de 1444, ergueu-se um edifício, de apenas um piso, destinado à escola de teologia «Divinity School». Assim, foi erguido um piso para abrigar os livros da universidade.[188]

A Biblioteca de Bodleiana, em Oxford, constitui o coração da Universidade Medieval em Inglaterra e, até mesmo, na Europa.[189]

Outro exemplo que se segue é a Biblioteca do colégio Magdalen, em Oxford, cujo colégio foi construído entre 1475 e 1490, e que se encontra situada do lado ocidental do colégio. Neste exemplo, destaca-se uma galeria elevada ao primeiro piso, como acontece em Chaise-Dieu ou Tours. Esta biblioteca inclui-se no grupo de bibliotecas em forma quadrangular, caraterístico das bibliotecas universitárias medievais.

Mais tarde, cerca de entre 1598 e 1600, foram encontrados livros, colocados entretanto em estantes instaladas, acima da escola Divinity. Este espaço encontrava-se organizado segundo um sistema considerado uma "nova invenção" - o *Saal-System*, denominado pelos historiadores alemães, ou chamado *Wall-System*[190] pelos ingleses, segundo o qual a arquitetura da sala principal passaria a dominar a disposição e formato do mobiliário.

Deste modo, "o que a carateriza é a colocação das estantes apenas ao longo das paredes, o que, arquitecturalmente, proporciona uma grande amplitude espacial na *Saal* ou sala de leitura."[191]

[187] HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; 1995; p. 112

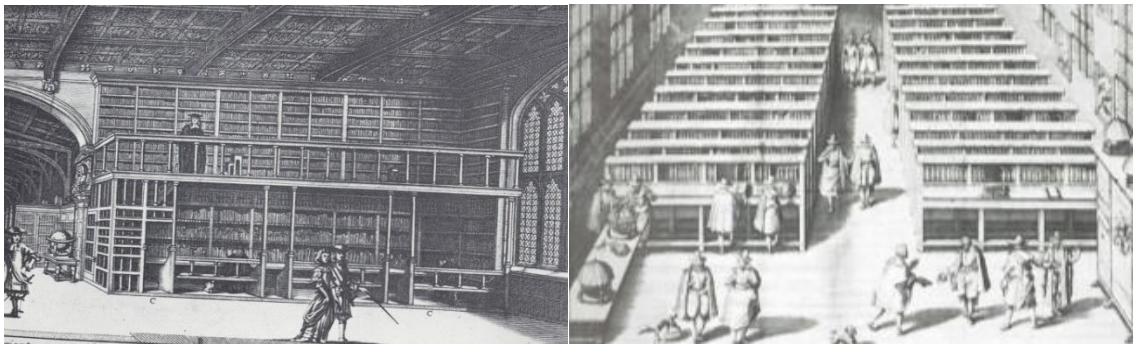
[188] MASSON; André; Le décor des bibliothèques : du Moyen Âge à la Révolution; 1972; p. 35

[189] *Ibid*; p. 34

[190] Estes sistemas adotados tanto pelos alemães, como pelos ingleses, vieram revolucionar a organização espacial das bibliotecas da época, em especial, as universitárias, nas quais começaram por ser instituídos. Os mesmos sistemas acabaram por ser adotados, também, por bibliotecas de outros países europeus.

[191] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 113





Biblioteca Bodleiana, Oxford, 1610-1612.
Biblioteca da Universidade de Leiden, Inglaterra. Desenho de 1610.
MASSON; André; Le décor des bibliothèques : du Moyen Âge à la Révolution; 1972; p. 24
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 113



Biblioteca do colégio de Magdalen, Oxford, século XIII: fachada principal; sala de leitura e consulta.
https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g186361-d195358-Reviews-Magdalen_College-Oxford_Oxfordshire_England.html#photos;aggregationId=101&albumid=101&filter=7&ff=293421128

Importa, ainda destacar, acerca da Biblioteca Bodleiana que, em 1602, é, oficialmente, fundada, na universidade, pelo diplomata Thomas Bodley. Nesta biblioteca, as estantes para os livros não se situavam na sala principal, mas sim ao redor desta. À semelhança da Biblioteca da Universidade de Leiden, possui estantes de parede colocadas junto às mesas de trabalho, permitindo maior proximidade entre livros e estudantes e/ou professores.

A Biblioteca Real e Universitária da cidade de Copenhaga, é criada em 1653 e que, segundo afirma M. Melot, começa por ser uma biblioteca pessoal do rei Frederico III.[192]

Esta possuía uma grande sala e um gabinete de curiosidades. O aumento de aquisições leva a que, em 1786, o edifício sofra uma extensão, devido a problemas de falta de espaço para aquisição de mais documentos, sendo, mais tarde, construído um novo edifício, que se trata da atual biblioteca.

O novo edifício deveria ser integrado ao conjunto já edificado, principalmente em tijolo, que caracteriza o centro histórico de Copenhague.[193]

Deste modo, o projeto foi elaborado tendo em conta uma extensão de cerca de 12.500 metros quadrados, nomeadamente em áreas de receção, exposição e leitura, departamentos e escritórios especializados.

No Trinity College, em Cambridge, da autoria de Christopher Wren[194], contruída entre os anos de 1676 e 1694, há uma combinação das ordens clássicas nas fachadas e arcadas, num equilíbrio perfeito e com grande sobriedade. As estantes eram circunscritas em pequenos escritórios retangulares, tipo 'carrels', à semelhança de outras Bibliotecas Medievais.

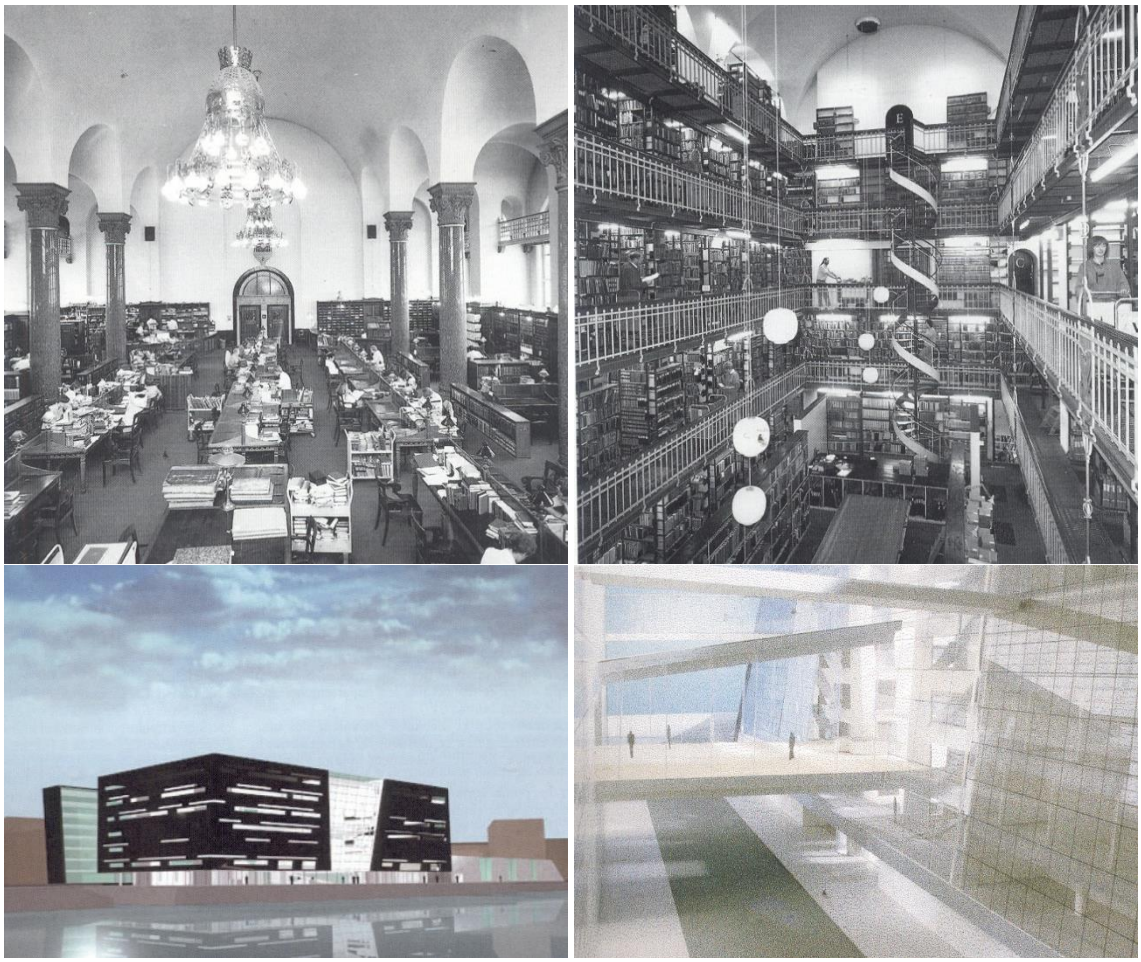
Segundo o sistema implantado por Wren de uma forma inteligente, a sua biblioteca possuía uma "linha de janelas suficientemente alta que as estantes podiam continuar nas paredes da parte correspondente a cada estante/armário. Externamente, correspondendo a um detalhe típico de Wren, as linhas de separação entre os pisos inferior e superior foram executadas tanto no piso superior, como nos peitoris das janelas. O truque é visível pela grande dimensão dos arcos da arcada inferior, no piso térreo."[195] Uma obra de grande elegância arquitetural e de nobre construção civil.

[192] MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 91

[193] *Ibid*; p. 93

[194] Em Inglaterra, várias foram as obras inspiradas nas teorias e conceitos de Christopher Wren, autor de algumas das mais conceituadas bibliotecas universitárias.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 118

[195] PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 120



Biblioteca Real e Universitária de Copenhaga: antiga sala de leitura; sala dinamarquesa; enquadramento urbano; ligação entre dois edifícios.
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 89, 90, 91 e 101



Biblioteca do colégio Trinity, Cambridge, de Christopher Wren: fachada e sala de leitura, em 1676; fachada e sala de leitura na atualidade.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 119
http://nefertari5.blogspot.com/2014/02/bibliotecas-do-mundo-biblioteca-da.html

Considerada um obra de reunião de "todos os saberes num mesmo espaço concreto"[196], a Biblioteca Joanina, situada na cidade de Coimbra, em Portugal, começa a ser construída em 1717, até ser concluída em 1728. Encontrava-se instalada, apenas, no piso superior, segundo uma disposição modular, com uma engenhosa dissimulação das escadas dentro dos arcos triunfais e os escadotes deslizantes embutidos nas ilhargas das estantes. No ano de 1912, é criada uma nova sala de apoio à biblioteca, como depósito térreo, que englobava parte da arcada manuelina do antigo paço. Em 1913, constrói-se uma nova sala de leitura nas traseiras da capela, no casco da Faculdade de Letras, como biblioteca geral, existente até 1960, ano em que é demolida, até ser substituída por um novo edifício, mais moderno e funcional. Entretanto, realizaram-se algumas intervenções na cobertura e no interior com a criação de dois entrepisos, com um plano racional e funcional. Entre 1942 e 1962, a Biblioteca Joanina vai-se encontrando completamente cheia. Assim, e durante este tempo, dá-se, também, a transformação do edifício da Faculdade de Letras em Biblioteca, que passa a ter maior capacidade para um maior número de livros e salas para outras atividades.

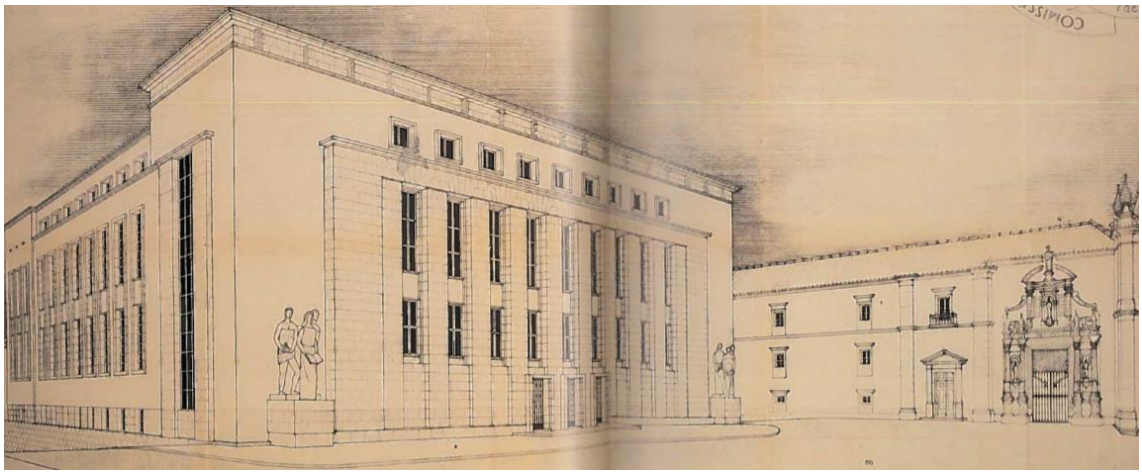
Em 1949, o arquiteto Alberto José Pessoa concebe um projeto para a construção de um novo complexo. Numa declarada adesão aos princípios da antiguidade clássica, define uma proposta com volumes unitários que definem um quarteirão. A funcionalidade encontra-se presente nos desenhos gerais, bem como nos equipamentos e na sala de leitura, à qual se acede pelo átrio, este que prolonga os princípios clássicos enunciados no exterior. Frente às múltiplas janelas da escadaria antiga que se mantém, uma colunata sustenta uma galeria superior, feita em forma de ferradura.

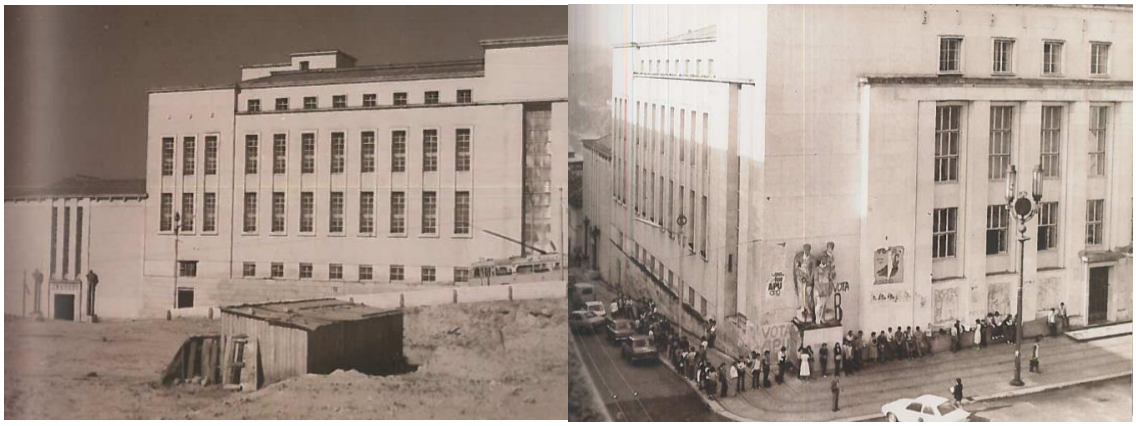
Assim, para a nova construção, após as devidas demolições, a nova biblioteca passa a incorporar o seguinte programa:

(…)vestíbulo para estacionamento de porteiro e vestiário de leitores; instalações sanitárias adequadas à frequência de estabelecimento; vestiário do pessoal; sala de receber; gabinetes para o diretor, subdiretor e de catálogos, bem como para alguns bibliotecários; uma sala de leitura geral; casa forte para guarda de livros raros, com sala de leitura anexa para; depósito para a secção de música, servindo simultaneamente de sala de consulta dessas espécies; depósitos para livros, revistas, jornais, estampas e outras ilustrações avulsas, bem como cartas geográficas ou espécies congéneres, tendo anexa uma sala de consulta; salas para os serviços de administração, estatística e registo de entrada, bem como para serviços de catalogação, depósito de publicações e instalação dos serviços de publicidade; aquecimento, rede telefónica interna, serviço de incêndios, laboratório fotográfico e adoção exclusiva de estantes metálicas.[197]

[196] AMARAL, A. E. Maia do; "Os livros em sua ordem : para a história da Biblioteca geral da Universidade antes de 1513-2013"; 2014; p. 53

[197] *Ibid*; p. 53







Projeto da Biblioteca Central, desenho de Alberto José Pessoa.
Fachada em construção; fila à entrada da Biblioteca Geral.
Exposição numa das salas da biblioteca.
AMARAL, A. E. Maia do; "Os livros em sua ordem : para a história da Biblioteca geral da Universidade antes de 1513-2013"; 2014; p. 130, 131, 149, 151 e 153

Como consta no estudo realizado por J. Reboul sobre esta tipologia, já as bibliotecas universitárias americanas encontram-se, geralmente, inseridas no Campus da respetiva universidade e são edifícios de livre acesso, possuindo grandes entradas e largas janelas e com passagens acessíveis que fazem a cada espaço.[198]

Os primeiros edifícios construídos possuíam uma grande sala de leitura, com uma galeria ou *mezanine*, onde se podiam encontrar estantes de dupla face e espaços de leitura entre elas.

O exemplo da Biblioteca da Universidade de Virgínia, da autoria de Jefferson, e edificada entre os anos de 1822 e 1826, em Charlottesville, consistia numa 'rotunda' que teria, no piso baixo, 3 salas ovais, incluindo uma capela e a sala de exames.

Após um incêndio de 1875, a biblioteca é ampliada: a rotunda passa a ter uma galeria sobre colunas.

A Biblioteca da Universidade da Colômbia, construída em 1897, em estilo clássico, na qual se entra para um hall monumental, sendo uma obra construída com materiais como a mármore branca e o granito escuro. O uso da pedra torna-se, assim, cada vez mais comum na construção destes edifícios, bem como de outras obras, em geral.

Na Alemanha, destaca-se a biblioteca da universitária e de estado de Göttingen, fundada em 1734. No entanto, dada a grande quantidade de volumes que lhe chegavam, foi acrescentado um conjunto de volumes alongados relativamente à obra já existente, cuja construção terminou no ano de 1992.

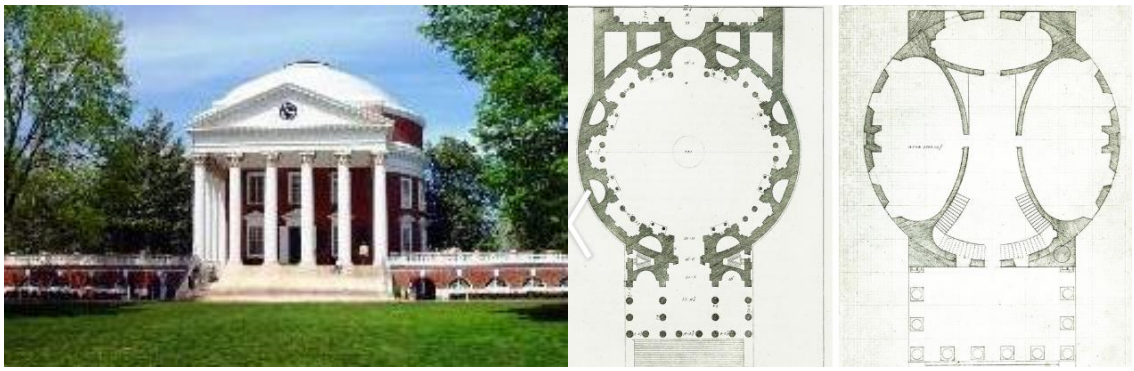
A nova construção surge para albergar novos volumes e introduzir novos espaços com novos programas, como afirma M. Melot:

Hall de entrada e receção de grande dimensão, espaços para exposições e de reuniões, cafetaria, vestuários, sanitários, circulações e zonas técnicas incluídas, são áreas de enorme importância, assim como várias unidades de ar condicionado e sistemas de transporte automático de documentos entre lojas e salões públicos, de um lado, e entre espaços internos e públicos, por outro lado.[199]

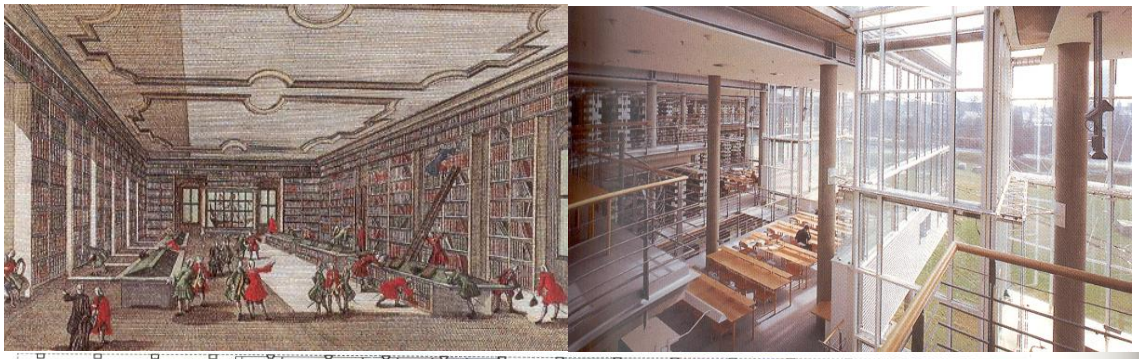
Outro exemplo a destacar, fora da Europa, é a Sterling Library, que se trata de um edifício neo-gótico, de planta em forma de cruz, o que proporcionou a criação de vastas salas centrais, ao nível do rés-do-chão.

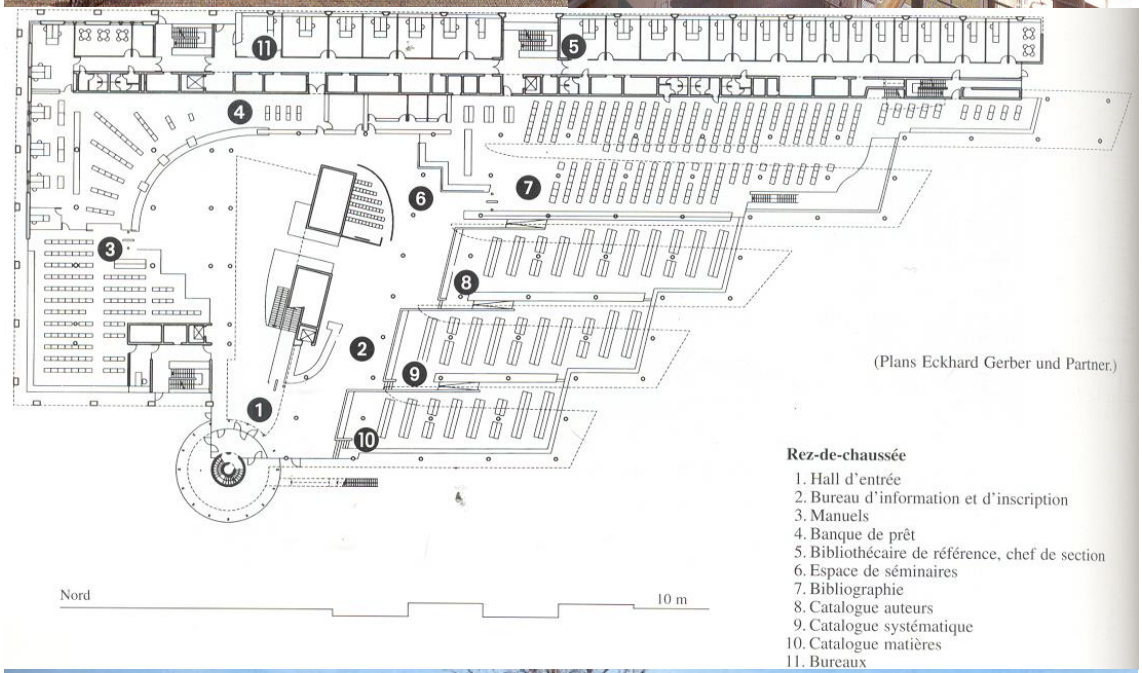
[198] REBOUL, Jacquette; "Les cathédrales du savoir ou les bibliothéques universitaires de recherche aux États-Unis: étude d'organisation"; 1982; p. 215

[199] MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 154



Biblioteca da Universidade de Virgínia, em Charlottesville, 1822-1826: fachada principal; plantas.
http://arquiteoria3.blogspot.com/2009/09/blog-post.html
https://www.archdaily.com.br/br/892180/classicos-da-arquitetura-universidade-da-virginia-thomas-jefferson/5843b123e58ece8fdb000313-ad-classics-university-of-virginia-thomas-jefferson-image?next_project=no







Biblioteca Universitária de Estado de Göttingen, Alemanha.
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 149, 153, 158 e 169

No contexto português, o exemplo da Biblioteca da Universidade de Aveiro, projetada pelo arquiteto Álvaro Siza e fundada em 1973. Dada a sua localização, a biblioteca desempenha um papel central relativamente ao campus universitário. Possui um sistema de estantes perimetrais e perpendiculares às paredes limite, alinhadas, verticalmente, em cada um dos seus 3 pisos, permitindo, entre elas, espaços com mesas para consulta. A Biblioteca ilumina-se através duma parede curva da fachada que permite a entrada de luz refletida para o interior. Segundo o arquiteto Siza, a origem da arquitetura da Biblioteca, da sua implantação, das aberturas horizontais, do volume e da luz que invade o seu interior baseia--se no conceito da geometria do soro fisiológico.[200]

No contexto das bibliotecas universitárias inseridas no programa de cada conjunto, encontram-se, também, os casos das bibliotecas da Faculdade de Arquitetura e da Faculdade de Letras, ambas da Universidade do Porto, à semelhança do exemplo mencionado anteriormente, encontram-se inseridas no conjunto de cada uma das faculdades. A primeira, também do arquiteto Álvaro Siza, foi construída em 1996, trata-se de um projeto de leitura horizontal, dividida por dois pisos, cujas estantes se encontram embutidas nas paredes limite e a consulta realiza-se ao centro do espaço da biblioteca. A iluminação é feita por meio de uma claraboia centrada ao longo da da sala de leitura. Por outro lado, o segundo exemplo é baseado na ideia de verticalidade, cujos 6 pisos se encontram ligados por uma escada helicoidal e possui espaços para consulta, próximos às estantes das salas de leitura de cada piso, bem como pequenas salas para estudo mais reservado. A nível da iluminação, esta é feita por meio de janelas que fazem parte de um alçado ritmado.

Importa, ainda, referir, a Biblioteca da Facudade de Engenharia da Universidade do Porto, projeta pelos arquitetos Pedro Ramalho e Luís Ramalho, em 2001. Trata-se de um edifício independe, no qual se insere a biblioteca, cujo programa se divide por 8 pisos. Ao nível do piso -1, encontra-se um bar, um depósito para publicações e uma área de tratamento técnico. O Piso 0, é essencialmente, ocupado por uma área de exposições e por uma livraria técnica, além de poderem ser consultados jornais, diários e semanários. Os pisos 1,2,3,4 e 5 abrigam as mais diversas temáticas de estudo e, por último, no piso 6 existem 16 gabinetes de trabalho, uma sala para estudo em grupo e a sala de formação de utilizadores. Em todo o edifício é possível encontrar espaços destinados à consulta e de lazer.[201]

[200] SIZA, Álvaro; "Aveiro, Portugal", in http://architectuul.com/architecture/library-of-aveiro

[201] https://www.bad.pt/diretorio/?dir-item=biblioteca-da-faculdade-de-engenharia-da-universidade-do-porto-feup




Biblioteca da Universidade de Aveiro: sala de leitura.
https://www.ua.pt/pt/publico-estudantes

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: sala de leitura.
https://sigarra.up.pt/faup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=28818




Biblioteca da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
https://paginas.fe.up.pt/~falves/feup.html
https://feup.libguides.com/novosestudantes/espacos




Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: sala de leitura; sala de estudo.
https://jpn.up.pt/2015/11/02/flup-estudantes-pedem-melhores-condicoes-biblioteca/
https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=35742

Deste modo, a função primordial de uma biblioteca universitária é facilitar o estudo e a investigação aos membros da sua própria instituição. No documento de 1964, apresentado pela Association of University Teachers, afirma-se que "Deve ser reconhecido, de uma vez por todas, que as bibliotecas universitárias facilitam um serviço absolutamente fundamental que afeta todo o conjunto da universidade, pois sem isso, deixariam de ser centros de aprendizagem e investigação".[202]

Em síntese, podemos concluir que, a Idade Média foi a época durante a qual surgiram as primeiras bibliotecas universitárias, paralelamente às bibliotecas monásticas, nas quais prevalecia o acesso limitado de público e uma extrema preocupação pela conservação bibliográfica. As bibliotecas monásticas tornaram-se, também, referências às bibliotecas procedentes, dependendo do perfil do seu acervo e do público a que se destinavam.

As bibliotecas universitárias serviram, ainda, como objeto de análise para a criação e inovação dos espaços de leitura e trabalho, valorizando ainda mais a prática dos mesmos neste espaços, para novos modelos de bibliotecas, cujo o objetivo principal já não era apenas o de guardar e conservar livros e documentos, mas também, a consulta e a prática da investigação e pesquisa de informação lado a lado com toda a documentação, garantindo lugar e conforto para o efeito. Por essas razões, e nas palavras de Lowell Martin, é que "A biblioteca poderia ser definida como um laboratório para o espírito." [203]

O caráter e eficácia de uma universidade pode medir-se pelo tratamento que dá ao seu órgão central - a biblioteca. Consideramos que a doação para a manutenção da biblioteca como a necessidade primária e mais vital do equipamento de uma universidade. Uma biblioteca adequada não só é a base de todo o estudo e ensino, é a condição essencial para a investigação, sem a qual não se pode acrescentar nada à soma do conhecimento humano.[204]

Como corrobora L. M. Carvalho, a biblioteca universitária trata-se de um fenómeno social que tem como principal função atender à universidade à qual está inserida:

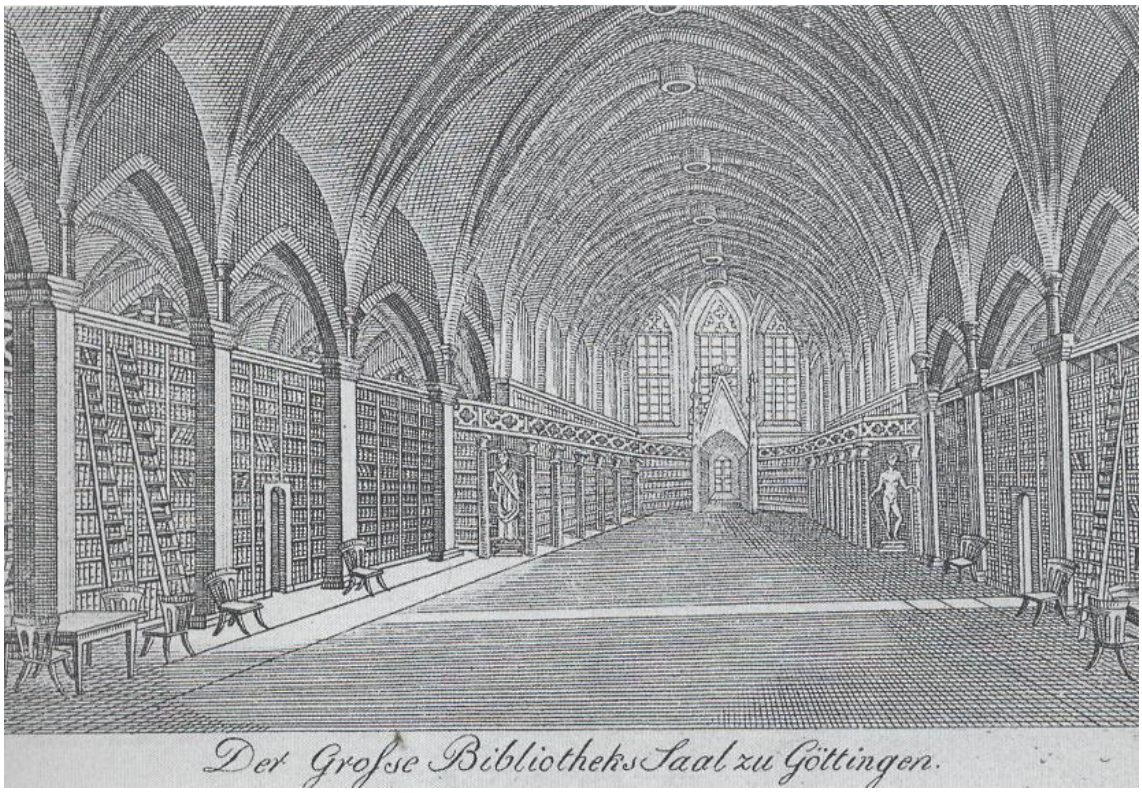
Juntamente com estrutura física, que inclui o prédio que ocupa, seu mobiliário e acervo; de estrutura pessoal que envolve a equipe de bibliotecários, auxiliares e apoio técnico; tem ainda a estrutura de rede, incluíndo equipamentos de informática, programas e sistemas de comunicação, além de equipes especializadas, que juntas constituem a biblioteca como um todo.[205]

[202] THOMPSON, James; "La biblioteca universitaria: introducción a su gestión"; 1990; p. 21

[203] REBOUL, Jacquette; "Les cathédrales du savoir ou les bibliothéques universitaires de recherche aux États-Unis: étude d'organisation"; 1982; p. 215

[204] Declaração publicada a 3 de fevereiro de 1921 – THOMPSON, James; "La biblioteca universitaria: introducción a su gestión"; 1990; p. 18 e 19

[205] CARVALHO, Luciana Moreira; "As Bibliotecas Universitárias de Portugal e Nordeste do Brasil: estudo sobre o impacto e mediação das tecnologias digitais" – Dissertação de Mestrado; 2013; p. 84



Sala de leitura da biblioteca de Göttingen na "Pauliner Kirche": projeto neogótico do nível superior da igreja, 1854.
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 151

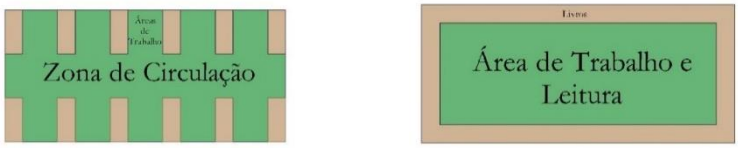




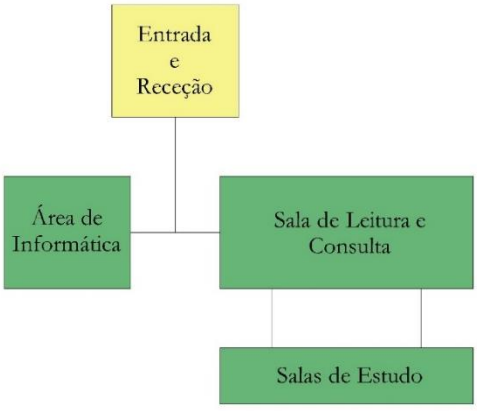
Biblioteca Codrington, All Souls, Oxford, Inglaterra, de Nicholas Hawksmoor, 1715-1740.
Biblioteca Real e Universitária de Copenhaga: o "diamante", vista do salão e da grande escadaria que leva às áreas de leitura.
PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectonicas"; 1980; p. 120
MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde"; 1996; p. 108

Em suma, embora a biblioteca universitária seja um reflexo da biblioteca pública, a própria história das bibliotecas, em geral, contribuiu para a formação das bibliotecas universitárias, como se pode verificar a partir do exemplo da antiga Biblioteca de Alexandria, que prevaleceu durante três séculos antes de Cristo e na qual se deveria manter a integridade das coleções. Este princípio acabou por ser seguido, também, na gerência das bibliotecas universítárias e em geral, até à atualidade.

As bibliotecas universitárias, em geral, organizavam-se em espaços de secção retangular, com pilares a definirem uma modulação e ritmo. Observa-se, ainda, a adoção recorrente de um modelo assente na criação de uma zona de livre acesso com filas de prateleiras agrupadas em seções e ao redor das quais se alinham os assentos para estudo, algumas vezes em mesas, ou em 'carrels' abertos, ou fechados e, geralmente, perto das janelas. Progressivamente, assistiu-se à integração de iluminação artificia, através do recurso a soluções e dispositivos mais ou menos complexos, com o objetivo de complementar a iluminação natural, mas, também, garantir a utilização destes espaços em períodos noturnos. O seguinte esquema mostra, em conclusão, o essencial do sistema espacial modular adotado na organização espacial das bibliotecas universitárias, com as áreas de estudo e a localização das estantes e mesas.



Mais recentemente, alguns exemplos de bibliotecas universitárias passam a integrar pequenas salas de trabalho, sendo estes espaços de menor dimensão e separados da sala de leitura e consulta. Estes espaços vieram proporcionar áreas de trabalho e estudo mais reservado, bem como possibilitar uma maior privacidade face à circulação exercida na sala principal, a qual dá acesso a essas mesmas salas.



5.10. Em Portugal

Em Portugal, não parece existir uma tradição de arquitetura de bibliotecas. Estas não se realizam através de referências, protótipos ou até de arquétipos de edifícios que, inseridos nas cidades, contribuem para a revitalização urbana e afirmação de novas centralidades, bem como para a recuperação da noção de lugar.

A biblioteca pública, em Portugal, surge no século XVIII, com a fundação da Real Biblioteca Pública da Corte, em Lisboa[206], e apresenta-se como uma tipologia espacial que surge como base de todo o sistema de bibliotecas. Geralmente, as bibliotecas públicas portuguesas encontram-se instaladas em edifícios muito antigos, com espaços que resultam de uma compartimentação rígida. A sua arquitetura dificulta a criação de espaços polivalentes, dificultanto as mudanças, reorganizações, atualizações que sucessivamente se impõem no tempo, gerando desconforto e dificuldades no seu funcionamento. Possuem, ainda, um ambiente pesado e inibidor, sobrepondo o "espírito de conservação" à divulgação. Isto está patente em alguns edifícios que, tendo sido destinados a determinadas funções, posteriormente, foram adatados a bibliotecas, mas não possuem as caraterísticas e flexibilidade necessárias para uma boa organização espacial funcional.

Face às alterações programáticas que se observaram nos contextos internacional e nacional, segundo H. Nunes, uma "Biblioteca Pública deve ainda ser uma instituição vocacionada para o lazer, para a ocupação dos tempos livres, consolidando ou ajudando a descobrir o prazer da leitura, proporcionando o repouso ao espírito do homem ou ajudando-o a alargar os seus horizontes."[207]

Para revitalização das bibliotecas, tendo em conta a incorporação de novas tecnologias, procede-se a uma transformação destes locais de modo a possuirem espaços de animação e difusão cultural e passa-se a ter uma maior ligação a outras entidades promotoras de conhecimento, tais como escolas, hospitais, prisões e outras instituições. Assim, e no que respeita ao mobiliário, num conjunto e obras analisadas, observa-se a localização das estantes e zona de leitura em cada um dos lados das salas de leitura, com espaço de leitura e corredor central, para uma melhor organização espacial.

[206] http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=90&lang=pt

[207] NUNES, Henrique Barreto; "Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal"; 1996; p. 185



Biblioteca Pública da Lousã.
https://on-centro.pt/index.php/pt/vagar/item/655-lousa-acende-150-velas-na-biblioteca-comendador-montenegro



Biblioteca de Mirandela
http://bibliotecas.wikifoundry.com/page/Biblioteca+Municipal+de+Mirandela



Biblioteca de Ponta Delgada
https://diariodalagoa.pt/arquivo/55395

Na segunda metade do século XIX, surgem as bibliotecas populares. Segundo H. B. Nunes, António da Costa afirma que "em Portugal educam-se incomparavelmente menos mulheres do que homens."[208] Deste modo, as bibliotecas populares vieram introduzir um novo conceito de cultura que se estenderia pelo seio familiar, alargando o acesso ao conhecimento a todo o público, em geral.

Relativamente às bibliotecas municipais, em particular, geralmente, são instaladas em edifícios construídos de raiz ou adatados. Estas são uma referência arquitetónica e urbanística marcante das autarquias onde se encontram inseridas, com interiores acolhedores e atrativos, mobiliário moderno e funcional, acesso fácil à informação e fundos documentais, bem como a suportes enciclopédicos, diversificados e plurais.

Várias foram as bibliotecas que foram surgindo, de modo a corresponder às novas necessidades e com novos e diversificados programas. Deste modo, os exemplos, que seguidamente selecionamos, na sua maioria, tratam-se de bibliotecas instaladas em imóveis já existentes que, por um lado, foram inseridas em edifícios centenários, que foram adaptados a abrigar esta tipologia, como se trata do exemplo da Biblioteca Municipal de Beja; por outro lado, em imóveis que, outrora, abrigavam programas que nada tinham a ver com esta tipologia, como sucede nos exemplos das Bibliotecas de Braga e António Botto, em Abrantes, à semelhança da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Alguns dos edifícios apresentados foram alvo de diversas intervenções, de modo a reabilitá-los e adaptá-los ao programa para uma biblioteca, como aconteceu nos exemplos da Biblioteca Municipal de Amarante, da Biblioteca da Casa da Horta de Santa Clara, em Cascais, e da Biblioteca Municipal de Sintra. Outros exemplos que se apresentam são a Biblioteca Joanina, a Biblioteca Municipal de Viana do Castelo e a Biblioteca Popular de Castelo de Vide, que estiveram instaladas em diferentes edifícios até se fixarem, definitivamente, em edifícios próprios, os quais passaram por diversas transformações, de modo a responderem às novas necessidades, como aconteceu, também, com o edifício da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Por fim, são apresentados três exemplos de edifícios criados para as novas Bibliotecas Municipais de Braga, Matosinhos e Viana do Castelo, que vieram introduzir novos programas, respondendo às necessidades dos tempos modernos.

[208] NUNES, Henrique Barreto; "Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal"; 1996; p. 139



Biblioteca Pública de Esposende.
https://www.visitesposende.com/pt/noticias/biblioteca-municipal-apresenta-novo-livro-de-alberto-serra-e-convida-criancas-a-explorar-livros-com-ciencia



Biblioteca Municipal José Saramago, Beja: cafetaria; átrio.
https://www.flickr.com/photos/rnbp/16666174459/in/photostream/
https://lifecooler.com/artigo/atividades/biblioteca-municipal-jose-saramago/352084/

Durante o século XVI, realiza-se uma transformação na Biblioteca Joanina, em estilo manuelino, feita por Bráunio, na qual parte do edifício é mais elevada em relação ao restante. Entretanto, é transferida de Lisboa, onde estava, para Coimbra, em meados de 1536, como Biblioteca Geral, e é inserida no mesmo local da antiga Universidade de Coimbra, criada pela ordem de D Dinis.

Mais tarde, no ano de 1541, é realizado um tratamento das 24 estantes que ocupavam a sala, "(…)«12 a cada lado de um corredor central, certamente perpendiculares ao comprimento da biblioteca e intercaladas por janelas, como era canónico na época»."[209] Contudo, em 1548, acabaria por ser transferida, como 'livraria pública'[210], para o Paço Real, considerado o antigo "guarda-roupa da rainha", adjacente à Sala Grande dos Atos ou Sala dos Capelos, provida de estantes, cadeiras e varões e em estilo renascentista. A biblioteca passa por reparações, mas estas não disfarçam o estado de degradação que se foi mostrando ao longo dos anos.

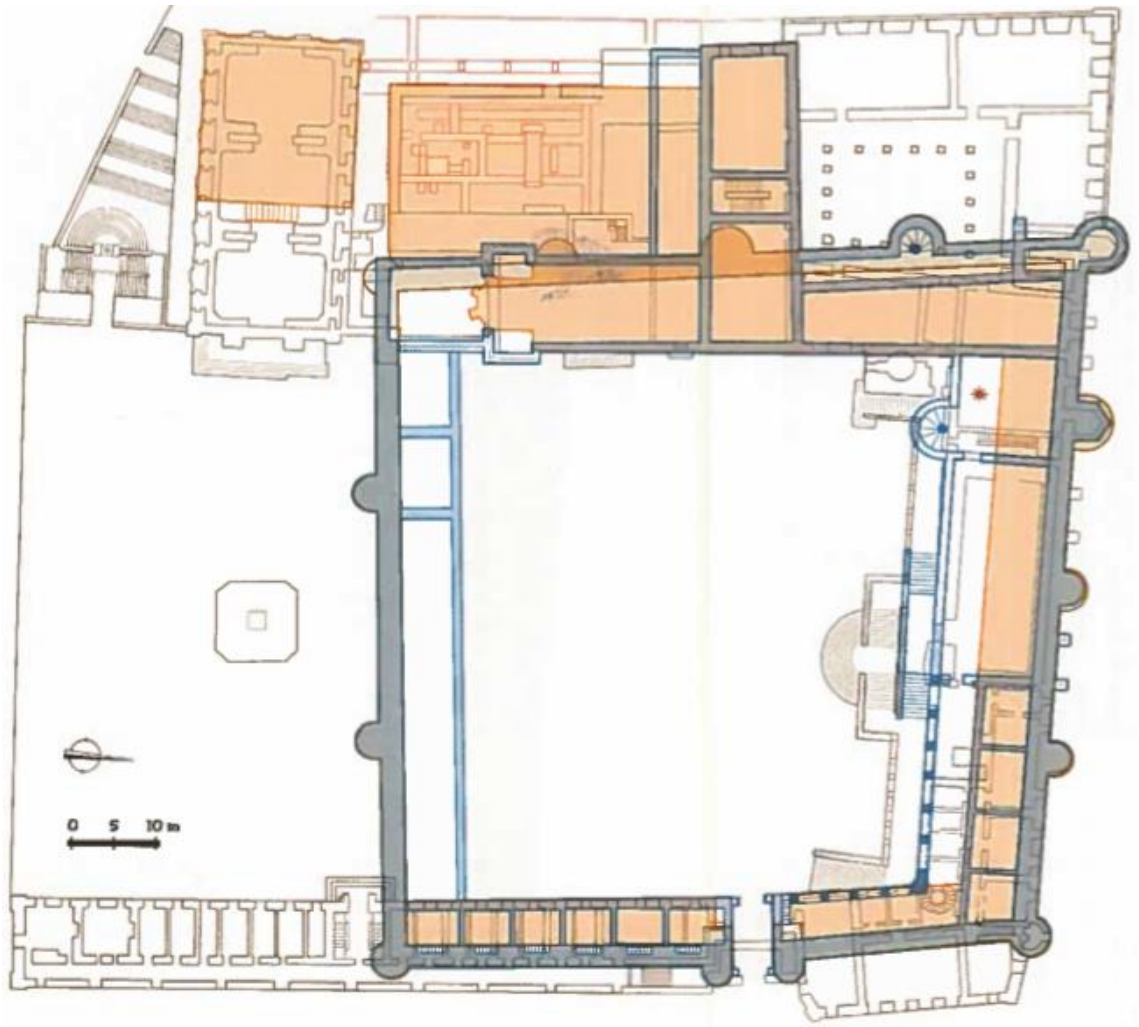
Após consentimento do rei da época, D. João V, constrói-se a nova 'casa da livraria', com uma localização exterior ao perímetro muralhado. A edificação é de acentuada verticalidade, de modo a vencer o elevado desnível. Sobre o piso térreo, no qual se englobavam os restos da antiga cadeia e destinado a armazém, surge um andar intermédio de suporte ao piso superior, albergando, também, os gabinetes dos professores e abrindo as salas públicas ao nível do pátio. Este acabou por ser prolongado, em mais de um terço, impondo uma organização de uma nova serventia: as "escadas de Minerva", em substituição de uma outra destruída pela construção da Biblioteca, em estilo barroco e de grande sumptuosidade.

Cada sala é revestida de estantes altíssimas, com varandins a meia altura e de acesso às tabelas superiores, apoiados em parelhas de colunas piramidais invertidas, formando uma elegante e sinuosa cinta em volta de todo o recinto e que oculta o acesso aos gabinetes privados de leitura, alojados sob as grandes janelas de iluminação das salas principais.

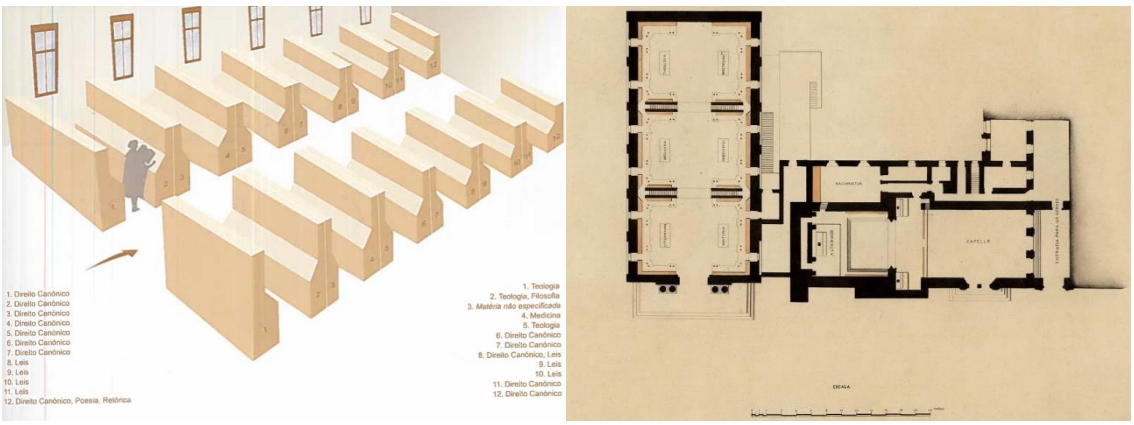
O piso nobre resulta da repartição de um retângulo em três retângulos menores, intercomunicantes através de uma sequência de arcos que reproduzem, no seu esquema geral, o portal de acesso, desprovido de colunas.

[209] AMARAL, A. E. Maia do; "Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca geral da Universidade antes de 1513-2013"; 2014; p. 20

[210] Termo usado, na época, para designar uma biblioteca. – AMARAL, A. E. Maia do; "Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca geral da Universidade antes de 1513-2013"; 2014; p. 13



Planta da "livraria" instalada no 'guarda-roupa' do paço, segundo A. Filipe Pimentel, desenho de José Luís Madeira.
AMARAL, A. E. Maia do; "Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca geral da Universidade antes de 1513-2013"; 2014; p. 24



Disposição das estantes, segundo o Inventário de 1536, desenho de José Luís Madeira.
AMARAL, A. E. Maia do; "Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca geral da Universidade antes de 1513-2013"; 2014; p. 21

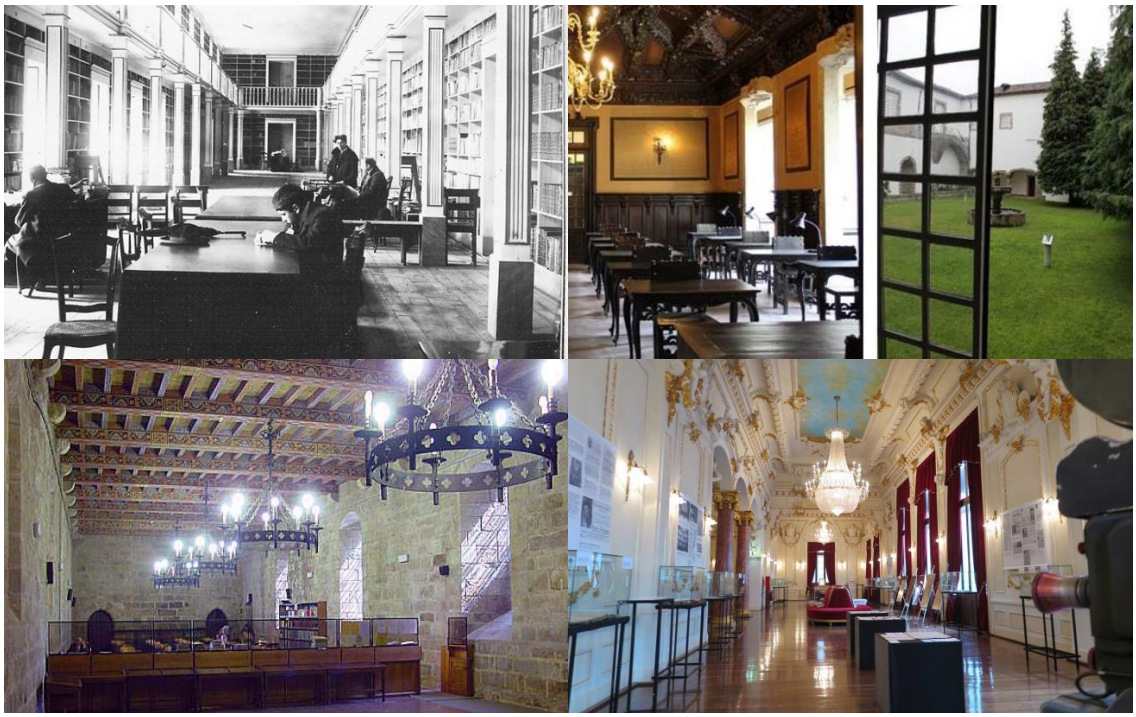
Planta da capela e biblioteca existentes.
AMARAL, A. E. Maia do; "Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca geral da Universidade antes de 1513-2013"; 2014; p. 80 e 81

Em 1841, é fundada uma biblioteca, na cidade de Braga, que se instalou no Convento dos Congregados. Em 1934, foi transferida para o Palácio dos Arcebispos, que tinha sido parcialmente destruído por um incêndio, mas, que mais tarde, foi recuperado e adatado. Lentamente, vai sofrendo remodelações na sua estrutura e serviços, respondendo às necessidades da sociedade e aos novos tempos. O edifício em questão remonta ao século XVIII e localiza-se no centro histórico da cidade. Esteticamente é bem conseguido, mas pouco funcional. A necessidade de implantação de uma sala de leitura principal leva a um pedido de cedência de alguns espaços à Universidade do Minho, nomeadamente, do logradouro do Antigo Albergue Distrital de Braga, na ala Nascente do conjunto. O objetivo era que pudessem existir, nesta área, novas seções de adultos e crianças, zona de audiovisuais, uma sala de leitura e de exposições, um auditório e, uma zona para trabalho de grupo e criada uma estrutura metálica de dois pisos. Assim, em 1975, a Biblioteca integra-se na Universidade do Minho, tendo sido instalada uma sala Infanto-Juvenil, a partir da qual promoveu a relação biblioteca-escola. Apesar destas tranformações, o aumento de fundos bibliográficos e documentais determinou o surgimento de problemas de falta de espaço, num edifício de expansão limitada. Segundo H. B. Nunes, a Biblioteca reunia outras condições de adaptação e melhoramento que podiam transformá-la num verdadeiro equipamento cultural de base, nomeadamente, no que diz respeito aos serviços de leitura, de apoio e orientação bibliográfica, à informação dirigida à comunidade, realização de actividades de animação cultural e à promoção de acções de cooperação com outras instituições.[211]

Seguidamente, destaca-se a Biblioteca Municipal de Beja, localizada no centro da cidade e foi fundada no ano de 1874, sendo, mais tarde, inaugurada, no novo edifício no ano de 1993. Encontra-se inserida num edifício de grande volume e possui um pátio interior e uma cafetaria. Mais tarde, passa a ter um auditório com "250 lugares, mais espaço para livros, e integração das novas tecnologias de informação(…)."[212]

A biblioteca municipal António Botto, existente desde 1887 e inserida no antigo Convento Dominicano de Abrantes no ano de 1982, possui três andares e acesso por escadas que se cruzam no ar, lembrando um labirinto suspenso. Esta biblioteca dispõe de um Centro de Tecnologias e Informação, sendo este um espaço acessível a grupos de 20 pessoas. O espaço move-se em termos de incessante fragmentação e recomposição, graças a uma articulação ambivalente dos espaços interiores, distribuídos pelos diferentes pisos e ligados por uma escadaria que leva a salas amplas e a pequenos recantos isolados.

[211] NUNES, Henrique Barreto; "Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal"; 1996; p. 274
[212] VENTURA, João J. B.; "Bibliotecas e esfera pública"; 2002; p. 77



Biblioteca Pública de Braga no Convento dos Congregados: antiga sala de leitura; sala de leitura, do século XVIII, com vista para o jardim interior.
Salão Medieval na Universidade do Minho; sala expositiva.
http://www.nos.uminho.pt/Article.aspx?id=3368



Biblioteca Municipal António Botto, em Abrantes: entrada principal; claustro.
Sala de leitura; espaço de leitura.
https://www.goodreads.com/review/show/1779764937
https://radiohertz.pt/abrantes-biblioteca-antonio-botto-recebe-leitura-partilhada-de-livros-de-autores-abrantinos/
https://turismo.mediotejo.pt/index.php/117-portugues/visitar/cultura/centros-culturais/biblioteca/312-biblioteca-municipal-antonio-botto

Em baixo, no rés-do-chão, o claustro prometendo uma leitura à sombra num dia de Verão. (…) Ao mesmo tempo, os claustros, as abóbadas, os arcos, os frescos, o jardim interior surgem recombinados com materiais como o mármore, o ferro, a madeira, o acrílico e as cores vivas do mobiliário, criando o elemento de "surpresa arquitetónica" (Lopes, 1994: 71).[213]

Desde 1888, a Biblioteca Municipal de Viana encontra-se em processo de transformação. Em 1912, é inaugurada no edifício dos Paços do Concelho e, em 1923, é transferida para o Museu Regional, atual Museu Municipal. Em 1966, passa a ocupar parte de um edifício quinhentista, que se trata do palácio dos Alpuins, mas, cujo espaço destinado à biblioteca é acanhado e pouco funcional. Mais tarde, é instalada no edifício contíguo àquele no qual se encontra instalada nos dias de hoje, mais concretamente no 1º piso, permitindo espaços mais amplos e abertos para as várias seções de adultos e infantis e serviços da biblioteca.

"Esta BM, como sucede no resto do país, é essencialmente frequentada por estudantes, que a utilizam como sala de estudo ou trabalho (…)." Para além disso, "a biblioteca tem promovido regularmente a realização de algumas actividades de animação, como exposições, conferências, apresentação de livros, etc."[214] Entretanto, a biblioteca acaba por ocupar todo o edifício, que veio a ser alvo de obras nos seus interiores.

Foi por esta altura, na segunda metade do século XIX, que surgiram as bibliotecas populares. A partir deste equipamento, pretendia-se disponibilizar o acesso a conhecimentos gerais por parte da população, com apoio à sua formação profissional, ou seja, como complemento do ensino formal e, principalmente, facilitar a leitura a mulheres e crianças.

As bibliotecas populares tornam-se assim num factor de coesão social e de progresso económico e de iniciativa oficial.[215]

Foi neste contexto que se fundou a Biblioteca Municipal de Castelo de Vide, em 1982. Esta biblioteca ocupava as duas salas do rés-do-chão dos Paços do Concelho, viradas para a praça D. Pedro V. Quase 10 anos mais tarde, entra em situação precária e é transferida, provisoriamente, para a Rua Almeida Sarzedas, mantendo o seu funcionamento em condições muito precárias.

[213] VENTURA, João J. B.; "Bibliotecas e esfera pública"; 2002; p. 77

[214] NUNES, Henrique Barreto; "Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal"; 1996; p. 189

[215] BRUNO, Filomena Maria Ferreira de Sousa; "As bibliotecas de Castelo de Vide e a educação popular (1863-1899)"; 2011; p. 42



Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, Casa dos Alpuins: entrada principal; sala de leitura.
https://www.visitarportugal.pt/d-viana-castelo/c-viana-castelo/viana-castelo/casa-dos-alpuim
http://www.biblioteca.cm-viana-castelo.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=11



Biblioteca Municipal Laranjo Coelho, em Castelo e Vide: entrada principal; receção; sala de leitura.
http://bibliotecas.dglab.gov.pt/pt/Bibliotecas/EdificiosBibMunicipais/Paginas/BibliotecaMunicipaldeCastelodeVide.aspx
https://www.flickr.com/photos/rnbp/sets/72157649122087792/

A atual biblioteca, à qual é atribuído o nome de Possidónio Laranjo Coelho, encontra-se instalada em edifício próprio, inaugurada em 2001. Esta biblioteca proporciona um livre acesso aos fundos, empréstimo domiciliário, funcionalidade dos espaços e diversificação de serviços e suportes.

No átrio temos a Recepção; a Leitura e Animação Infanto/Juvenil podemos encontrá-la no rés-do-chão; o 1º andar destina-se à Sala de Leitura Geral; a Sala de Audiovisuais está instalada no 2º andar.[216]

Em 1994, o projeto de António Portugal e Manuel Maria Reis ganha o concurso para intervenção no Convento de Santa Clara, em Amarante, de modo a que este edfício pudesse albergar a biblioteca e arquivo municipal desta cidade. O objetivo era criar algo novo, respeitando o antigo. O edifício é, morfologica e historicamente, ligado ao conjunto muito compacto do Convento masculino e da Igreja, em baixo, como uma "peça nevrálgica"[217] construída nas escarpas onde foi edificado o centro histórico, e "construtivamente marcado pela conjugação da ruralidade dos espaços de apoio à produção agrícola (nos pisos inferiores) com a urbanidade dos espaços de vivência social, de carácter mais sofisticado e gosto "brasileiro", no piso superior."[218]

Foram feitas escolhas, com base num princípio de racionalidade, na distinção de programas – a biblioteca na parte da frente e o arquivo atrás, na encosta – que agarram a lógica, flexível, anterior do edifício. A parte baixa, ligada diretamente com a rua e com os trabalhos agrícolas, transforma-se na entrada e sala polivalente. As áreas superiores foram trabalhadas de acordo com a sua forma tradicional, vedadas à vida social e reservadas à oração e atividades conventuais, levando a uma distribuição natural e hierarquizada dos lugares, desde o espaço infantil até aos espaços reservados, passando pela consulta pública de jornais e livros. A escolha dos materiais e seu uso obedecem a esta progressão programática: pavimentos em betão e paredes toscas, pavimentos de madeira e paredes lisas.

Outro exemplo a estacar é a biblioteca da Casa da Horta de Santa Clara, inaugurada em 2001 e localizada centro histórico de Cascais, num edifício do século XVIII, este tendo sido recuperado, com manutenção da estrutura arquitetónica e funcional da antiga casa. Exteriormente, é rodeada por um jardim e uma horta dedicada às crianças e mostra-se como um espaço polivalente e marcante do tecido urbano.

[216] BRUNO, Filomena Maria Ferreira de Sousa; "As bibliotecas de Castelo de Vide e a educação popular (1863-1899)"; 2011; p. 122

[217] Termo usado para designar uma área delicada do edifício, adequada para determinado fim. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ponto

[218] MACHABERT, Dominique; "António Portugal + Manuel Maria Reis: Casa da Cerca, adaptação a biblioteca e o arquivo municipal de Amarante"; 2003; p. 13



Biblioteca e Arquivo Municipal de Amarante, Casa da Cerca: fachada nova; reabilitação do interior; vista de coberturas; implantação.
MACHABERT, Dominique; " António Portugal + Manuel Maria Reis: Casa da Cerca, adaptação a biblioteca e o arquivo municipal de Amarante"; 2003; p. 18, 35 e 69



Casa da Horta de Santa Clara: Biblioteca Municipal de Cascais
https://www.cascais.pt/equipamento/biblioteca-municipal-de-cascais-casa-da-horta-da-quinta-de-santa-clara

(...) mesmo no novo ambiente informacional e tecnológico emergente, as estratégias de intervenção que as bibliotecas públicas propõem como resposta aos desafios emergentes, longe de questionarem os valores tradicionais da sua herança conceptual, amadurecida ao longo de mais de um século de existência, constituem formas renovadas de funcionamento que ampliam, reforçam e aprofundam as missões de sempre das bibliotecas públicas, enquanto instrumentos de democratização do conhecimento e lugares de sociabilização (Furtado, 1999: 14).[219]

Aberta ao público desde 2003, a Biblioteca Municipal de Sintra teve origem no Concurso lançado pela Câmara Municipal da mesma cidade, em 1996. Pretendia-se a recuperação de umas ruínas em forma de casa e jardim, para a construção de um equipamento cívico, numa Biblioteca Pública, num terreno de pendente acentuada e com vista para uma paisagem deslumbrante, do tempo do Romântico. A atitude de Marques Pereira foi a de dissimular o edifício anexo adossando-o ao plano da rua e escalonando a sua volumetria numa série de recuados que culminam num delicado "belvedere"[220] Loosiano. Para além deste volume anexo, surge uma labiríntica sucessão de volumes, pátios, galerias, pergolas e lanternins ao longo do jardim, referências estas que não se esgotam na tipologia paisagística sintrense.

O arquiteto procura referências "naquilo que Adolf Loos consideraria a "fissura Kraussiana"; o espectro da historiografia arquitectónica incapaz de se reconhecer nos inabaláveis dogmas do objectivismo modernista."[221] A Sala de Leitura celebra a espacialidade estática de Tessenow em Hellerau, a Sala do Conto reconstitui a dimensão humanista de Asplund na sua primordial capela funerária no Skogskyrkogarden de Estocolmo, um pequeno pátio murado recorda o silêncio das paredes de Luís Barragán e o pórtico assimétrico sugere afinidades com Lewerentz e a sua capela da ressurreição em Estocolmo.

Em pleno centro histórico da cidade de Braga, é inaugurada uma nova Biblioteca, no ano de 2004. Esta nova biblioteca surge, devido à necessidade de conseguir promover e presentear o público com espaços com um programa inovador. Inserida num edifício independente, dispõe de três salas de leitura para adultos, numa das quais se disponibilizam cabinas de leitura individual, uma sala de leitura infantojuvenil, um espaço autónomo especialmente destinado a atividades de animação infantil, uma sala de expressão plástica para atividades em grupo, que complementa o espaço destinado ao público mais jovem e, ainda, espaços cómodos e espaçosos destinados a sessões audiovisuais.

[219] VENTURA, João J. B.; "Bibliotecas e esfera pública"; 2002; p. 79

[220] "Belvedere" – termo italiano que designa "bela vista"; autor menciona este termo para designar um espaço incluído no projeto como um miradouro para a paisagem, dada a localização do edifício.
https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/belveder

[221] TAÍNHA, Manuel; "Biblioteca municipal de Sintra: casa Mantero: casa Mantero"; 2004; p. 26



Biblioteca Municipal de Sintra, Casa Mantero: junção entre o edificado existente e o novo; sala de leitura.
TAÍNHA, Manuel; "Biblioteca municipal de Sintra: casa Mantero: casa Mantero"; 2004; p. 16, 17 e 28



Biblioteca Municipal Lúcio Craveiro da Silva, Braga: edifício; sala de leitura; piso do rés-do-chão, piso 1 e piso 2
http://bibliotecas.wikifoundry.com/page/Biblioteca+Municipal+de+Braga
https://www.flickr.com/photos/rnbp/16832770511/in/photostream/
http://www.blcs.pt/portal/lcs/aavv/index.html

Um auditório com 160 lugares, uma sala de exposições e um bar com amplo espaço envolvente, onde em confortáveis sofás poderá tomar o seu café enquanto lê um jornal, uma revista ou um livro, completam o equipamento destinado ao público.[222]

Importa, ainda, destacar a nova biblioteca Municipal de Matosinhos, localizada no distrito de Porto, integrada num edifício moderno, desde 2005, que dispõe de um sistema interior modular, definindo distâncias entre cada prateleira de livros. É um edifício que se fundamenta segundo um significado em si mesmo. Uma escadaria distingue-se dentro da sala, permitindo acesso aos diversos pisos e ligando-os entre si: dispõe de salas de leitura e pesquisa para adultos e crianças, acesso às novas tecnologias, zona de audiovisual, área de exposição no piso da entrada e receção e um auditório, além de ter o apoio de uma cafetaria inserida no mesmo volume da sala de exposições, mais concretamente, abaixo desta. Apesar da sua aparente monumentalidade e centralidade face aos restantes espaços da obra, carateriza-se pela sua leveza arquitetural.

Por fim, a nova Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, projetada pelo arquiteto Álvaro Siza, encontra-se aberta ao público desde o ano de 2008.

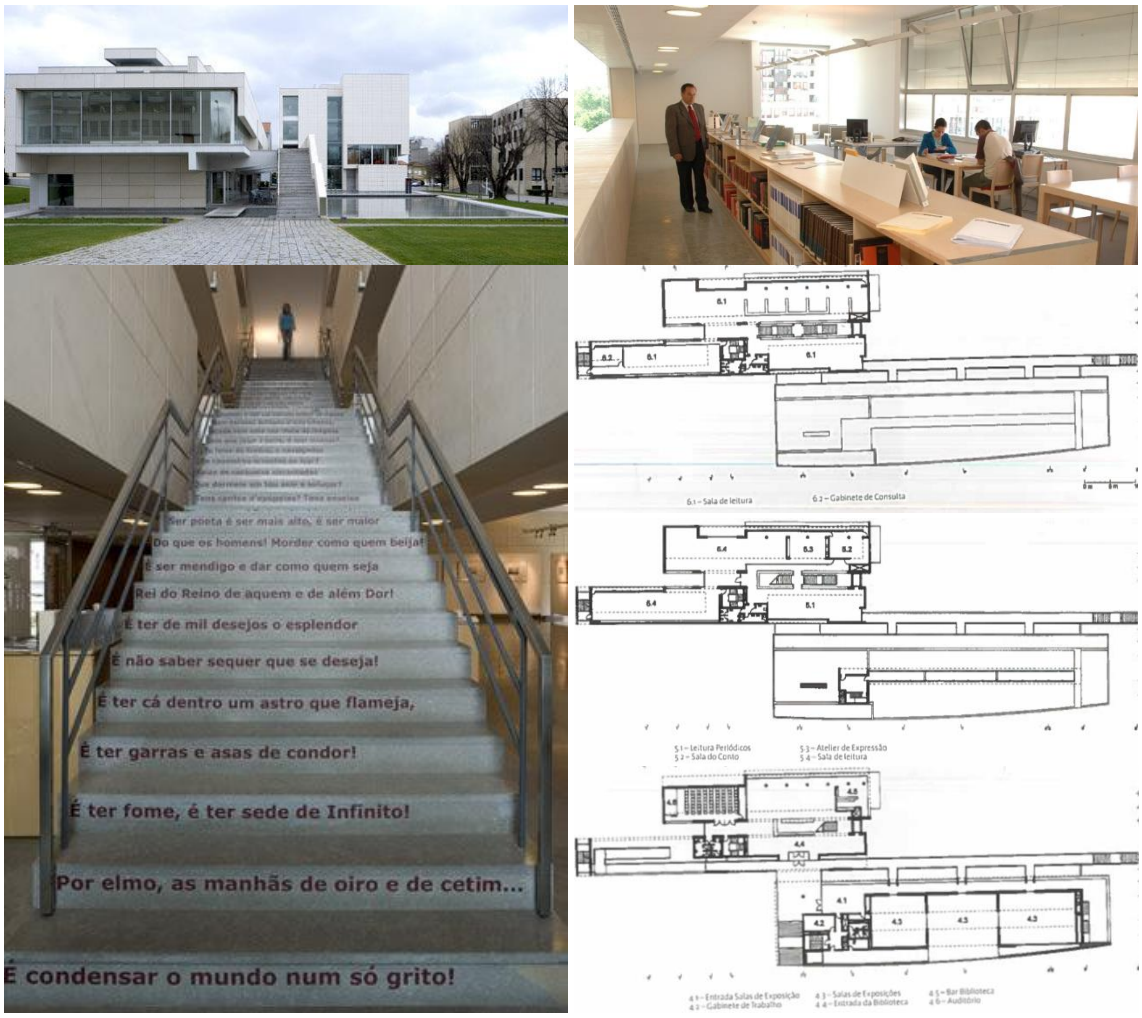
Um dos maiores objetivos deste projeto era garantir a continuidade do tecido urbano da cidade para o rio. Trata-se de um edifício com dois pisos, possuidor de entradas específicas para público e funcionários do mesmo.

No rés-do-chão situam-se as áreas mais comuns, tais como a zona de receção e informação, uma sala polivalente, cafetaria, administração, wc, sala de receção de livros e outra de consulta de reservados, bem como um núcleo de acessos ao piso superior. Relativamente ao 1º piso, este foi concebido segundo um desenho em forma de quadrado, podemos encontrar as quatro alas de leitura e pesquisa para adultos e criança, zonas de audiovisuais, centro de informação, wc, assim como um balcão de informação.

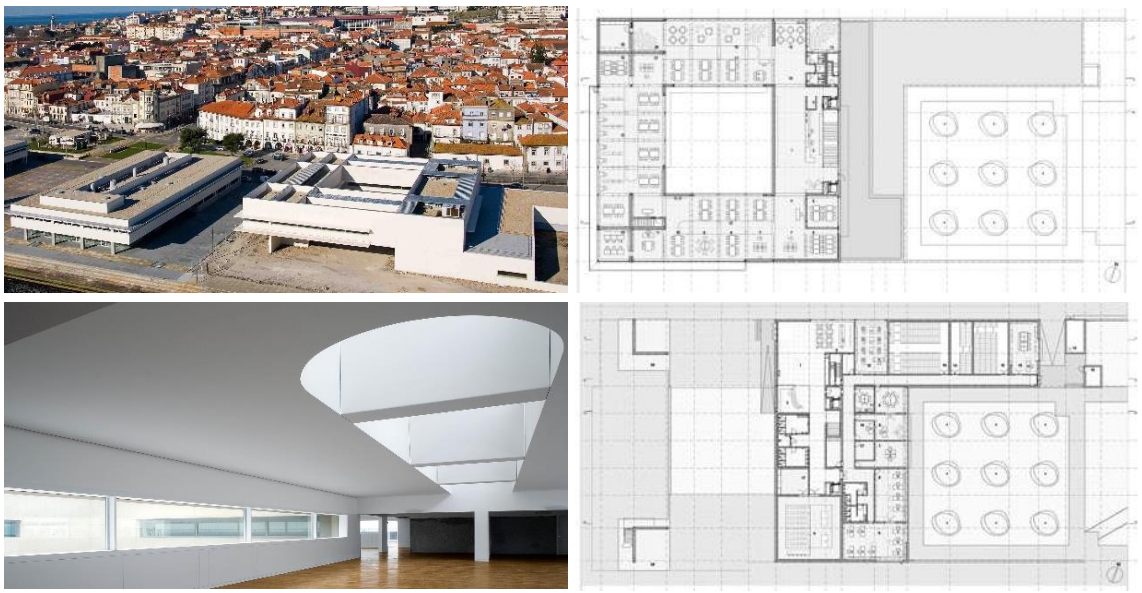
A expressão arquitectónica proposta resulta essencialmente das seguintes opções: visibilidade sobre o Rio Lima numa grande extensão do edifício, por elevação da sua maior superfície, com apoios nos extremos poente e nascente, respectivamente por dois pilares de planta em "L" e pela área construída em rés-do-chão; ortogonalidade em planta e alçado; predominância de extensas aberturas horizontais, complementadas por lanternins; proteção solar ou orientação apropriada das aberturas; superfície em betão branco aparente e revestimento parcial em pedra facetada, constituindo embasamento do edifício; definição volumétrica intencionalmente condicionada ao diálogo jardim/construção.[223]

[222] https://www.blcs.pt/portal/apresentacao.aspx

[223] SIZA VIEIRA, Álvaro; "Álvaro Siza: vinte e dois projectos recentes"; 2007; p.154.



Biblioteca Municipal Florbela Espanca, Matosinhos: acesso exterior; área de pesquisa; escadaria de distribuição; plantas dos pisos 0, 1 e 2.
https://www.cm-matosinhos.pt/pages/689
https://www.cm-matosinhos.pt/uploads/image_gallery_item/image/1212/2005531163659176640.jpg
SOUTINHO, Alcino; "Bibliotecas"; 2004



Biblioteca Municipal de Viana do Castelo: enquadramento urbano; sala de exposições. planta do piso 0 e piso 1.
http://www.telhabel.pt/obras/biblioteca-municipal-de-viana-do-castelo
https://librarybuildings.info/portugal/viana-do-castelo-municipal-library

Existem mais exemplos de bibliotecas que se encontram instaladas em edifícios antigos, como o são as bibliotecas de Almada, Esposende, Lousã, Montemor-o-Novo, uma ampliação em Mirandela e outras adaptações ou recuperações de imóveis nas cidades de Ponte de Lima, Ribeira de Pena e Ponta Delgada. Outro exemplo de aproveitamento de um edifício pré-existente é o da Biblioteca Pública Municipal do Porto, exemplo este que será o principal objeto de estudo do presente trabalho.

A Biblioteca Pública Municipal do Porto é a mais antiga biblioteca com caráter municipal, fundada em 1833. Hoje em dia, esta biblioteca realiza exposições de grande qualidade, com especial atenção para a história da cidade.

No presente trabalho, apresentamos a investigação e reflexão produzidas em torno da sua história, instalação, das várias transformações sofridas no edifício no qual, atualmente, se insere, assim como, apresentamos uma análise espacial e arquitetural, evidenciando aspetos positivos e menos positivos da sua organização, que nos servem de base e fundamento para o desenvolvimento de novas propostas arquitetónicas, que visam uma atualização e qualificação programática e espacial, contribuíndo para um bom funcionamento desta biblioteca.

Bibliotecas que sejam refúgio da memória, presença do quotidiano, espaço de interrogação. Em simultâneo, são lugares de cruzamento de arquitetura literal, física e desenhada e devem ser instituições vocacionadas para o lazer, para a ocupação dos tempos livres, consolidando ou ajudando a descobrir o prazer da leitura, proporcionando o repouso ao espírito do homem ou ajudando-o a alargar os seus horizontes.[224]

Trata-se da meta a alcançar com todas as transformações e modos de difusão destes espaços públicos.

Reconstruir "é colaborar com o tempo sob o seu aspecto de passado, apreender-lhe ou modificar-lhe o espírito, servir-lhe de muda para mais um longo futuro; é reencontrar sob as pedras o segredo das origens. (Adriano ou Marguerite Yourcenar)"[225]

Cada vez mais os projetos para bibliotecas tendem a ilustrar este esforço de uma transformação adequada que busque, não só o bem estar dos leitores, quando as visitam, mas também, uma inserção de novos programas cuja organização e integração respeite, do mesmo modo, o caráter dos edifícios que incorporam, tendo em conta que se tratam de obras com história.

[224] NUNES, Henrique Barreto; "Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal"; 1996; p. 183

[225] MACHABERT, Dominique; "António Portugal + Manuel Maria Reis: Casa da Cerca, adaptação a biblioteca e o arquivo municipal de Amarante"; 2003; p. 13





Biblioteca Pública Municipal do Porto: enquadramento urbano; fachada da entrada principal.
Vista google maps.
https://visitasvirtuais.cm-porto.pt/bpmp.php

Em síntese, da análise e reflexão desenvolvidas, podemos concluir que ao longo de cada época, as bibliotecas portuguesas foram sofrendo transformações que resultaram da necessidade de as adaptar às necessidades e desafios de um novo tempo, levando à criação de bibliotecas de plano aberto, em galeria, num ou mais pisos, grandes ou pequenas, construídas de raiz ou instaladas em edifícios recuperados, que, anteriormente, tinham sido conventos, palácios, solares ou cadeias, com mais ou menos visibilidade ou transparência a partir do exterior, design interior imitando a praça pública ou a rua ou, ainda, adotando uma organização espacial interior como um supermercado, recriam o ambiente doméstico e familiar.

As novas bibliotecas recriam uma pluralidade de espaços, lugares nos quais a partir da arquitetura se refletem os valores de uma esfera pública contemporânea, onde o público e o privado se confundem, construindo novas narrativas sociais em contínua fragmentação e recomposição.

As novas bibliotecas públicas portuguesas, ao proporcionarem o amplo acesso a todo o tipo de livros, revistas e outra documentação impressa e audiovisual e, de forma progressiva, à informação multimédia através da Internet, assumem-se à escala do território nacional como espaços de memória, de circulação da informação, de comunicação, de educação e de cultura, onde ideias, opiniões, valores, crenças e imaginários são transacionados, modelados, transformados pelos diferentes segmentos de públicos que as utilizam. Espaços onde todos os públicos podem entrar livremente, seja fisicamente, seja virtualmente, através dos catálogos electrónicos ou dos novos serviços suportados pelas novas tecnologias de informação.[226]

[226] VENTURA, João J. B.; " Bibliotecas e esfera pública"; 2002; p. 3

6. A Biblioteca Pública Municipal do Porto – da sua fundação à sua instalação no Convento de Santo António

Desde 1796 que Lisboa já possuía uma Biblioteca Pública, afirmando-se que no Porto, considerada uma cidade notável e de grande riqueza, também deveria existir uma Biblioteca de referência.[227]

Alguns anos mais tarde, a partir de 12 de setembro de 1805, a Câmara Municipal passou a dispôr de um alvará, no qual se "mandava entregar à Real Biblioteca Pública da Corte um exemplar de toda e qualquer obra impressa em Portugal" e determinava que fosse aplicado à Biblioteca do Porto, bem como o destino das obras duplicadas existentes.[228]

Importa, neste contexto, fazer referência à carta enviada por D. José Maria de Sousa[229], de Paris, a D.Pedro Duque de Bragança, a 22 de setembro de 1818, na qual apresentava já a ideia da fundação de uma biblioteca na cidade portuense.

A criação de uma biblioteca fica, ainda, associada a dois acontecimentos ocorridos em julho de 1832, que a determinaram. Referimo-nos à nomeação de um novo bispo e de um novo esquadramento legal que criou a oportunidade para ocupar e gerir as estruturas e bens dos conventos existentes na cidade do Porto, que se encontravam abandonados.

Assim, por Decreto de 18 de julho, D. Pedro nomeia Fr. Manuel de Santa Inês, Governador do Bispado do Porto, para substituir o antigo Bispo D. João de Magalhães e Avelar, que abandonara a Cidade aquando da entrada do Exército Libertador.[230]

Posteriormente, a 12 de dezembro do mesmo ano, por decreto, D. Pedro cria uma comissão destinada a administrar as livrarias, alfaias e outros bens dos conventos abandonados do Porto. No referido decreto afirmava-se que se tornava "da maior urgencia o prover sobre a boa arrecadação da guarda das livrarias-alfayas-e outros effeitos e bens pertencentes aos Conventos e Mosteiros desta Cidade, que foram abandonados pelos seus habitadores, assim como á conservação dos edificios e administração dos referidos bens".[231]

[227] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 17

[228] *Ibid*; p. 15

[229] D. José Maria de Sousa foi Morgado de Mateus e benemérito portuense que foi preclaro editor d' Os Lusíadas, na monumental edição que tem o seu nome – Morgado de Mateus. – "O Tripeiro"; série 1; Ano 3; p. 306

[230] É também, neste mesmo mês, mais concretamente no dia 8, que desembarca o Exército Liberal ao comando de D. Pedro de Bragança, na praia da Arenosa de Pampelido, ocupando, no dia seguinte, 9 de julho, a cidade do Porto.

[231] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 13



CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 14



Convento de São Francisco e antiga "Real Bibliotheca Pública", no Largo da Biblioteca, em Lisboa. https://restosdecoleccao.blogspot.com/2011/11/em-1796-e-criada-por-alvara-de-29-de.html



Cerco do Porto: desembarque das tropas. https://www.heyporto.com/o-cerco-do-porto/#prettyPhoto

Desde a sua criação até à contemporaneidade, a Real Biblioteca do Porto, assim designada, esteve instalada em três edifícios pré-existentes, localizados em diferentes áreas da cidade, designadamente: no Hospício de Santo António de Vale da Piedade, na Cordoaria, no Paço Episcopal e no Convento de Santo António da Cidade, em São Lázaro, no qual se encontra atualmente.[232]

Numa Portaria decretada a 11 de janeiro de 1833, em nome de D. Pedro, por Bernardo de Sá Nogueira, na época Ministro interino do Reino, ordenava-se a reserva de dois exemplares de todas as obras impressas pelas tipografias do Porto: um para ser enviado à Biblioteca Pública de Lisboa e outro para ser depositado na "Biblioteca que deverá haver nesta Cidade" do Porto.[233]

Segundo L. Cabral, a ideia de fundar a Biblioteca já estava patente desde a instalação do Governo Liberal no Porto, embora tenha sido formalizada, em definitivo, pelo decreto de fundação, em 9 de julho de 1833, data oficial e definitiva da sua fundação.[234]

Ainda em 1833, no dia 6 de março, é dirigida uma representação escrita, por parte da Comissão Municipal do Porto, ao duque D. Pedro, solicitando e aplaudindo a conveniência de se fundar a Biblioteca Pública na cidade do Porto.

O próprio Senado Municipal solicitava ao Regente a criação de uma biblioteca pública, prevista na portaria de Janeiro e que, para ela fosse reservado o edifício situado na Cordoaria que havia servido de hospício dos Franciscanos de Santo António de Vale de Piedade.[235]

Com as seguintes palavras, propunha:

(...)a Vossa Majestade Imperial, Haja por bem mandar se erija e estabeleça quanto antes nesta Cidade, segunda Capital do Reino, huma publica e bem provida Bibliotheca para a qual sirve de primeiro fundo ou provimento essa numerosa colecção de Livros, de que se compunha a Livraria, que, ou era, ou estava debaixo da inspecção e administração do Bispo desta Diocese, hoje auzente, e que ora deverá ser augmentada com as obras importantes, que não existirem nella e que forem encontradas nas Bibliothecas dos Conventos abandonados».[236]

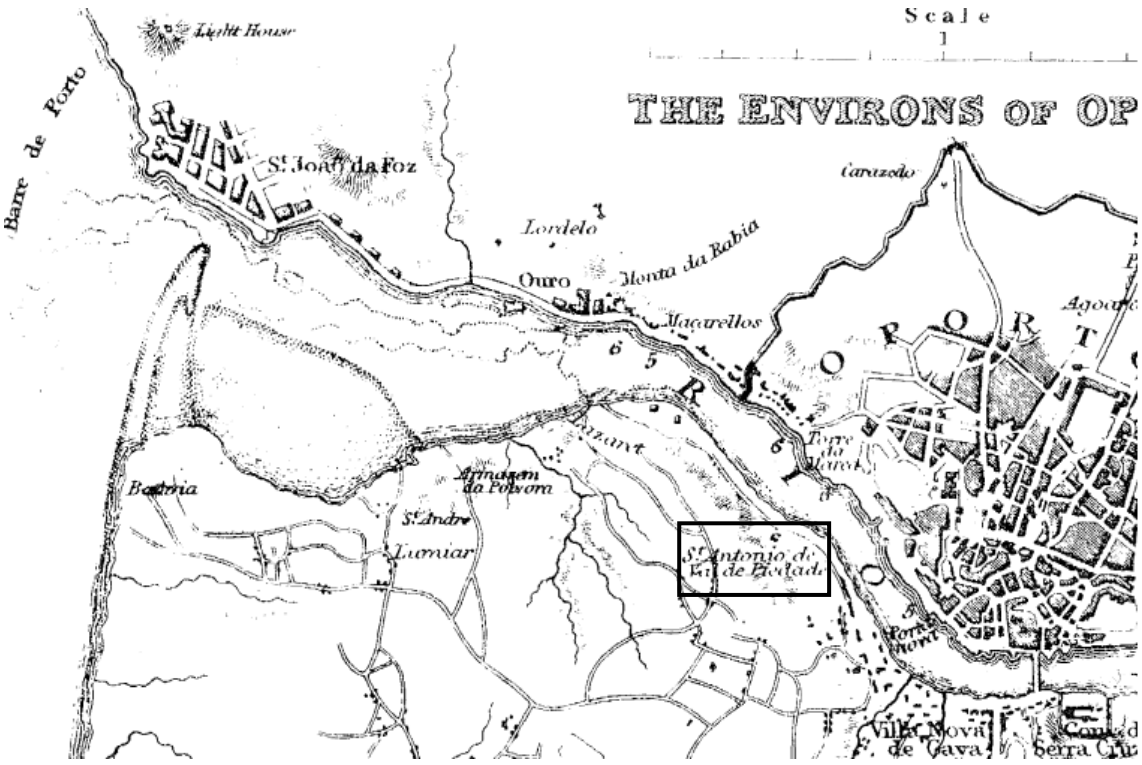
[232] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 25

[233] *Ibid*; p. 17

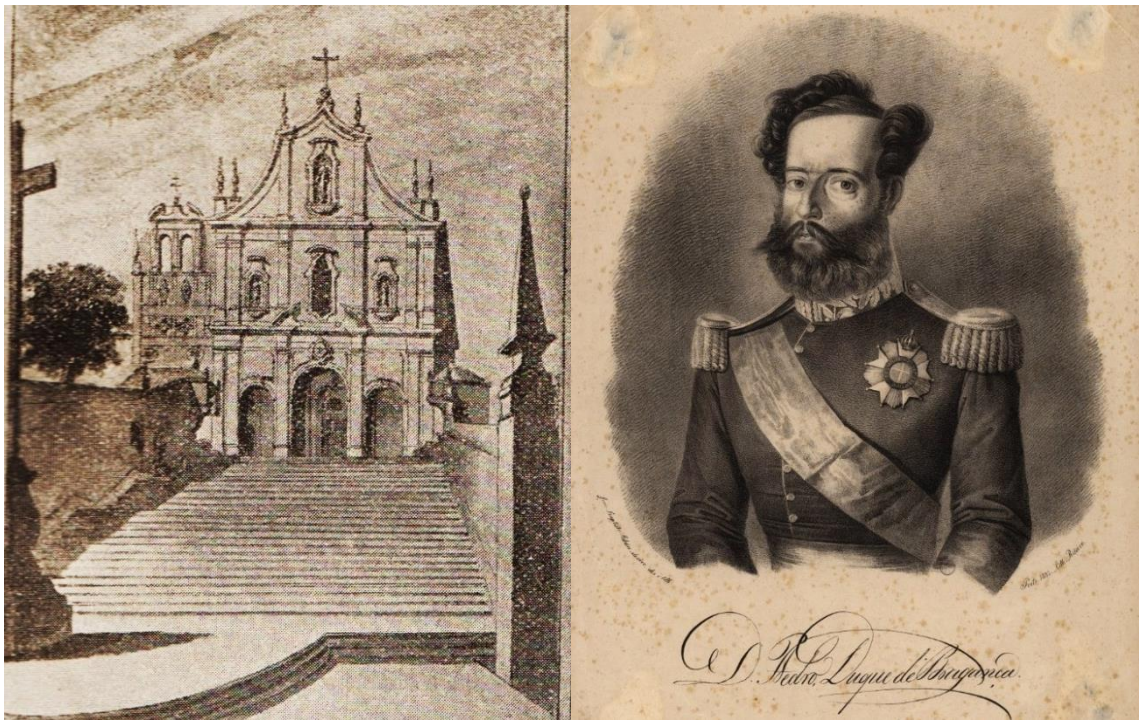
[234] *Idem*; p. 18

[235] "O Tripeiro"; série Nova; Ano 2; p. 325

[236] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 18



Localização do Hospício dos Franciscanos de Santo António de Vale de Piedade, Cordoaria, Porto.
http://portoarc.blogspot.com/2014/11/conventos-de-religiosos-xi.html



Convento de Santo António do Vale da Piedade, Cordoaria, Porto.
http://portoarc.blogspot.com/2014/11/conventos-de-religiosos-xi.html
D. Pedro, Duque de Bragança. 1833. Quadro de João Baptista Ribeiro.
http://portoarc.blogspot.com/2014_12_01_archive.html

A 6 de Aaril de 1833, o Ministro do Reino, Bernardo de Sá Nogueira, responde à referida representação, com a publicação de uma portaria na qual dá a conhecer a aprovação de D. Pedro, a respeito da "lembrança de se estabelecer no Hospício dos Religiosos de S. António désta Cidade uma Bibliotheca Publica, que o mesmo senhor já havia resolvido crear"[237]. A par da publicação de referida portaria, ordenou remeter à Comissão as chaves do mesmo Hospício, seguido do tranporte de alguns milhares de livros existentes num depósito do largo da Fábrica, também conhecido por largo do Correio.

No dia 27 do mesmo mês, a Comissão Municipal requereu autorização do governo para fazer as despesas indispensáveis à manutenção da projetada biblioteca, tendo sido concedida.

Por decreto de 15 de maio, determinou-se que,

Esta Real Bibliotheca fundada à custa da Fazenda Publica pertencerá de propriedade à cidade do Porto, debaixo da administração da Camara Municipal della (...).[238]

Por altura do mês de julho do presente ano, o Hospício de Santo António de Vale da Piedade, na Cordoaria, já estava destinado à instalação da Biblioteca.

Assim, a 9 de julho de 1833, por decreto de D. Pedro, duque de Bragança e Regente em nome da Rainha, é instituída a "Real Bibliotheca Publica da Cidade do Porto", no Hospício de Santo António do Vale da Piedade, na Cordoaria, formalizando o determinado na portaria lançada a 11 de janeiro.[239] Segundo um artigo registado no jornal da época, 'O Tripeiro', o diploma com esta mesma data visou a instituição e definitiva instalação da Biblioteca e contemplava a recolha e possível distribuição dos fundos recolhidos nas casas religiosas.[240]

No mês de agosto, são expedidos dois alvarás: o primeiro, no qual D. Pedro doa à cidade o dito Hospício, e um segundo, pela Secretaria da Fazenda, onde revalidava a doação feita à Câmara do Porto, do edifício da Cordoaria e dos livros a que se referia o decreto de 9 de julho.

[237] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 19
[238] *Ibid*; p. 15
[239] Nesta data, comemora-se, também, 1º aniversário da entrada do Exército libertador na Cidade do Porto.
CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 14
[240] "O Tripeiro"; série Nova; Ano 2; p. 328



Antigo Hospício dos Franciscanos de Santo António de Vale de Piedade, Cordoaria, Porto.
BRITO, Maria Fernanda de; "Biblioteca Pública Municipal do Porto nos Últimos 50 Anos. Um Edifício em Tranformação – 1935-1985"; 1985; p.10
http://portoarc.blogspot.com/2017/11/testemunhos-e-memorias-sobre-o-porto-x.html



Antigo Hospício dos Franciscanos de Santo António de Vale de Piedade, Cordoaria, Porto. Enquadramento Urbano.
http://portoarc.blogspot.com/search/label/Biblioteca%20Municipal

O edifício do Hospício necessitava de obras de reparação, que foram realizadas com dificuldade, dado que, na altura, tinham caído três bombas ou granadas na envolvente do Hospício. Terão, também, existido dificuldades na aquisição de meios de transporte quer para os materiais, quer para os livros que deviam ser transportados para o Hospício, para além da falta de mão de obra e a escassez de materiais para a construção. Tais factos foram registados e apresentados pelo 1º bibliotecário Diogo de Góis. Apesar do contexto de profundas limitações e escassez, as obras prosseguiram.[241]

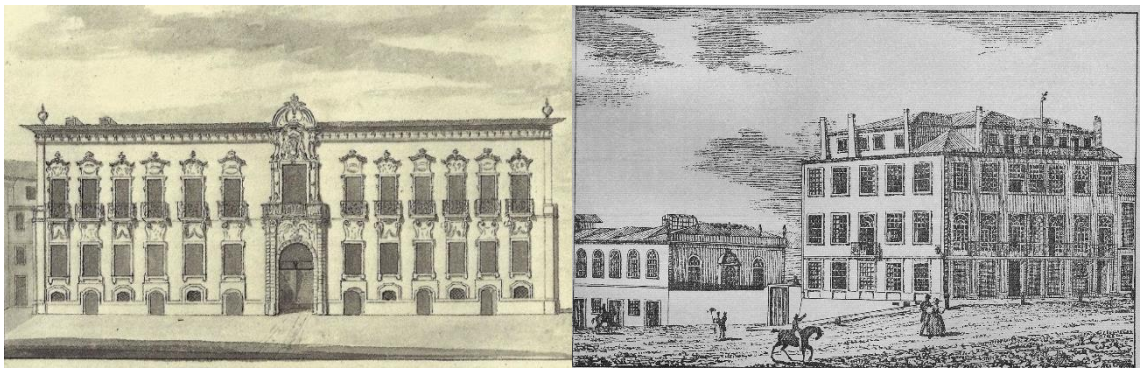
A 30 de dezembro de 1833, num ofício da Comissão Municipal a Diogo de Góis Lara de Andrade, por iniciativa do Prefeito da Província do Douro e com acordo da Comissão Municipal, então presidida por António Alexandre Rodrigues d'Oliveira, decidiu-se "que a Biblioteca Pública seja transferida do pequeno Edifício, em que ora se acha, para outro mais amplo e espaçoso"[242]. Deste modo, a referida Comissão solicitou ao 1º bibliotecário que averiguasse, juntamente com o Arquiteto da Cidade, Joaquim da Costa Lima Sampaio, se o melhor local para a sua transferência seria no abandonado Convento de Santo António da Cidade.

Tratava-se de um projeto deveras arrojado: Manuel Gonçalves de Miranda, Prefeito da Província do Douro, pretendia instalar no edifício de São Lázaro uma biblioteca, um museu e uma 'Sociedade Promotora da Industria', sendo todo o conjunto enquadrado pelo jardim:

Esta praça no plano das de Londres, porém com a riqueza vegetal que áquellas não permitte o clima, servirá ao mesmo tempo de Passeio Público e Jardim de Recreio, e também de instrucção, por quanto n'elle serão distribuidas por ordem as plantas, cuja applicação é mais usual na Agricultura, nas Artes e na Pharmacia.[243]

A 14 de outubro, a Câmara, reclama o edifício dos frades, na Cordoaria, apesar de não servir para a biblioteca, mas "para lhe dar o destino que tivesse por conveniente". Assim, os livros da Biblioteca são removidos do edifício da Cordoaria e transferidos para o Paço Episcopal, bem como os livros que se encontravam em casas particulares.[244]

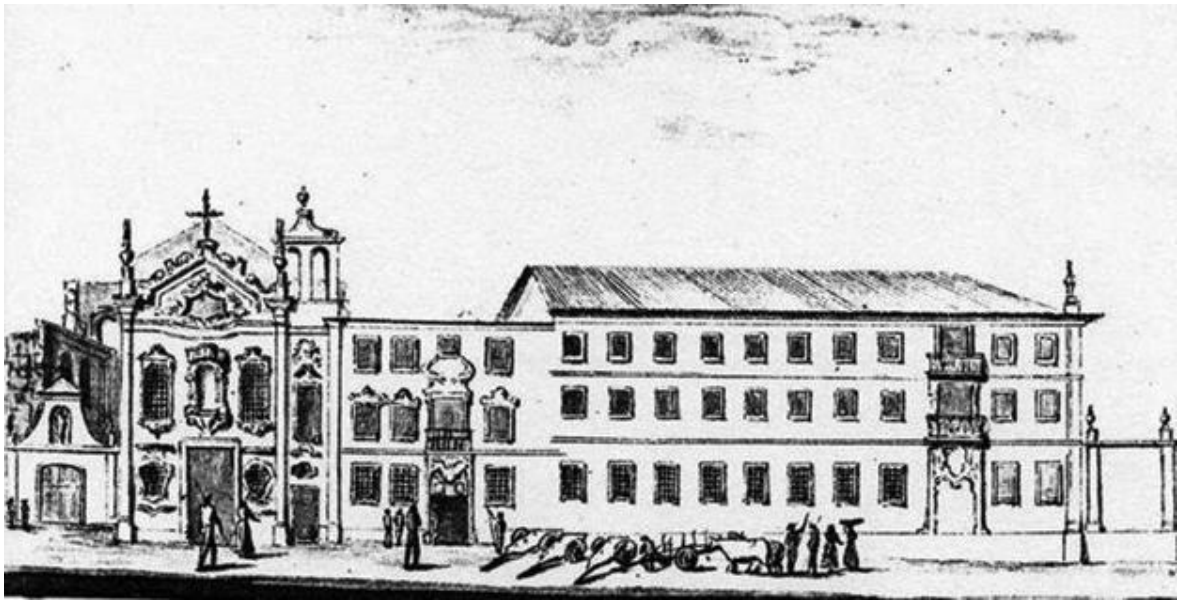
[241] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 16
[242] *Ibid*; p. 25
[243] *Idem*; p. 25
[244] *Idem*; p. 26



Paço Episcopal, Porto, em 1833. Desenho de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova.
http://portoarc.blogspot.com/2015/04/outros-edificios-publicos-vi.html
Museu portuense: primeiro museu público em Portugal. Casa de João Allen. Desenho de Joaquim Cardoso Vitória Villa Nova.
http://portoarc.blogspot.com/2014/12/conventos-de-religiosos-xix.html



Planta do Porto com a localização do Convento de Santo António, em São Lázaro.
http://portoarc.blogspot.pt/search/label/Convento%20de%20Santo%20Ant%C3%B3nio%20da%20Cidade
"Edifícios do Porto em 1833". Recolhimento das *Orphãs*, Convento de Santo António, em S. Lázaro. Desenho de Joaquim Cardoso Vitória Villa Nova.
http://portoarc.blogspot.com/2014/12/conventos-de-religiosos-xix.html



Convento dos franciscanos de Santo António da Cidade, São Lázaro, em 1833. Desenho de Joaquim Cardoso Vitória Villa Nova.
http://portoarc.blogspot.com/2014/12/conventos-de-religiosos-xix.html

Tanto a Câmara Municipal, como o Prefeito demonstraram, junto do Governo, a conveniência de instalar a Biblioteca e o Museu no edifício do Convento de Santo António da Cidade, insistindo na necessidade de terminar as obras, no referido Convento, que chegaram a estar suspensas.

No ano seguinte, em 1835, persiste a questão que opõe a Câmara Municipal, na época presidida, por Vicente Ferreira Novais, à Prefeitura do Douro, da qual a primeira defende que a Biblioteca deveria instalar-se no Paço Episcopal, por razões de maior comodidade, ao passo que o segundo insiste que a mesma Biblioteca deveria ser instalada no edifício em São Lázaro. Face a estes acontecimentos, no seguinte mês de Julho, surgiu uma portaria a mandar abrir, provisoriamente, a Biblioteca no edifício do Paço Episcopal enquanto não se terminavam as obras no edifício de São Lázaro.[245]

Em setembro de 1836, instalada precariamente no Paço Episcopal, a Biblioteca é, parcial e provisoriamente, aberta ao público, como cita João Nogueira Gandra, 2º bibliotecário e chefe interino: "As despezas nessas obras indispensáveis no Paço Episcopal, dependentes de recursos municipaes, e os arranjos por isso ainda alguma coiza demorados, forão retardando a abertura apetecida, até que finalmente desde dos primeiros dias de Setembro de 1836 ella se pôde considerar franca."[246]

Cerca de dois anos depois, a 12 de maio de 1838, é dirigida uma representação, por parte da Câmara Municipal, à Rainha, referindo as péssimas condições de conservação do Paço e da necessidade da "mudança immediata para o edifício já concluído, em S.Lázaro, das obras mais uteis e necessarias à leitura dos Cidadãos que ali se dirigem".[247]

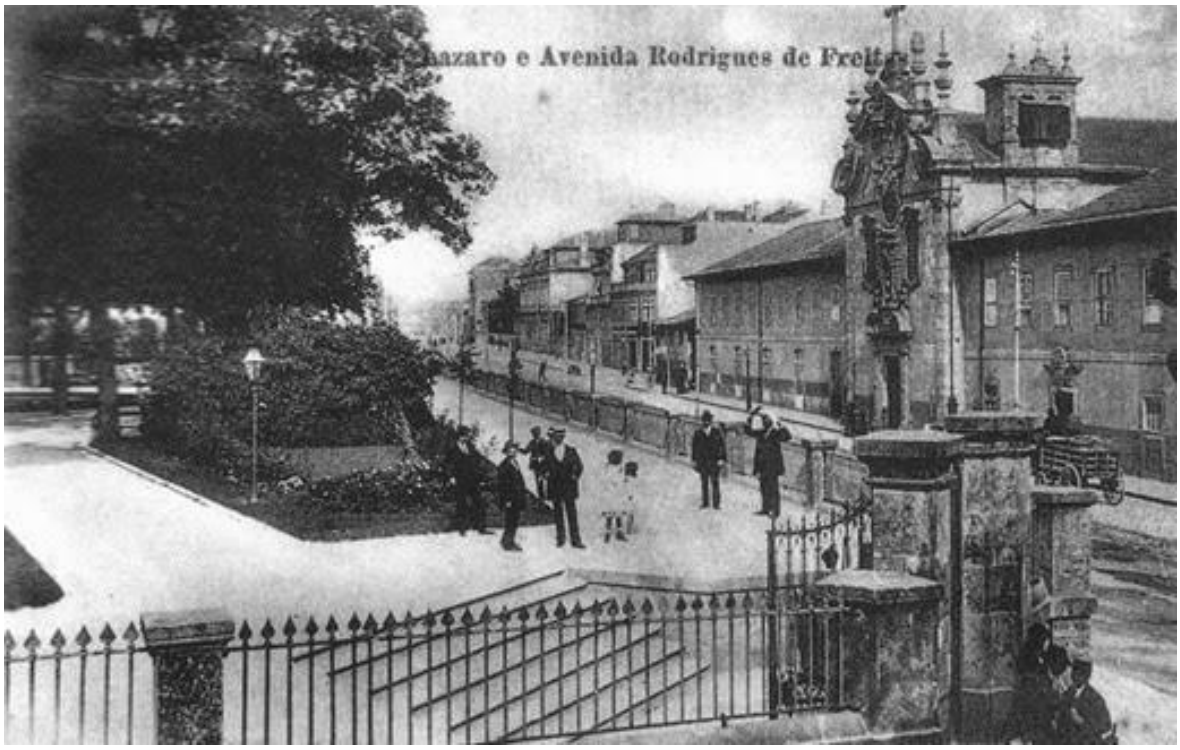
No dia 13 de julho de 1839, é publicada uma lei determinando que a antiga cerca do Convento de Santo António da Cidade é cedida à Câmara Municipal do Porto. Mais tarde, no dia 30 do mesmo mês, a Rainha concede à Câmara "a propriedade da Cêrca do extincto Convento de Santo António da mesma Cidade; e a parte do referido Convento que sobejar depois de nelle se fazerem as casas necessarias, para ali se estabelecerem convenientemente a Bibliotheca Publica, o Muzeu Portuense de Estampas e Pinturas, e a Academia de Bellas Artes."[248]

[245] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 27

[246] Primeiro texto de fundo de um relatório sobre a História da Biblioteca. – CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 28

[247] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 28

[248] *Ibid*; p. 27



O jardim de S. Lázaro num postal do início do século XX: c. 1905.
http://doportoenaoso.blogspot.pt/2015/02/o-jardim-que-foi-primeiro-da-cidade-3.html


Jardim de S. Lázaro e Rua de S. Lázaro, 1905. Vista junto à Rua das Fontaínhas. Foto de Alberto Ferreira Tipografia Peninsular. Mário João Mesquita A Cidade dos Transportes, Multitema, Porto 2008.
http://doportoenaoso.blogspot.pt/2015/02/o-jardim-que-foi-primeiro-da-cidade-2.html

A 12 de setembro, ainda do ano de 1839, o Administrador Geral do Distrito intima a Câmara para reduzir a concessão para escritura pública, exigindo que nela fosse feita referência ao terreno no qual faria concluir as obras no prazo de um ano. Num ofício de 3 de outubro do mesmo ano, a Câmara declara "estar pronta a assignar qualquer contracto e que o terreno que exige he todo o que compunha o Mosteiro, na fórma expressada em sua representação."[249]

Em meados de janeiro de 1842, as obras, no Convento, prosseguiam e deliberou-se a aquisição de mobiliário e utensílios necessários para o usufruto da Biblioteca no novo edifício em S.Lázaro. Assim, a 4 de abril de 1842, dia do aniversário da Rainha, contando com a presença do Administrador Geral do Distrito e dos membros da Câmara Municipal, a Biblioteca é, oficialmente, aberta à população, já no edifício de S.Lázaro, iniciando-se o serviço regular ao público, uma semana depois.[250] Prestando a devida homenagem, a Câmara delibera, a 12 de outubro, a colocação do retrato de D. Pedro IV no topo do salão da Biblioteca Pública, o que veio a acontecer e foi assinalado, em cerimónia solene, a 8 de dezembro do mesmo ano.

Alguns anos mais tarde, mais precisamente entre 1842 e 1848, é escrito um pequeno texto, existente no Arquivo da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que prova a ação da Câmara na História da Real Biblioteca, concluíndo: "Foi pois quazi em seguida destes factos creada a nossa Bibliotheca...." No *1º Relatório Geral da Real Bibliotheca Pública da Cidade do Porto*, João Nogueira Grandra afirma que:

«Encontrei como alicerce primordial desta Instituição, que S.M.I. o Duque de Bragança meditava em sua Alta Intelligencia a criação d'huma Bibliotheca Publica n'esta Cidade, depois d'ordenado o depósito geral dos Livros pertencentes aos Conventos abandonados, e dos sequestrados a vários Particulares, que havião seguido as Bandeiras de Uzurpação (...)», dando também, relevo a alguns dos documentos que provam o papel da Câmara na concretização da ideia de fundar a Biblioteca.[251]

Por fim, numa outra portaria de 10 de julho de 1857, determinava-se a obrigação da Câmara concluir as obras de adatação do convento de Santo António para a instalação da Biblioteca, Museu e Academia de Belas-Artes. Finalmente, a 27 de janeiro de 1876, numa Carta de Lei, a Biblioteca Pública do Porto é declarada estabelecimento municipal.[252]

[249] "O Tripeiro"; série 1; Ano 3; p. 323

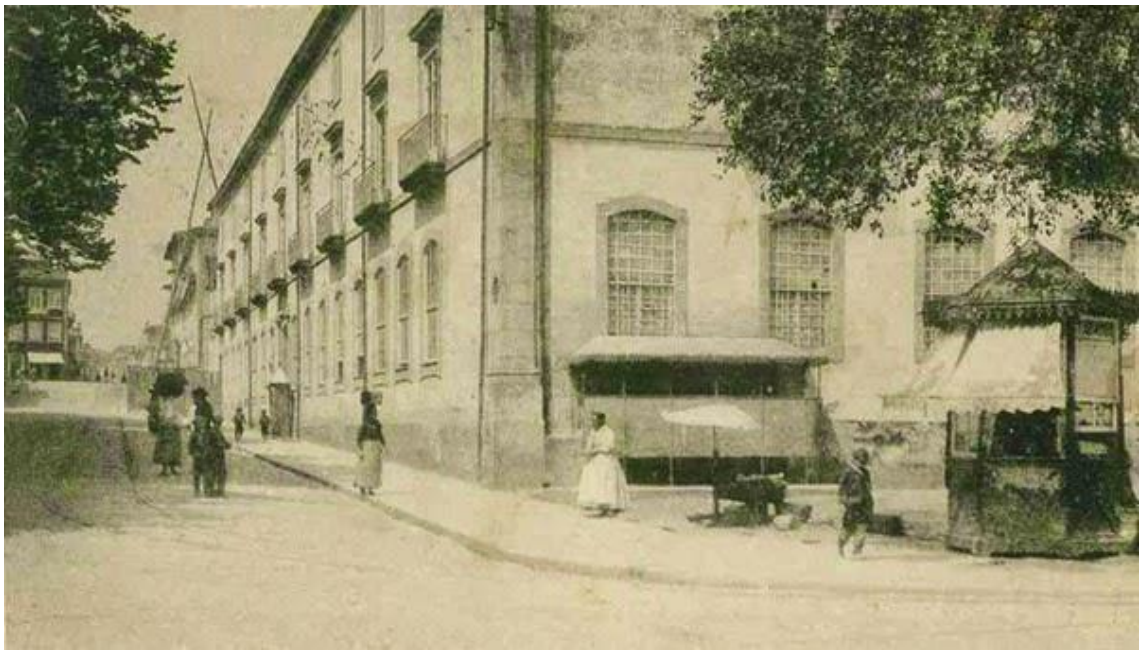
[250] CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 28

[251] *Ibid*; p. 20

[252] "O Tripeiro"; série 5; Ano 6; p. 52



António Carneiro in O Mosquito, 1º ano, n.os 1-34, 4 de fev. 1888- 22 set. 1888. In Luís Cabral, Catálogo da Exposição no 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984.
http://doportoenaoso.blogspot.pt/2015/02/o-jardim-que-foi-primeiro-da-cidade-1.html



Academia de Bellas Artes. Postal de Emílio Biel do início do século XX. Arquivo da FBAUP.
http://doportoenaoso.blogspot.pt/2015/02/o-jardim-que-foi-primeiro-da-cidade-1.html

Desde a sua instalação no Convento de Santo António da Cidade, até à contemporaneidade, assistiu-se à realização de diversas intervenções, de manutenção e transformação, no edifício com as quais se pretendia melhorar e criar renovadas condições para o funcionamento de Biblioteca Pública Municipal da cidade do Porto. Assim, procuramos mapear as referidas intervenções, por forma a compreender o sentido das transformações operadas. Optamos por organizar o referido mapa cronologicamente em função da natureza da intervenção.

Assim, o primeiro mapa cronológico mostra a evolução das várias alterações sofridas pelo Convento de Santo António, desde que o edifício foi proposto para a abrigar a Biblioteca Pública Municipal do Porto, até à sua instalação definitiva. Paralelamente, expõe-se um conjunto de plantas topográficas que ilustram as transformações da envolvente próxima à Biblioteca e Jardim de São Lázaro que acompanham as mudanças de projeto pelas quais a Biblioteca Pública Municipal do Porto foi passando, ao longos de vários anos. Para além disso, apresentam-se alguns projetos que foram sendo propostos, no sentido de aumentar a capacidade de depósito da Biblioteca, bem como o número de zonas de leitura.

O segundo mapa apresenta, ao longo do século XX, as várias obras de requalificação, restauro e manutenção realizadas em alguns dos espaços interiores da Biblioteca, com o objetivo de tornar o edifício mais acolhedor. Por outro lado, expõem-se as obras solicitadas e realizadas no interior, que demonstram algumas alterações na organização do programa da Biblioteca, com destaque para algumas das salas que foram movidas dos seus espaços e para a divisão de pisos, por forma a criar mais espaços de depósito e leitura.

7. A Biblioteca Pública Municipal do Porto nos dias de hoje

Atualmente, A Biblioteca Pública Municipal do Porto é uma biblioteca patrimonial, que recebe, por Depósito Legal e desde a sua criação, todas as publicações editadas no País. Dadas as suas caraterísticas e o valor do seu património documental, tem como missão organizar, indexar, disponibilizar e conservar os documentos que lhe são entregues, como parte inestimável do património histórico e cultural da cidade do Porto e do nosso país, assim como de promover a exploração, divulgação e difusão dos seus fundos documentais, com recurso às tecnologias de informação e comunicação incorporadas.

Fomentar o relacionamento entre a Biblioteca, a comunidade em geral e públicos especializados, bem como promover atividades culturais próprias ou em articulação com entidades externas são outros dos objetivos principais aos quais esta intituição tenta sempre responder e cumprir.

Numa entrevista realizada à Dra. Paula Bonifácio, Bibliotecária da BPMP, constatou-se que este Biblioteca possui um fundo patrimonial que ronda os 30km, representa 4 gerações de catálogo documental de leitura que se encontra guardado, conservado e disponível para consulta. A 1ª geração chega a esta biblioteca entre os anos de 1510 e 1560, a 2ª geração, entre 1861 e 1948, a 3ª geração, entre os anos de 1949 e 1990, com fichas reproduzidas, e a 4 ª geração, em 1991, com a chegada dos computadores e introdução das TIC.[253]

No conjunto desta biblioteca existem vários tipos de leitura: a de livre acesso, na qual os leitores retiram da estante os livros que pretendem consultar; a de presença, com consulta dos livros que se encontram em depósito, através de requisição de leitura, e a de reservados, que permite a consulta de manuscritos, impressos raros, cartografia, iconografia e objetos tridimensionais.

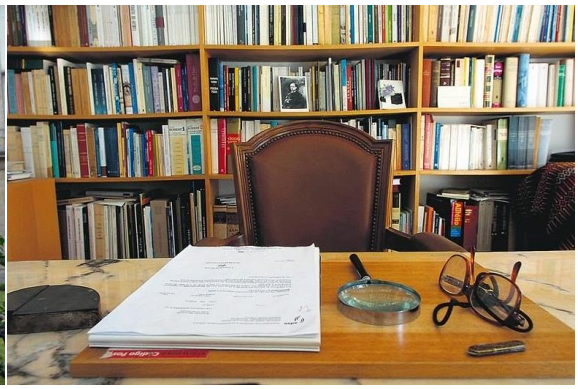
A par das novas tecnologias, o modo de acesso e a leitura pública têm vindo a ser reforçadas nos últimos anos, através da criação e remodelação de alguns serviços de um modo progressivo, com o fim de chegar a todos os públicos, distribuindo, ainda, as suas coleções e equipamentos por várias áreas funcionais e disponibilizando alguns serviços de apoio.

[253] Dra. Paula Bonifácio, Bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal do Porto



Biblioteca Pública Municipal do Porto: entrada principal virada para o jardim de São Lázaro.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_P%C3%BAblica_Municipal_do_Porto





Biblioteca Pública Municipal do Porto: claustro.
https://visitporto.travel/pt-PT/poi/5cd04b4ef979e00001fe481c#/
Biblioteca Pública Municipal do Porto: secretária da sala Eugénio de Andrade.
https://www.publico.pt/2012/12/26/jornal/sala-dedicada-a-eugenio-de-andrade-vai-abrir-na-antiga-biblioteca-do-porto-25796902

De uma forma resumida, a Biblioteca Pública Municipal do Porto fornece ao público visitante um conjunto de serviços.

Assim que se entra na biblioteca, o Balcão de Atendimento ao Leitor é o primeiro espaço, a partir do qual nos permite aceder aos vários serviços, com uma área de acolhimento onde estão concentradas as funções de atendimento, de orientação para os diversos serviços de leitura, alargando-se a outras valências técnicas, bem como de entrega de pedidos de reprodução documental e de inscrição de leitor, devolução de documentos, venda de publicações, entre outros.

A Sala Infanto-Juvenil, que se encontra situada no rés-do-chão da Biblioteca, possui cerca de 7 000 documentos, entre livros e revistas, dedicados aos mais jovens e foi merecedora do Prémio SECIL, de Arquitectura, em 1992, pea intervenção realizada pelo Arq. Eduardo Souto de Moura. No átrio contíguo promovem-se, periodicamente, destaques temáticos e biobibliográficos e desenvolvem-se diversas atividades de promoção e animação do livro e da leitura direcionadas a esta faixa etária, frequentemente, em colaboração e ligação com as escolas. À disposição dos leitores estão 30 lugares de leitura e 2 postos de consulta informática.

Ainda no rés-do-chão da biblioteca, encontra-se a sala de exposições, destinada a acolher exposições temporárias, temáticas e biobibliográficas, no âmbito do fundo documental da biblioteca. na zona onde se situava a antiga sacristia da capela inserida no edifício, na altura denominado Convento de Santo António da Cidade.

A Sala de Leitura Geral, que se situa já no 1.º piso da Biblioteca, tem capacidade para 105 lugares e destina-se à consulta e leitura presencial, através da requisição de publicações que integram o denominado fundo geral.

A Sala de Leitura de Manuscritos & Reservados localiza-se, também, no 1.º piso da Biblioteca, com capacidade para 14 lugares, na qual se pode consultar, presencialmente, fundos e coleções especiais, tais como Manuscritos, Impressos Raros, Cartografia, Iconografia e Objetos Tridimensionais. Na referida sala disponibiliza-se, ainda, aos utilizadores, uma pequena coleção de obras de referência, um leitor motorizado de microfilmes e dois postos de consulta informática.[254]

[254] https://bmp.cm-porto.pt/bpmp

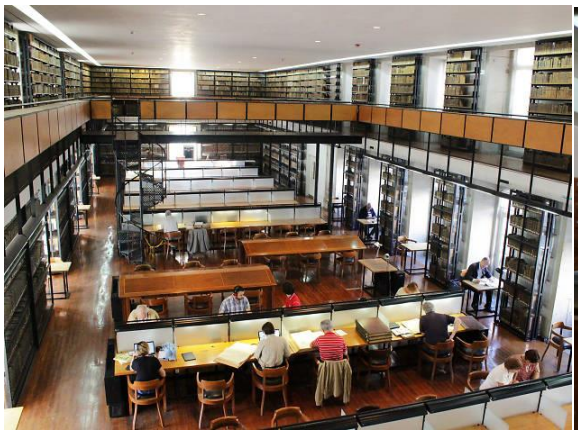




Biblioteca Pública Municipal do Porto: entrada principal.
https://radioportuense.com/2020/05/13/bibliotecas-museus-e-arquivo-historico-do-porto-reabrem-a-1-de-junho/
Biblioteca Pública Municipal do Porto: balcão de atendimento.
https://visitasvirtuais.cm-porto.pt/bpmp.php




Biblioteca Pública Municipal do Porto: sala de Leitura Infantil.
https://visitporto.travel/pt-PT/poi/5cd04b4ef979e00001fe481c#/
Biblioteca Pública Municipal do Porto: sala de Exposições
https://visitasvirtuais.cm-porto.pt/bpmp.php




Biblioteca Pública Municipal do Porto: sala de Leitura Geral.
https://www.timeout.pt/porto/pt/atraccoes/biblioteca-publica-municipal-do-porto
Biblioteca Pública Municipal do Porto: sala de Leitura de Manuscritos & Reservados
https://visitasvirtuais.cm-porto.pt/bpmp.php

Localizada, igualmente, no 1º piso da Biblioteca, a Sala de Leitura de Livre Acesso foi inaugurada aquando do evento Porto 2001 e disponibiliza, em regime de livre acesso, aproximadamente, 13 000 documentos, sendo a maioria passível de empréstimo domiciliário, e uma seleção de jornais e revistas para consulta no local. À disposição dos leitores estão 36 lugares de leitura e 6 computadores, sendo 2 destinados à consulta do catálogo local e 4 para pesquisa. A conceção desta sala surge de um projeto do Arq. João Correia, com a coordenação do atelier do Arq. Nuno Tasso de Sousa, tendo sido uma obra realizada pela Câmara Municipal do Porto.

A Sala do Catálogo ou Sala de Referência trata-se de um espaço onde o leitor pode encontrar apoio técnico especializado para identificação, referência e acesso às coleções, assim como técnicas de pesquisa bibliográfica nos catálogos convencionais e informatizados. A partir desta sala, o leitor é encaminhado para serviços e fontes de informação disponíveis na biblioteca ou fora dela, podendo, solicitar o atendimento personalizado e o apoio de técnicos especializados ou bibliotecários do serviço.

É possível, ainda, consultar, livremente, uma coleção selecionada de mais de 600 obras de referência, como por exemplo, dicionários, enciclopédias, atlas, guias, catálogos, e outras temáticas; pode, também, consultar os vários catálogos manuais da BPMP, pesquisar e pedir as obras através do Catálogo das Bibliotecas Municipais do Porto, aceder gratuitamente à Internet num dos 5 terminais disponíveis, e imprimir pesquisas ou conteúdos, sendo este serviço sujeito a pagamento; existe, também, nesta sala, um scanner, em auto-serviço, para digitalização de obras da sala de leitura de livre acesso.

Uma Reprografia, situada na extremidade da sala do catálogo, no 1.º piso da Biblioteca, onde se efetua a reprodução documental através de fotocópias, impressões e digitalizações; apenas as fotocópias são efetuadas na hora, dentro do horário específico do serviço, até um máximo de 30 cópias por pedido e documento. Para quantidades superiores, e outras modalidades de reprodução, deve usar-se o serviço por encomenda, sendo este pago no momento do pedido.[255]

[255] https://bmp.cm-porto.pt/bpmp



Biblioteca Pública Municipal do Porto: sala de Leitura de Livre Acesso
https://visitporto.travel/pt-PT/poi/5cd04b4ef979e00001fe481c#/



Biblioteca Pública Municipal do Porto: sala do Catálogo
CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; 1984; p. 56

Esta Biblioteca possui, ainda, um Auditório, situado no 1º piso, sobre a sala Infanto-Juvenil. O acesso a este espaço, por sua vez, é feito pela Rua do Morgado de Mateus. Foi alvo de uma intervenção por parte do Arq. Eduardo Souto de Moura, e destinado à realização de diversas atividades, não só as organizadas pela biblioteca, mas também outras atividades solicitadas, funcionando quase como uma sala polivalente como, por exemplo, teatro diurno e noturno, apoio escolar e animação; a porta existente virada para a rua abre apenas quando há atividades neste espaço.[256]

A Biblioteca Sonora foi outra das inovações incorporadas no programa desta Biblioteca, desde 1972, cujas imagens vêm da base do *Royal Institute for the Blind*. Trata-se de uma biblioteca à distância, de serviço gratuito, apoiada por locutores voluntários e na qual o material é enviado aos usuários, após confirmação da prova de incapacidade dos mesmos.[257]

Todos os documentos entram no Depósito Legal, são tratados e divididos para as zonas respetivas, sendo que as remessas de livros e documentos são entregues, na Biblioteca, em espaços intervalados em dois anos.

No próximo capítulo, analisar-se-á a organização programática da Biblioteca Pública Municipal do Porto mais em detalhe, distribuída pelos diferentes pisos, identificando, por meio dos desenhos em planta, as áreas de acesso público e as áreas de serviço destinadas à gestão e administração desta célebre Biblioteca. Além disso, serão identificados os tipos de circulação destinados ao público, pessoal docente e movimento de documentos, através da localização de monta-cargas.

[256] https://bmp.cm-porto.pt/bpmp

[257] Dra. Paula Bonifácio, Bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal do Porto



Biblioteca Pública Municipal do Porto: Auditório.
https://visitasvirtuais.cm-porto.pt/bpmp.php



Biblioteca Pública Municipal do Porto: Biblioteca Sonora
https://visitasvirtuais.cm-porto.pt/bpmp.php

7.1. Programa atual

A Biblioteca Pública Municipal do Porto localiza-se na cidade do Porto, num quarteirão limitado pela Rua Morgado de Mateus, Rua de D. João I, Rua do Visconde de Bóbeda e pela Avenida Rodrigues de Freitas.

Trata-se de um edifício cuja entrada principal se encontra virada para o Jardim de São Lázaro. Foi, outrora, alvo de transformações, retiros e acrescentos, durante vários anos. Apesar das sucessivas transformações realizadas, mantém a sua identidade, desde a época em que foi construído de raiz, tendo sido destinado a usos diferentes da função atual, como se verificou no capítulo anterior. No fundo, trata-se de uma obra que faz denotar as várias adatações às necessidades advindas com o decorrer do tempo, as mudanças de funções e as sucessivas atualizações que o programa associado às bibliotecas tem vindo a assistir, designadamente pela sucessiva integração de novas valências.

Assim que nos aproximamos do edifício da Biblioteca, deparamo-nos com uma obra cuja arquitetura, por um lado, mantém algumas caraterísticas do tempo em que ainda era conhecido como o Convento de Santo António, por outro lado, apresenta pormenores das épocas pelas quais passou. A construção em pedra predomina sob uma pintura branca das fachadas e sobressai os entablamentos e as bases que rematam o edifício. O ritmo de vãos vai desde o bloco onde se encontra a Sala de Leitura de Livre Acesso, virada para a Avenida Rodrigues de Freitas e culmina numa fachada, virada para a Rua Morgado de Mateus, que se destaca dos restantes alçados, quase rematando o edifício. Nesta zona, o edifício parece ter sido interrompido, esperando por uma solução de remate, numa tentativa de terminar o limite do quarteirão.

Esta Biblioteca é, ainda, possuidora de um claustro, cujas fachadas são o espelho umas das outras.

Atualmente, a Biblioteca Pública Municipal do Porto possui um programa muito vasto, inserido num edifício que, apesar da sua dimensão, ainda espelha alguma dificuldade em arquivar todos os documentos que lhe fazem chegar. Isto justifica-se pela criação de entrepisos em alguns dos seus espaços, nomeadamente na sala do Almoxarifado e no volume de menor dimensão que se destaca do corpo principal da Biblioteca, localizado a Este do mesmo, ambos os espaços situados ao nível do rés-do-chão. Estes acrescentos foram possíveis, dada a altura considerável do pé-direito deste piso.



Biblioteca Pública Municipal do Porto: vista satélite.
https://www.google.pt/maps/@41.1459687,-8.6010995,1397a,35y,3.31h/data=!3m1!1e3



Biblioteca Pública Municipal do Porto: alçados oeste e sul.

Assim que se entra, acede-se ao balcão de atendimento até ao claustro do edifício, através do qual se acede aos restantes espaços.

A nível de leitura e consulta, encontramos a Biblioteca Infantojuvenil, a Sala de Leitura de Livre Acesso, a Sala de Leitura Geral, com uma pequena área privada, a Sala do Catálogo, a Sala Eugénio de Andrade, para consulta de coleções especiais, e, ainda o Corredor dos diários da República. Na Sala do Catálogo, podemos, também, encontrar uma zona de pesquisa informática, assim como, ter acesso à Reprografia, possibilitando a requisição de cópias. Neste grupo mais tecnológico, encontramos, também, a Biblioteca Sonora, destinada, essencialmente, a público com patologias auditivas e visuais.

Numa vertente mais cultural, temos a Sala de Exposições e o Auditório, com pé-direito de dois pisos e ao qual se pode aceder, diretamente, através da Rua Morgado de Mateus.

O Gabinete da direção, a Secretaria, o Almoxarifado, com entrepiso inserido, bem como o Gabinete de relações Públicas, fazem parte dos serviços administrativos que gerem esta Biblioteca.

Relativamente aos serviços de apoio, nomeadamente na gestão de documentos, a Biblioteca possui alguns gabinetes, sendo estes de trabalho e investigação de leitura juvenil, de apoio aos serviços de leitura, um gabinete técnico superior de informática e reprodução documental e, ainda, gabinetes de catalogação de livros e periódicos.

Fazem parte deste vasto programa, também, dois laboratórios, sendo um para microfilmagem e outro para restauro de documentos, bem como uma sala de tratamento de reservados.

Esta Biblioteca serve-se, ainda de vários espaços destinados ao depósito de livros e publicações, sendo um deles destinado, apenas, para depósito de publicações mais antigas, denominado de Caixa Forte, e, ainda, de um gabinete de trabalho, no qual se faz a gestão dessa documentação. Curiosamente, o último piso da Biblioteca é reservado, exclusivamente, ao depósito dos vários documentos.

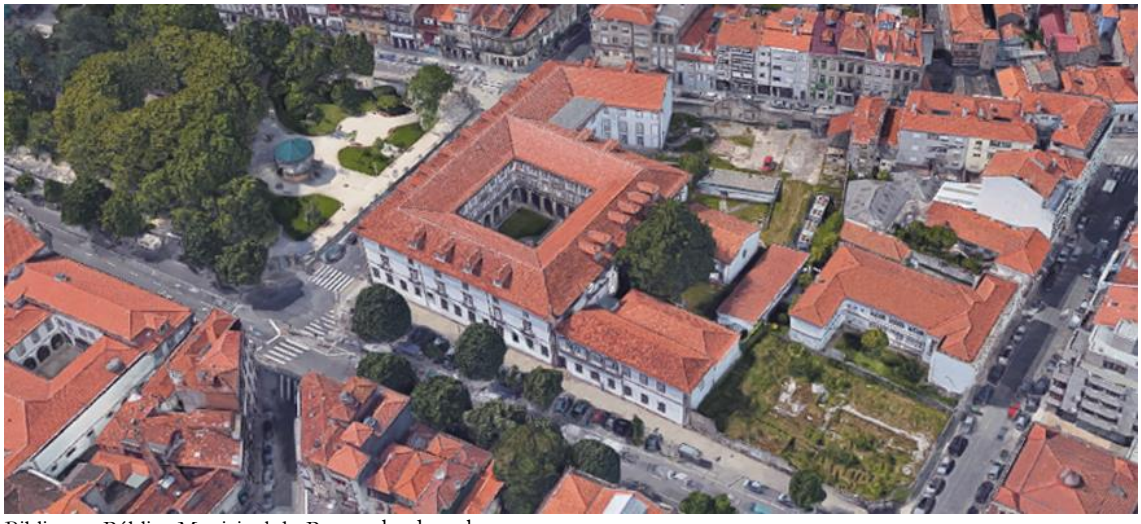
A Biblioteca Pública Municipal do Porto contém, também, no seu programa, uma área dividida em entrepisos que serve de depósito de livros, no piso superior. Já no piso inferior, encontra-se a central de bombagem de água para todos os equipamentos. Além disso, possui uma área de controlo de ar condicionado e uma sala de convívio, que, outrora, teria sido um antigo refeitório.



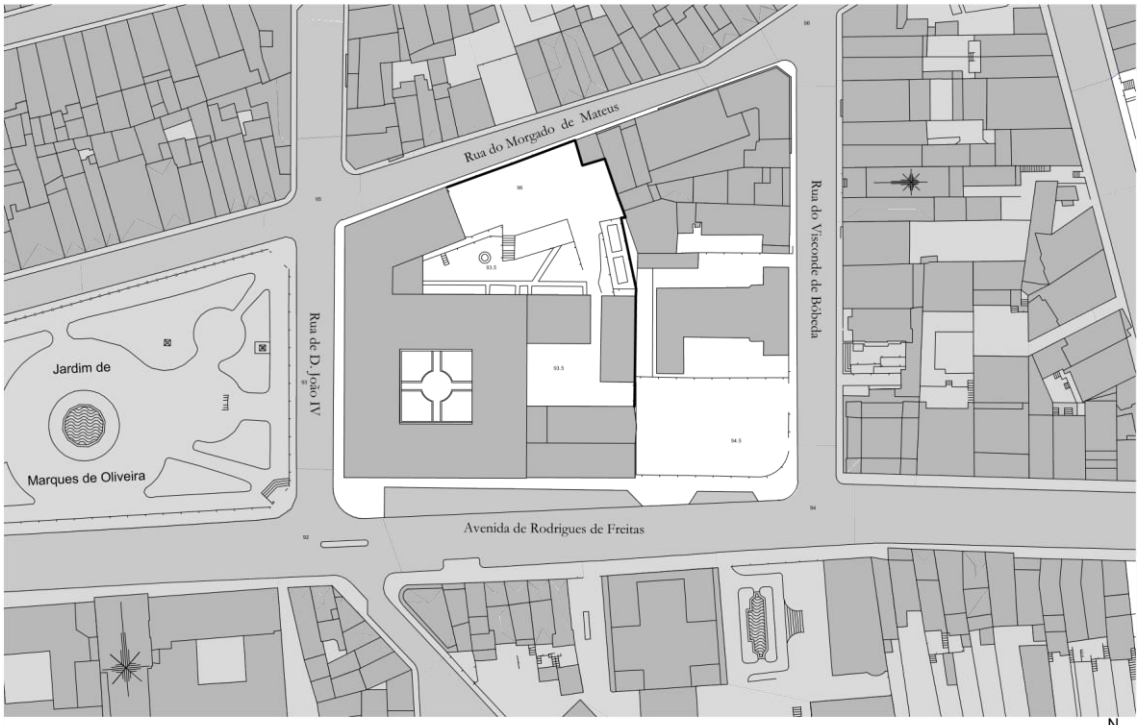
Biblioteca Pública Municipal do Porto: alçados oeste e norte.



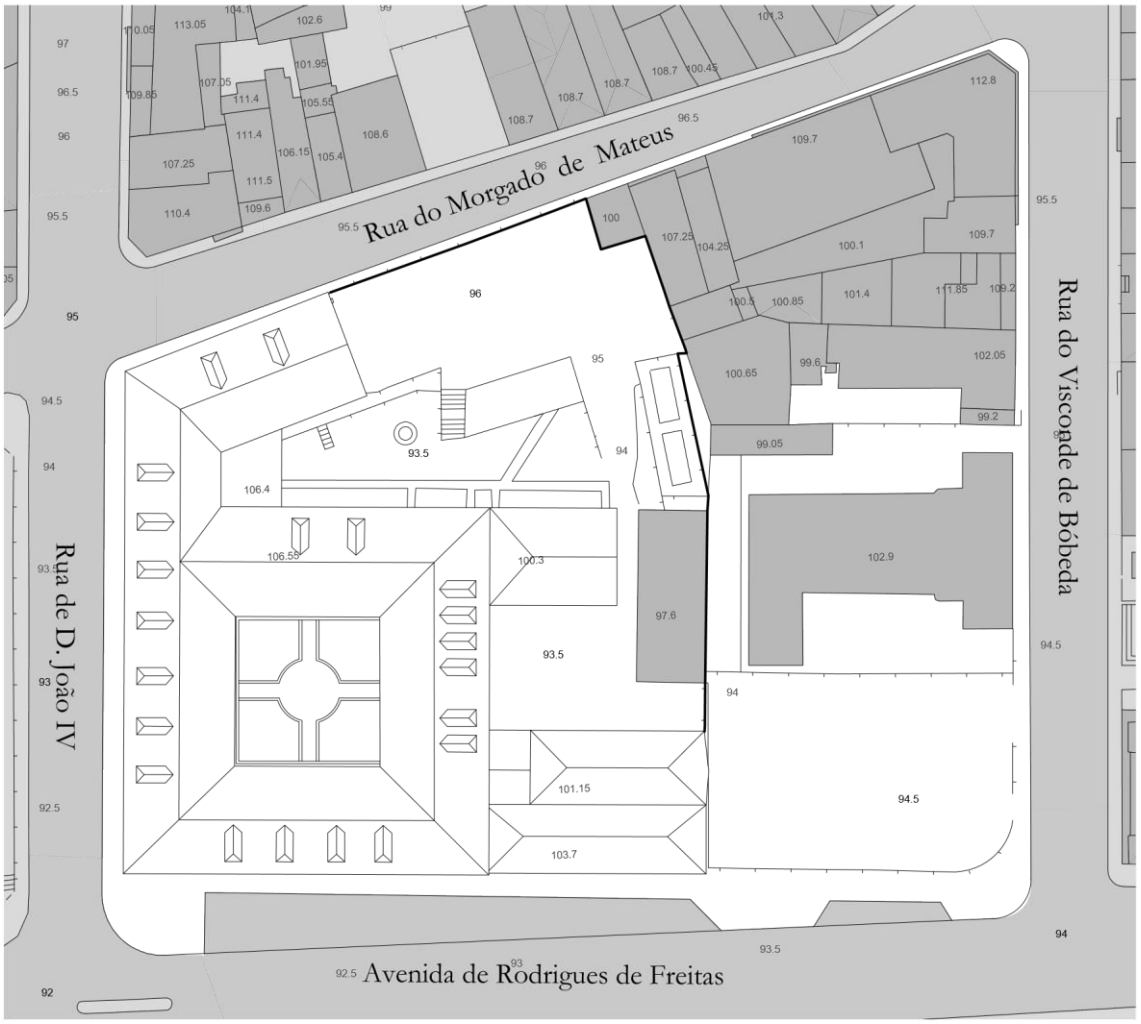
Biblioteca Pública Municipal do Porto: alçado norte.



Biblioteca Pública Municipal do Porto: alçado sul.



Escala 1:2000

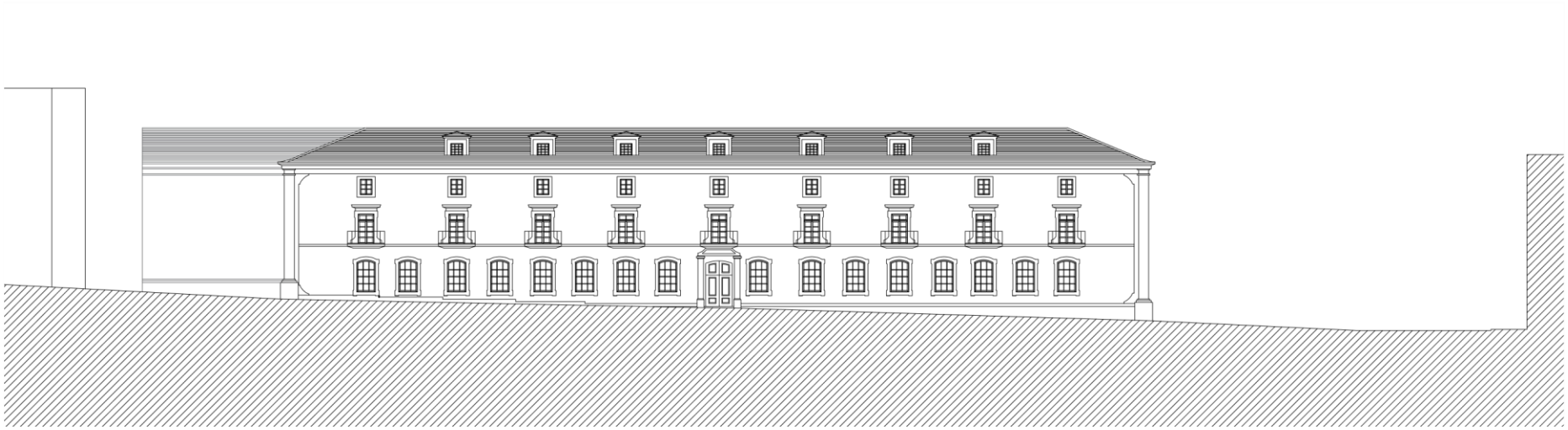


Escala 1:1000



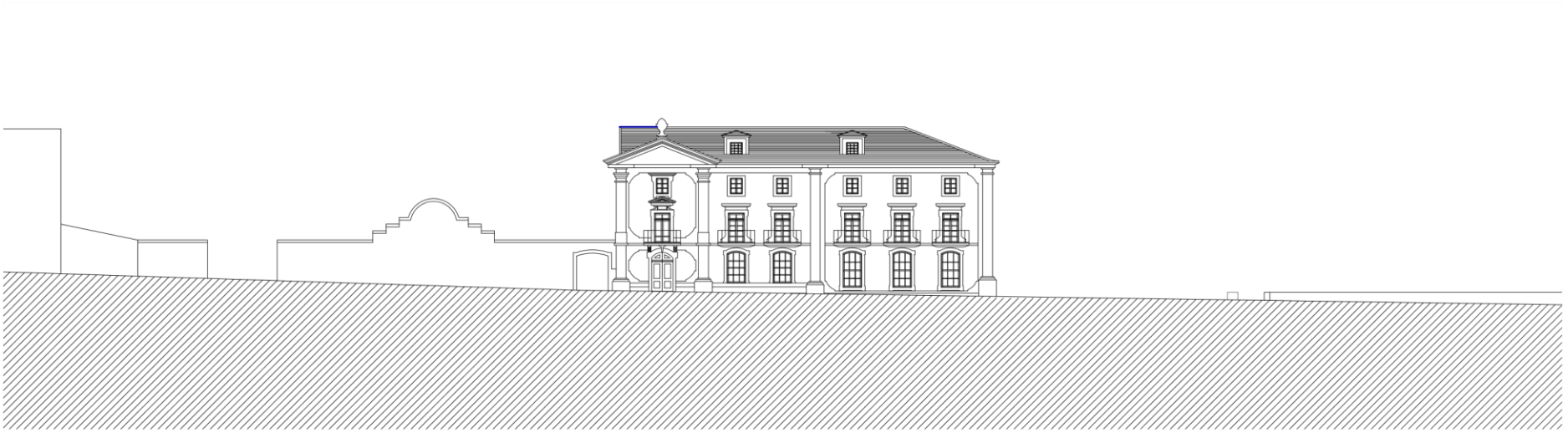
Escala 1:500

Alçado poente || Avenida Rodrigues de Freitas



Escala 1:500

Alçado sul || Rua D. João IV



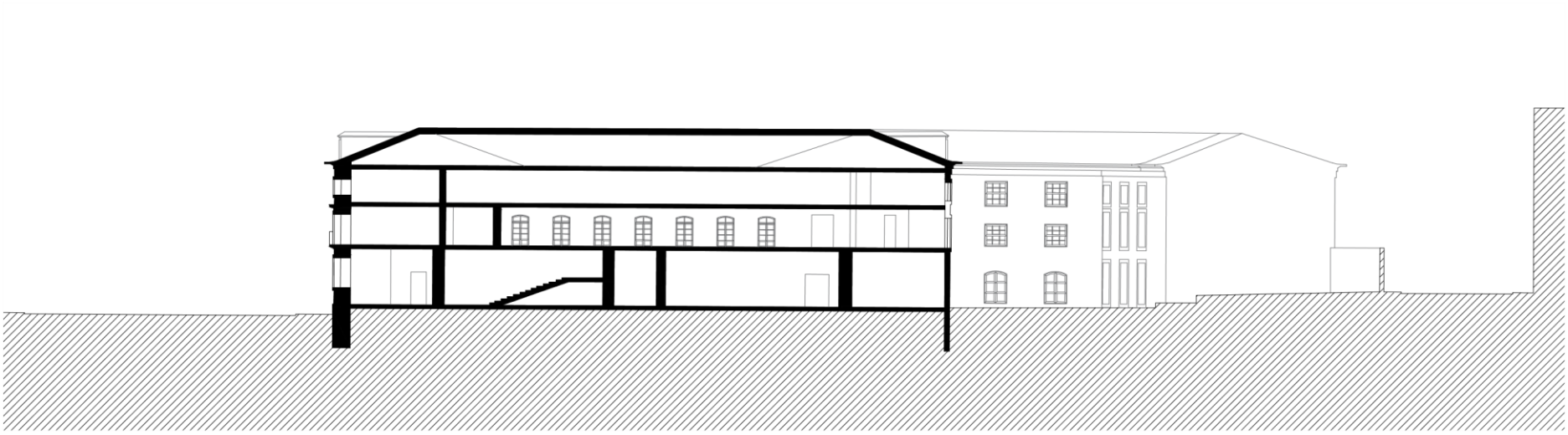
Escala 1:500

Alçado norte || Rua do Morgado de Mateus



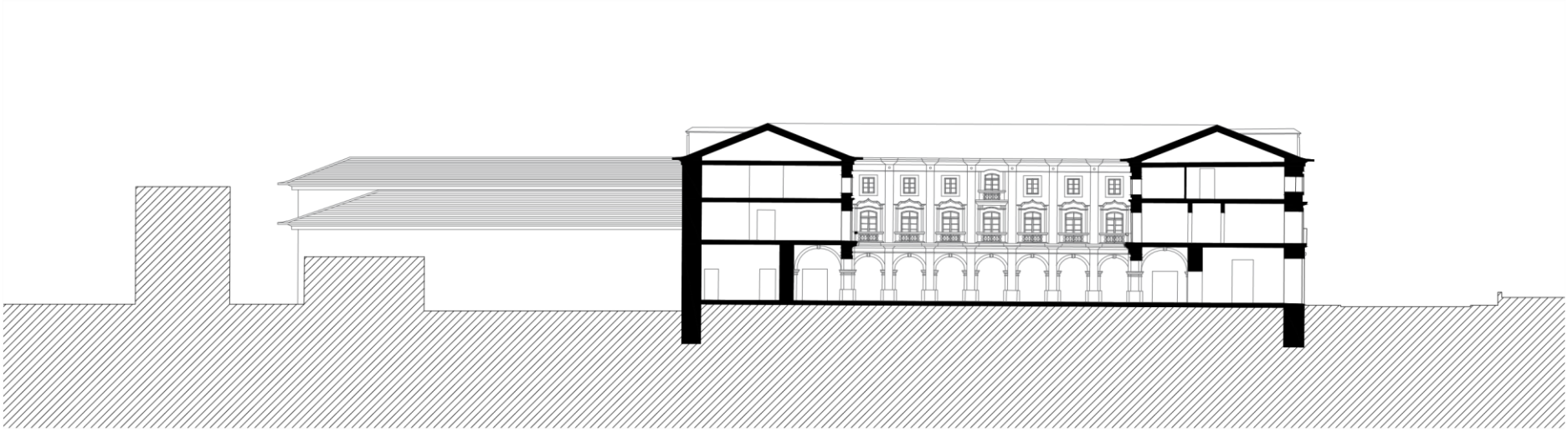
Escala 1:500

Corte AA'



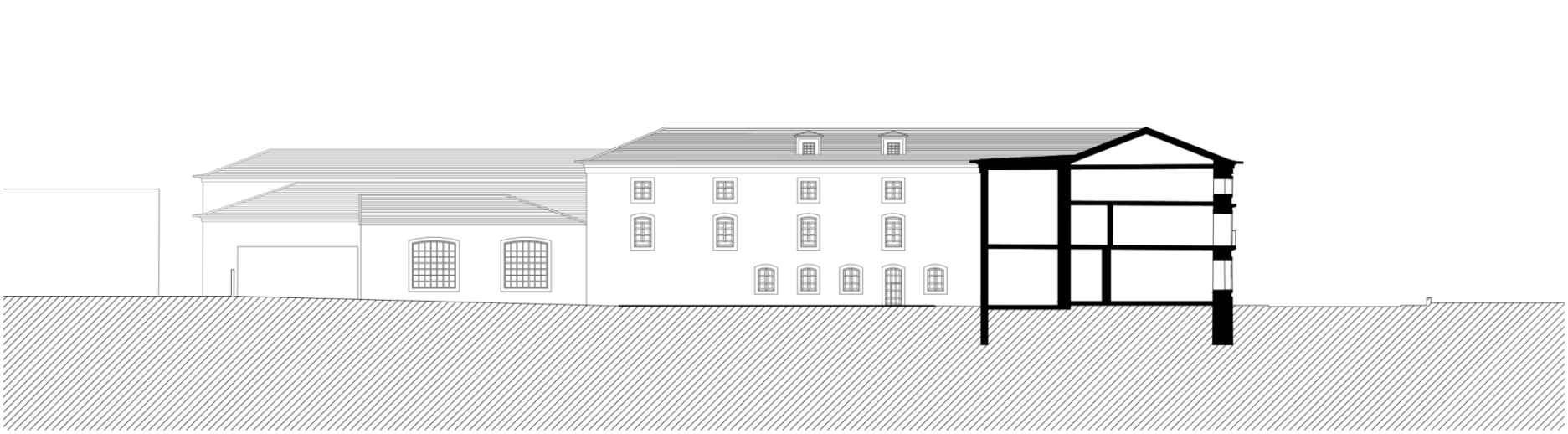
Escala 1:500

Corte BB'



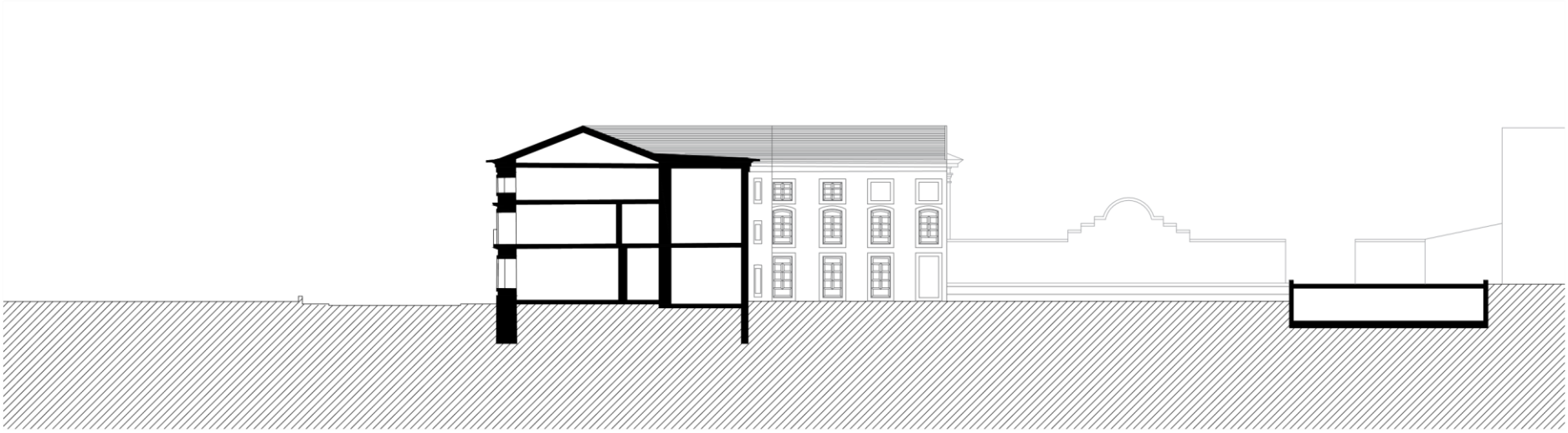
Escala 1:500

Corte CC'



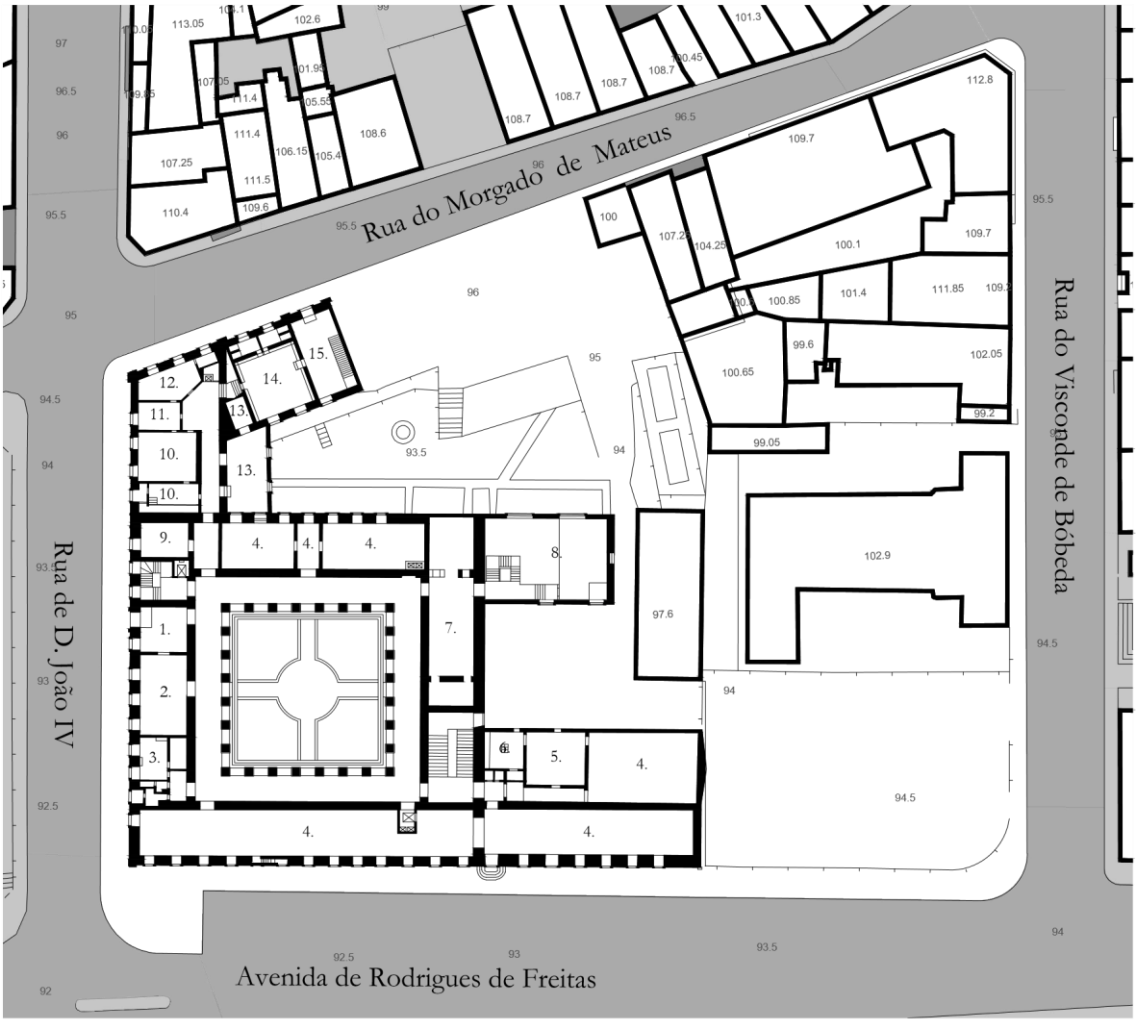
Escala 1:500

Corte DD'



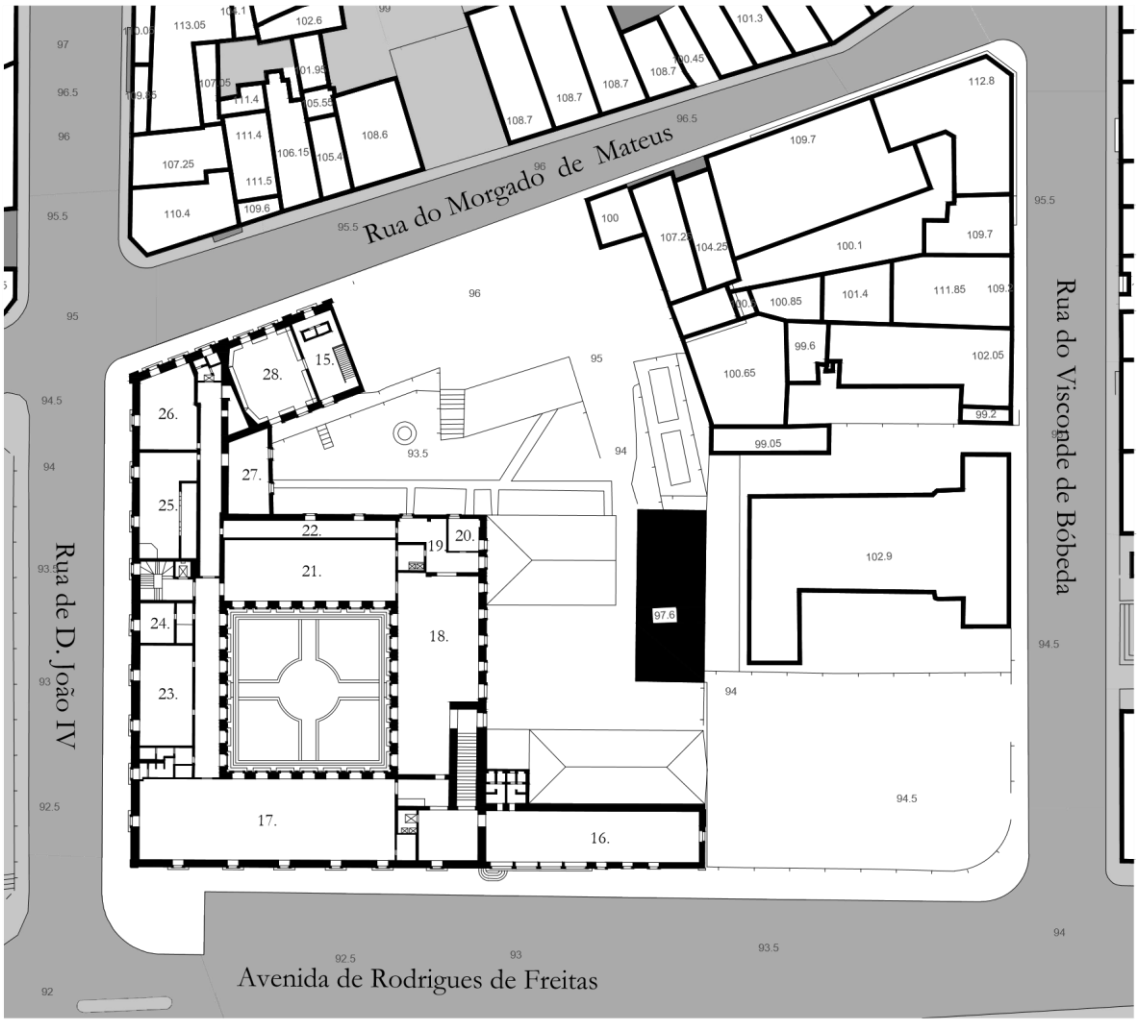
Escala 1:500

Corte EE'



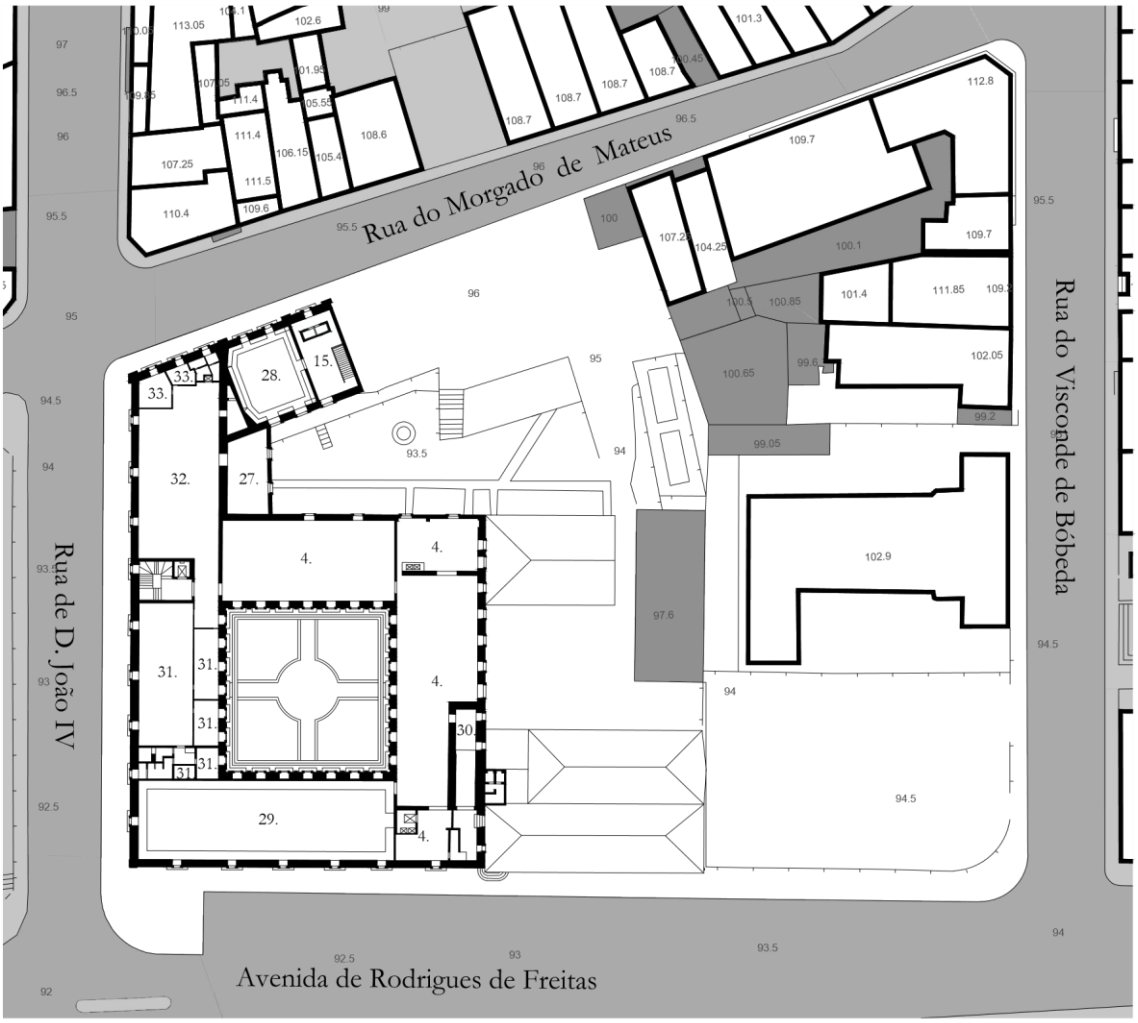
Piso 0 - Escala 1:1000

1. Entrada e receção;
2. Balcão de atendimento;
3. Almoxarifado;
4. Depósito de publicações;
5. Sala do depósito legal, com área de descargas;
6. Antigo refeitório e sala de convívio;
7. Sala de exposições;
8. Área de entrepisos:
    a. Piso baixo onde se encontra a central de bombagem de água para todos os equipamentos;
    b. Piso alto destinado ao depósito de livros;
9. Laboratório de microfilmagem;
10. Gabinete de relações Públicas;
11. Gabinete de trabalho de investigação de leitura juvenil;
12. Serviços administrativos: secretaria;
13. Laboratório de restauro;
14. Biblioteca infantojuvenil;
15. Acesso ao auditório;



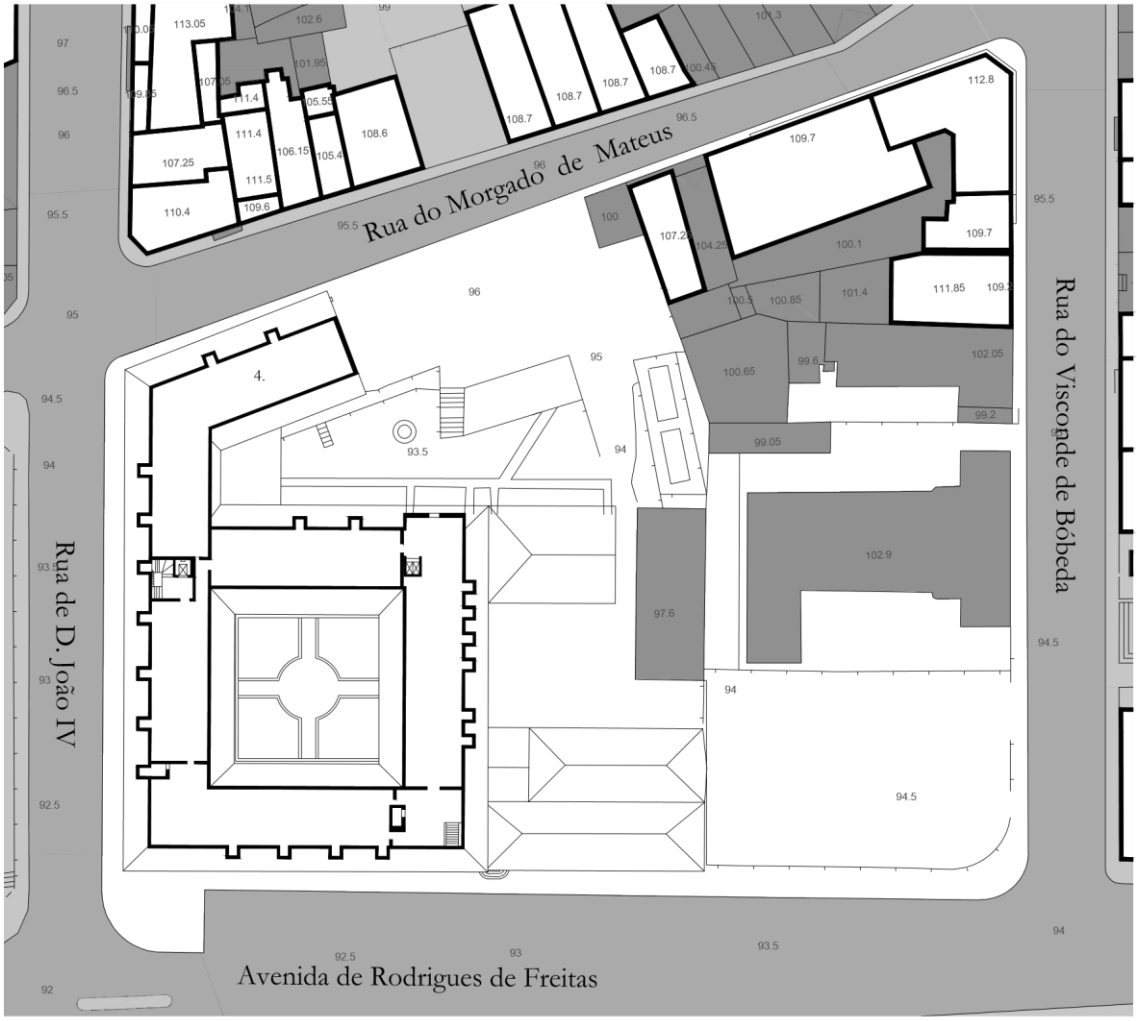
Piso 1 - Escala 1:1000

16. Sala de consulta de livre acesso;
17. Sala de leitura geral, com área privada;
18. Sala do catálogo;
19. Reprografia;
20. Gabinete de apoio aos serviços de leitura;
21. Sala Eugénio de Andrade: sala de consulta de coleções especiais;
22. Corredor dos diários da República;
23. Sala de tratamento de reservados;
24. Gabinete da direção;
25. Biblioteca sonora;
26. Gabinete técnico superior: informática e reprodução documental;
27. Caixa-forte: depósito de publicações mais antigas;
28. Auditório;



Piso 2 - Escala 1:1000

29. Sala de leitura geral: galeria superior;
30. Área de ar condicionado;
31. Gabinetes de trabalho: catalogação de livros e periódicos;
32. Depósito de livros;
33. Gabinetes de trabalho: apoio ao depósito de livros.



Piso 3 - Escala 1:1000

Este último piso destina-se, unicamente, para depósito de livros.

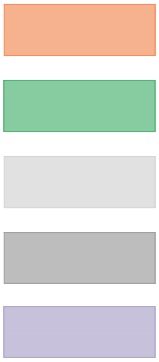
7.2. Áreas de acesso público e áreas de acesso privado

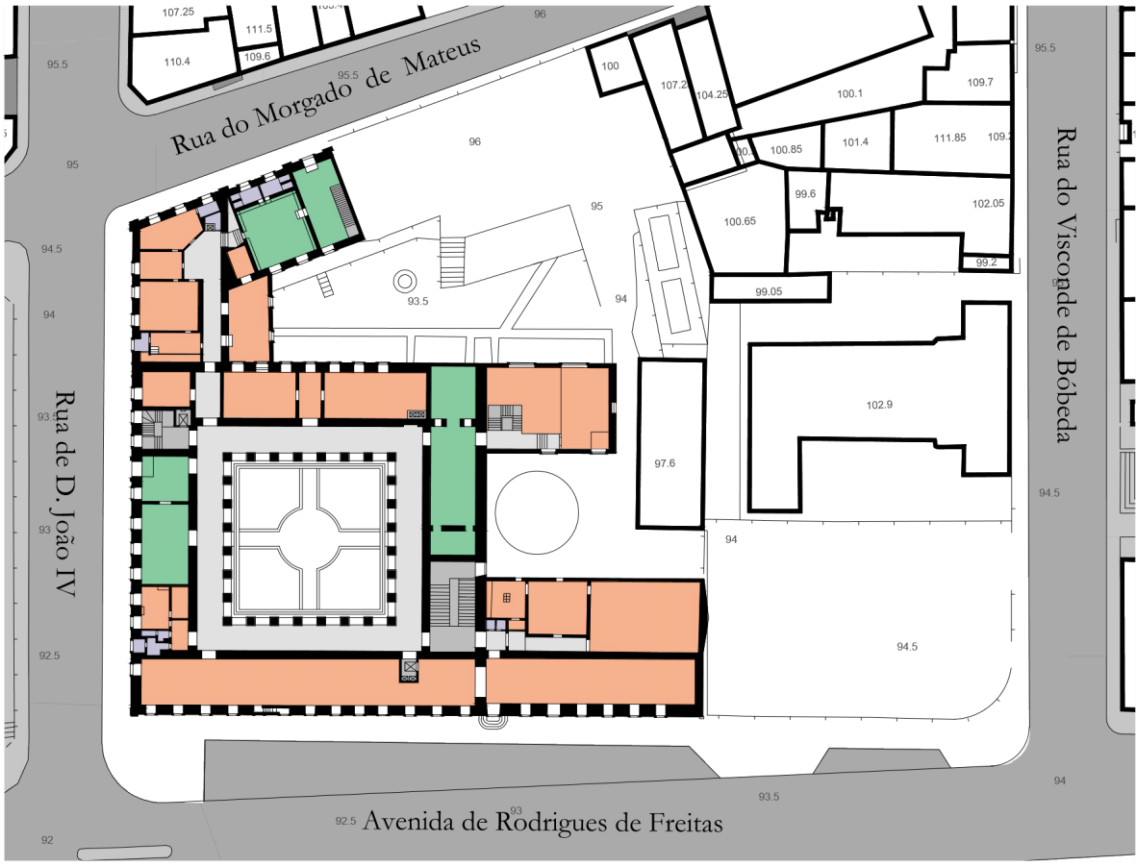
Analisando o programa apresentado, verificou-se que este se divide em duas grandes áreas: uma destinada aos serviços internos geridos pelos funcionários da Biblioteca e outra formada por espaços acessíveis por parte do público visitante.

Recorrendo a uma grelha de cores, é possível distinguir cada uma dessas áreas: por um lado como sendo espaços reservados à administração da própria Biblioteca, por outro lado, sendo destinados ao usufruto das instalações por parte do público.

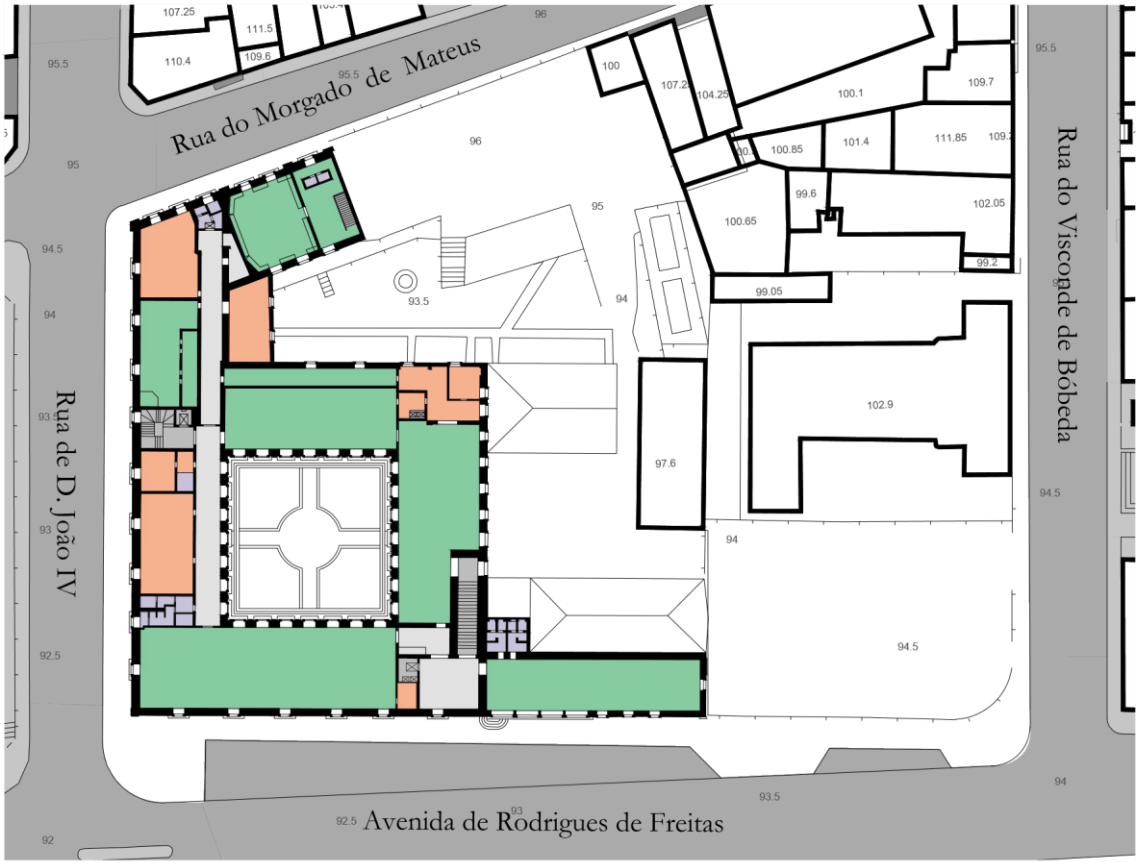
Paralelamente a esta análise, faz-se o estudo dos diversos tipos de acesso, a nível vertical e horizontal, a cada uma das áreas evidenciadas.

Na seguinte legenda, apresentam-se as duas grandes áreas mencionadas de um modo geral, assim como as várias circulações adjacentes às mesmas e localização de wc.

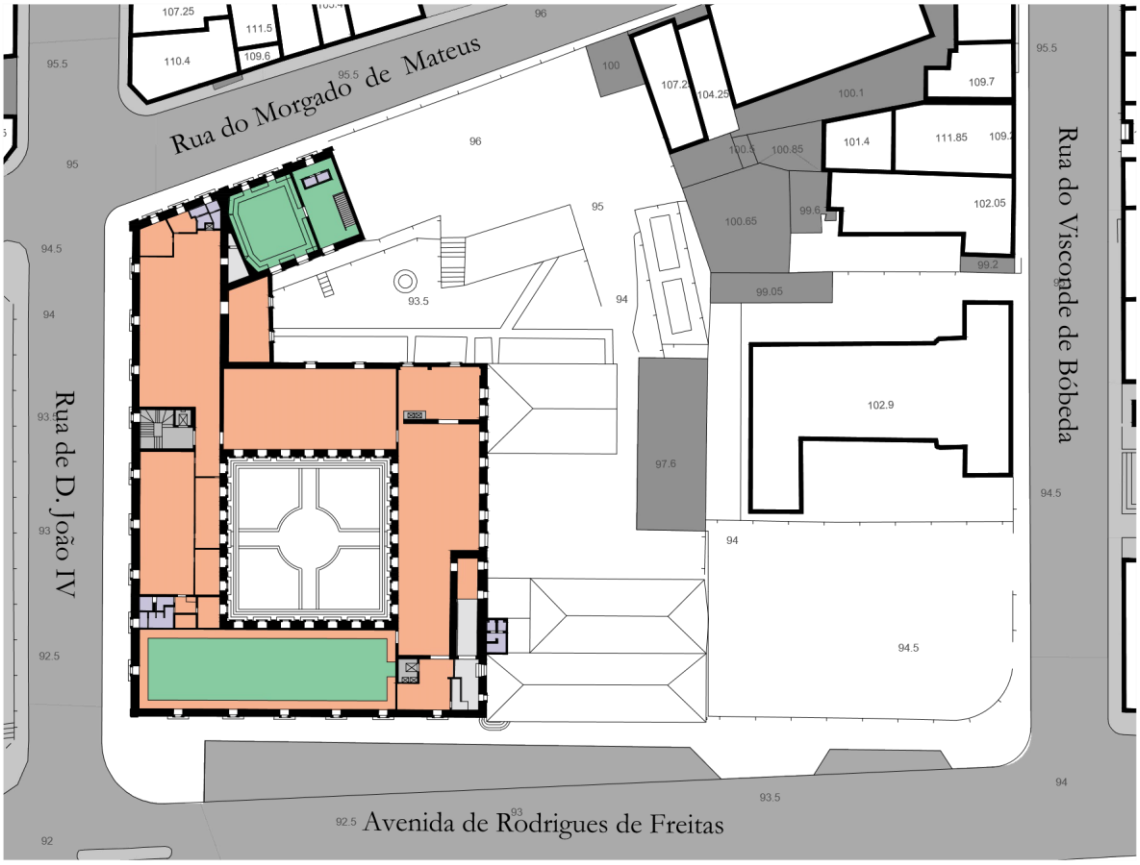




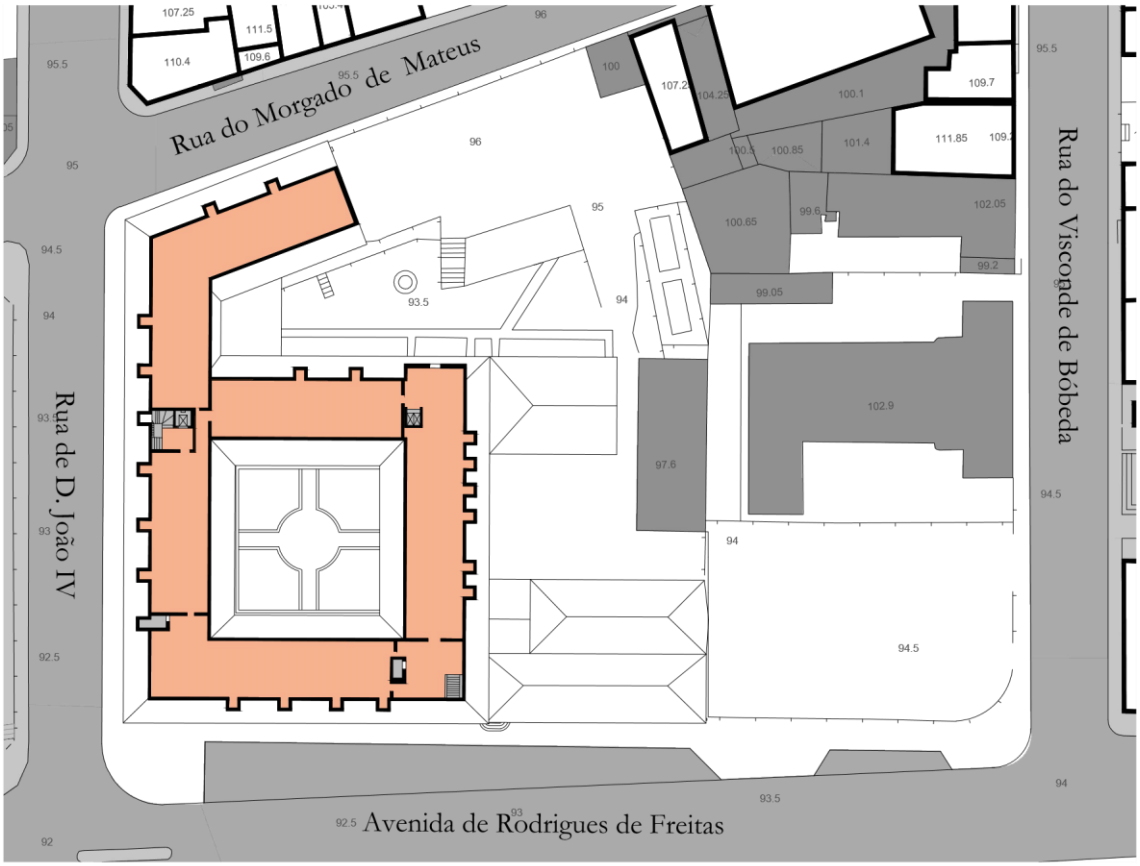
Piso 0 - Escala 1:1000



Piso 1 - Escala 1:1000



Piso 2 - Escala 1:1000



Piso 3 - Escala 1:1000

7.3. Administração e serviços de apoio ao público

Uma vez identificadas as áreas de acesso restrito ao público, em geral, procuramos mapear e compreender o programa específico de cada uma destas áreas. Assim, procuramos, de seguida, definir uma nova grelha de cores que nos permita identificar os diferentes serviços que compõem a administração da Biblioteca e, através dos quais, se faz a gestão da mesma, sendo os seguintes:

A) Direção: gabinete da direção;
B) Serviços internos: almoxarifado, laboratório de microfilmagem, gabinete de trabalho de investigação de leitura juvenil, serviços administrativos – secretaria, laboratório de restauro, sala de tratamento de reservados, caixa-forte – depósito de publicações mais antigas, gabinete técnico superior – informática e reprodução documental, gabinetes de trabalho para catalogação de livros e periódicos e gabinetes de trabalho de apoio ao depósito de livros;
C) Espaços para depósitos de livros, distribuídos pelos pisos 0, 2 e 3;
D) Serviços de apoio à Biblioteca: área de entrepisos – piso baixo onde se encontra a central de bombagem de água para todos os equipamentos e zonas de recolha e livros e documentos movidos através do monta-cargas;
E) Serviços de apoio ao público: gabinete de relações públicas, área privada da sala de leitura geral, reprografia e gabinete de apoio aos serviços de leitura.

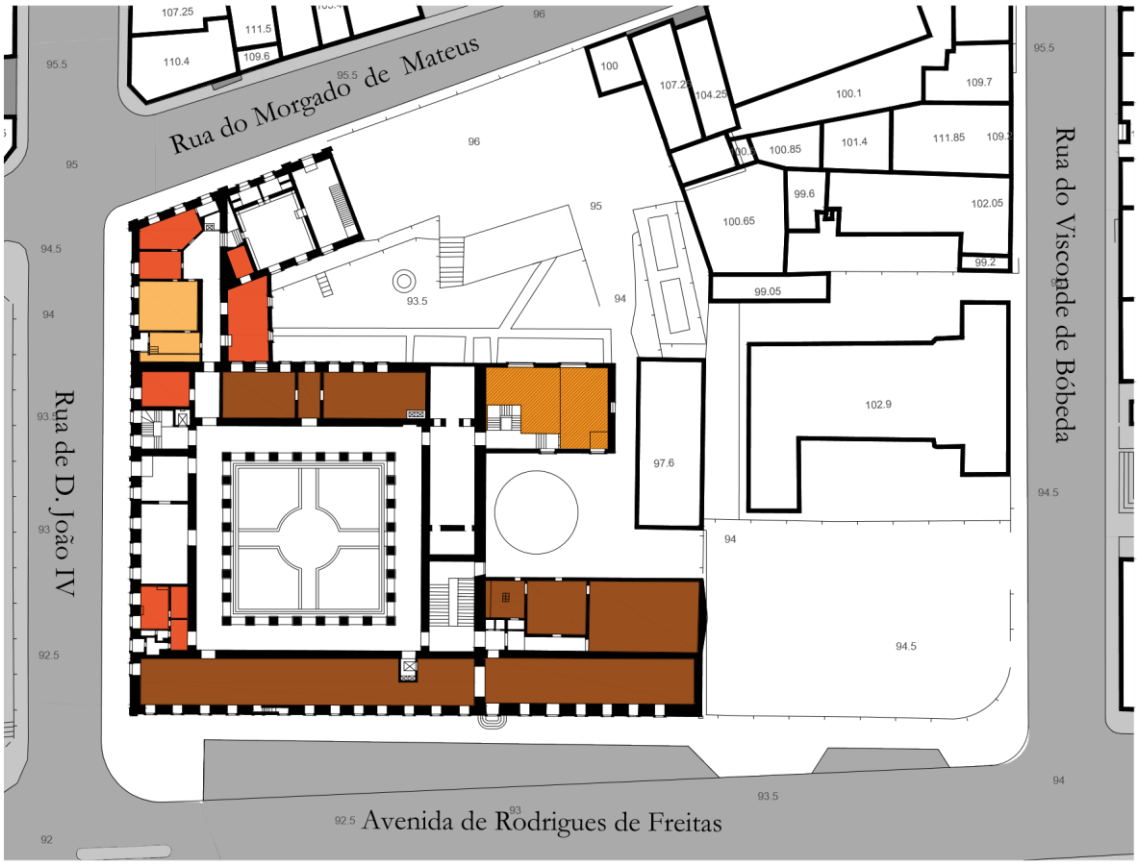
Direção

Serviços Internos

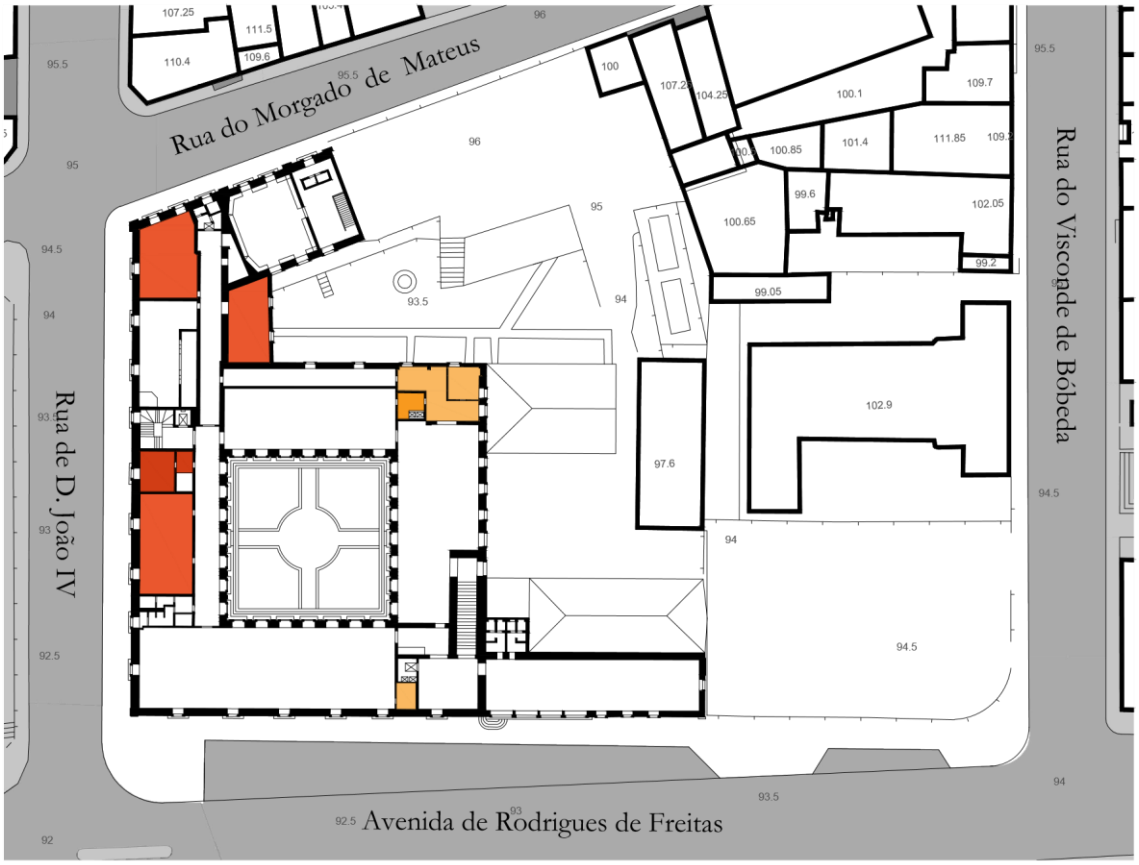
Depósito de Livros

Serviços de Apoio à Biblioteca

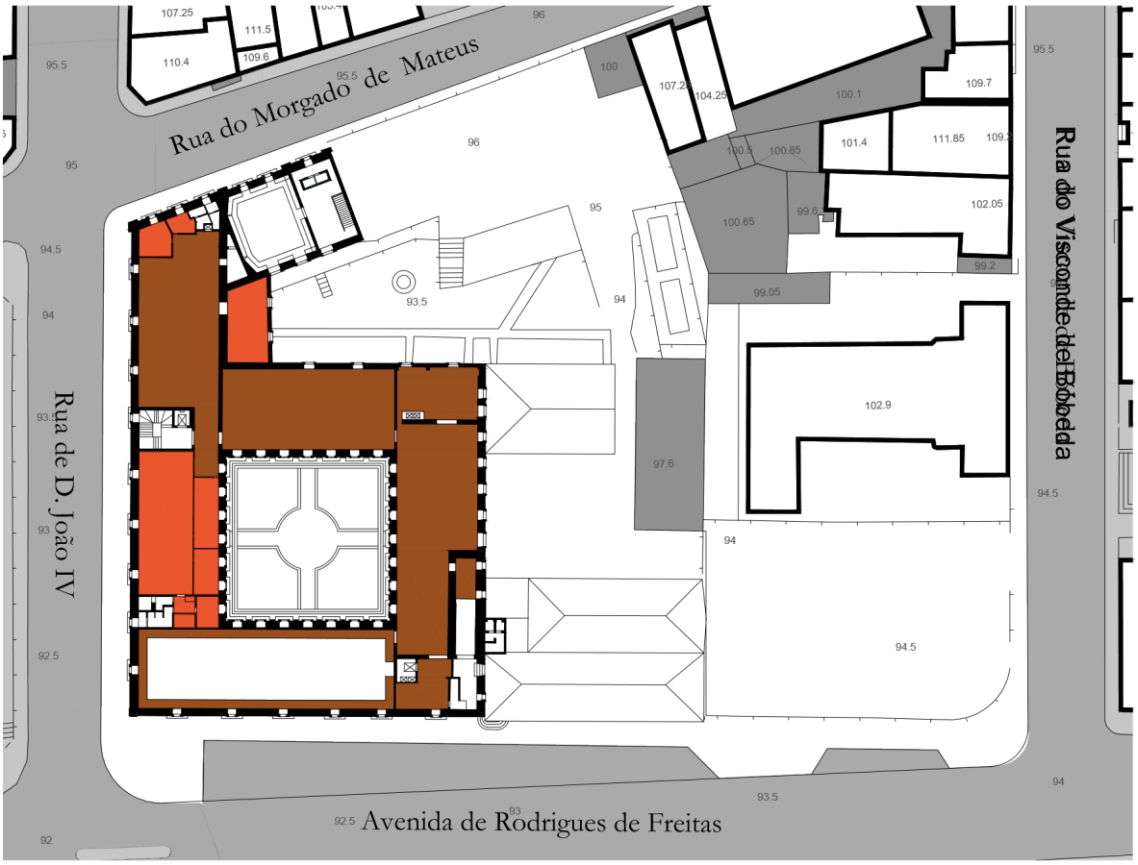
Serviços de Apoio ao Público



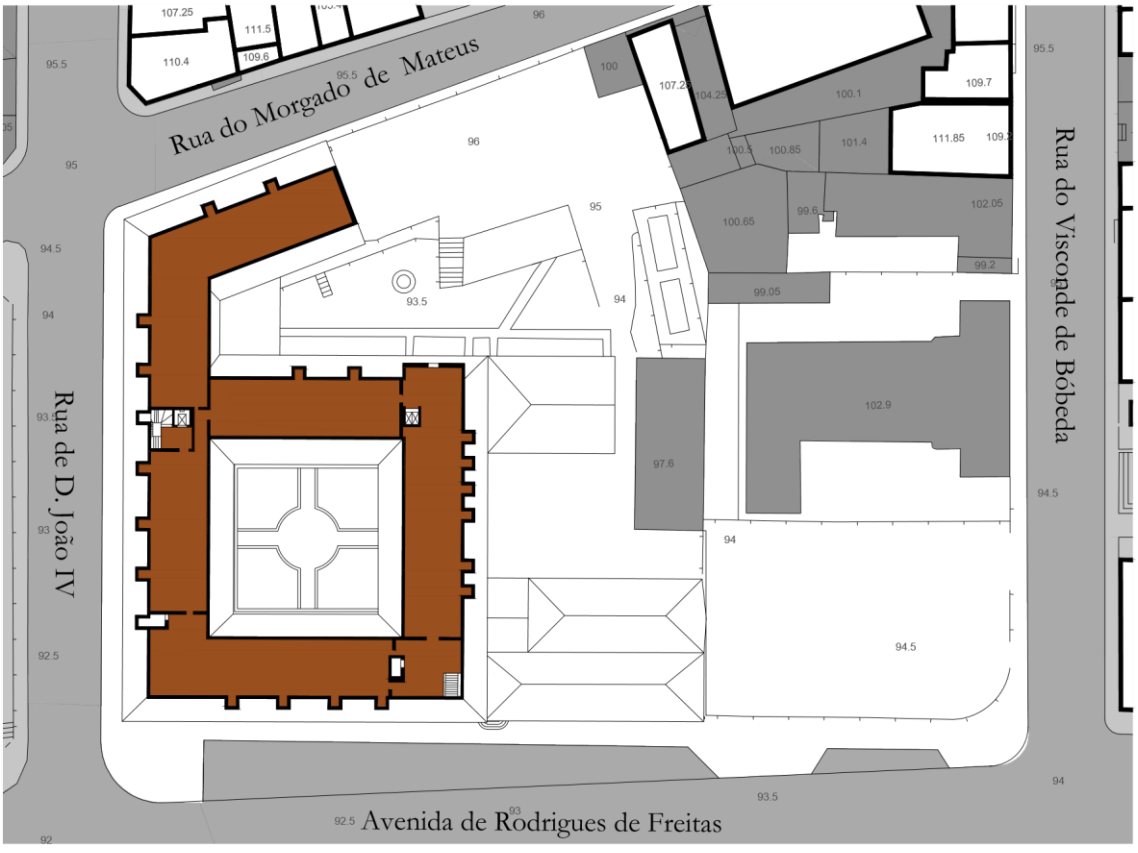
Piso 0 - Escala 1:1000



Piso 1 - Escala 1:1000



Piso 2 - Escala 1:1000



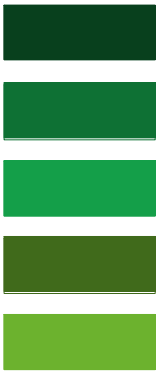
Piso 3 - Escala 1:1000

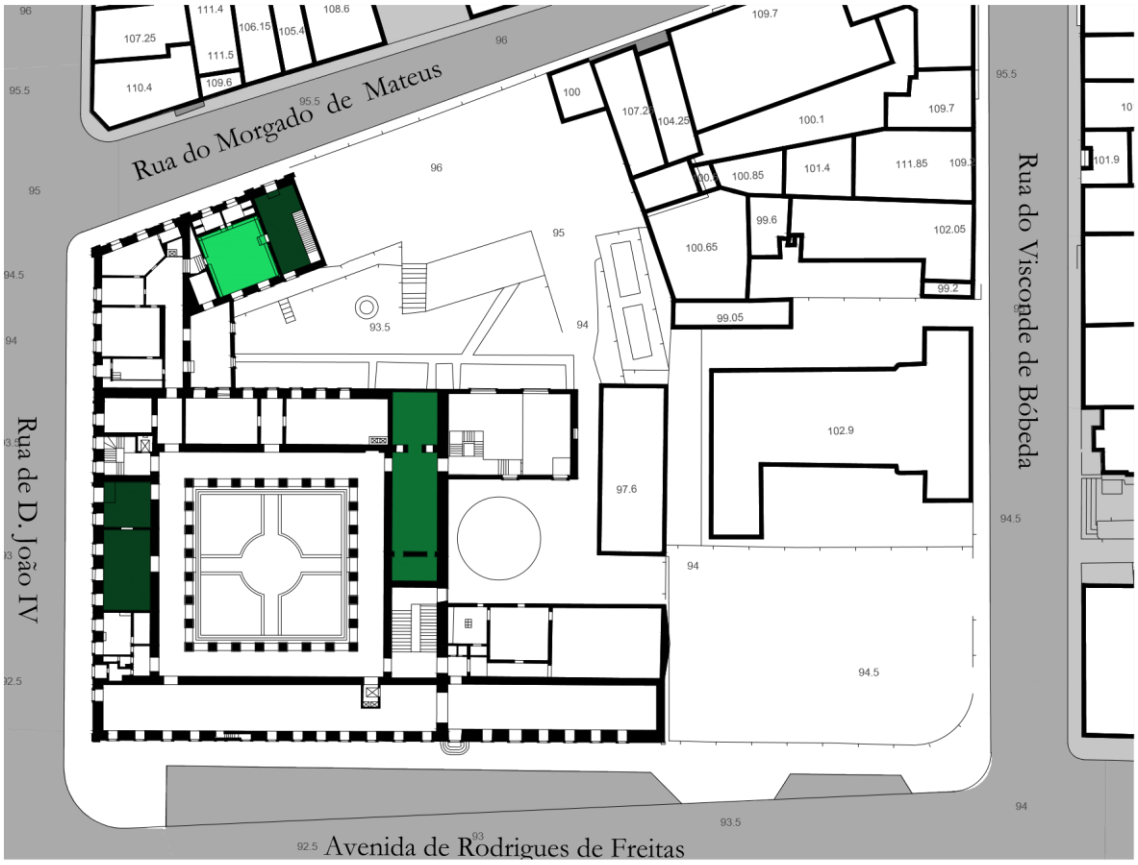
7.4. Áreas de acesso público

Paralelamente às áreas reservadas aos serviços da Biblioteca, encontramos alguns espaços cujo acesso é permitido ao público para leitura e consulta de livros e vários documentos. Parte desses livros e documentos são de acesso livre, outra parte necessita de um requerimento para poderem ser consultados.

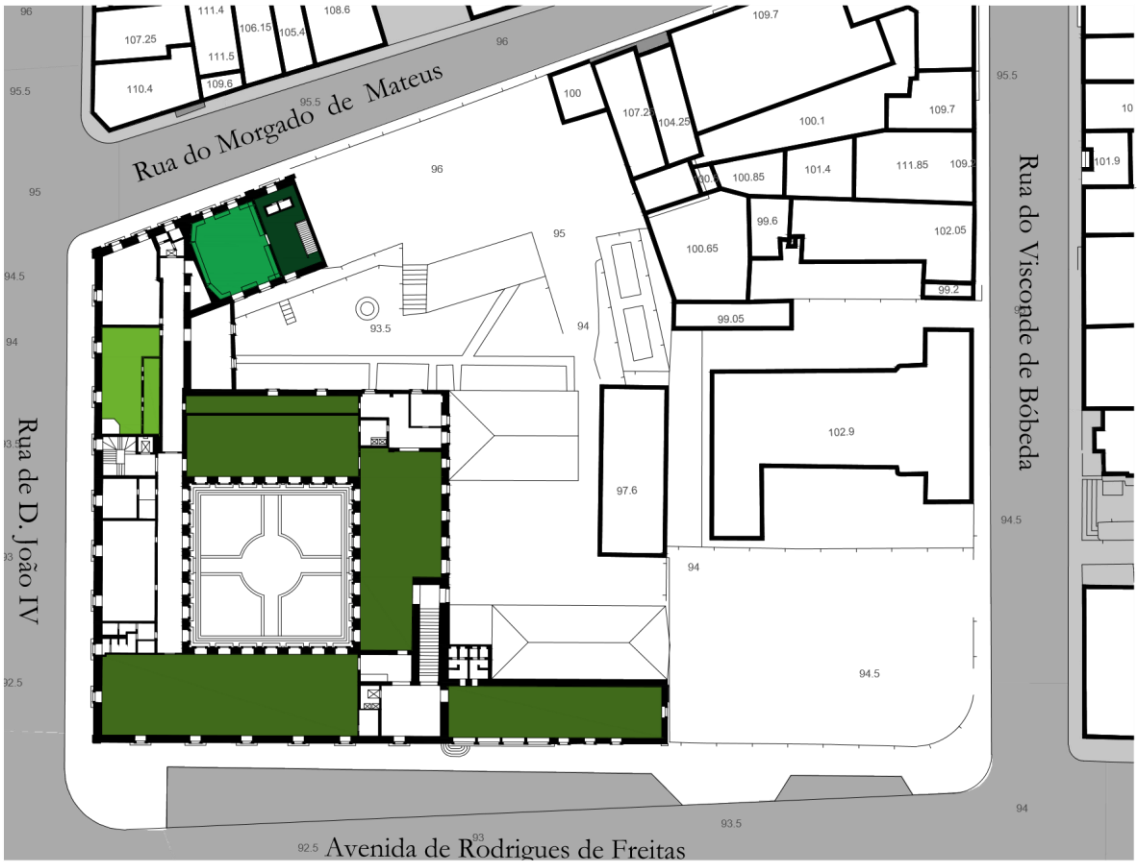
Na seguinte legenda, identifica-se cada um desses espaços, os quais fazem parte das seguintes áreas:

A) Entradas e receção: balcão de atendimento para reserva e compra de livros e obras expostas, acesso exclusivo ao auditório;
B) Sala de exposições, podendo estender-se pelo claustro e corredores limítrofes;
C) Sala polivalente/auditório;
D) Salas de leitura e consulta: sala de consulta de livre acesso, sala de leitura geral, sala do catálogo e sala Eugénio de Andrade para consulta de coleções especiais;
E) Biblioteca sonora.

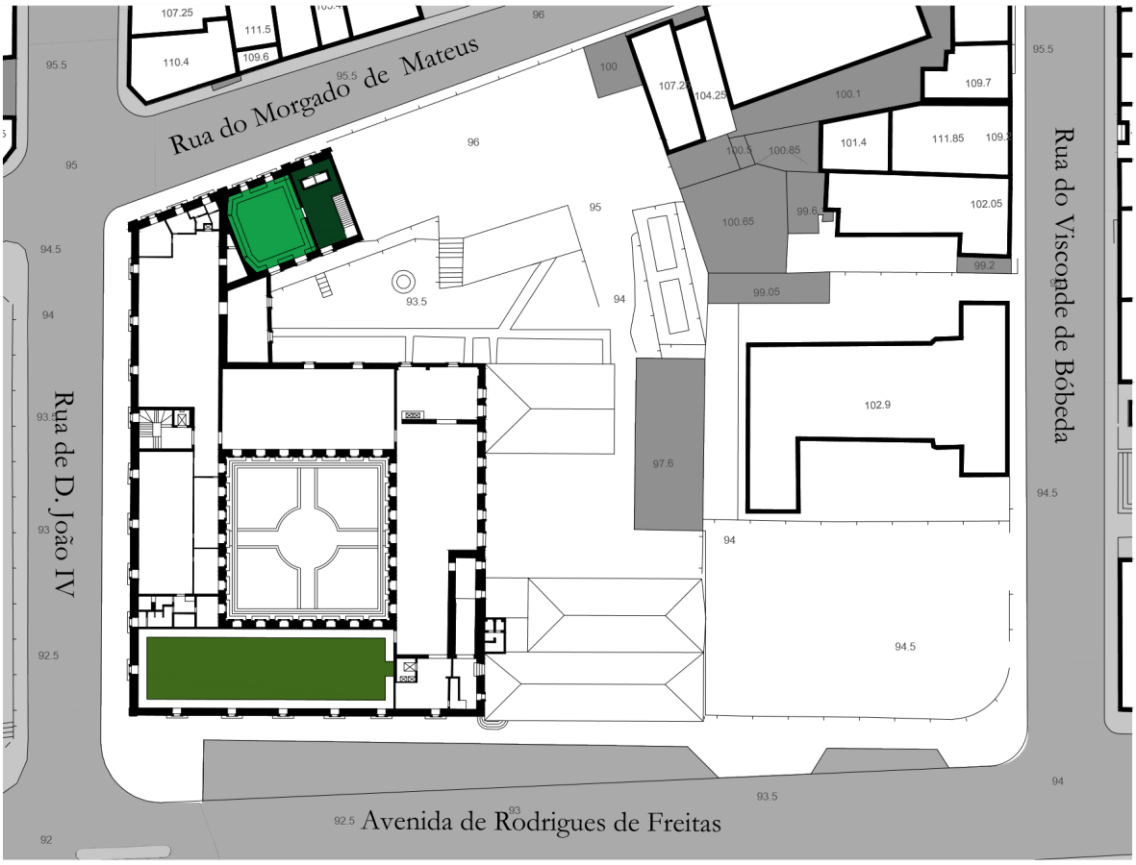




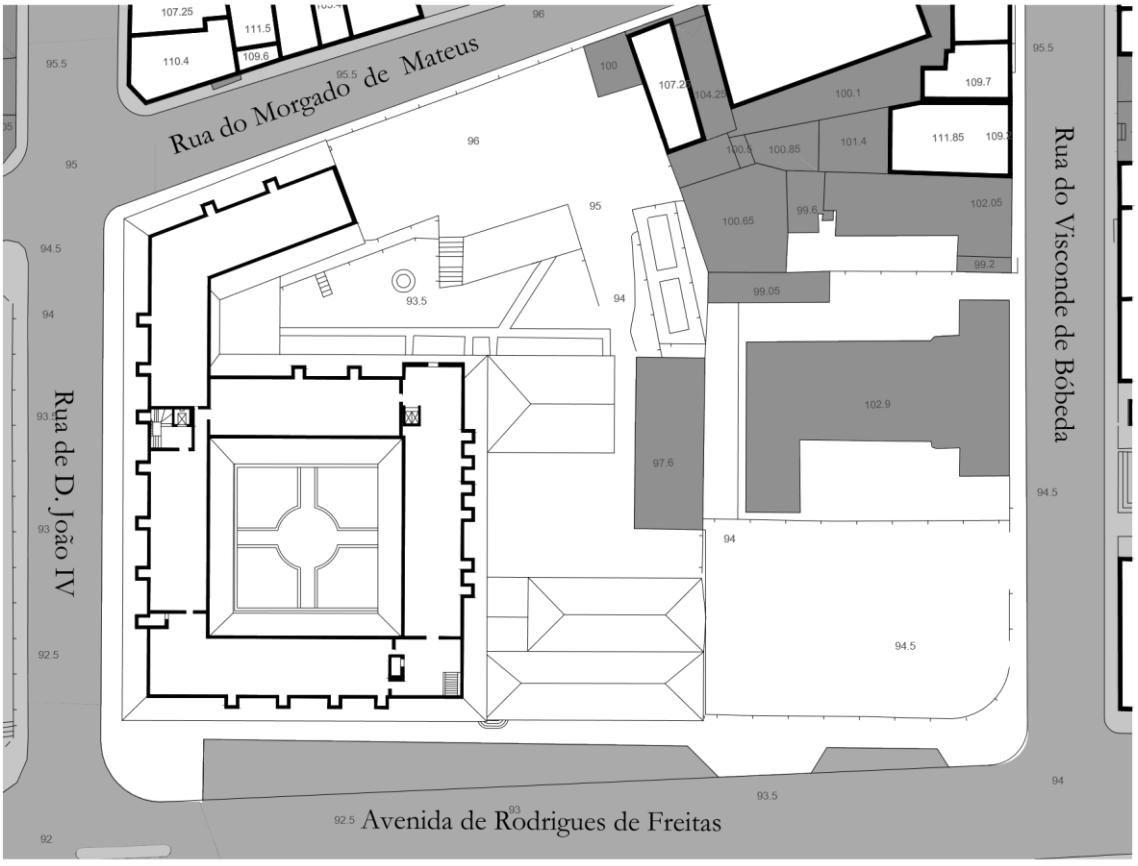
Piso 0 - Escala 1:1000



Piso 1 - Escala 1:1000



Piso 2 - Escala 1:1000

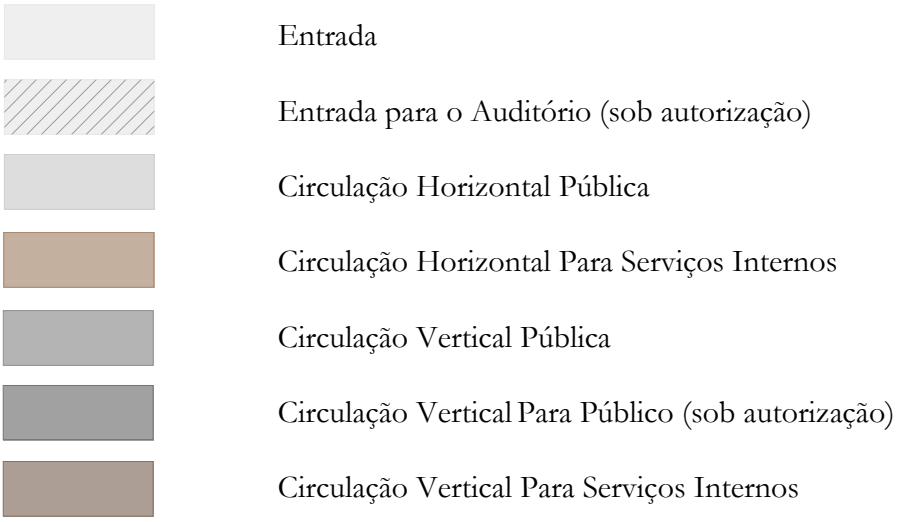


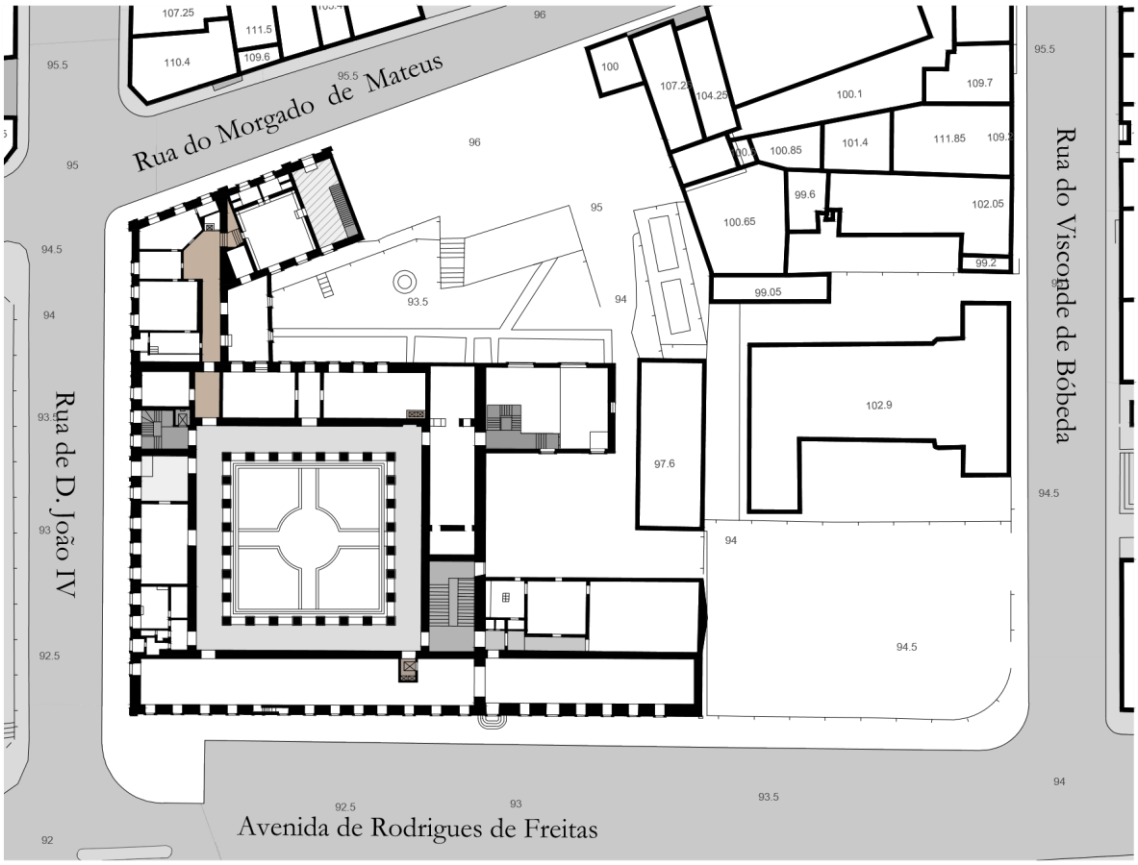
Piso 3 - Escala 1:1000

7.5. Circulações

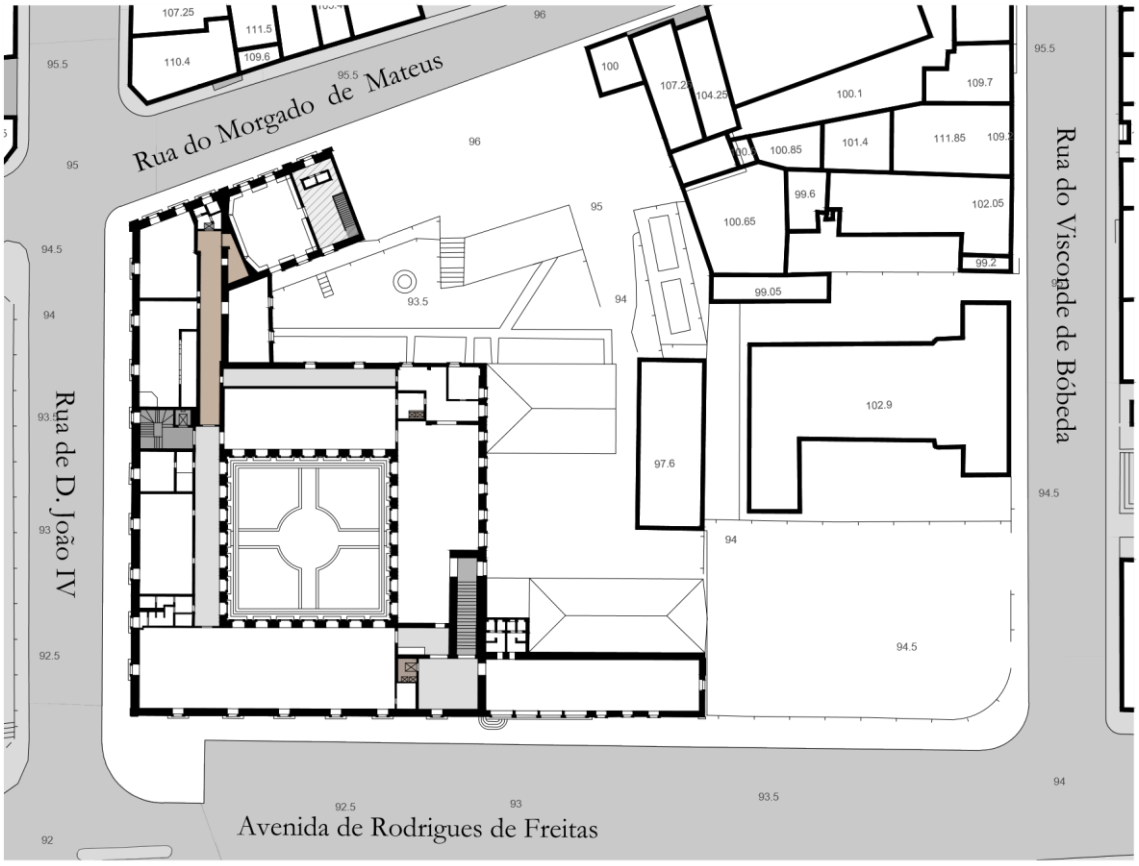
A nível das circulações possíveis no interior da biblioteca, estas dividem-se em caminhos horizontais, em cada um dos pisos, e em verticais, estes representados por escadas e elevadores, sendo que uns são restritos às áreas de serviço da Biblioteca e outros possibilitam acesso por parte do público visitante.

A legenda que se segue apresenta esses diferentes percursos e ajuda a identificar a sua localização em cada um dos pisos da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

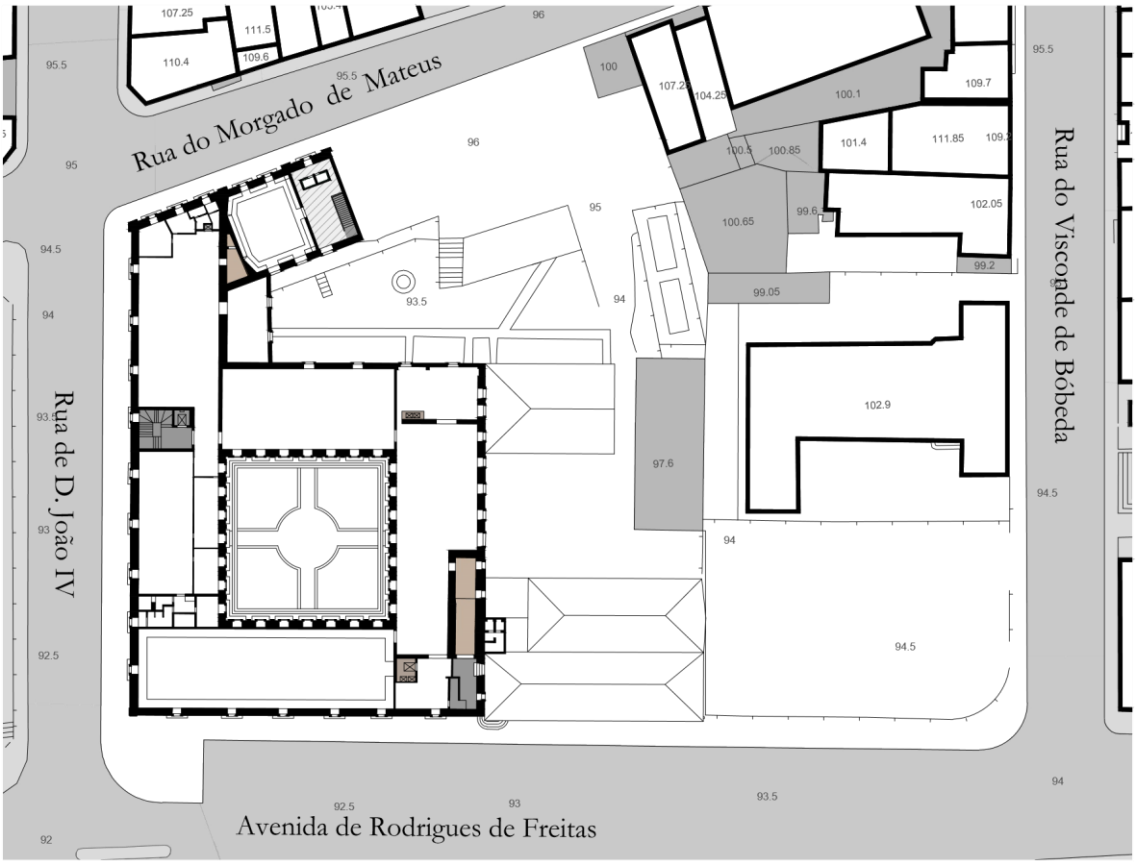




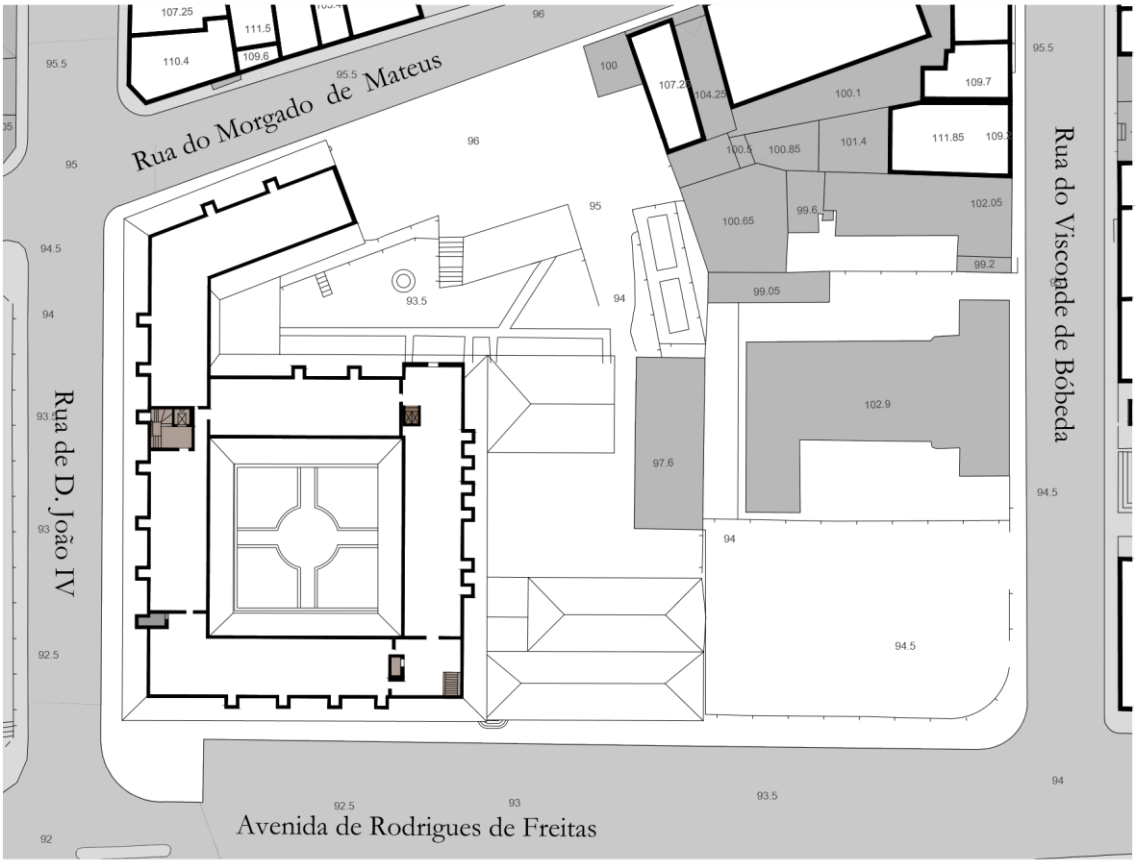
Piso 0 - Escala 1:1000



Piso 1 - Escala 1:1000



Piso 2 - Escala 1:1000



Piso 3 - Escala 1:1000

8. Uma ideia de projeto

Através da recolha de informação até à análise de vários exemplos que ilustram a evolução do programa para uma biblioteca, desde a Antiguidade até à Contemporaneidade, bem como o estudo aprofundado do programa e funções da Biblioteca Pública Municipal do Porto, objeto de estudo deste trabalho, chegamos a diversas conclusões.

Uma delas deriva da análise das diversas transformações arquitetónicas, estruturais e espaciais que este edifício foi sofrendo, ao longo de décadas, de modo que pudesse abrigar uma das principais bibliotecas portuguesas, adaptando-se às novas exigências que os novos tempos foram impondo e permitindo a introdução de novas tecnologias.

Contudo, a falta de espaço para abrigar um grande número de documentos, foi um problema constante que justificou a maioria dessas transformações, essencialmente a nível espacial, levando a que, esta Biblioteca, atualmente, possua espaços aos quais se acrescentou um entrepiso.

Tendo em conta o exposto, apresenta-se uma proposta da qual se enunciam princípios para uma ampliação e atualização deste equipamento.

Assim, a proposta assenta na criação de em dois novos volumes, capazes de fazer apoio espacial à Biblioteca existente e que introduzam novas valências programáticas, como parte integrante desta Biblioteca.

O volume de maior dimensão fecha o quarteirão onde se insere a Biblioteca do lado da Rua Morgado de Mateus. Com este volume explora-se uma solução de continuidade do edifício preexistente, mantendo a solução de cobertura de duas águas e o ritmo dos alçados, bem como da sua materialidade, especialmente da cor branca predominante e da base de pedra que articula em todos os seus alçados.

No que respeita ao interior, faz parte dele uma cafetaria, uma nova sala polivalente, a nível dos primeiro e segundo pisos, à semelhança do auditório existente, cujo acesso é comum a este. Esta sala pode ser destinada, especialmente, a momentos expositivos, conferências, bem como para outras atividades culturais. Este novo volume possibilita o estabelecimento de continuidades com o terceiro e último piso da Biblioteca, para depósito de livros e outros documentos.

A este volume liga-se um outro com apenas um piso, ao nível do rés-do-chão, que estabelece uma possível relação entre a sala de exposições da Biblioteca Pública Municipal do Porto com a nova cafetaria. Este bloco, mais baixo que o primeiro, tem por objetivo fazer a continuidade da sala de exposições existente, além da relação referida, sendo uma sala/corredor envidraçada em ambos os lados, permitindo uma maior iluminação natural e maior abertura para o exterior.

Através destes dois novos volumes, conseguiu-se a criação de dois espaços exteriores, mas, paralelamente, interiores, sendo duas áreas pertencentes ao terreno da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Um destes espaços consiste numa biblioteca exterior, que se relaciona com a Biblioteca Infantil e com o novo espaço expositivo. O outro espaço, situado no lado oposto em relação ao volume mais baixo, trata-se apenas de um jardim arborizado, para o qual se vira a nova cafetaria. Considera-se importante a existência de alguns espaços verdes como este, especialmente em locais de grande densidade de construções.

Uma vez tendo o presente trabalho coincidido com um momento especial da nossa geração, ou seja, a vivência de um estado de pandemia, levou a uma reflexão especial para a concretização deste projeto, com a criação de espaços amplos, bem iluminados e que permitissem ser, consequentemente, arejados, conciliando com a ideia inicial de reorganização programática de uma Biblioteca emblemática como a Biblioteca Pública Municipal da cidade do Porto.

Assim, o conceito para a elaboração deste princípio de projeto foi pensado em função destes novos tempos, de modo que, mesmo em contingência, tanto a vida quotidiana como a vida cultural possam continuar a fluir no quotidiano de cada indivíduo.

Posto isto, apresentamos uma proposta de princípio de projeto para intervenção nos terrenos da Biblioteca Pública Municipal da cidade do Porto, nomeando os principais espaços a incluir no programa existente da seguinte forma:

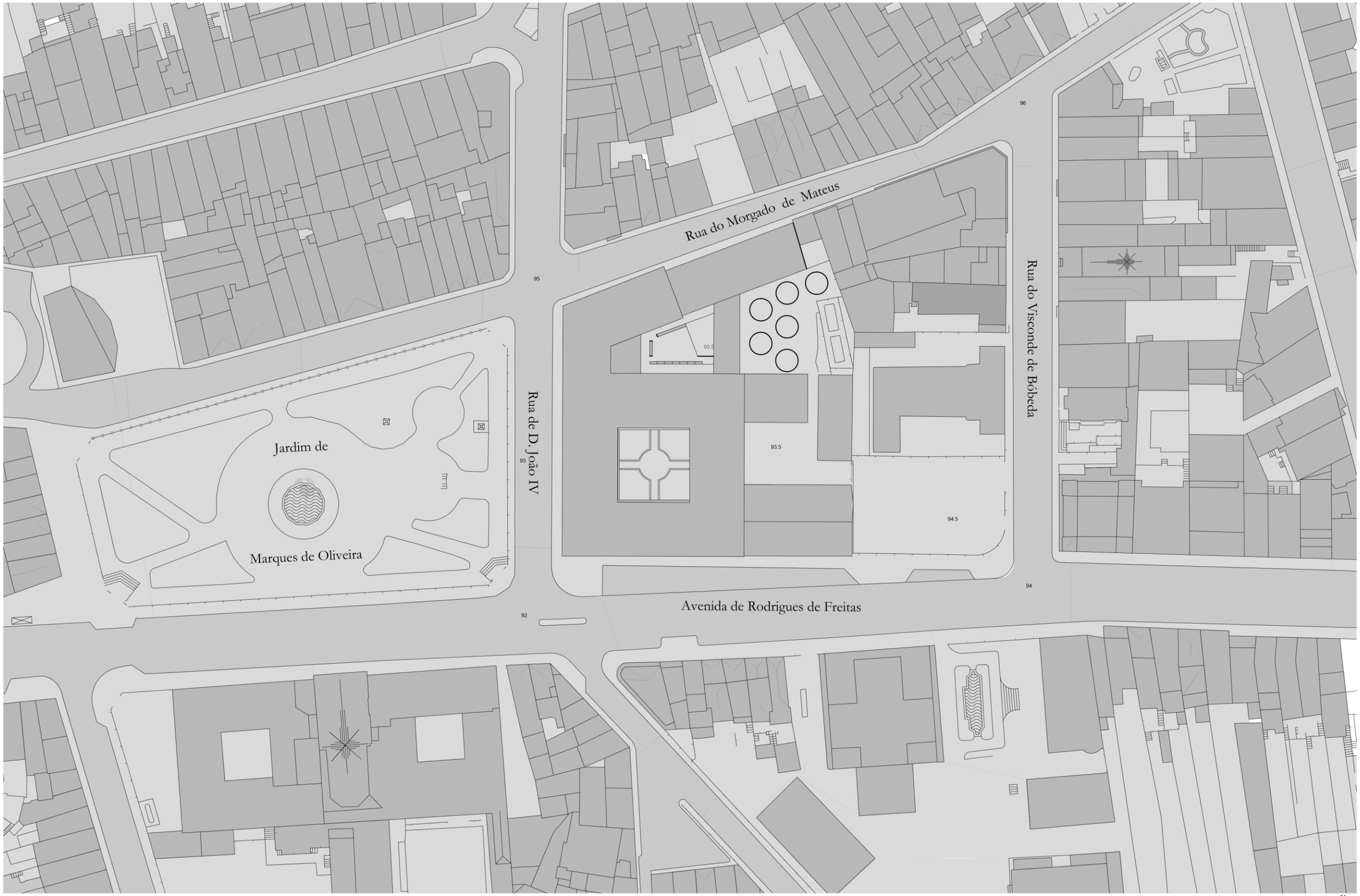
A – Cafetaria

B – Nova sala de exposições

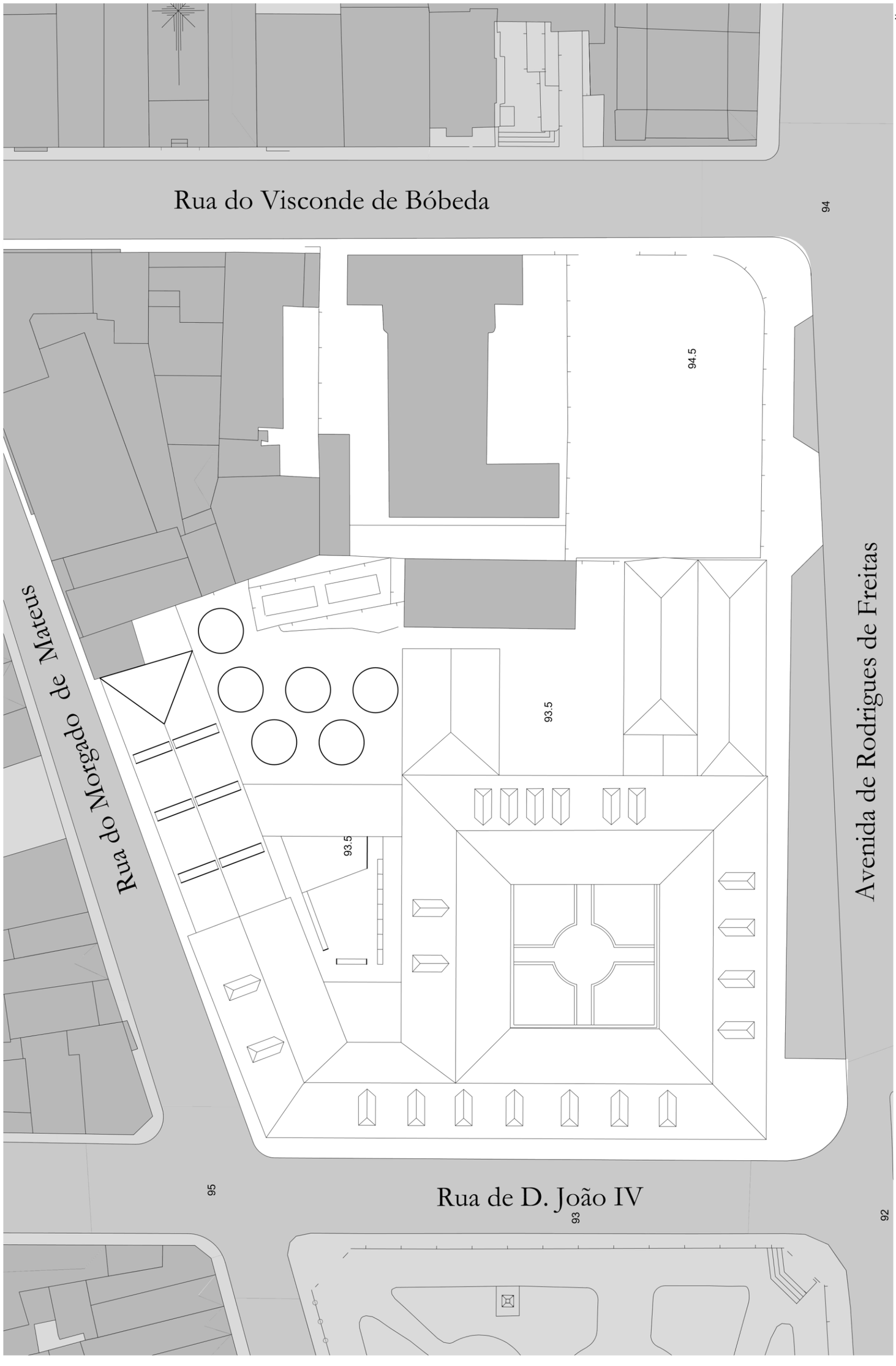
C – Biblioteca Exterior

D – Sala Polivalente

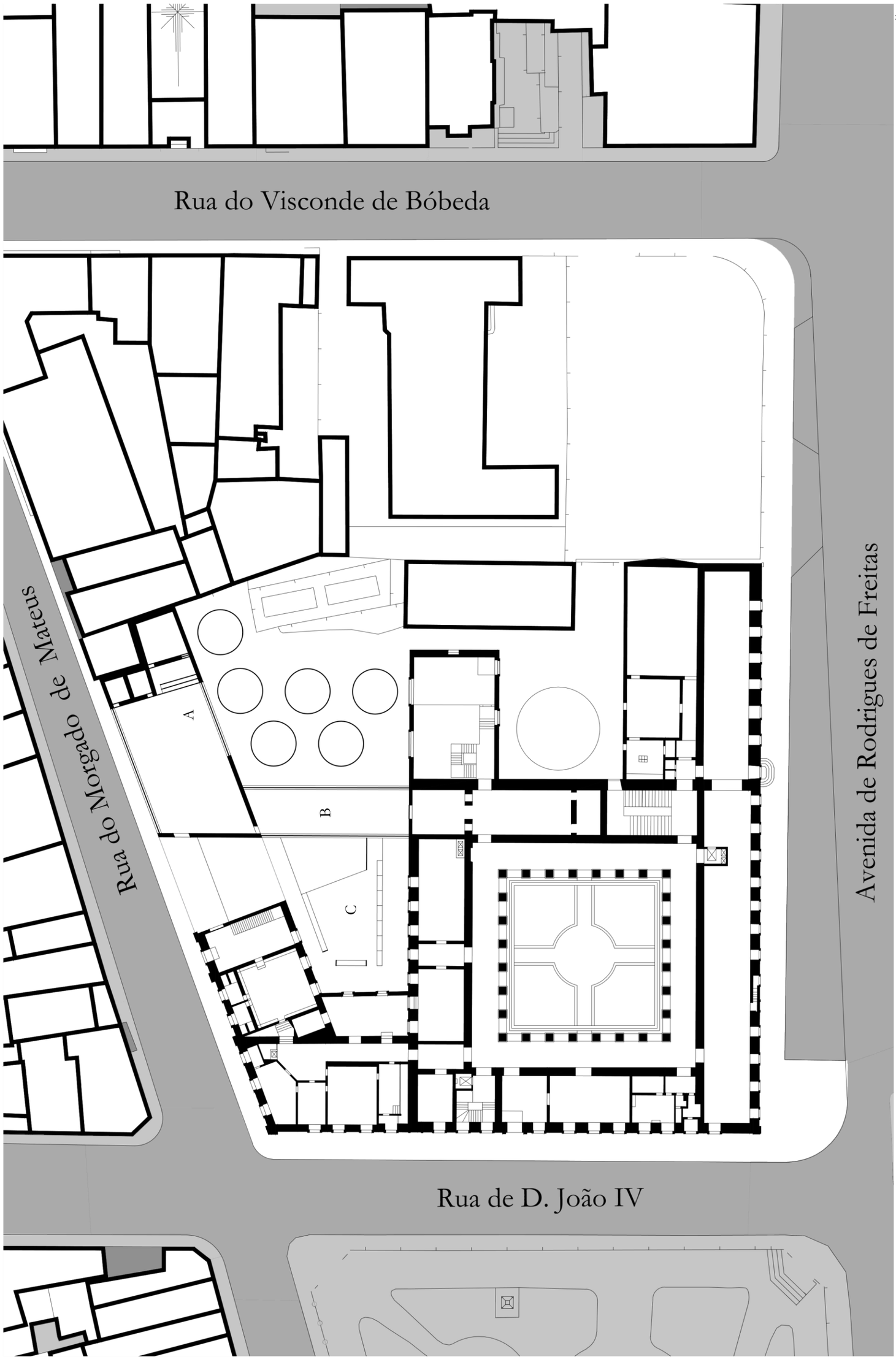
E – Espaço para Depósito de Livros.



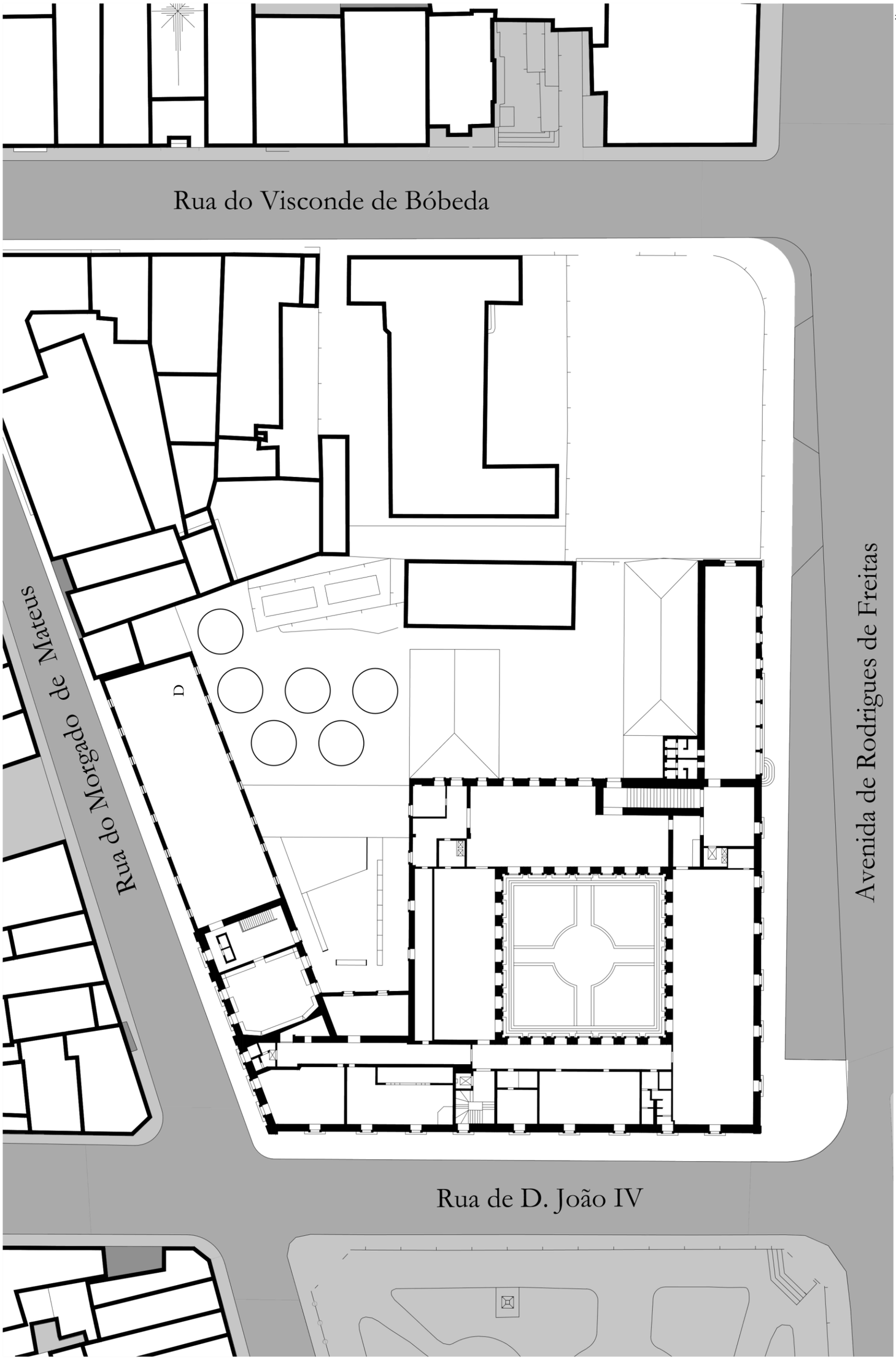
Planta Geral - Escala 1:1000



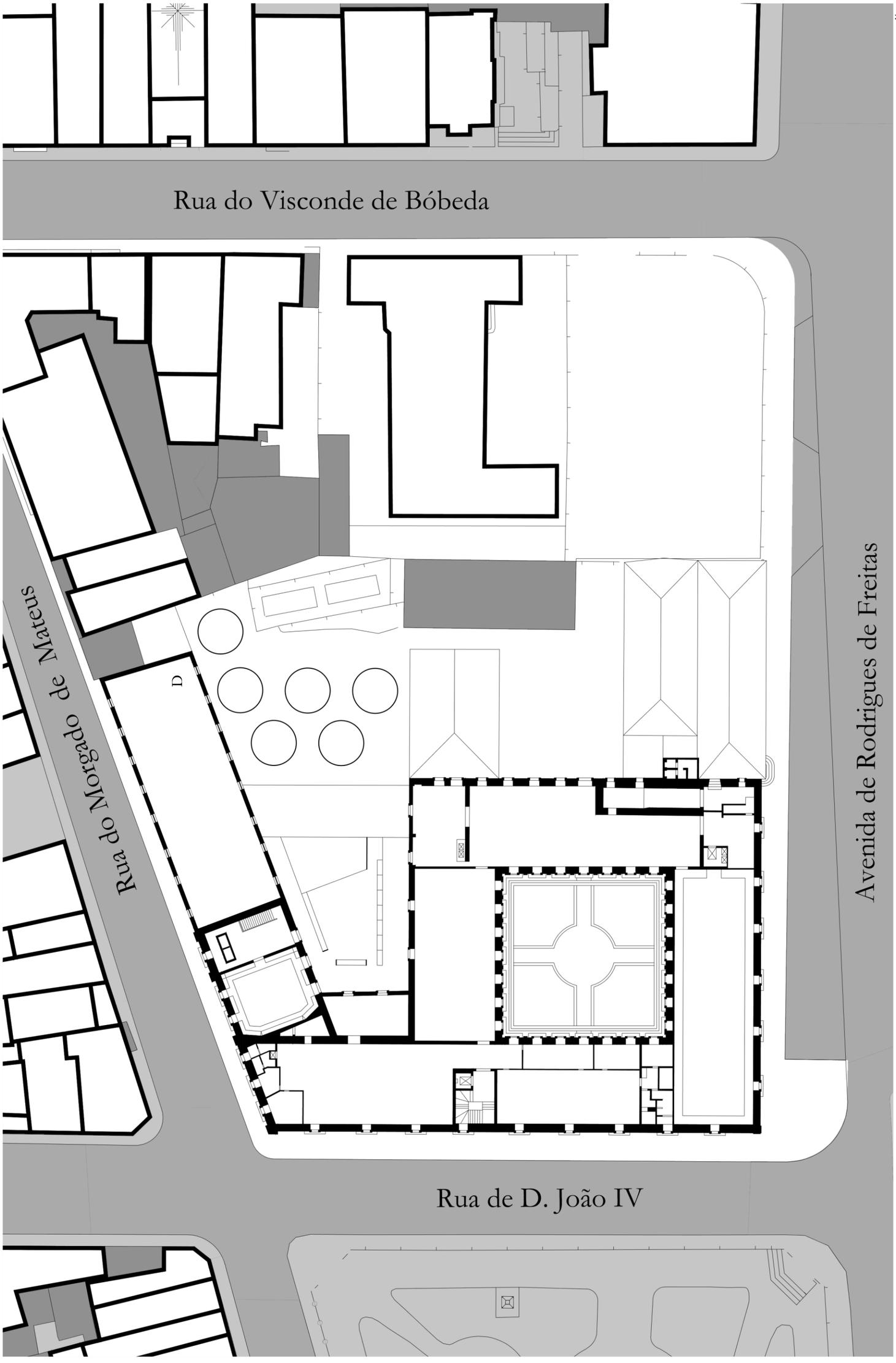
Planta de Coberturas - Escala 1:500



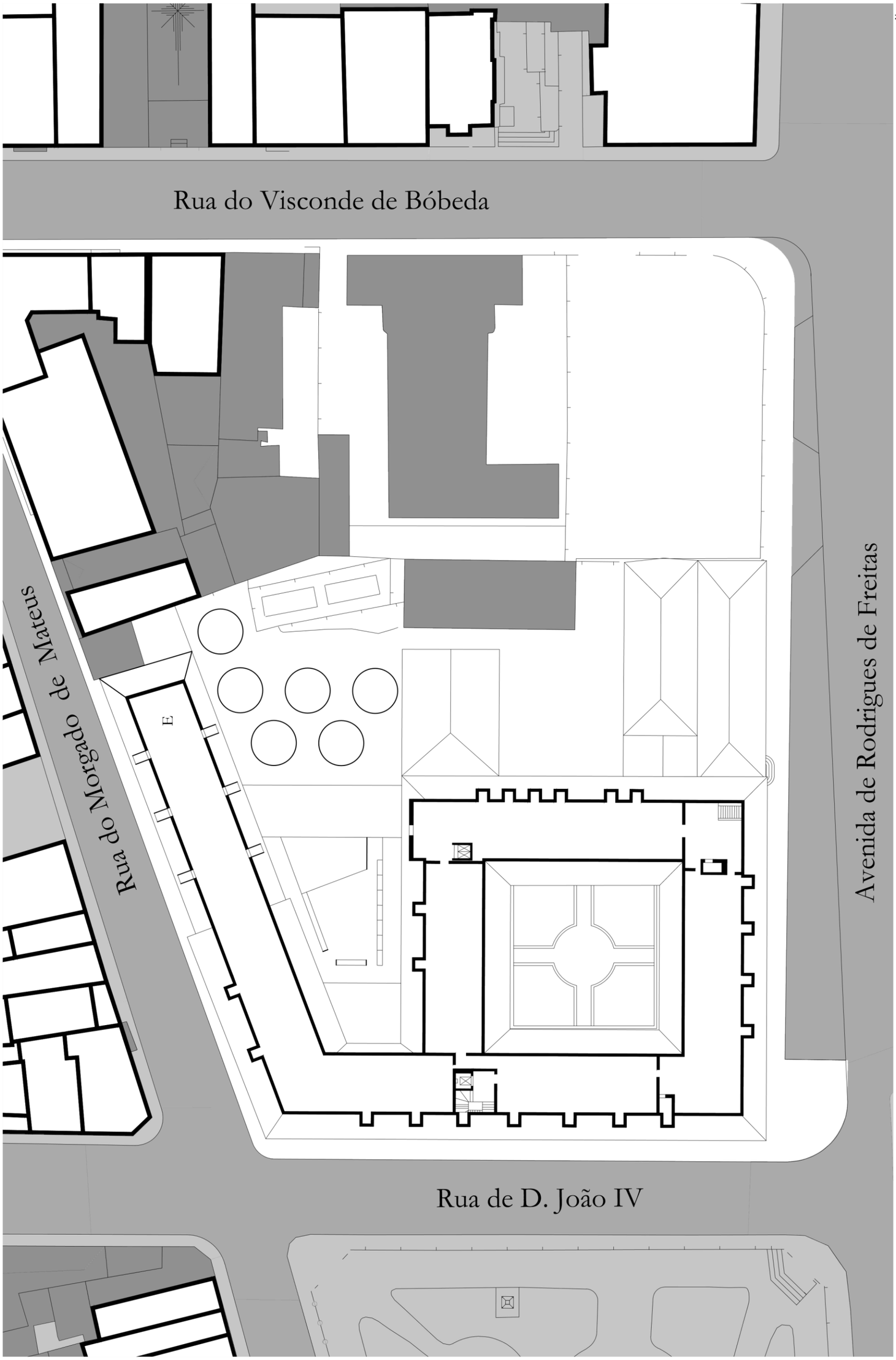
Planta do Piso 0 - Escala 1:500



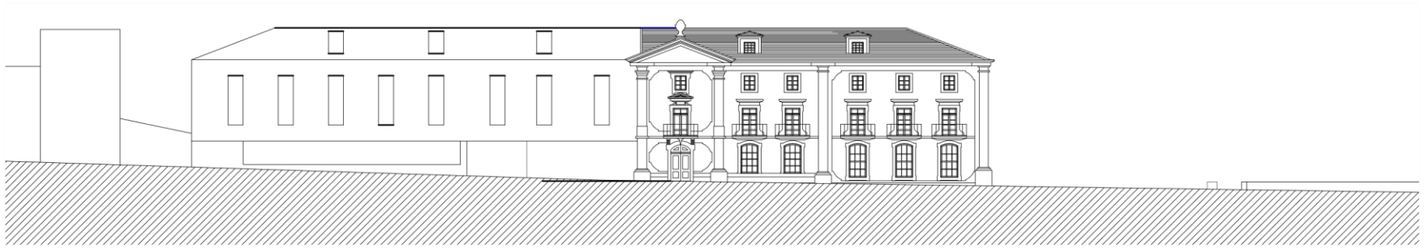
Planta do Piso 1 - Escala 1:500



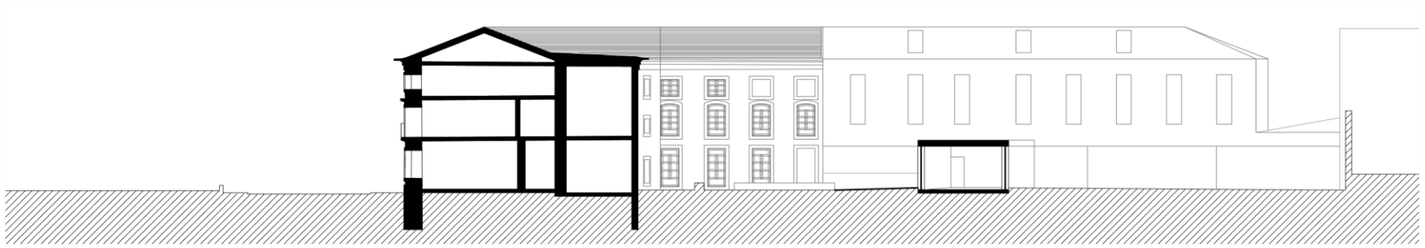
Planta do Piso 2 - Escala 1:500



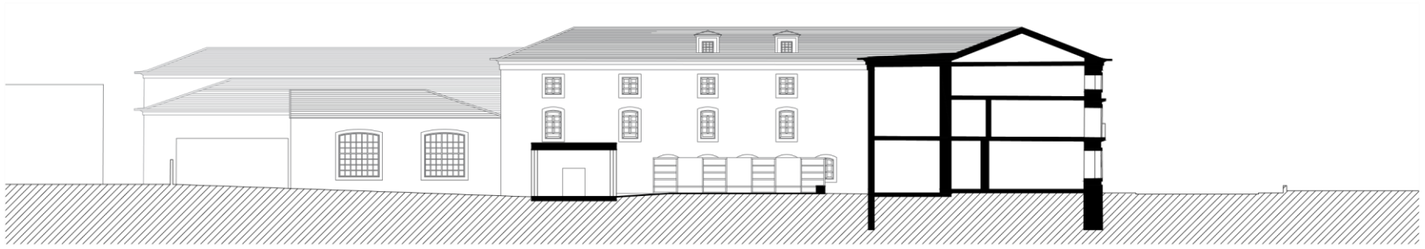
Planta do Piso 3 - Escala 1:500



Escala 1:500 Alçado norte



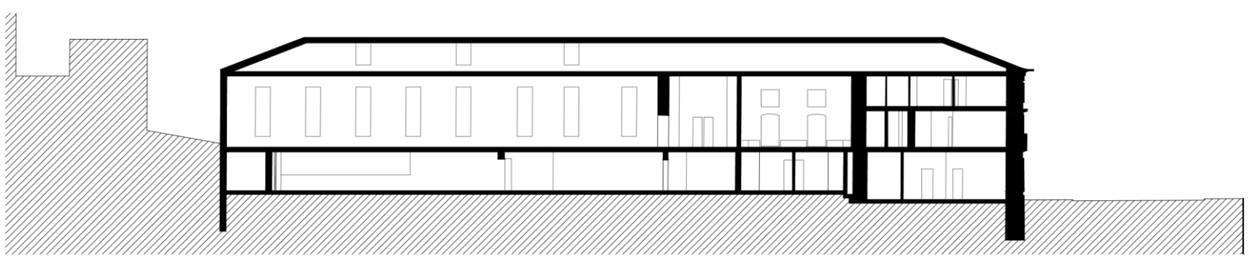
Escala 1:500 Alçado sul



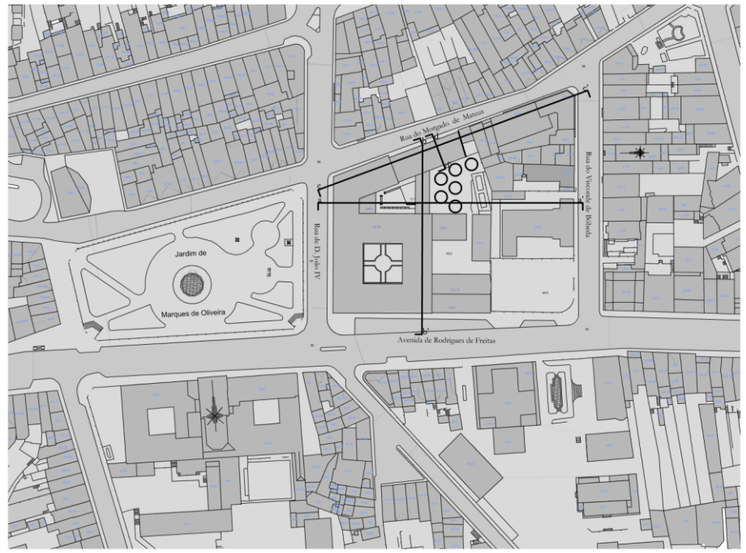
Escala 1:500 Corte aa'



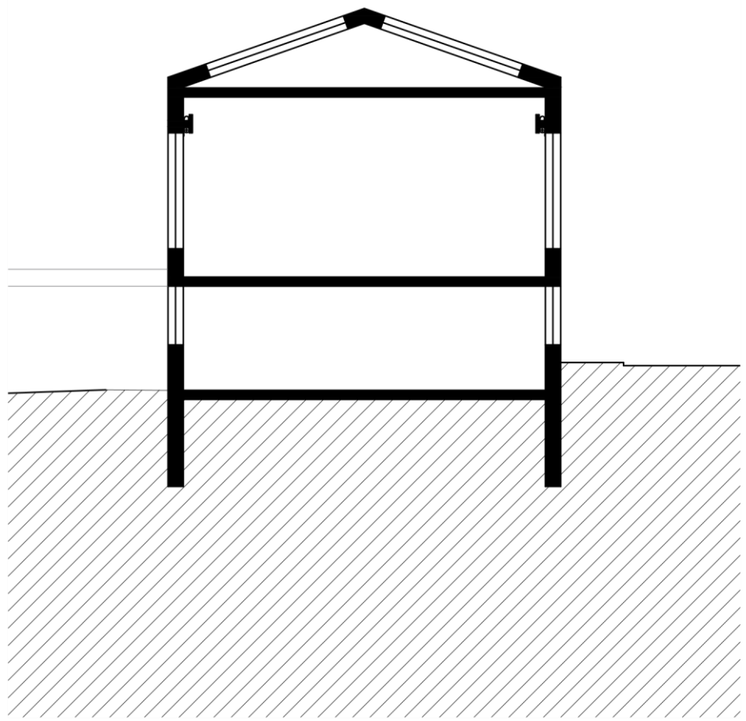
Escala 1:500 Corte bb'



Escala 1:500 Corte cc'



Escala 1:3000 Planta - indicação de perfis



Escala 1:200 Corte dd'

9. Considerações Finais

Após todas as análises e reflexões realizadas no presente trabalho, podemos concluir que para intervir no património arquitetónico é necessário realizar uma investigação pormenorizada sobre a história e o contexto em que o edifício, no qual se pretende intervir, foi construído.

Um estudo detalhado desde as origens do edificado, passando pelas várias transformações que foi sofrendo, ao longo do tempo, permite-nos adquirir as bases necessárias para uma intervenção consistente.

Assim, com o objetivo de intervir num edifício que nos conta uma história repleta de transformações e adaptações programáticas, a opção tomada foi a de realizar um estudo prévio sobre como intervir no existente, cruzando referências e pontos de vista diversos, para além de uma seleção de intervenções concretizadas que nos apresentaram diferentes formas de intervir no edificado, mostrando que as novas construções conseguem ter uma relação harmoniosa com o edificado existente, valorizando-o. Paralelamente, e com base numa seleção de exemplos de bibliotecas, desde as suas origens até à contemporaneidade, permitiu-nos reunir um conjunto de referências que melhor caraterizam a época em que se inserem, como modelos de biblioteca, identificando os diferentes espaços que compõem o programa para uma biblioteca.

Deste modo, para a elaboração de uma proposta de intervenção no conjunto edificado de uma obra de referência partiu de uma recolha da informação necessária ao reconhecimento de um edifício que, inicialmente, desempenhava uma função muito diferente daquela que desempenha atualmente. Para isso, teve de passar por um conjunto de transformações, tanto a nível estrutural, como a nível programático, com vista à sua manutenção e melhoramento.

A proposta final espelha o conhecimento adquirido como base para uma intervenção focada em promover um edifício capaz de oferecer ao público um programa diversificado, com a criação de um novo bloco que consiga complementar esse programa com novas valências e permitindo relações com o edificado existente. Assim, o novo volume assume-se como uma construção moderna, mas respeitando a construção antiga, valorizando a sua história e contribuindo para a continuidade de uma das obras mais emblemáticas da cidade do Porto – a Biblioteca Pública Municipal do Porto.

10. Referências Bibliográficas

ALONSO, Aurora Miguel; "La Biblioteca de El Escorial, según la descripción del P. Claude Clement, S. J."; Real Centro Universitario Escorial-María Cristin; Madrid; 1993

AMARAL, A. E. Maia do; "Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca geral da Universidade antes de 1513-2013"; Imprensa da Universidade; Coimbra; 2014

AURORA, Miguel Alonso; "La biblioteca de los reales estúdios de San Isidro de Madrid: su historia hasta la integración en la Universidad Central"; Fundación Universitaria Española; Madrid; 1996

BIERI, Susanne; "Biliotheken bauen: tradition und vision = Building for Books: traditions and visions"; Birkhauser; Basel; 2001

BLASSELLE, Bruno; "La bibliothèque nationale de France: mémoire de l'avenir "; Découvertes Gallimard; Paris; 1990

BRITO, Maria Fernanda de; "Biblioteca Pública Municipal do Porto nos Últimos 50 Anos. Um Edifício em Tranformação – 1935-1985"; Biblioteca Pública Municipal do Porto; Porto; 1985

BRUNO, Filomena Maria Ferreira de Sousa; "As bibliotecas de Castelo de Vide e a educação popular(1863-1899)"; Colibri; Lisboa; 2011

CABRAL, Luís; "A Biblioteca Municipal do Porto: Exposição do 150º Aniversário da sua Fundação 1833-1983"; Biblioteca Pública Municipal do Porto; Porto; 1984

CAMPBELL, James; "A Biblioteca: Uma História do Mundo"; Edições Sesc.; São Paulo; 2015

CASSON, Lionel; "Las Bibliotecas del Mundo Antíguo"; Bellaterra; Barcelona; 2003

CASTELÕES; João de Freitas; "Papel da estrutura na metodologia projetual: biblioteca da Tama Art University, arquiteto Toyo Ito, biblioteca municipal de Viana do Castelo, arquiteto Siza vieira"; FAUP; Porto; 2013

CHOAY, Françoise; "A Alegoria do Património"; Edições 70; Lisboa; 2010

CHOAY, Françoise; "As questões do Património: antologia para um combate"; Edições 70; Lisboa; 2011

CHOAY, Françoise; "Património e Mundialização"; Licorne; 2005

CHOAY, Françoise; "Regra e Modelo: sobre a teoria e arquitetura e do urbanismo"; Caleidoscópio; Casal de Cambra; 2007

EL-ABBADI, Mostafa, FATHALLAH, Omnia M.; "What happened to the ancient Library of Alexandria?" Brill; Leiden; 2008

HARRIS, Michael H.; "History of Libraries in the Western World"; The Scarecrow Press; Lanham; 1995

LUIGI, Gilbert; "A arquitectura na Europa: da Idade Média ao século XX"; Publicações Europa-América; Lisboa; 2004

MACHABERT, Dominique; "António Portugal + Manuel Maria Reis: Casa da Cerca, adaptação a biblioteca e o arquivo municipal de Amarante"; C.M.; Amarante; 2003

MACLEOD, Roy; "The library of Alexandria: centre of learning in the ancient world"; I. B. Tauris; Londres; 2010

MARTÍ-ARÍS, Carlos; "Las variaciones de la identidad: ensayo sobre el tipo en arquitectura"; Serbal; Barcelona; 1993

MASSON, André; "Le Decor des Bibliothèques"; Librairie Droz; Genebra; 1972

MASSON; André; VIDULLI, Paola; "Diseño de bibliotecas: guía para planificar y proyectar bibliotecas públicas"; Trea; Gijón; 1998

MELOT, Michel; "Nouvelles Alexandries: les grands chantiers de bibliothèques dans le monde"; Éditions du Cercle de la Librairie; Paris; 1996

MONESTIROLI, António; "La arquitetura de la realidad"; Serbal; Barcelona; 1993

MONTOYA, Joaquín Ibáñez; "Los archivos: cómo construirlos"; Trea; Gijón; 2008

MORIGI, Valdir José; "Entre o Passado e o Presente: As Visões de Biblioteca no Mundo Ccontemporâneo", Revista ACB, 2005

NUNES, Henrique Barreto; "Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal"; Instituto Português do Livro e da Biblioteca; Braga; 1996

PALLIER, Denis; "Les Bibliothéques"; Presses Universitaires de France; Paris; 2000

PEVSNER, Nikolaus; "Historia de las tipologias arquitectónicas"; Gustavo Glli; Barcelona; 1980

REBOUL, Jacquette; "Les cathédrales du savoir ou les bibliothéques universitaires de recherche aux États-Unis: étude d'organisation"; Publications de la Sorbonne; 1982

SANTOS, Josiel Machado; "O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento" in Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação; São Paulo; 2013

SIZA VIEIRA, Álvaro; "Álvaro Siza: vinte e dois projectos recentes"; CasadArquitectura; Vila Nova de Gaia 2007

SOUSA, José Martinez de; "Diccionário de bibliologia y ciencias afines"; Fundación German Sanchez Ruipérez; Madrid; 1989

SOUTINHO, Alcino; "Bibliotecas"; Caleidoscópio; Casal de Cambra; 2004

TAÍNHA, Manuel; "Biblioteca municipal de Sintra: casa Mantero: casa Mantero"; White & Blue; Lisboa; 2004

THOMPSON, James; "La biblioteca universitaria: introducción a su gestión"; Fundación German Sanchez Ruipérez; Madrid; 1990

TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: Confirmação e Dissolução do Barroco"; S.A. de Promoción y Ediciones Club Internacional del Libro; Madrid; 2007

TRIADÓ, Juan-Ramón; "Tesouros Artísticos do Mundo: O Despertar do Renascimento"; S.A. de Promoción y Ediciones Club Internacional del Libro; Madrid; 2007

TRIADÓ, Juan-Ramon; "Tesouros Artísticos do Mundo: O Neoclassicismo"; S.A. de Promoción y Ediciones Club Internacional del Libro; Madrid; 2007

UNESCO; "Biblioteca Alexandrina: programme architectural et règlement du concours"; UNESCO; Paris; 1988

VENTURA, João J. B.; "Bibliotecas e esfera pública"; Celta Editora; Oeiras; 2002

WIGGINS, Glenn E.; "Louis I. Kahn: the library at Philips Exeter Academy"; Van Nostrand Reinhold; Nova Yorque; 1997

Cartas

Carta de Atenas; 1933
Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada; 1995
Carta de Veneza: Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios; 1964
Carta Europeia do Património Arquitetónico; 1933

Jornais

"O Tripeiro"; série 1; Ano 3
"O Tripeiro"; série 5; Ano 6
"O Tripeiro"; série Nova; Ano 2

Trabalhos Académicos

CARVALHO, Luciana Moreira; "As Bibliotecas Universitárias de Portugal e Nordeste do Brasil: estudo sobre o impacto e mediação das tecnologias digitais"; FAUP; Porto; 2013

MOURÃO, Ângela Costa; "A reabilitação como procura de uma identidade: Através de duas obras do Arquiteto Fernando Távora. A Casa da Quinta da Cavada e a Casa de Pardelhas"; FAUP; Porto; 2013

RIBEIRO, Andreia Sofia Garcês; "(Re)Interpretar uma Identidade"; FAUP; Porto; 2013

Publicações

http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551

https://eduscapes.com/wp/the-history-of-libraries/

https://pt.slideshare.net/siba73/o-barroco-1042710

https://www.tudosobrepraga.com/mosteiro-strahov

https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-barroca/rococo/

https://www.swissinfo.ch/por/a-abadia-de-sankt-gallen-e-sua--farm%C3%A1cia-da-alma-/8332432

https://www.hisour.com/pt/architecture-of-the-united-states-30960/

https://www.archdaily.com.br/br/763435/dez-edificios-que-resumem-o-triunfo-do-pos-modernismo

https://www.hisour.com/pt/post-war-modern-architecture-28038/

https://www.blcs.pt/portal/apresentacao.aspx

https://bmp.cm-porto.pt/bpmp

http://architectuul.com/architecture/library-of-aveiro

https://www.bad.pt/diretorio/?dir-item=biblioteca-da-faculdade-de-engenharia-da-universidade-do-porto-feup

https://www.archdaily.com/592824/ad-classics-bibliotheca-alexandrina-snohetta

https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn

https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/biblioteca-publica-de-estocolmo/

https://www.wmf.org/project/viipuri-library

https://www.archdaily.com/630420/ad-classics-viipuri-library-alvar-aalto

11. Índice de imagens

Abadia de Saint-Denis 16

Pousada da Flor da Rosa 18

Convento de Santa Maria do Bouro 18

Convento de Santa Marinha da Costa, Pousada 20

Palácio do Freixo 20

O mundo greco-romano: Oriente 23

Tabularium 23

Tablets de argila: antiga biblioteca de Assurbanipal 25

Desenho de um relevo da época romana 25

Biblioteca de Alexandria 25, 29, 96

Planta de uma Biblioteca Assíria 25

Alexandria 27, 29

Biblioteca de Assurbanipal 27

Biblioteca de Pérgamo 31

Biblioteca da Villa dos Papiros em Herculano 33

Bibliotecas gémeas associadas ao Templo de Apolo 33

Planta das Bibliotecas Gémeas do Foro de Trajano 35

Biblioteca de sudoeste do Foro de Trajano, reconstrução 35

Biblioteca do imperador Adriano 35

Biblioteca de Celso 37

Biblioteca Pública de Timgad 37

Constatinopla durante o Império Bizantino 39

Biblioteca Imperial de Constantinopla 39

Esquemas de plantas basilicais das Bibliotecas Medievais 42

Scriptorium 42

Esquema de câmara para depósito de livros 42

Biblioteca Laurenziana 44

Detalhe de uma obra de taracea de Studiolo 44

O escriva Ezra 44

Biblioteca do Convento de São Francisco 44

Plano ideal para a abadia de Saint Gall 46

Abadia de Kirkstall, em Yorkshire 46

Abadia de Furness 48

Biblioteca de Fossa Nuova 48

Biblioteca de Chinguetti, África 48

Biblioteca de Christendom 48

Biblioteca da Catedral de Wells 50

Biblioteca da Catedral de Gloucester 50

Desenhos esquemáticos de alguns exemplos de "carrels" 50

Biblioteca da Catedral de York 52

Biblioteca da Catedral de Lincoln 52

Biblioteca Malatestiana 52

Biblioteca do capítulo da Catedral de Noyon 54

Biblioteca do mosteiro de Santes Creus 54

Biblioteca El Escorial 54

Biblioteca Marciana 56

Biblioteca Vaticana 56

Biblioteca Ambrosiana 56

Plano da biblioteca ideal de Claude Clément 58

Biblioteca do Mosteiro de St. Florian 61

Biblioteca Municipal de Direito 61

Biblioteca do Mosteiro de Metten 61

Biblioteca Clementinum 61, 67

Jardins do Palácio de Versailles 63

Biblioteca da Abadia de Melk 63, 67

Biblioteca Imperial de Viena 63

Biblioteca Nacional de França 63, 80, 82, 88, 92

Biblioteca do Mosteiro Premonstratense de Strahov 65

Biblioteca de Wolfenbüttel 65

Biblioteca Nacional de Espanha 65

Hofbibliothek/Nationalbibliothek 67

Biblioteca Nacional de Nápoles 67

Biblioteca Radcliff 69

Biblioteca da Abadia de Admont 69

Biblioteca da Abadia de Schussenried 69

Esquema de organização da Biblioteca de Karlsruhe 69

Biblioteca da Abadia de St. Gallen 71, 77

Colégio Imperial de Madrid 71

Biblioteca do Rei, Boullée: projeto 73

Biblioteca Athenaeum 73

Biblioteca da Abadia de Pannonhalma 75

Biblioteca de Sainte Geneviève 75

Museu Britânico 75

Biblioteca da Abadia de Ottobeuren 77

Biblioteca do Congresso 77

Biblioteca «Metropolitana» de Toronto 80

Biblioteca Central de Seattle 80, 96

Biblioteca Nacional Suíça 82, 86

Biblioteca Municipal de La Haye 82

Biblioteca Municipal de São Francisco 84, 88

Viipury Library 84, 88

Biblioteca Pública de Estocolmo 86

Biblioteca Nacional e de Estado de Berlim 90

Exeter Library 92

Biblioteca Pública em St. Pancras, Inglaterra 94

Biblioteca Eberswalde 94

Deutsche Bibliothek 98

Biblioteca e Arquivo Nacional de Quebec 98

Biblioteca de Bodley, Arts End 101

Biblioteca da Universidade de Cambridge 101

Abadia de Saint Victor 103

Biblioteca Codrington 103, 117

Biblioteca Sorbonne 105

Biblioteca do colégio de Navarra 105

Biblioteca Bodleiana 107

Biblioteca do colégio de Magdalen 107

Biblioteca Real e Universitária de Copenhaga 109, 117

Biblioteca do colégio Trinity 109

Projeto da Biblioteca Central 111

Biblioteca da Universidade de Virgínia 113

Biblioteca Universitária de Estado de Göttingen 113

Biblioteca da Universidade de Aveiro 115

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto 115

Biblioteca da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto 115

Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto 115

Biblioteca de Göttingen na "Pauliner Kirche" 117

Biblioteca Pública da Lousã 120

Bibliotecas de Mirandela 120

Biblioteca de Ponta Delgada 120

Biblioteca Pública de Esposende 122

Biblioteca Municipal José Saramago 122

Planta da "livraria" do paço 124

Disposição das estantes, segundo o Inventário de 1536 124

Planta da capela e biblioteca 124

Biblioteca Pública de Braga 126

Salão Medieval na Universidade do Minho 126

Biblioteca Municipal António Botto 126

Biblioteca Municipal de Viana do Castelo 128, 134

Biblioteca Municipal Laranjo Coelho 128

Biblioteca e Arquivo Municipal de Amarante 130

Casa da Horta: Biblioteca Municipal de Cascais 130

Biblioteca Municipal de Sintra: Casa Mantero 132

Biblioteca Municipal Lúcio Craveiro da Silva 132

Biblioteca Municipal Florbela Espanca 134

Biblioteca Pública Municipal do Porto 136, 149, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 173, 174, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Convento de São Francisco: antiga "Real Bibliotheca Pública" 139

Cerco do Porto: desembarque das tropas 139

Hospício dos Franciscanos de Santo António de Vale de Piedade 141, 143

Convento de Santo António do Vale da Piedade 141

D. Pedro, Duque de Bragança. 1833 141

Paço Episcopal, Porto, 1833 145

Museu portuense 145

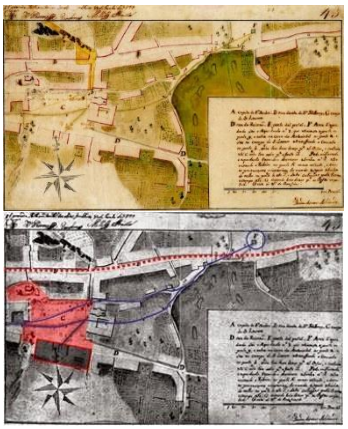
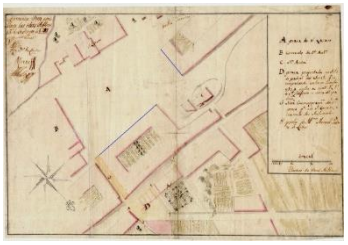
Planta da cidade do Porto 145

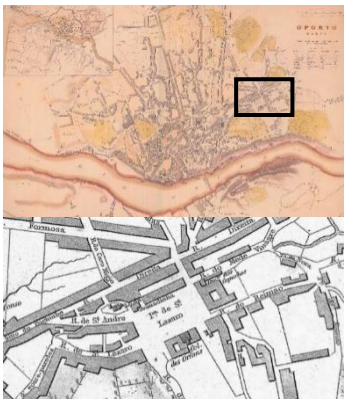
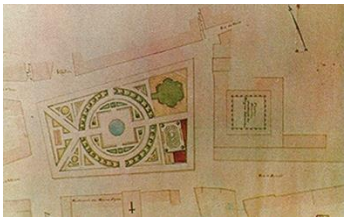
Convento de Santo António, S. Lázaro 145

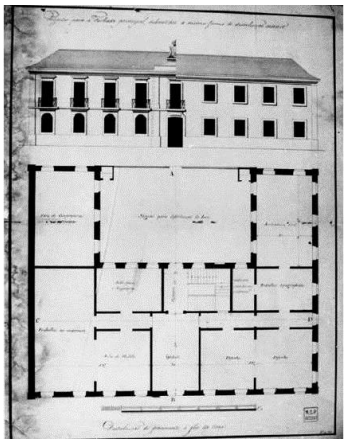
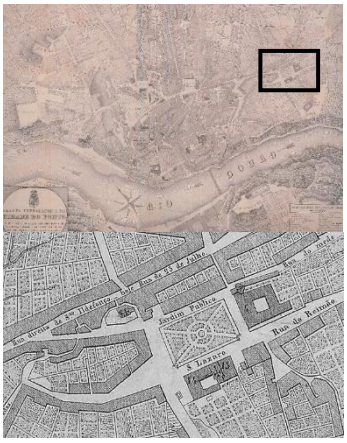
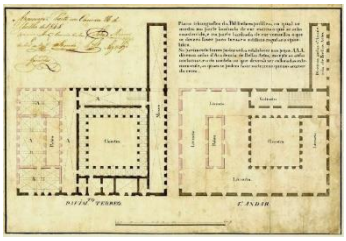
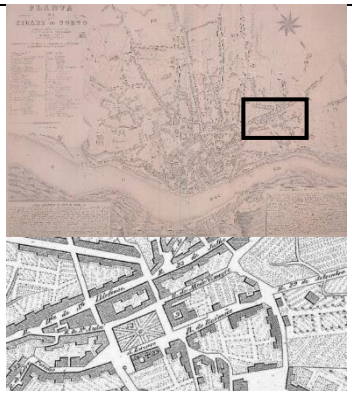
Jardim de S. Lázaro e Rua de S. Lázaro 147

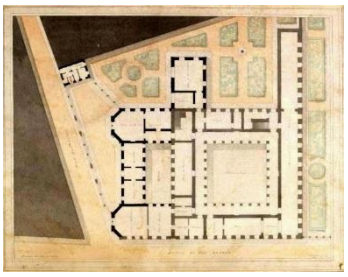
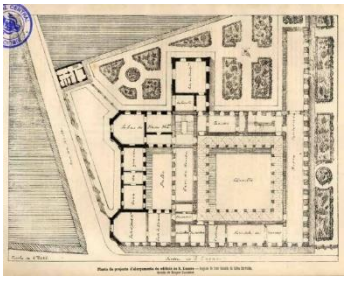
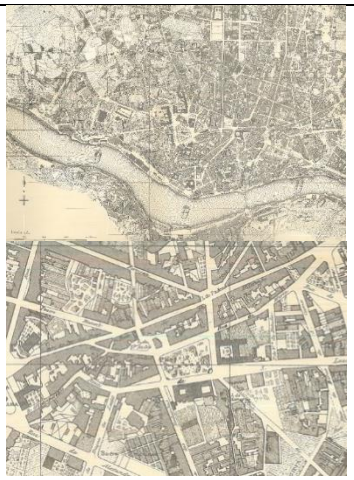
Academia de Bellas Artes 149

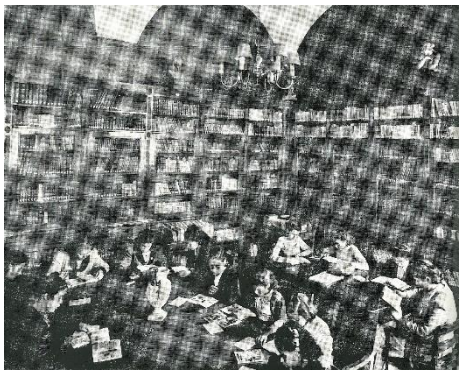
12. Anexos

Data	Descrição	
1795	Theodoro de Sousa Maldonado Approvado. Porto em Junta das obras Públicas, em 22 de setembro de 1795. Legenda: (A) Capela de Santo André. (B) Rua Direita de Santo Ildefonso. (C) Campo de S. Lázaro. (D) Rua do Reimão. (E) Fonte das Patas. (F) Arca d'água do Campo do Poço das Patas. (Z) Fonte de S. Lázaro. Estudo de projeto urbano, relacionando a localização de alguns edifícios relevantes com o Convento de Santo António, face ao Jardim de São Lázaro.	
1798	Theodoro de Souza Maldonado Aprovada. Porto em Junta das Obras Publicas 15 de Fevereiro de 1798, AHMP. Legenda: (A) Praça de S. Lazaro. (B) Convento de S.to António. (C) S.to André. (D) Praça projetada no sítio do padrão das almas q se compreende entre os limites 123 A entre as ruas de S.to Ildefonso e nova do padrão. (E) Nova Comunicação da praça para a de S. Lazaro e Convento dos Antoninhos. (F) Prédio do Exmo. Manoel Pedroso de Lima. Relação de alçados que fazem frente com o Jardim de São Lázaro	

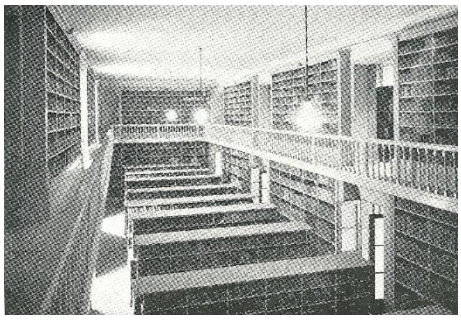
Data	Descrição	
1813	A Praça de S. Lázaro na Planta Redonda de 1813: enquadramento geral da cidade do Porto e localização do Convento de Santo António.	
1824	A Praça de S. Lázaro no Plano Da Cidade Do Porto (entre 1818 e 1824) de José Francisco de Paiva. Arquivo Histórico Municipal do Porto. Enquadramento geral e pormenor. Alterações realizadas no edificado envolvente do Jardim de São Lázaro e Convento de Santo António.	
1833	Planta geral da cidade do Porto, 1833. Plano iconográfico do Convento Abandonado, dos Religiosos Antoninhos em S. Lazaro, de Joaquim da Costa Lima Sampaio. Frentes do Claustro, e Secção tomada no Plano sobre a linha de pontos A B. (desenho abaixo) Frente exterior do Dormitório, do lado do Sul. (desenho à direita) Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas. Novas alterações no edificado envolvente, em paralelo com um aumento da frente do edifício do Convento de Santo António, virada para a atual Avenida de Rodrigues de Freitas, no ano da instituição da Biblioteca Pública Municipal do Porto.	
1834	Planta da Praça de S. Lázaro, 1834, atribuída a João Baptista Ribeiro (1790-1868). Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas. Projeto para o Jardim de São Lázaro e proposta de novos aumentos no edifício da do Convento de Santo António, virados para a atual Avenida Rodrigues de Freitas e para a Rua de D. João IV.	

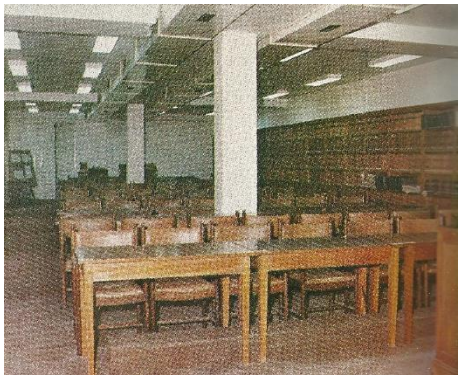
Data	Descrição	
1838	Reprodução do projeto da Academia de Belas Artes do Porto, mostrando o alçado e a respetiva planta, do ano de 1838. Pertence ao n.º 584 do catálogo da coleção de desenhos avulsos, do Arquivo Histórico do Ministério da Habitação e Obras Públicas. 0,090 x 0,120 m AHMP. Projeto do edifício para a Academia de Belas Artes, integrada no conjunto de edifícios associados, nomeadamente, a Biblioteca Pública e o Museu Portuense.	
1839	Planta geral da cidade do Porto, 1839. Planta topográfica da Cidade do Porto ampliada e corrigida a "graphómetro" 1839, de Joaquim da Costa Lima. AHMP Projeto urbano para estabelecimento das relações possíveis entres os edifícios da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Museu Portuense e Academia de Belas Artes.	
1848	Plano iconográfico da Biblioteca publica, de José Luís Nogueira Júnior, no qual se mostra na parte banhada de cor escura o que se encontra construído, e na parte banhada de cor vermelha o que se deve fazer para tornar o edifício regular e simétrico. No pavimento térreo poder-se-á estabelecer nas peças A,A,A, diversas aulas d'Academia de Belas Artes, exceto as aulas noturnas, e a de modelo nu que deverão ser colocadas exteriormente, as quais se podem fazer no terreno que nos acresce da cerca. Aprovado. Porto em Câmara 26 de julho de 1848 AHMP. Projeto para ampliação da Biblioteca Pública Municipal do Porto para integrar a Academia de Belas Artes.	
1865	Planta geral da cidade do Porto, 1965. O Jardim de S. Lazaro na sua envolvente na Planta de Perry Vidal 1844/1865. Verificam-se novas alterações, a nível da envolvente próxima à Biblioteca Pública Municpal do Porto e Jardim de São Lázaro.	

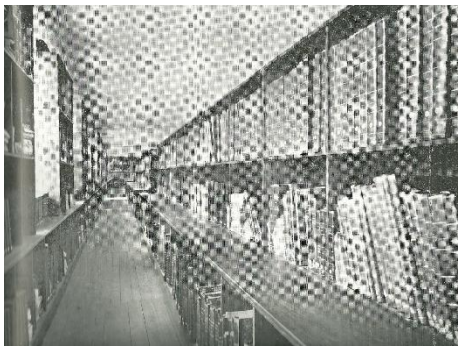
Data	Descrição	
1881	Planta do projeto d'alargamento do edifício de S. Lazaro, 1881. Projeto e desenho aguarelado de José Geraldo da Silva Sardinha. Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Desenho orientado a sul. O objetivo é o aumento da capacidade e condições dos depósitos e zonas de leitura, conferindo, ao edifício, um aspeto exterior regular e simétrico.	
1882	Planta do projeto para o alargamento do edifício de S. Lázaro. Projeto de José Geraldo da Silva Sardinha. Desenho de Marques Guimarães. In *A Arte Portugueza*, Revista mensal de Belas-Artes, publicada pelo Centro Artístico Portuense, I Ano, abril de 1882 n.º 4. Tipografia Ocidental, Porto 1882. Mantém-se a proposta de alargamento da Biblioteca Pública Municipal do Porto.	
1892	Planta geral da cidade do Porto, 1892. O Jardim de S. Lázaro na Planta de Telles Ferreira, publicada em 1892. Nova planta topográfica que mostra um novo desenho, mais pormenorizado, da cidade do Porto, destacando a área próxima da localização da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que, paralelamente, sofre uma alteração de projeto.	

Data	Descrição	
1934	Obras no Real Edifício – introdução de: Sala de Leitura Feminina; Sala Infantil e Sala de Leitura de Periódicos; Bibliotecas Populares; Museu de Autógrafos, entre outras. A criação destes espaços visou o melhoramento dos serviços da biblioteca.	
1935	Ofícios do senhor Dr. Joaquim Costa à Câmara: sugere a construção de uma placa incombustível, sobre a 'atual sala de Escultura' da ESBAP, integrada agora na que serve de piso à Sala de Leitura de Periódicos. Legenda: Azul: Museu; Amarelo: Escola de Belas-Artes. Neste ano, a Biblioteca Pública Municipal do Porto já possuía um desenho de projeto próximo ao atual, como demonstram as plantas apresentadas, do rés-do-chão e do 1º piso. A construção da placa referida, aproveitando o elevado pé direito do edifício, visava o aumento da capacidade da Biblioteca para abrigar novas áreas de depósito e leitura, contribuindo para o alargamento do programa.	
1937	Solicitação para a pintura de estantes; apresentação de um projeto de sentinas e vestiário a construírem-se no edifício da BPMP. O objetivo destas obras era o de tornar os espaços de leitura mais acolhedores e promover um programa mais completo para a Biblioteca.	

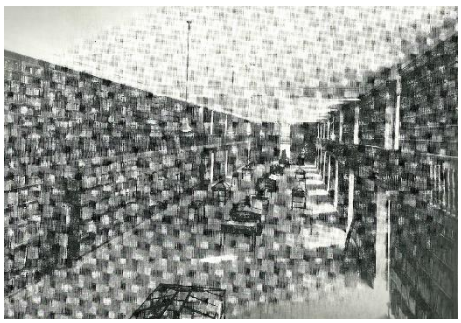
Data	Descrição
1938	Dr. Joaquim Costa remete à Câmara obras urgentes: criação de um novo Salão sobre a sala de Escultura, com placa de betão, ao nível do varandim – antigo Salão do O' e futura Sala de Leitura de Periódicos; Construção de novos sanitários e melhoramento dos existentes; montagem de aquecimento na Sala de Leitura, em alguns corredores e gabinetes e no átrio; reparação da fachada principal do edifício e pintura das janelas, incluindo as que dão vista para o Claustro. 25 de maio – Dr. Joaquim Costa solicita mais obras: manutenção das fachadas e instalações sanitárias; reparação das portas e janelas; restauro de tetos; colocação de ornatos de pedra no telhado do edifício; colocação de aquecimento em toda a 'Casa'; elaboração de um projeto de ampliação das instalações da Biblioteca. 7 de dezembro – Ofício de Joaquim Costa: sugere: construir, sobre a sala de Escultura, uma placa de cimento; criação de dez estantes vitrines centrais para distribuir pelo maior salão da BPMP Neste ano, realizaram-se obras e alterações nos interiores do edifício, de modo a torná-lo mais acolhedor e organizado.
1940 - 1941	São planeadas e executadas parcialmente obras de reparação nas fachadas viradas para o claustro. Salão do Museu Nacional Soares dos Reis transformado em Hemeroteca. Uma vez mais, repensa-se o programa da Biblioteca e realizam-se obras para a manutenção do edifício.
1942	26 de dezembro – ofício do Diretor da Biblioteca, no qual solicita doações orçamentais para as obras indispensáveis de limpeza e restauro, e para equipamento necessário: estantes e restante mobiliário. Este pedido tem por objetivo promover qualidade dos espaços, assim como do mobiliário existente.

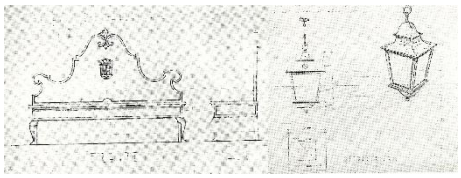


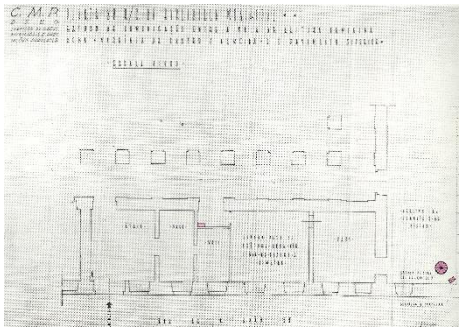


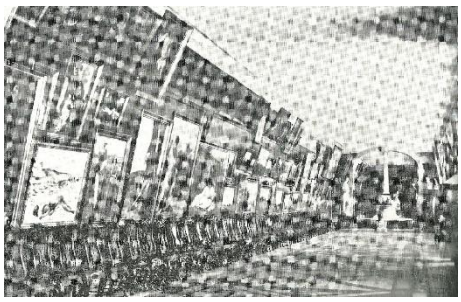


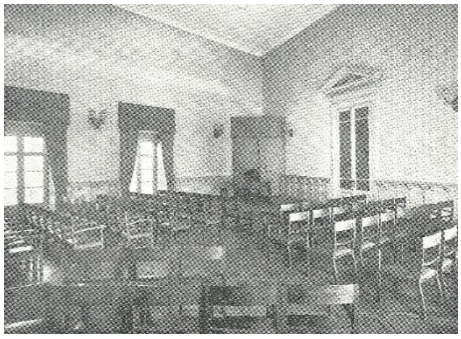
Data	Descrição
1945	12 de fevereiro – ofício assinado pelo Chefe Dr. Magalhães Basto, solicitando obras para instalação de uma sala de leitura popular e de uma sala de leitura infantil, no rés-do-chão. Março – Cadernos de Encargos para as obras de reparação em todas as fachadas da Biblioteca. Abril – nos SOMHP, fazem-se estudos para uma Sala de Leitura Feminina no rés-do-chão. Estudo para alteração do sistema de iluminação da Sala de Leitura; escolha do desenho de lanternas a introduzir no claustro e aprovação de um modelo de bancos a instalar no claustro, tudo da autoria de José Luís Brandão de Carvalho; Memória Descritiva referente à ligação a estabelecer, no interior do edifício, entre a Sala de Leitura, no 1º piso, e o depósito de jornais, no rés-do-chão. 1º plano para a ligação entre a Sala de Leitura e a Hemeroteca, através de um monta-papéis e colocação de uma escada em caracol; 2º plano para a instalação de um monta-papéis que seria localizado ao centro do Salão virado a S. Lázaro. 30 de julho – o Presidente da CMP pede a Joaquim Costa uma listagem das obras de reparação mais urgentes para o edifício em S. Lázaro: antigas dependências do Museu Municipal, instalações da Biblioteca no rés-do-chão, antigos espaços do Museu Soares dos Reis, escadas, claustros, painéis de azulejos e nos 1º e 2º andares da Biblioteca; A 4 de agosto, a DG autoriza a Câmara a realizar as obras, mas não comparticipa nelas; em novembro, a DGFP autoriza a realização das obras planeadas e, em dezembro, a DSUO apresenta condições especiais para a execução das obras de beneficiação e pintura das fachadas e janelas do claustro da Biblioteca e para modificações no sistema de iluminação da Sala de Leitura. De igual modo, volta-se a insistir a manutenção e melhoramento dos espaços da Biblioteca, assim como do seu exterior.
1946	São planeadas e executadas parcialmente obras de reparação nas fachadas viradas para o claustro, contribuindo para a manutenção do edifício, que denotava algum estado de degradação e desgaste.

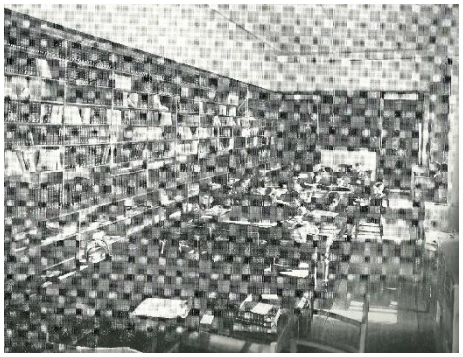
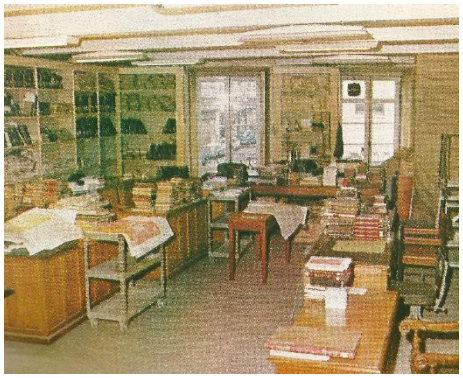








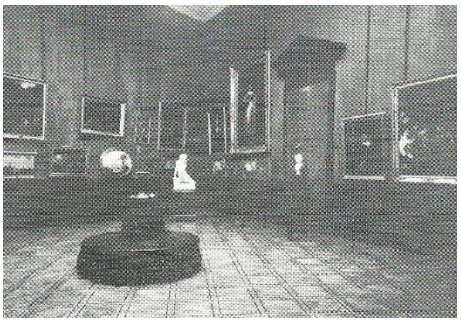
Data	Descrição	
1947	Fevereiro – os SOMHP apresentam um Caderno e Encargos das obras de beneficiação na caixa da escada e antiga Sala do Museu Municipal - Sala de D. Jerónimo Osório. 31 de julho – o Diretor da Biblioteca afirma à CMP o início das obras de "aproveitamento das dependências que foram do Museu Municipal"; instalações sanitárias no 1º andar; reparações nos rebocos da Hemeroteca; colocação de estores nas janelas do 1º andar, viradas para o Claustro; aquecimento do edifício; revisão dos telhados; pinturas de várias portadas. 3 de dezembro – adjudicação da instalação do aquecimento na Sala de D. Jerónimo Osório 17 de dezembro – António Cruz solicita à DSCC que fossem ultimados os arranjos da Sala de Jerónimo Osório, anteriormente "Sala dos Primitivos" do Museu Municipal, com a colaboração do Presidente da CMP e da Direção da Biblioteca. As obras referidas visam promover o melhoramento e conforto dos interiores da Biblioteca.	
1948	SOM apresenta um caderno de Encargos "das obras de beneficiação que se pretendem executar em algumas Salas da Biblioteca Municipal": melhoramentos na Sala Feminina, com abertura para a sala ao lado – Sala Infantil; um guarda-vento no portal da Sala de Leitura de Jornais, com entrada pela Av. Rodrigues de Freitas; obras nos espaços desocupados pelo Museu Municipal; construção de uma escada interior de ligação entre o átrio B e o 1º piso sobre a sala G. 3 de novembro – haviam sido preparadas novas salas, como a Sala de Leitura da Hemeroteca, no rés-do-chão, entre outros espaços para leitura Infantil e trabalho de Catalogação; solicitação para o prolongamento dos trabalhos de instalação do aquecimento até à recuperação desses espaços. A 9 de novembro, os trabalhos referidos iniciam-se e, no dia 24 do mesmo mês, o presidente da CMP oficializa a autorização para a realização das obras referidas. Mantém-se o esforço em melhorar e diversificar o programa da Biblioteca.	
1949	Nos espaços destinados ao Centro de Estudos Humanísticos, também, decorriam trabalhos de instalação de aquecimento elétrico. Prosseguem as obras do Caderno de Encargos apresentado em outubro de 1948; acrescentam-se obras a realizar no lanternim da Sala de D. Jerónimo Osório; pequenas obras de conservação do Pavilhão da Biblioteca Popular de Pedro Ivo, ao Marquês. Procede-se às obras de iluminação e/ou sua remodelação em alguns espaços agora ocupados pela Biblioteca.	

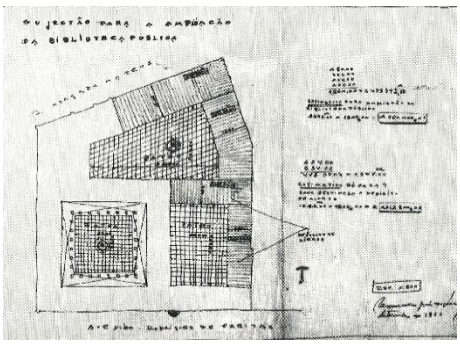
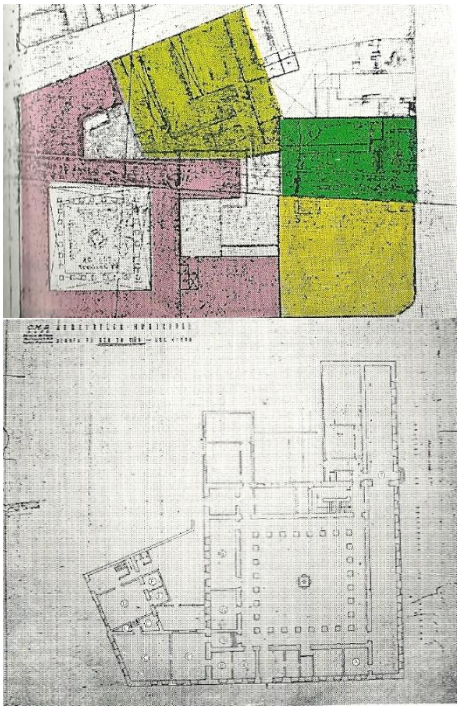
Data	Descrição	
1950	6 de janeiro – SOM apresentam um Caderno de Encargos relativo a obras a realizar na Secretaria do Centro de Estudos Humanísticos, no edifício da Biblioteca. O Diretor solicita a ampliação do guarda-vento da Secretaria, instalada onde, atualmente, é o patamar da escada de serviço interno e do elevador. Caderno de Encargos correspondente à construção de divisórias com estantes de castanho entre a Sala de Leitura Infantil e o Depósito de Jornais, de modo a aumentar a capacidade de depósito e exposição de livros e publicações.	
	Nova Sala de Leitura Infantil, colocada num espaço com acesso direto da Av. Rodrigues de Freitas, onde, posteriormente, funcionou uma primeira sala de Leitura de Jornais.	
1951	O Diretor solicita a substituição do soalho, de uma sala no rés-do-chão, por pavimento em betonilha, sala essa lateral esquerda, suposta antiga Secretaria, por se encontrar apodrecido.	
1952	16 de janeiro – O Presidente da CMP autoriza a substituição do soalho referido pelo pavimento em betonilha, garantindo a manutenção do espaço.	
1953	Cálculo do material necessário para a instalação elétrica nas duas salas do claustro Norte, que foram liberadas pela ESBAP, e que passaram a ser designadas por 'Sala Vitorino Ribeiro'	
	São efetuados arranjos elétricos em duas salas do 1º piso, as quais outrora pertenceram à ESBAP e ocupavam a ala leste do edifício; os arranjos solicitados eram para futuras instalações da Secretaria da Biblioteca, que fora deslocada para o rés-do-chão, no lado Norte, e para o 1º andar, no lado Nascente, deixando, assim, livre um espaço onde seria instalada a Secretaria da Orquestra Sinfónica da CMP, Catalogação e Sala de Ficheiros, que viria a ser tripartida e é onde se encontra, hoje, a Sala de Catálogos.	

Data	Descrição
1954	26 de outubro – ofício: solicita-se providências urgentes para salvaguardar a Sala D. Jerónimo Osório, cuja claraboia tinha sido atingida por um temporal. Plano Geral de ampliação e beneficiação do edifício: reforma dos pavimentos e tetos dos dois salões principais, ou seja, da Sala de Leitura Geral e do Salão nº2, por se encontrarem em estado de degradação.
	Novas instalações: a Sala Vitorino Ribeiro, "que ficou a ser uma das melhores da Biblioteca"; reintegração e limpeza da 'Capela' para a qual se destinava a criação de uma Sala de Música e, na qual, se arquivassem, em Discoteca, as gravações das obras de grandes compositores, solistas e orquestras – não passou do papel. Aproveitamento dos espaços das antigas aulas de Escultura da ESBAP, estas que eram anexas à 'Capela', para instalação de fundos da Hemeroteca.
	3 de novembro – Plano de Atividades para 1956: consolidar e defender as atuais instalações da Biblioteca, bem como de estudar a sua urgente ampliação, dada a falta de espaço para o abrigo de um espólio demasiado numeroso.
1955	Relatório de Atividades de 1954 – com as obras de adaptação nos espaços até há pouco ocupados pela ESBAP, foi possível instalar a sala dos catálogos, a secretaria e a sala da catalogação; os espaços do rés-do-chão ocupados pelos dois últimos serviços referidos, foram substituídos pela secretaria da Orquestra Sinfónica e a Sala de Leitura Infantil. Obras de reintegração total dos espaços do rés-do-chão que, também, estavam na posse da Escola Superior de Belas-Artes, sendo possível restituir ao seu primitivo aspeto o interior de uma dependência capela. Única obra realizada – substituição do azulejo que forrava a escadaria, com paredes revestidas de simples azulejo branco, desde então redecoradas com a azulejaria.

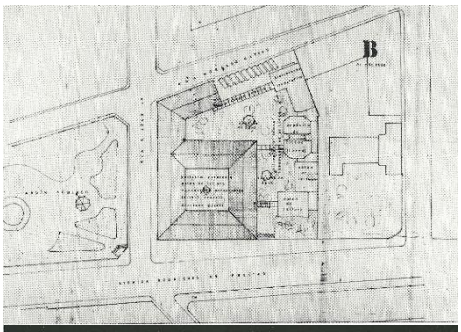


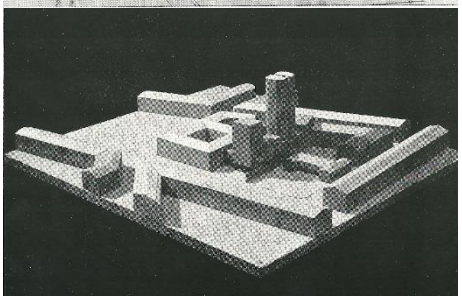
Data	Descrição
	Memória Descritiva – 'Novos Pavimentos e Obras Complementares na Biblioteca Municipal', para salvaguarda do edifício. Próximas obras a realizar – salões nº1 e nº2 seriam divididos para que a Sala de Leitura mantivesse o seu 'pé-direito', ainda que com reforço dos vigamentos do teto; salão nº2, virado a S. Lázaro, seria dividido a meio, com novo pavimento ao centro que, ao nível do 2º andar, servia como depósito de livros e a nível do 1º andar, seria compartimentado em 5 partes - caixa de escada de acesso ao 2º piso e gabinetes da Direção, de Bibliotecários, de Leitura Erudita e de Reprografia; obras de restauro na sala de catalogação; construção de um pavimento em betão na Sala de Leitura, dando o toque final à Hemeroteca, cujo teto ficaria pronto. Outras obras – substituição dos tetos de estuque dos salões 1 e 2 por placas de betão; construção de um pavimento de betão sobre o átrio do 1º andar e sua ampliação, desaparecendo, assim, o vestiário que ali funcionava; remodelação da instalação elétrica; instalação de um novo tipo de iluminação na Sala de Leitura Geral, na escadaria, no átrio e nos novos espaços.
1956	Obras de construção das placas de reforço do teto da Sala de Leitura, do qual desapareceu a claraboia atingida pelo temporal, e do Salão nº2 dividido por dois pisos. Continuidade das obras iniciadas de remodelação, beneficiação e ampliação das instalações da Biblioteca Pública Municipal. 21 de setembro – abatimento da abóbada do átrio da entrada do lado de S. Lázaro: necessário proceder-se à cofragem da placa do piso superior que, nessa altura, encontrava-se em construção; o átrio do 2º andar, que servia de teto ao átrio de acesso à Sala de Leitura, é substituído por uma placa, esta cuja divisão em dois pisos, permite a criação de novos espaços e promover o alargamento do programa.

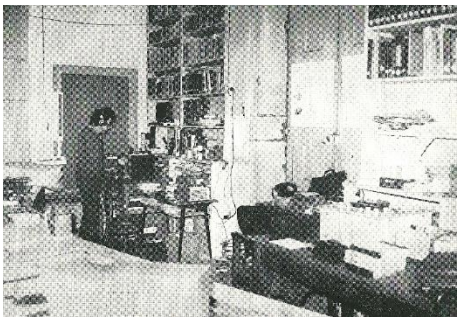
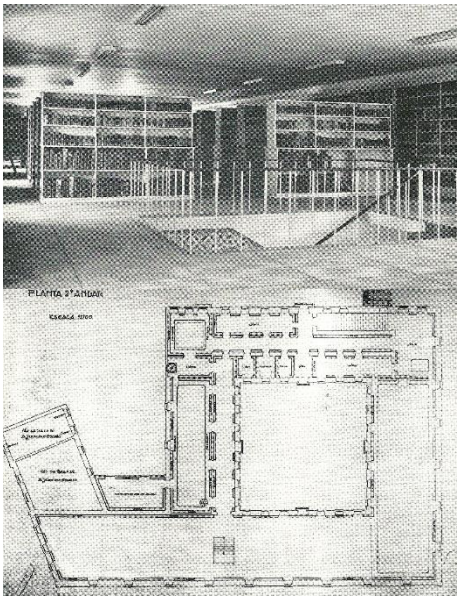
Data	Descrição	
1957	Terminam as obras no edifício da Biblioteca, cumprindo o que o Dr. António Cruz refere no Relatório de Atividades deste ano. Conclusão das obras de consolidação e ampliação do edifício. Obras realizadas e concluídas – arranjo do salão principal de Leitura, no qual as janelas foram desobstruídas pelas estantes que lá estavam e todo o interior fora pintado com cor própria para salas-de-leitura; a instalação da Sala de Investigadores, mais tarde designada por "Menendez Pidal", seguidamente por "Ricardo Jorge"; instalação de microfilmagem, da Sala de Leitura de Jornais e da Sala de Ficheiros, com livre acesso; novo átrio de acesso às Salas de Ficheiros e de Leitura Geral; novo gabinete da Direção; Sala para os Bibliotecários e nova instalação do Museu de Autógrafos, criada por Joaquim Costa.	
1959	5 de janeiro – Alguns remates necessários face às obras realizadas: arranjo da escadaria e do átrio de entrada do lado de Morgado de Mateus; valorizar a Sala de D. Jerónimo Osório – Plano de Atividades para 1960 –, com colocação, espelhos, retratos e quadros transferidos dos antigos Paços do Concelho.	
1960	Novembro – Plano de Atividades para 1961: ampliação da caixa forte, anexando-lhe a sala que lhe fica sobreposta e criando uma ligação interior entre os dois pisos; necessário um pequeno orçamento que permitisse a duplicação da capacidade do 'Cofre' e a recolha e salvaguarda de muitas obras raras, antigas ou preciosas, que ainda estavam inseridas no fundo geral.	

Data	Descrição
1961	31 de março – proposta para a criação de um outro piso no salão da ala Norte e ampliação do edifício para as traseiras – plano aceite, encarregando-se do projeto o Arq. Alexandre de Sousa. Outubro – plano sugerido para 1961: o Arq. Alexandre de Sousa apresenta um esboço desenhado da área que é suposto ampliar, de modo a aumentar a capacidade espacial da Biblioteca. 
1962	Mantêm-se o projeto do Arq. Alexandre de Sousa, mostrando as soluções do problema da falta de espaço. 3 de agosto – Ofício do Eng. Chefe dos Serviços Sousa Pinto: conclusão da 1ª fase de estudo da Grande Ampliação da Biblioteca Pública Municipal. 13 de novembro – esboço do Arq. Alexandre de Sousa bem aceite pelo Dr. António Cruz. 
1963	Procediam-se a algumas obras de beneficiação e manutenção nos interiores e exteriores.
1964	19 de junho – a Câmara expõe o projeto de desenvolvimento das instalações da Biblioteca: 1º projeto criado pelo Arq. Alexandre de Sousa.

Data	Descrição
1966	Maio – é adjudicada a obra referida anteriormente; inicia-se o estudo da substituição da instalação existente de 220v para 120v, para garantir uma iluminação mais prolongada dos espaços. Doutor António Cruz realiza o Plano de Atividades para 1967 – restauro dos rebocos das fachadas Nascente e Norte do edifício e caixilharias; substituição das lajes de granito do átrio; isolamento, por meio de guarda-ventos, das instalações sanitárias do 1º andar; transformar, radicalmente, vestiário. Janeiro – ofício: solicitação de algumas pequenas obras de beneficiação como as que se reportam ao Vestiário: colocação de novo pavimento e de um balcão, etc; colocação de uma instalação sanitária. Novembro – os alarmes contraincêndios, apesar de a sua escritura remeter para o ano anterior, ainda se encontravam em fase de conversações sobre empreitada.
1967	Previsão da realização da projetada continuação da remodelação dos pavimentos da parte do edifício.
1969 – 1970	25 de outubro de 1969 – Ofício: procede-se à demolição de rebocos interiores em paredes e tetos; reparação de caixilharia exterior e de alguns setores e da instalação elétrica; levantamento e colocação de soalhos novos em dois espaços; substituição da azulejaria em dois sanitários; pintura de algumas caixilharias exteriores; demolição de um corpo estranho voltado à Avenida Rodrigues de Freitas; construção de um edifício com recuo de cerca de 10m, desligado da fachada voltada a esta avenida. Para a Rua Morgado de Mateus deixar o edifício atual incompleto tal qual se encontra rasgando completamente esta frente, tornando-a transparente para o interior ajardinado da composição. A meio do conjunto dos novos edifícios, uma torre em altura proposta para um grande depósito de livros. Planta e maquete.





Data	Descrição
1971	Criação de um novo departamento da BPMP: a Biblioteca Sonora, instalada de forma muito improvisada, num recanto sobre o 'Cofre' da Biblioteca; tratou-se de um serviço bastante requisitado, pelo que houve a necessidade de aumentar as cabines de gravação de 1 para 3 unidades e de as instalar com a devida sonorização. 
1972	18 de novembro – 'Memória Descritiva': construção de gabinetes e de beneficiações da Biblioteca Sonora, cujo autor foi o Arq. Alexandre de Sousa, promovendo apoio logístico a esta nova instalação.
1973	Plano de Atividades – continuidade na elaboração do projeto de ampliação da Biblioteca Pública Municipal tão carecida de espaço para o normal desenvolvimento da sua atividade.
1977	Iniciam-se as obras planeadas no ano de 1968.
1983-1984	Plano de Atividades de 1961, concretizado – construção de uma placa de betão a separar os dois pisos e colocação de uma escada, em forma de caracol e em ferro, no canto esquerdo, tendo sido desmontada da antiga Sala de Leitura, ficando, assim, salvaguardada. 

Algumas considerações

Após o mapeamento cronológico de intervenções feitas nas instalações da Biblioteca Pública Municipal do Porto, podemos concluir que todos os esforços focaram-se na reabilitação, manutenção e melhoramento das condições espaciais que a Biblioteca podia fornecer, bem como no seu alargamento, de modo a aumentar a sua capacidade de depósito e permitir um programa mais rico, variado e com mais valências destinadas ao público.

Deste modo, no primeiro mapa cronológico, percebe-se um evoluir da forma do edifício, ao longo de vários anos, acompanhando, em paralelo, algumas transformações na envolvente urbana mais próxima, com a finalidade de o tornar apto a abrigar a Biblioteca Pública Municipal do Porto e criando as condições necessárias para abrigar um programa completamente distinto da função que desempenhava, enquanto Convento de Santo António.

No segundo mapa cronológico, focamo-nos, apenas, no edifício, e nas diversas e conturbadas transformações que sofreu, por consequência das intenções de o tornar mais apelativo e acolhedor, nomeadamente os seus interiores, para além do esforço em organizar e promover um programa diversificado e que respondesse às novas necessidades. Por outro lado, dadas as dificuldades na obtenção de fundos para obras de reabilitação e restauro, alguns trabalhos foram realizados, de modo a combater os sinais de degradação e desgaste dos materiais. Além disso, a instalação de iluminação elétrica, assim como de um sistema de alarme visavam a garantia de um edifício iluminado, mesmo nas horas de pouca luz natural, e seguro, contra furtos e incêndios.

A carência de espaço foi uma dificuldade constante que, ao longo e vários anos, levou a repensar a organização programática da Biblioteca, levou, também, ao aproveitamento do pé direito elevado para a construção de uma placa que dividiu um dos pisos em dois, possibilitando a criação de novos espaços que foram conseguindo, embora com pouco eficácia, responder às exigências que foram surgindo para garantir uma melhor gestão da Biblioteca e presentear o público com um programa diversificado.